

SYLVIA MERCEDES



PATHS  
OF  
MALICE

THE VENATRIX CHRONICLES BOOK 3





# Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA, INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM.

NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS, TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS POR NÓS PARA AUTORES (AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES COMPRANDO SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?





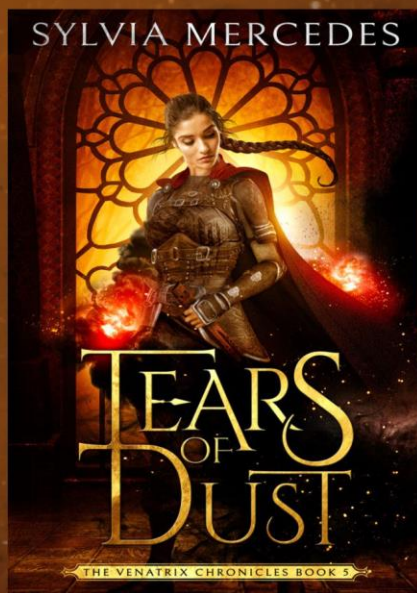
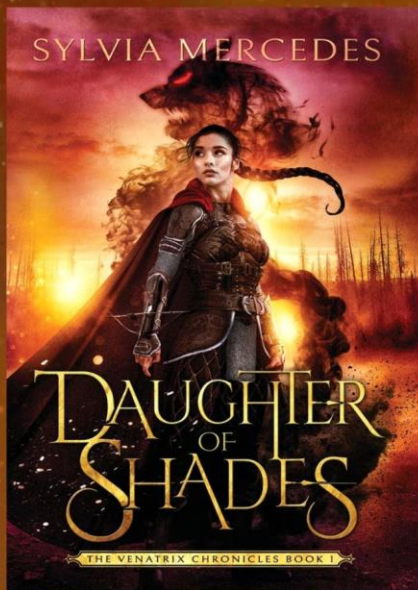
# DOSSINGS





# THE VENATRIX CHRONICLES

## ORDEM DE LEITURA





# SUMÁRIO

Sinopse

Glossário de Terminologia

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

## Capítulo 24

### Epílogo

# SINOPSE

*Envenenada. Encurralada. À mercê de um fantasma...  
Ela poderia lidar com isso.*

Após um mês de competição com o Venador Terryn, Ayleth não parece mais perto de ganhar a confiança do Príncipe Dourado. Por que outro motivo ele chamaria Terryn para servir no castelo em alguma missão secreta, deixando Ayleth administrar o bairro sozinha?

Não importa. Ela provará seu valor para o príncipe aconteça o que acontecer. Muitos mistérios infestam a terra sob sua proteção... incluindo o mistério do próprio Terryn e do estranho e perigoso talismã que ele mantém escondido em seu quarto.

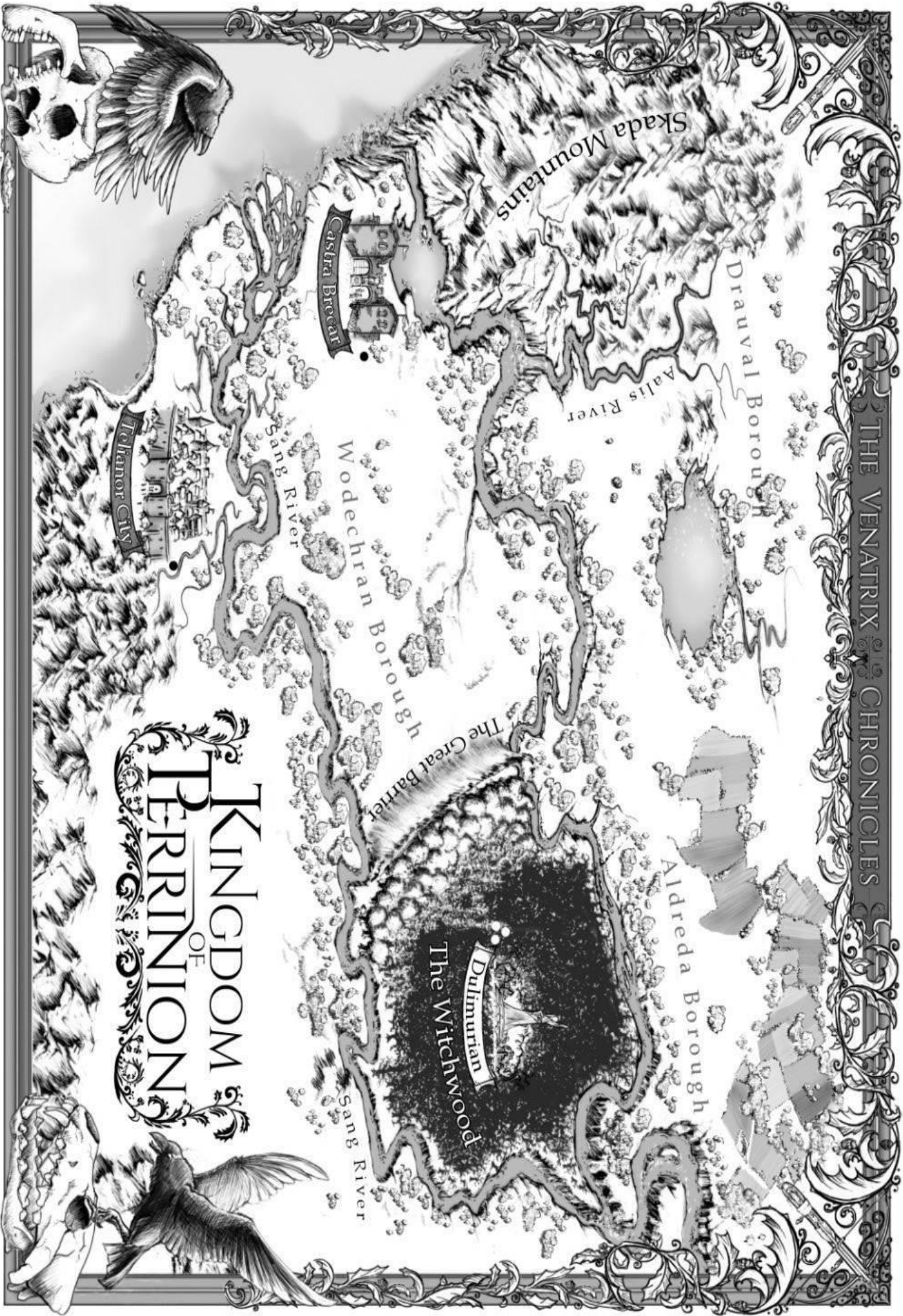
Sua busca por respostas logo encontra Ayleth no encalço de seu inimigo mais mortal. Um fantasma do passado do príncipe voltou para assombrar o presente, possuidora de uma poderosa sombra fantasma capaz de percorrer os caminhos sombrios dos Assombrados. Ayleth está totalmente derrotada e despreparada para enfrentar sozinha esse inimigo.

*Mas quando ela desistiu de uma luta?*

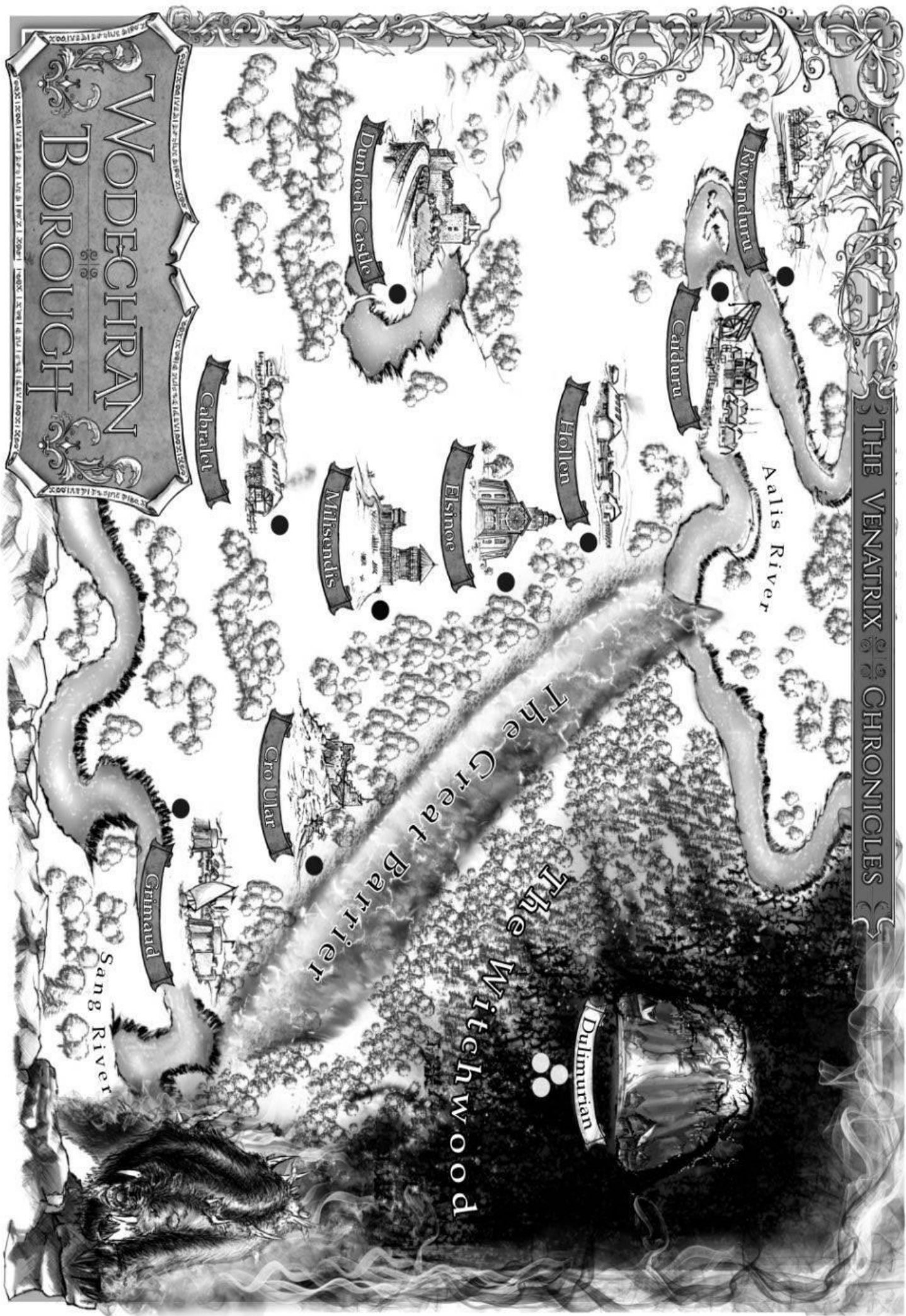


THE VENATRIX CHRONICLES

KINGDOM  
OF  
TERRINION









# GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIA

**Sombras:** Seres espirituais desencarnados que escaparam de sua dimensão infernal - as Assombrações - e entraram no mundo mortal. Eles não podem existir em uma realidade física sem hospedeiros mortais, a quem possuem e dotam de poderes não naturais. Se não forem controlados, eles ganharão ascendência dentro de um corpo hospedeiro e expulsarão a alma original, tomando posse total.

A seguir estão as variedades conhecidas de tonalidades, conforme catalogadas pela Ordem de Santo Evander:

## ANATHEMAS

Habilidades pertencem ao sangue e lançamento de maldições.

## APARIÇÕES

Habilidades pertencem ao controle e manipulação da mente.

## ARCANES

Entidades misteriosas com habilidades não totalmente compreendidas, mas que parecem pertencer a energias como calor, movimento, luz, magnetismo e eletricidade.

## ELEMENTARES

As habilidades pertencem aos elementos naturais do vento, fogo, água e terra.

## **EVANESCER**

As habilidades pertencem à *evanescência*, ou viagem de distância instantânea.

## **FERAIS**

Habilidades referem-se a sentidos aguçados, força aumentada e agilidade.

## **LURES**

As habilidades referem-se a vozes encantadoras e cantos de sereias.

## **VISTORES**

As habilidades pertencem a visões, previsões e adivinhação. Também pode olhar para o passado.

## **SHIFTERS**

Habilidades pertencem à transformação temporária de corpos hospedeiros.

## **TRANSMUTADORES**

Habilidades dizem respeito à transformação e manipulação de substâncias materiais.



# PRÓLOGO

Cerine se apressou ao longo do claustro, com a cabeça baixa para evitar atrair a atenção de qualquer freira que passeava em um ritmo mais solene e devoto.

Com uma mão ela agarrou a ponta de seu capuz azul-celeste, puxando-o para baixo para sombrear seu rosto. Não era um grande disfarce. Mesmo por baixo de suas vestes de noviciada excessivamente grandes, sua figura pequena era facilmente reconhecível. Além disso, ela não andava como uma novata. Seus passos eram muito graciosos, sua postura muito correta: sinais reveladores de sua educação em uma das casas mais nobres do reino.

Às vezes, ela parava para se curvar quando um personagem de santidade excepcional passava por ela. Caso contrário, ela mantinha seu caminho sem interrupções. Uma bolsa batia em seu quadril a cada passo, e ela pousava a mão nela para evitar que seu conteúdo excessivamente empacotado caísse.

Só depois de passar pela porta do scriptorium ela soltou a ponta do capuz e ergueu o rosto. O teto se arqueava acima, moldado para captar e canalizar a maior quantidade possível de luz do dia para escrivaninhas altas, pelo menos vinte das quais ficavam em intervalos na longa câmara. Livros, penas, enfeites, tintas, pergaminhos, pedras-pome, instrumentos de encadernação e outras ferramentas do ofício do escriba desordenavam o tampo expansivo de cada escrivaninha, bem como o espaço abaixo. No entanto, apenas três estavam ocupados.

Os dois escribas mais próximos dela não se incomodaram em tirar a cabeça do trabalho quando ela passou. Sobre seus ombros curvados, ela

vislumbrou as iluminações em andamento. Um escriba estava adicionando folha de ouro a um magnífico G embelezado, que ocupava a maior parte de uma única página. O outro pintava uma borda de flores lordivinas ao redor de uma oração cuidadosamente copiada. Uma bolsa de vermelhão estava em seu cotovelo, e as pontas dos dedos estavam manchadas de vermelho.

Era um trabalho árduo e extenuante, mas a Irmandade Siveline perseguia seus trabalhos incansavelmente no rastro da Guerra das Bruxas, se esforçando para desfazer a destruição provocada pela Terrível Odile. Por duzentos anos, a Rainha Bruxa capturou templos e destruiu bibliotecas, queimando os textos sagrados. Agora, vinte anos após sua queda, membros da Ordem de Santa Sivella devotavam suas vidas a copiar e traduzir textos sagrados de muitas línguas no esforço de reabastecer bibliotecas dizimadas em todo o reino.

Uma terceira escriba estava sentada diante de uma mesa na outra extremidade do scriptorium. A noviça abriu caminho por entre as carteiras sem gritar uma saudação ou se anunciar de forma alguma. No entanto, aquelas costas arqueadas se endireitaram e uma voz rachada com a idade disse: — Bom dia, irmã Cerine.

— Bom dia, irmã Ilda. — respondeu a noviça. Ela se sentou, não em uma das carteiras, mas em um banquinho baixo embaixo da mesa da irmã Ilda, entre os livros, papéis e implementos. Ela colocou a bolsa de lado, abriu a aba, retirou uma pilha de trabalhos rabiscados e arrumou no colo. — Tenho revisado nossas leituras dos últimos três dias. — disse ela. — E acredito que finalmente fiz uma descoberta. Essa frase, aquela frase occidiana, *dalath-mi'talrythe*, encontrei-a novamente em...

— E como está seu nobre pai?

Cerine parou. Quando ela inclinou a cabeça para cima, o capuz azul-celeste escorregou de seu couro cabeludo, recentemente raspado de seu novo



crescimento de acordo com a prática da Irmandade. Ela encontrou um par de olhos muito perspicazes situados em meio a numerosas rugas delicadas, o tipo de rugas causadas por estreitar os olhos por muitos anos e por muitos anos em muitos livros. O rosto de Ilda era normal, nunca bonito, mesmo em sua juventude. Traços suaves, um pouco pastosos. Mas aqueles olhos eram atraentes.

— Eu, hum... — Cerine considerou brevemente os méritos de mentir para a irmã Ilda. Mas ela conhecia a velha freira há muito tempo para tentar. — Ele está bem. — Ela respondeu em vez disso, e olhou para seu trabalho.

— Irmã Ducette veio com minha crosta matinal e meu copo. — Ilda recostou-se na cadeira, cruzando os braços rechonchudos sobre os seios fartos. — Ela nunca foi de manter a paz, irmã Ducette. Ela me disse que outro mensageiro viera de Aldreda. Estou errada ou seu pai passou a escrever para você com mais regularidade ultimamente?

Cerine apertou os lábios entre os dentes, mordendo com força as palavras que tentavam escapar. Assombrados explodam Ducette! Elas compartilhavam um quarto no dormitório dos aprendizes, e Cerine há muito aprendera a nunca compartilhar nada de natureza pessoal com sua colega de quarto. Mas os olhos de águia de Ducette tinham um jeito de espiar tudo o que suas orelhas de gato não ouviam.

Cerine sentiu o olhar de Ilda fixo intensamente no topo de sua cabeça. Ela deu um suspiro, as pontas dos dedos roçando nos papéis que estendeu diante dela. Mas ela não iria chegar a lugar nenhum com suas traduções de Occidian até que essa conversa estivesse para trás.

— Meu pai está... aplicando alguma pressão.

— Ah. É a questão do casamento de novo, não é?

Cerine acenou com a cabeça.

— A Noite do Poço das Relíquias está chegando em breve. — Continuou a irmã Ilda. — Não foi essa a noite predita como a data do casamento do Príncipe Dourado?

— A noite, sim. Mas não o ano.

— Mas seu pai quer que seja este ano.

Exatamente como ele queria que fosse no ano passado. E no ano anterior.

Cerine desabou em seu banquinho. Sua mão se moveu inconscientemente para puxar o capuz azul de volta sobre sua cabeça, escondendo seu rosto. Não que isso fizesse bem. Ilda a conhecia muito bem.

A velha freira cantarolava para si mesma, um dedo tocando seu braço. Então ela se inclinou para frente em seu assento e delicadamente selecionou uma pena com uma das mãos e uma faca com a outra. Ela começou a trabalhar aparando, cada corte da faca preciso.

— Você devia fazer isso. — Ela disse finalmente.

Cerine ergueu os olhos bruscamente. — Eu não posso me casar com o príncipe! — Sua voz ecoou contra os arcos de pedra. Os escribas do outro lado do scriptorium ergueram os olhos de seu trabalho e sibilaram ferozmente, com os dedos nos lábios. Cerine abaixou a cabeça em desculpa, mas continuou, as palavras apertadas e tensas na garganta. — Eu não posso. Nosso trabalho é... É muito importante. A tradução está quase completa. As descobertas que fizemos nos últimos meses vão mudar tudo! Não posso sair agora, não quando estamos tão perto. Temos que terminar e...

— E então, garota? — Ilda colocou a pena de lado, mas continuou brincando com a faca de poda, girando-a nos dedos. — Que bem uma tradução fará para alguém, escondida aqui em Siveline?

Cerine baixou a cabeça. Ela não quis responder. Sua mão pousou na página, os dedos tensos.



— Você achou que poderíamos confiar em nosso conhecimento para sempre? — Ilda persistiu. — Que nunca o levaríamos para o mundo inteiro?

— Eu... — Cerine engoliu em seco. — Achei que íamos viajar juntas para a Cidade Santa de Liane e lá apresentariamos nossas descobertas à Grande Sacerdotisa e ao Conselho de Magali.

— E acabar decapitada por heresia? — Ilda fungou. — Você é uma criança de bom coração, Cerine. Você não entende a corrupção e o perigo da Cidade Santa. Todo o nosso trabalho seria queimado, junto com nossos corpos sem cabeça.

Ouvir seu destino proposto com uma voz tão calma era assustador. Cerine estremeceu e colocou os braços em volta do corpo.

A irmã Ilda deu um longo suspiro. Então, colocando a faca de aparar de lado, ela se abaixou e colocou a mão na cabeça curvada de Cerine. — Minha filha, você sabe como é. Uma rainha pode sussurrar no ouvido de seu rei. Uma rainha pode dizer coisas na segurança do leito matrimonial que uma irmã sagrada não ousa falar em voz alta em lugares públicos.

Um rubor subiu pelas bochechas de Cerine. Incapaz de se obrigar a olhar para cima, ela olhou fixamente para as páginas de linhas rabiscadas diante dela.

Ilda deu um tapinha na cabeça de Cerine e depois se acomodou em seu banquinho alto. — Diga-me, a ideia de se casar com o Príncipe Dourado é realmente tão terrível? Ao que tudo indica, ele é uma alma nobre. E não é desagradável de se olhar, ou pelo menos é o que dizem os rumores.

Cerine enfiou o queixo mais perto, grata pela proteção de seu capuz.

Mas Ilda balançou a cabeça, estalando a língua gentilmente. — Eu posso estar velha. Posso ter vivido a maior parte da minha vida trancada em escritórios secos, mas não estou morta. Eu vi a expressão em seus olhos quando

aquelas cartas de Dunloch chegaram. Você espera que eu acredite que você não nutre nenhum sentimento de ternura pelo jovem Príncipe Gerard?

— O coração dele pertence a Fayline. — Cerine ergueu os olhos e encontrou os olhos da velha freira. Ela moldou seu rosto em uma máscara cuidadosa, apesar da cor que manchava suas bochechas pálidas. — Ele a ama. Ele sempre amou. E sempre vai.

Ilda acenou com a cabeça em compreensão. — Sua irmã. — disse ela, inclinando a cabeça para um lado. — Sua irmã, que foi tomada pela sombra.

Com a garganta engrossada, Cerine acenou com a cabeça.

— Diga-me, Cerine... — disse Ilda. — O que aconteceria com sua irmã se os evanderianos a encontrassem, se a pegassem?

Cerine não teve que responder. Ambas sabiam. — Eles iriam matá-la. Para salvar sua alma.

— Exatamente. — A mão de Ilda alcançou o queixo de Cerine. Seu rosto perdeu sua doce docilidade e ficou duro como pedra. — E é por isso que você deve fazer este casamento. É por isso que você deve falar com o príncipe, contar-lhe nossas descobertas. Para que pessoas como sua irmã não sejam mais assassinadas em nome da Deusa.

Seu aperto no rosto de Cerine aumentou dolorosamente. Então, abruptamente, ela se soltou e se recostou na cadeira, a respiração ofegante em seus velhos pulmões. Sua mão nodosa pairou sobre o livro que ela estava trabalhando duro para compor, cada letra cuidadosamente moldada sem enfeites para distrair do significado. Ao contemplar essas palavras, sua alma brilhava tanto em seus olhos que quase poderia ter queimado as páginas.

— Já era hora de toda Gaulia saber a verdade. — disse Ilda. — Que Santo Evandro de Roihm era um louco.



# CAPÍTULO 1

*Bam!*

Ayleth caiu com força no chão coberto de palha e momentaneamente acreditou que seu peito havia sido esmagado. Ela não conseguia se mover, não conseguia pensar, não conseguia fazer seus pulmões achatados puxarem o ar. O mundo girou ao seu redor em um redemoinho de luz e escuridão sem sentido, e tudo dentro dela se concentrou naquela única e desesperada necessidade de respirar.

Um grande suspiro e seus pulmões inflaram. Seu corpo inteiro estremeceu de alívio. Alívio de curta duração. O suspiro se transformou em um sufoco engasgado enquanto a fumaça descia por sua garganta. Seus olhos ardiam mesmo quando sua visão giratória se estabilizou. Ela olhou para cima em um horror de chamas engolfando as vigas acima, enquanto a fumaça serpenteava pelo ar.

Um estrondo estremeceu a estrutura e Ayleth ergueu os braços para evitar a palha em chamas e pedaços do telhado que caíam sobre ela. A qualquer momento, todo o edifício desabaria.

De alguma forma, ela conseguiu rolar, suas botas lutando para se firmar na palha iluminando-se ao seu redor. Através da fumaça, ela viu um buraco em forma de monstro em um lado do celeiro.

Toda a sua vontade se fixou em alcançar aquele buraco.

— *Laranta!* — Ela gritou dentro de sua cabeça.

Fora da fumaça, uma enorme forma negra se manifestou. Olhos brilhantes com a luz da sombra, pairando sobre Ayleth, os lábios desenhados

para trás de enormes presas. Um rosnado estrondoso encheu sua mente: *Levante-se, Senhora! Pra cima! Pra cima!*

— *Dê-me sua força!* — Ayleth gritou internamente ao mesmo tempo que engasgava.

A escuridão se dissipou diante de seus olhos, transformando-se em uma mancha informe, mais negra que a fumaça obstruindo o ar. Essa escuridão afunilou-se como um pequeno tornado de puro poder e magia na boca de Ayleth, em suas narinas, espalhando-se por ela e inundando seus membros. Galvanizada com força repentina, ela se levantou e correu, correu, correu.

O horrível grito e gemido de vigas quebrando e despencando. O rugido devorador das chamas. Ela irrompeu pelo buraco na parede e saiu para o ar livre, onde a luz vermelha do fogo iluminava a noite. Sua própria sombra dançava como um fantasma diante dela enquanto ela se afastava das ruínas em chamas. Ela deu vinte passos antes de cair de joelhos na grama alta.

Seu corpo estremeceu com a necessidade de ar. Por vários segundos, ela só conseguiu respirar. Nada neste mundo importava mais do que respiração após respiração. Suas mãos sentiram seu peito, sem acreditar que sua caixa torácica não tinha sido estilhaçada.

Então ela ouviu os gritos.

Seus dentes cerraram em um grunhido repentino. Ela ergueu a cabeça, jogando para trás sua longa trança escura e olhou para a noite. O clarão do fogo iluminou a pequena aldeia de Cabralet. Dois, não três... agora quatro outros edifícios pegaram fogo, seus telhados de palha eram uma isca perturbadoramente eficaz.



Em meio a essa destruição, uma figura terrível jogou a cabeça para trás e lançou um jato de chamas no ar. Das cordas tensas de sua garganta pendia um dardo emplumado.

O dardo errado. Recebeu o veneno errado.

*Sombra! Sombra!* A voz rosnando do ser dentro da cabeça de Ayleth a impelia com uma ânsia sanguinária. *Caçar! Caçar!*

Ayleth levantou-se de um salto, os dedos da mão direita curvados, o polegar pressionando o mecanismo de gatilho do arco de pulso preso à braçadeira. Ela tinha certeza de ter sentido uma sombra Anathema no corpo daquela velha cabra fedorenta. O fedor de magia de maldição estava por todo o lado. Sem ser vista, ela se esgueirou para dentro do celeiro, avistou a cabra no braço e deu o tiro.

Assim que seu dardo atingiu o alvo, aqueles olhos amarelos malignos se arregalaram... e a cabra explodiu com magia. Seu corpo havia se deformado diante de seus olhos, quebrando e re-tricotando o esqueleto com magia totalmente maliciosa. Era como algo saído de um pesadelo, espinhos de ossos salientes, gotejando sangue pela crista de suas costas, enormes dentes amarelos estalando de mandíbulas desconexas. Ele havia se levantado nas patas traseiras, estranhamente humanoide, e seus cascos dianteiros se partiram, quebraram e se transformaram em mãos sinistras e retorcidas com garras enormes nas pontas.

Então começou a cuspir fogo.

— Um Elemental. Um Elemental, sua idiota! — Ayleth praguejou. Sua mão foi para as aljavas amarradas em seu peito. Para sua consternação, ela descobriu que todos eles tinham quebrado quando a cabeça de cabra deformada bateu em seu peito e a derrubou. Seus dardos envenenados se

foram, espalhados sob os escombros do celeiro dizimado do qual ela acabara de escapar.

Ela teria que encontrar outra maneira de derrubar esse monstro. Sua mão se moveu para a adaga em seu cinto. Se a morte tinha ser violenta, que seja.

Com o poder de sua sombra pulsando em suas veias, Ayleth se atirou na vila em chamas. Ao seu redor, homens, mulheres e crianças fugiam de terror, seus gritos cortavam o ar. Ayleth afastou as imagens e os sons, concentrando todos os seus sentidos, mortais e sombrios, naquela criatura demoníaca. Sua boca se abriu, e uma explosão de chamas rugiu por entre aqueles dentes ásperos para incendiar um galpão inclinado. Perdido em sua própria fúria caótica, ele não a viu chegando.

Ayleth saltou nas costas do monstro, mergulhando a lâmina direto na base do crânio.

No último instante possível, o monstro virou a cabeça e um daqueles chifres perversos a jogou para o lado. Sua adaga voou de sua mão.

A terra estremeceu sob o barulho dos cascos enquanto o monstro se virava para olhar para ela. Seus olhos amarelos de cabra brilharam com muita sensibilidade enquanto a sombra ascendente a encarava. Ele abriu a boca e Ayleth rolou, evitando outra explosão de chamas por centímetros.

Ela ficou de joelhos, desarmada, mas destemida. A força de Laranta estava nela; ela não estava impotente. Ela saltou e pousou apenas para encontrar o monstro atacando-a novamente, de cabeça baixa. Preparada desta vez, ela girou levemente em seus pés, sua trança chicoteando no ar atrás dela. Ela sentiu a pressa da passagem da sombra e se agachou, pronta para pular assim que ele voltasse para encará-la.

Mas não parou. Os olhos de Ayleth se arregalaram de puro horror. Enquanto a criatura avançava pela rua em chamas da vila, seus dedos



em garras agarraram uma criança chorosa. Antes que Ayleth encontrasse fôlego para gritar, ele saltou com a criança para dentro de uma das cabanas em chamas.

— Não! — Ayleth gritou e se lançou em sua perseguição. Suas botas batiam na terra compactada da rua; seus olhos se fixaram naquela porta cheia de chamas. Por um instante, menos de um instante, sua alma mortal se inflamou diante daquelas chamas.

Então ela saltou para o inferno, os braços erguidos para proteger o rosto. A fumaça ardeu em seus olhos, seus pulmões e as chamas empolaram sua carne. — *Laranta, encontre a sombra!* — ela gritou dentro de sua mente.

Olhos brilhando com a luz da sombra, ela espiou através da fumaça e do fogo. Nenhum sinal do monstro. Mas lá! Lá! A criança estava deitada no chão, suas roupas finas começando a chamuscar, a queimar. Uma distração perfeita da caça.

Ayleth se jogou sobre a criança e envolveu aquele pequeno corpo em seus braços, protegendo-a das chamas. Para seu alívio, ela ouviu choro e tosse. A pequena ainda estava viva. Segurando a criança sob o manto, ela se agachou.

Sua visão se encheu de fogo.

— *Laranta!* — ela gritou.

Sua sombra de lobo rugia em sua cabeça, mas não era o rugido da caça. Era um som de puro terror. Laranta nunca tinha medo, não importava o perigo. Mas diante daquelas chamas por todos os lados, diante daquele calor violento, ela se contorceu dentro da cabeça de Ayleth.

— *Laranta! Precisamos sair daqui!* — Ayleth engasgou, cambaleou. Ela sentiu seus membros enfraquecendo, sentiu o poder da sombra se reduzindo dentro dela. O fogo se aproximou, e...

Escuridão.

Ayleth caiu de joelhos. Ela morreu? Ela deve ter morrido. O calor, as chamas, eles deveriam tê-la matado. E esta escuridão, esta deve ser a morte. O vazio do Assombrados, pronto para reivindicar ela e a alma de sua sombra. Ela só podia esperar que a alma da criança em seus braços escapasse para encontrar a Luz da Deusa. Ela só podia...

Ela piscou. E percebeu que ela não podia estar morta. Se ela estivesse morta, ela não seria capaz de piscar, não é? Seus olhos ardiam com fumaça persistente, mas não havia mais fogo, não havia mais calor.

— *Laranta?* — ela disse, e sentiu sua sombra em pânico se mexer. Ainda segurando a criança, Ayleth cambaleou para a rua, tossindo fumaça dos pulmões.

O mundo era um pandemônio de gritos e terror. Mas lá no final da rua apareceu uma figura alta em uma longa capa, sua cabeça coberta por um capuz vermelho. Seus braços estavam estendidos em direção a uma das outras cabanas em chamas, e parecia que ele de alguma forma, impossivelmente, puxou o fogo da palha em um longo riacho, direto para suas mãos. Seus dedos curvados se viraram e se torceram enquanto ele parecia esmagar sua vida entre as palmas das mãos.

Olhando para ele com os olhos cheios de sombras, Ayleth viu o pulso brilhante de magia percorrendo sua alma.

Ela prendeu um aldeão correndo e pressionou a criança de olhos arregalados nos braços do homem. — Leve-o. — ela rosnou, e o homem apavorado obedeceu sem questionar, carregando a pequena para o campo aberto. Assim que Ayleth se voltou para a figura alta que trabalhava com sua estranha magia, ela avistou o monstro-bode avançando em sua direção do outro lado da aldeia. A sombra dentro da cabra sentiu mais uma presença de sombra, outra ameaça à sua existência neste mundo.



O monstro assumiu uma postura ampla e poderosa a cerca de dez metros de onde o homem alto estava, abriu a boca e arrotou outra gota de fogo. O homem moveu uma mão com a palma para fora. O fogo que se aproximava parecia atingir uma barreira invisível e se transformar em nada.

A cabra tomada pela sombra, rugindo, enviou outro riacho ardente, este longo, contínuo e tão quente que com certeza deveria dominar o outro usuário de magia. Mas o homem encapuzado se defendeu com as duas mãos agora, pegando o fogo e desmoronando em si mesmo.

Ayleth viu como a magia dentro do homem estremeceu. Sua sombra, embora poderosa, não estava totalmente ascendente, ao contrário do Elemental na cabra. Ele não seria capaz de resistir a um ataque mágico tão concentrado por muito mais tempo.

Usando a própria rajada de fogo da cabra como cobertura, Ayleth correu atrás do homem. Mesmo com o suor escorrendo pelo rosto pálido, ele reconheceu sua chegada com um único olhar inexpressivo.

— Olá, Venador du Balafre. — disse Ayleth, sua voz queimada pela fumaça um tanto rouca. — Que bom que você pôde se juntar a nós. — Ela estendeu a mão por cima do ombro dele, evitando o fogo que ele esmagava entre as mãos, e arrancou um dardo de uma das aljavas que ele usava no peito. Um dardo com uma ponta de veneno Elemental.

A cabra tomada pela sombra, espionando Ayleth, tentou direcionar sua chama para ela. Mas Terryn du Balafre estendeu um braço comprido e pegou o longo golpe, dando-lhe a chance de deslizar para longe. Ela assumiu uma posição de tiro e se moveu para carregar seu escorpião com um dardo, apenas para descobrir que a corda de seu pulso havia queimado.

Não importa. Ela entregaria este veneno, aconteça o que acontecer.

— *Laranta, para mim!* — Ela rugiu. Colocando o queixo contra o peito, ela fixou os olhos em seu objetivo e correu. Direto para a sombra, direto para aqueles chifres malignos, direto para aquela boca aberta que mesmo agora se enchia de calor prestes a estourar direto em seu rosto. O poder de sua sombra a impulsionou com uma velocidade incrível, e ela cobriu a distância no espaço de três batidas de coração. No último instante possível, ela se esquivou para o lado, evitando as chamas jorrando. Então ela se lançou e plantou o dardo diretamente no coração da vítima de sombra empenada.

O monstro agarrou Ayleth pela garganta com suas mãos de dedos longos antes que ela pudesse dar um único passo para trás. Ela engasgou, mas segurou seus pulsos e se preparou antes que ele pudesse puxá-la de seus pés. A criatura bruta, embora forte em corpo, não poderia se igualar ao poder de Laranta fluindo por Ayleth. Com um único puxão, ela arrancou as mãos com garras de sua garganta. Seu joelho subiu, batendo forte entre aquelas pernas cabeludas de cabra. — Desculpa! — ela engasgou ao mesmo tempo que a criatura-bode dobrou-se, baliu e afundou no chão.

Por fim, o veneno fez efeito, paralisando seus membros, desacelerando seu coração. Mais importante ainda, também dominou a sombra. A alma Elemental queimando tão cruelmente momentos antes cintilou, desvaneceu-se e caiu em um adormecido sono do espírito.

— Pronto. — Ayleth esfregou a garganta. A vaga consciência de uma série de feridas invadiu sua mente: as queimaduras, a dor aguda em seu peito por causa de várias costelas quebradas, os hematomas em seu pescoço. No momento, ela os ignorou. A onda de triunfo superou tudo o mais. — Ele está pronto para a Morte Gentil. — disse ela, voltando-se para Terryn.

Sua voz sumiu e o sangue sumiu de seu rosto.



Venador Terryn estava de perfil para ela. Nenhuma das cabanas da aldeia ainda queimava, mas agora suas veias brilhavam sob sua pele com uma luz vermelha, iluminando as linhas de dor marcando seu rosto. Ela viu o poder crescente da sombra dentro dele, aumentando como a pressão de um vulcão prestes a explodir. Ele tinha que suprimir isso. Agora. E não havia tempo para tecer canções de feitiço.

Enquanto Ayleth observava, Terryn agarrou a ponta de ferro fixada na braçadeira em seu antebraço esquerdo. Destravando um gancho, ele deixou a ponta saltar de volta em seu mecanismo, cravando-o profundamente na carne de seu braço. Um único grito curto explodiu de seus lábios, mas ele o mordeu de volta, seus dentes rangendo contra a dor, contra o veneno de ferro que ele enviou explodindo por seu próprio corpo.

Por mais terrível que aquela dor fosse para ele, era mil vezes pior para o espírito que o possuía.

Ayleth deu um passo para trás, mas não conseguiu desviar o olhar. Sua visão de sombra viu tudo: o chicote repentino e contorção da sombra que ele tinha evocado de suas supressões apenas o suficiente para acessar seus poderes. Agora, o veneno de ferro da estaca dirigiu a sombra bem fundo dentro dele novamente, onde ele poderia prendê-la, controlá-la.

Terryn lançou a estaca. O sangue correu de seu braço até sua mão. Ele o ignorou. Com as mãos trêmulas, ele puxou um conjunto de tubos da bainha em seu cinto, os tubos Vocos, esculpido em osso. Levando o instrumento aos lábios, ele convocou a Canção da Supressão. Com a habilidade de um verdadeiro músico, ele enrolou camada sobre camada de canção de feitiço ao redor da alma de sua sombra.

Ayleth, ouvindo aquela música, olhando para o sangue ainda escorrendo pelo braço de seu companheiro venador, percebeu que a sombra

verdadeiramente perigosa que ela enfrentou aqui esta noite poderia não ter sido a da cabra.



## CAPÍTULO 2

Ela esperou até que Terryn terminasse de tocar a Supressão e as últimas notas sonoras do drone tivessem desaparecido. Então, muito baixinho, Ayleth disse: — A Morte Gentil. Por favor.

Seu companheiro venador ergueu os olhos para ela enquanto ele abaixava o Vocos de seus lábios. A tensão apertava cada linha de seu rosto. A cicatriz circular em sua bochecha direita destacava-se branca e feia contra sua pele escura. No início, ele a olhou fixamente, muito preso aos efeitos colaterais da canção de ligação e a dor que ainda corria por seu braço sangrando para compreendê-la. Ayleth esperou, estendendo a mão.

Terryn deu uma sacudida curta e forte em sua cabeça e lançou um dardo com penas pretas de uma das aljavas em seu peito. Ele ofereceu a ela, sua mão ensanguentada tremendo. Ayleth deu um passo à frente e arrancou o dardo de seus dedos, com cuidado para não o olhar muito de perto... ela sabia o que ele sentia, o que ela sabia que tornava tudo pior.

Voltando para a cabra, de costas para o outro venador, ela estudou o monstro deitado em repouso paralisado. Na verdade, era mais horrível durante o sono do que quando estava acordado e furioso. A curvatura de seu corpo era extrema, horripilante. Essas espinhas, manchadas com seu próprio sangue, rasgando a carne de suas costas. Essas mãos que não pertenciam a uma cabra.

Ela tinha visto deformações assim antes. A sombra dentro da cabra era um Elemental, mas a sombra que havia feito essa magia de deformação era muito mais poderosa. A cabra não pôde evitar o que havia se tornado enquanto

escravizada por uma maldição, e Ayleth sentiu pena dela momentaneamente. Mas então suas narinas dilataram-se, respirando o fedor de palha queimada e vime. Depois de dar uma rápida olhada nas casas em ruínas, não mais ativamente em chamas, mas enegrecidas além do reparo... de repente, o monstro não parecia tão patético, afinal.

Ela se ajoelhou e espetou o dardo diretamente em uma veia.

A Morte Gentil teve efeito quase imediato. Observando com sua visão sombria, Ayleth viu o momento exato em que o corpo mutante do hospedeiro morreu e o espírito dentro dele se libertou. Apenas um único espírito: uma sombra perigosa e fumegante.

Ayleth tirou os Detrudos de duas cabeças da bainha e começou a tocar a Canção da Expulsão. O drone retumbou em um pulso baixo e constante, enquanto a melodia envolvia o espírito da sombra exposto, mesmo enquanto trabalhava livre de seu hospedeiro mortal. Se ela tivesse causado uma morte violenta ao bode, aquele espírito fugitivo, fortalecido pela violência, teria facilmente escapado das garras da canção do feitiço. Entorpecida pelo veneno e embalada pela brandura da Morte Gentil, a sombra não ofereceu resistência alguma.

Os cabelos de sua nuca arrepiaram-se e Ayleth se preparou para manter um fluxo constante de música em sua flauta. Atrás dela, a realidade se abriu em uma cunha longa e abrasadora. Um portão para os Assombrados apareceu, pronto para recuperar o espírito perdido. Ela fechou os olhos mortais e se concentrou na melodia do feitiço, tomando cuidado para fechar a sombra com força. Bem no fundo dela despertou a tentação profana de espiar através do portão, para ver aquele reino caótico de onde as sombras escapavam para atormentar seu mundo.

Mas Hollis a advertiu há muito tempo, quando ela era uma jovem aprendiz, que contemplar os Assombrados era contemplar a loucura pura e não adulterada. Ela não ousou se virar, não ousou olhar.

Em vez disso, ela atacou com a canção do feitiço e enviou a sombra amarrada para o reino de sua origem. O portão para os Assombrados se fechou e Ayleth cambaleou com o choque. Ainda assim, ela segurou os tubos e terminou a melodia antes de finalmente deixar o drone voltar ao silêncio.

Só então ela abriu os olhos e se virou para encarar Terryn.

O outro venador já havia removido a braçadeira de seu braço esquerdo e estava tentando enfaixar o ferimento com uma mão. Como se de repente percebesse que ela estava olhando para ele, ele remexeu na faixa de ataduras, que caiu e se desenrolou no chão. Ele se abaixou para pegá-la.

Ayleth cruzou a distância entre eles e arrancou o rolo de sua mão. — Deixe-me fazer isso. — disse ela.

— Eu não preciso de ajuda.

— Nunca disse que você precisava.

O ressentimento fervilhava em seu espírito, palpável para seus sentidos de sombra. Ayleth o ignorou. Depois de enrolar as bandagens desenroladas, ela as prendeu no cinto antes de alcançar o braço dele. Por um momento, ele se afastou como se tivesse medo de deixá-la tocá-lo. Então, com extrema relutância, ele a deixou pegar seu braço e empurrar a manga, expondo o ferimento da ponta.

Ayleth se recusou a permitir que seu rosto traísse o estremecimento que percorreu seu estômago. Ela estava acostumada com sangue, mas isso... isso estava feio. O fedor de veneno de ferro penetrou em suas narinas, deixando-a tonta, e Laranta rosnou e se retraiu ainda mais para o fundo de sua mente. Ayleth se preparou. — Você tem algum unguento de tuaflor em você?



Terryn assentiu. — Em meus alforjes.

— Onde está o seu cavalo?

Deixando a sombra morta para trás por um momento, eles atravessaram o triste vilarejo até onde a égua vermelha de Terryn esperava pacientemente. Ayleth pegou o frasco de pomada com os suprimentos de Terryn e começou a aplicá-lo em seu ferimento. Ao toque de seus dedos, ele respirou fundo e seu braço tremeu em seu aperto, embora ela tentasse ser o mais gentil possível. A intensa queimação de seus olhos gelados fixos nela enquanto ela trabalhava; sem dúvida, ele esperava até mesmo o menor erro para criticá-la.

Ayleth apertou a mandíbula. Ela tinha alguma experiência em cuidar de feridas e sabia o que estava fazendo. A ponta de ferro na braçadeira de um venador servia para vários usos, mas seu objetivo principal era suprimir a própria sombra que o possuía se ela comesse a ganhar força e ascendência demais. Em todos os seus anos servindo sob o comando de Hollis, Venatrix di Theldry, Ayleth vira sua senhora recorrer à estaca de ferro apenas três vezes. A própria Ayleth nunca o fez; ela nunca lutou para manter Laranta sob seu comando.

Mas Laranta não era como o espírito que Ayleth acabara de vislumbrar retorcendo-se na alma de Terryn.

— Como você fez isso com o fogo? — ela perguntou abruptamente, levantando os olhos de sua concentração em seu braço.

Terryn encontrou seu olhar, então rapidamente desviou o olhar, olhando para a noite.

— Eu sei que você não hospeda uma sombra Elemental. — Ela persistiu.

— Então você não comanda o próprio fogo. A menos que eu esteja muito

enganada, você carrega um Arcano, mas... bem, a verdade é que não entendo totalmente os Arcanos.

Mais silêncio. Silêncio claramente reprovador. Ayleth revirou os olhos. Ela deveria saber melhor do que admitir qualquer lacuna em seu conhecimento na presença deste homem. — Com base em tudo o que vi, estou supondo que a magia particular da sua sombra pertence à luz ou à manipulação da luz. Assim você fez... o que? Tirou a luz do fogo?

Seu perfil afiado era ilegível, desde a testa alta e lisa até a barba por fazer. Ayleth pensou ter visto um músculo sob seu olho se contrair, mas não sabia dizer se era uma contração de desprezo ou não.

Tirando a bandagem, ela deu um passo para trás e cruzou os braços. — Se você priva o fogo de sua luz, ele deixa de ser fogo. Sem luz não pode produzir calor, sem calor não pode ser fogo. Estou certa?

— Perto o suficiente, di Ferosa. Perto o suficiente.

Às vezes, Ayleth tinha de lutar contra o desejo de picá-lo com um dardo paralisante e deixá-lo amontoado no chão. Ele e sua superioridade e seu uniforme perfeitamente imaculado.

— Sabe... — ela disse, sua voz afiada. — Se você não mantivesse sua sombra tão profundamente suprimida o tempo todo, ela não se enfureceria tão violentamente quando você acessasse seus poderes. Se você desse um pouco mais de liberdade, seria...

O olhar que Terryn deu a ela cortou suas palavras tão efetivamente quanto qualquer lâmina. Por um momento, ele sustentou seu olhar, e suas palavras pairaram no silêncio entre eles.

— Tome cuidado, Venatrix. — ele disse finalmente. — Que seja a última vez que você fala heresia na minha presença.

O rosto de Ayleth ardeu com um calor crescente. Virando-se abruptamente nos calcanhares, ela deixou o venador para trás, voltando para a rua vazia da vila. Uma tempestade de protestos, de discussões, até mesmo de acusações cresceu dentro dela, mas ela sabia que era melhor não lhes dar voz. Esta era uma luta que ela não poderia vencer. Porque ele estava certo. De acordo com os escritos sagrados de Santo Evander, todas as sombras eram nada menos que demoníacas. Permitir a liberdade de uma sombra era dançar com o próprio mal. Mesmo enquanto dançava com Laranta diariamente.

Ela fechou os olhos. A ideia de amarrar Laranta com tanta força quanto ela viu Terryn amarrar sua sombra a deixava doente. Ayleth confiava em Laranta mais do que em qualquer outro espírito deste mundo. Isso a tornava uma herege? Isso a tornava indigna do serviço da Deusa?

Esses não eram pensamentos que ela ousava perseguir agora, no entanto. Não enquanto ainda havia trabalho a ser feito.

Ela suspirou, repentinamente cansada, e apalpou a nuca com a ponta dos dedos. Ela atingiu o chão do celeiro com força quando o monstro-bode a acertou no peito, e um caroço se formou. Seus membros estavam trêmulos agora que a excitação havia passado, e sua pele estava em carne viva em lugares onde ela havia roçado muito perto das chamas.

Os aldeões fugiram para os campos circundantes e provavelmente não voltariam até de manhã. Ayleth estava feliz por não haver ninguém por perto quando se aproximou da cabra morta. Ela não precisava de seus olhos acusadores olhando para ela. Ao longo da última semana de caça, ela estava absolutamente certa de que estava na trilha de uma sombra Anathema. E quando ela finalmente encontrou esta criatura, Laranta sentiu o cheiro de magia de sangue por toda parte.



Que idiota ela tinha sido, usando o dardo errado como fez! Ela tinha sido arrogante... e muito ansiosa. Ela não se preocupou em procurar sinais da presença de outra sombra. Como resultado, toda a aldeia poderia ter sido totalmente queimada. Se Terryn não tivesse chegado a tempo...

Como se seus pensamentos o convocassem, Terryn se aproximou por trás. Ela optou por ignorá-lo, mantendo as costas cuidadosamente viradas enquanto se ajoelhava para inspecionar a carcaça. Mas Terryn era um tear efetivo. Ela não precisava vê-lo para senti-lo pairando atrás dela agora de sua grande altura, os braços cruzados, observando cada movimento seu.

— Tenho certeza de que há uma história aqui. — disse ele.

Ayleth lançou um olhar furioso por cima do ombro. Em vez de responder à pergunta que ele não fez, ela retrucou: — O que você está fazendo aqui no meio da noite, du Balafre? Você estava me seguindo?

Um bufo fraco e irônico. — Eu estava seguindo uma pista.

— Para que? Aquela bruxa ruiva que você está caçando para o príncipe?

— Pode ser. — Terryn deu um passo e se abaixou atrás dela, onde ela se agachou. Ela estava muito ciente de sua respiração em seu ouvido, a proximidade de seu peito largo em suas costas. Ele estendeu a mão ao redor dela e, com dedos longos e hábeis, arrancou o dardo Anathema da garganta da cabra.

Ele não disse nada enquanto se endireitava e recuava. Ayleth tossiu para soltar a respiração presa em seu peito e fez uma careta para ele enquanto ele segurava o dardo diante dele, girando-o entre o indicador e o polegar. Ele olhou para ela, sua expressão significativa. Ele viu que era o veneno errado.

Ayleth encolheu os ombros. — Ele... cheirava a magia de sangue. — Sua voz saiu soando mais defensiva do que ela gostaria.

— Talvez você não deva confiar em seu nariz tão implicitamente.

Com uma bufada entre os dentes, Ayleth voltou do venador para a criatura morta. Estreitando os olhos, ela concentrou sua visão sombria. — Você vê o que eu vejo, não é? Isso tem as impressões digitais da Bruxa do Ardor por toda parte. Olhe para essas espinhas. Um Elemental não sofre mutação assim.

Terryn sacudiu a cabeça e guardou o dardo em uma de suas aljavas. — A Bruxa do Ardor se foi, di Ferosa. Eu mesmo vi. Ela atravessou a Grande Barreira e entrou na Floresta da Bruxa. Ela não pode voltar.

— Mas você tem certeza? — Ayleth indicou o monstro com um aceno de mão. — Diga-me que esta não é uma de suas maldições.

Seguiu-se um doloroso silêncio. Ayleth observou Terryn, observou como seus olhos, cintilando com a luz das sombras, balançavam para frente e para trás através do monstro. De todas as pessoas, Terryn deveria reconhecer as maldições de Ylaire di Jocosa. Quando criança, ele próprio foi amaldiçoado por ela. E ele sem dúvida viu incontáveis corpos quebrados por sua magia e transformados em monstros. Se nada mais, como ele poderia não perceber a nítida semelhança entre a deformação dessa cabra e a quebra e mutilação do corpo de Venador Kephan apenas um mês atrás?

— Então... o que? — Terryn disse finalmente. — É nisso que você tem trabalhado todas essas semanas? Quando pensei que você estava percorrendo as trilhas do circuito, você realmente estava tentando encontrar provas de que a Bruxa do Ardor ainda está em Wodechran? Tentando me fazer mentiroso?

— Não! — A frieza em sua voz cortou Ayleth profundamente. Balançando a cabeça, ela se levantou e cruzou os braços. — Não estou tentando provar ou refutar nada, Venador du Balafre. Estou simplesmente seguindo as pistas à medida que as encontro. Este... esse cheira como a Bruxa do Ardor. E olhe! — Num impulso, ela se agachou e se inclinou sobre a cabra, afastando o pelo de sua

bochecha. Lá, invisível aos olhos mortais, mas apenas visível à visão das sombras, estava a impressão tênue de um sigilo. O sigilo de Ylaire, uma tatuagem de magia misturada com sangue.

Tinha o mesmo formato da cicatriz circular na bochecha de Terryn.

— Vê? — Ayleth disse, sua voz tensa e ansiosa. — Isso prova.

Terryn, com o rosto repentinamente pálido, agachou-se ao lado dela e tocou a bochecha do monstro. Um arrepio percorreu seu braço e, por um momento, ele pareceu que ia passar mal. Então ele respirou fundo pelas narinas e se endireitou, sentando-se sobre os calcanhares. — Eu concordo. Esta é uma das maldições de Ylaire. Mas lembre-se, ela ficou solta neste bairro por boas seis semanas antes de percebermos que ela havia escapado de Floresta da Bruxa. Ela poderia ter plantado qualquer número de maldições durante esse tempo. Isso não muda o fato de que ela está além da barreira agora.

— Mas ela poderia invocar uma maldição como essa de Floresta da Bruxa?

O venador balançou a cabeça. — Injetar na cabra o veneno errado pode ser o suficiente para dar vida à maldição. — Ele se levantou novamente, enxugando a mão no colete, uma linha sombria torcendo sua boca. — Eu sei o que eu vi. Ylaire se foi.

Ayleth se levantou e se afastou do corpo. Sua mandíbula endureceu e seus punhos cerraram lentamente. Ela deu as costas a Terryn e falou rispidamente em sua mente: — *Laranta. Venha até mim.*

Sua sombra subiu dentro de sua cabeça, deslizando para a vanguarda de sua consciência. Ayleth sentiu os olhos de Terryn fixos na nuca, observando como ela comandava sua sombra sem usar os tubos Vocos. Mas ela não tinha tempo para se preocupar com o protocolo agora.



*A sombra sumiu, disse Laranta, olhando para o cadáver através dos olhos de Ayleth.*

*— Eu sei. — respondeu Ayleth. — Mas eu preciso que você procure uma maldição. Pode ter sido quebrada recentemente, já que o corpo do hospedeiro está morto, mas preciso que você tente encontrá-la.*

Ayleth afastou a sombra de sua mente para que pudesse se manifestar como um enorme lobo negro. Esta não era uma manifestação física; nenhuma sombra poderia assumir forma física. Mas enquanto presa por uma corda de alma ao corpo de Ayleth, Laranta podia se mover como um fantasma no mundo exterior, invisível para todos os olhos mortais, exceto os de Ayleth.

Terryn, embora incapaz de ver a sombra do lobo, sentiu sua presença. Seus olhos brilharam com a luz da sombra enquanto ele olhava para o espaço vazio ao lado de Ayleth, e sua boca se formou em uma linha sombria de desaprovação. Ayleth o ignorou.

*— Encontre a maldição, Laranta. — disse ela, olhando para aqueles olhos estranhos e predadores iluminados pela magia. — Encontre-a antes que desapareça.*

Laranta entrou em ação, vasculhando primeiro o corpo e depois saindo dele em um círculo cada vez maior. Se houvesse um vestígio de maldição a ser encontrado, Laranta o descobriria. Ayleth estendeu a mão para tocar a corda da alma cintilante que a conectava ao lobo, sentindo a ansiedade de sua sombra, sentindo a aceleração repentina de seus sentidos.

*Maldição! Laranta latiu.*

*— Eu sabia. — Ayleth ofegou e saltou para a frente.*

*— Sabia o quê? O que você está fazendo? — Terryn exigiu, dando um passo atrás dela.*

Sem responder, Ayleth correu para o lado de sua sombra de lobo. Laranta ficou com os dentes cerrados em torno de algo invisível, e quando Ayleth olhou com sua visão sombria, viu as pontas desfiadas de um fio de maldição quebrado, um filamento de magia de sangue zumbindo, quase mais como canção do que fio, e não totalmente como nenhum dos dois. Ele brilhava com um tom feio de Anathema.

— É isso. — disse Ayleth, com a respiração acelerada de excitação. Ela bateu com o punho na palma da mão e girou para enfrentar Terryn, seus olhos se arregalando enquanto uma onda de urgência corria por suas veias. — Temos que seguir este fio, Venador du Balafre. Isso nos levará à fonte, tenho certeza. Então saberemos de uma vez por todas...

*Senhora.*

Ayleth respirou fundo ao ouvir a voz de Laranta. Ela se virou bem a tempo de ver a maldição que Laranta segurava em seus dentes se transformar em nada com um último zumbido de magia feia e amarga. Não apenas a maldição foi quebrada, agora ela se foi. Não havia pistas para seguir.

Laranta torceu a cabeça e lambeu os lábios como se a maldição tivesse deixado um gosto estranho. Levantando-se, ela inclinou sua enorme cabeça para um lado. *Nós caçaremos?* ela perguntou, mas não muito otimista.

— *Não, Laranta.* — Ayleth suspirou e acenou para que sua sombra voltasse para ela. Laranta obedeceu, perdendo todos os vestígios da forma física e tornando-se nada mais do que fumaça escura e sombra, voltando para a cabeça de Ayleth. Ela se agachou dentro de sua senhora, ainda cheia de poder, mas sua magia não estava mais ativa.

Ayleth voltou sua visão sombria para a cabra morta, em busca de qualquer outro vestígio que pudesse seguir. Algo sobre tudo isso parecia... desligado. Durante o reinado da Terrível Odile em Perrinion, Ylaire

di Jcosa foi uma das tenentes mais ferozes da Rainha Bruxa, uma figura de terror lendário. Sim, seu tempo de prisão na Floresta da Bruxa reduziu seu poder, mas ela ainda era uma força formidável, possuidora de uma sombra formidável. A ideia de que ela escaparia de sua prisão apenas para fugir de volta para ela...

Ayleth estremeceu. Ela mesma havia se aventurado na Floresta da Bruxa não muito tempo atrás. Apenas uma curta jornada, mas uma que ela nunca esqueceria. Ela não conseguia se imaginar escolhendo voltar para aquele lugar infernal. Ela preferia morrer.

Olhando de soslaio para Terryn, ela o pegou mais uma vez olhando para ela de perto. Ele sem dúvida viu o fio da maldição se dissipar também. Ele sabia que ela não tinha nenhum vestígio a seguir agora.

Uma sobrancelha escura subiu por sua testa. — É tarde, di Ferosa. — disse ele, sua voz um estrondo profundo na escuridão. — Você lutou muito esta noite. Vamos encontrar abrigo e descanso. Podemos transportar a carcaça de volta para Milisendis pela manhã.

Ayleth passou a mão pelo rosto, soltando outra maldição por entre os dedos. Então ela acenou com a cabeça e rosnou: — Tudo bem, du Balafre. Faça do seu jeito.



## CAPÍTULO 3

— Isso foi muito perto.

Os olhos de Ylaire se arregalaram, encarando a escuridão. Ela ergueu a mão diante do rosto, torcendo o pulso em uma rotação lenta. O sangue escorria das pontas dos dedos, mas ela não se importava com isso. Piscando para a visão das sombras, ela estudou os fios de maldição brilhantes que fluíram de seus dedos, estendendo-se no éter por quilômetros em cinco direções diferentes.

Não. Apenas quatro agora. O fio de maldição saindo de seu dedo indicador foi quebrado. Desintegrou-se em nada.

Ylaire soltou a respiração em um longo fluxo, terminando com uma maldição. Fechando a mão em punho, ela desabou e esfregou o rosto, deixando manchas de sangue. Aquela maldita venatrix dos Assombrados! Ela estava se mostrando cada vez mais difícil de se desviar da trilha. Três vezes agora a garota tinha chegado muito perto, e três vezes Ylaire tinha apenas conseguido escapar da detecção. Este foi a mais próxima de todas, no entanto. A Vila Cabralet ficava a apenas oito quilômetros de distância. Se ela não tivesse colocado uma maldição naquela cabra tomada pela sombra, se os sentidos Ferais da garota não tivessem sido distraídos...

Ela praguejou novamente, rangendo os dentes e sentindo o gosto de sangue na língua. Se fosse qualquer outra venatrix, ela saberia o que fazer. Ela enviaria um raio de maldição direto através do coração da garota e a deixaria presa ao chão enquanto sua alma se contorcia livre de seu corpo hospedeiro

quebrado e seu sangue fluía para saturar o chão abaixo dela. O desejo de cumprir esse impulso era quase mais do que Ylaire poderia suportar!

Mas essa venatrix... essa garota com seu rosto assustador e tão familiar...

Ylaire balançou a cabeça. Ela não se atrevia a matar esta. Ainda não.

Exausta, ela esfregou o rosto, fazendo uma careta ao sentir suas feições pesadas e feias. Houve um tempo em que Ylaire di Jocosa, Diabo Carmesim e Tenente da Terrível Odile, nunca teria se dignado a levar um corpo de hospedeiro como esta dona de fazenda rude. Ela sempre usou anfitriãs bonitas, fortes, jovens e amáveis. Mas, atualmente, ela tinha sorte de ter um corpo humano de qualquer tipo. Independentemente disso, ela não ousava arriscar outra posse agora. Não quando a notícia poderia chegar facilmente à jovem venatrix.

— Teremos que nos mover novamente. — Ylaire murmurou, balançando a cabeça. — Em breve. A cabra pode tê-la jogado fora da trilha por enquanto, mas ela voltará. — Ela ergueu a cabeça pesada para olhar através do quartinho escuro. Ela nem se atreveu a acender o fogo na lareira. Acreditava-se que esse casebre em ruínas estava abandonado, e um rastro de fumaça saindo de sua chaminé poderia chamar a atenção dos moradores. O quarto individual era minúsculo, uma parede desabando, a chaminé meio desmoronada. Estava frio como uma tumba, iluminado apenas pelo luar que brilhava através das rachaduras nas paredes e na porta.

Um raio de luar caiu sobre o rosto de uma criança dormindo em uma pilha de cobertores de lã do outro lado. Seu rosto redondo repousava sobre um braço magro, e seu cabelo se espalhava de sua cabeça em mechas longas e flácidas. O coração de Ylaire torceu com a visão. A pobrezinha! Não era justo que ela tivesse que viver assim. Caçada como um animal. Ela deveria estar segura em casa, aninhada quente contra o seio de sua mãe.

Mas sua mãe estava morta. Morta por aqueles Evanderianos. Se a criança fosse encontrada, eles também a matariam. Eles iriam construir uma pira e queimá-la viva. E eles chamariam de misericórdia.

Os lábios de Ylaire se afastaram de seus dentes em um rosnado cruel e silencioso. Que mundo este se tornou desde a queda de Odile! Mas não poderia durar. Não, esse mal não poderia sobreviver. Ela encontraria uma maneira de consertar as coisas novamente. Ela tinha que encontrar.

Rastejando pelo espaço estreito entre ela e a criança, Ylaire segurou um ombro pequeno e o sacudiu. — Acorde, pequenina. — Ela disse, tentando fazer sua voz gentil, o que era difícil de controlar com a garganta áspera. — Acorde.

Longos cílios se separaram, e um par de olhos de jade como joias piscaram para ela. — Tia? — a criança disse, sua voz trêmula e pequena. Sentando-se, ela esfregou os olhos com a palma da mão. — Tia, estou com fome.

— Eu sei, doçura. — disse Ylaire. Ela se atrapalhou na escuridão até encontrar o saco de bolo de aveia velho que ela roubou alguns dias antes de uma vila a alguns quilômetros de distância. A mesma aldeia onde ela havia deixado a maldição engodo dentro da cabra tomada pela sombra. Ela partiu um dos bolos ao meio e o entregou à criança, que o mordeu com fome como um ratinho faminto.

O estômago de Ylaire roncou enquanto ela observava. Ela apertou a mão na cintura oca, tentada a comer a outra metade do bolo. Mas ela não se permitia. Ela poderia empurrar este corpo por mais vários dias sem sustento. Ela deveria guardar seus parques suprimentos para a criança.

Nilly deveria permanecer forte. Ela tinha trabalho a fazer.

— Preciso falar com Rasanala. — disse Ylaire enquanto a criança, ainda com fome, pegava migalhas de sua saia e colocava na língua.



Nilly fez uma pausa com os dedos na boca, e seus olhos moveram-se bruscamente para encontrar o olhar de Ylaire. Sua sobrancelha se enrugou. — Rasanala está com sono. — disse ela. — Tão sonolenta.

— Eu sei. — Ylaire estendeu a mão e pegou a mão de Nilly, dando-lhe um aperto encorajador. — Mas não temos muito tempo. Você vai chamar Rasanala para mim? Por favor?

A garota balançou a cabeça e Ylaire se perguntou se ela teria que recorrer a métodos mais severos para conseguir o que precisava. Mas então Nilly colocou o queixo contra o peito e uma onda percorreu sua alma e foi para o éter. Observando com visão sombria, Ylaire viu como a alma mortal dentro da garota deu lugar ao espírito sombrio surgindo de dentro.

A garota ergueu o queixo e ergueu os olhos mais uma vez. Só que agora não era Nilly espiando por entre aqueles cílios pálidos. A boca da criança se mexeu e uma voz estranha e melíflua falou. Uma voz como muitas vozes fundidas em uma. Uma voz sombria.

— *Minha Nilly está com medo.* — Dizia.

— Eu sei. — respondeu Ylaire. — Ela é muito jovem para tudo o que eu peço a ela. Ela não percebe o perigo que corre. Mas você entende, Rasanala, não é?

A cabeça da criança se inclinou ligeiramente para o lado. Então, lentamente, ela acenou com a cabeça. — *Eu entendo. Minha Nilly precisa da minha ajuda. Os caçadores vão matá-la se a encontrarem.*

— Sim. Portanto, devemos fazer o que pudermos para parar os caçadores antes que eles machuquem Nilly. — Ylaire se inclinou para frente e pegou as mãos da garota em seus dedos longos, ossudos e manchados de sangue. Ela olhou seriamente para aqueles olhos brilhantes, e a sombra dentro da criança

olhou de volta. — Eu preciso de sua ajuda, Rasanala. Eu preciso que você tente novamente. Procure a visão.

— *Vou tentar.* — A sombra respondeu, sua voz hesitante. Em seguida, acrescentou: — *Mas devo ter algo que me ajude a pesquisar. Devo ter um conduíte.*

Ylaire acenou com a cabeça. Soltando as mãos da garota, ela enfiou a mão na frente de seu vestido puído e tirou um pequeno frasco preto. Segurando-o contra o luar, ela o sacudiu, observando como o líquido espirrou por dentro. Havia tão pouco... e cada gota valia um reino!

— Estenda a mão. — disse ela.

A criança obedeceu. Ylaire puxou a rolha e, prendendo a respiração, inclinou a garrafa até que uma única gota caiu na boca. Caiu; uma pérola vermelha brilhante pousou no centro daquela palma estendida, brilhando contra a pele pálida.

Os dedos de Nilly se fecharam com força. Sem uma palavra, ela fechou os olhos e abaixou a cabeça, embalando a mão contra o peito. O brilho de jade cintilante de sua sombra brotou do centro de seu ser e pulsou para fora dela em ondas através do éter, visível apenas com a visão sombria, mas tão brilhante que Ylaire teve que proteger o rosto e piscar para a visão mortal ou corre o risco de ser cega. Ela sentiu o poder da sombra ao ser canalizada pela preciosa gota de sangue.

Esse pequeno corpo poderia ser facilmente dominado pela força da magia fluindo por ela. Ylaire agarrou a garrafa com força, os nós dos dedos ficando brancos, e observou a criança com atenção. Talvez ela tivesse pedido demais. Os poderes de um vidente eram imprevisíveis na melhor das hipóteses, tão raros e muito pouco compreendidos. No último mês, Ylaire havia trabalhado para aprimorar as habilidades de Nilly, mas ela era tão jovem, tão pequena. Tão mortal.

Os lábios de Ylaire se moveram em uma súplica silenciosa, como uma oração. — A rainha. A rainha. Encontre a rainha...

Sem nenhum aviso, a cabeça de Nilly foi jogada para trás e seus olhos se abriram. Eles brilhavam com luz de jade, as pupilas e íris totalmente consumidas pelo brilho. Ela abriu a boca e mais luz saiu de sua garganta. A voz musical de Rasanala cantou: — *Eu a vejo! Eu vejo-a! A rainha! A rainha!*

— Onde? — Ylaire não conseguiu se conter. Ela se lançou para frente e pegou Nilly pela frente de seu vestido, quase puxando a criança de seu colchão de palha para o chão. — Onde ela está? Diga-me!

O queixo de Nilly caiu para o peito. A luz mágica se apagou como uma vela apagada. A garota gemeu e cobriu o rosto com as mãos.

— Rasanala! — Ylaire chorou. Ela queria sacudir a garota em seu desespero. Suas mãos tremiam de necessidade, medo e esperança. — Rasanala, me responda! Onde está a rainha? Onde ela está?

Aquela boca riquinha se moveu várias vezes antes que a voz da sombra finalmente sussurrasse: — *Eu a vi... Eu a vi ajoelhada diante de uma pedra negra. Eu vi o homem, o homem todo vestido de ouro. Ele ergueu sua espada e ele... e ele...*

Ylaire não conseguia respirar. — O que você viu? — ela implorou. — Diga-me.

— *Ele cortou a cabeça dela.*

Ylaire largou a criança, deixando-a cair de volta no colchão, e se virou bruscamente, cruzando o quarto. Suas mãos voaram para sua cabeça, puxando seu cabelo, rasgando seu couro cabeludo até que fluxos de sangue correram por seu rosto e pescoço. Então, era verdade. Era verdade! Os outros contaram o que aconteceu, mas de alguma forma ela não acreditou.

Odile. Sua rainha, sua deusa. Odile estava morta.

Decapitada.



Mas não podia ser o fim. Não. Não para Odile. Ela tinha tomado precauções. Ela tinha colocado proteções no lugar... Ylaire apertou o frasco de sangue em seu peito. Seu coração batia tão forte que ela temeu que quebrasse o frasco. Respirando longa e cuidadosamente, ela se acalmou. A história de Odile não acabou. Ainda não. Ainda não.

Ela olhou por cima do ombro para a menina enrolada em uma bola no colchão. A luz da sombra ainda brilhava ascendente dentro dela. — Rasanala... — disse Ylaire, virando-se para encarar a criança, sua voz áspera e áspera. — Você viu para onde levaram o corpo dela?

Aqueles olhos cheios de magia se ergueram, encontrando seu olhar. — *Não. Mas... Posso descobrir.*

Um sorriso, rápido e afiado, cortou o rosto de Ylaire. Ela se abaixou e pegou a menina, colocando-a sobre o quadril. Nilly deu um pequeno grito e tentou se desvencilhar, mas Ylaire a agarrou com força.

— Shhh! — ela sussurrou. — Não podemos ficar aqui, doce menina. A venatrix chegou muito perto esta noite. Devemos seguir em frente, encontrar um lugar mais seguro para se esconder. Mas então... em seguida, minha pequena filha milagrosa... vamos descobrir onde minha rainha está dormindo.

## CAPÍTULO 4

Ayleth nunca gostou da noite após uma caçada. Sempre era difícil trazer seu espírito de volta das alturas emocionantes da perseguição e batalha para as necessidades terrenas do rescaldo. Necessidades como preparar e processar a carcaça obtida à sombra ou anotar os detalhes necessários em seu diário de bordo.

Necessidades como suprimir sua sombra.

*Não, senhora. Não...* – Laranta gemeu tristemente quando sentiu as primeiras notas da música soprando em sua direção.

Ayleth preparou-se e continuou a tocar, os dedos movendo-se com prática familiaridade ao longo das cabeças duplas de seus Vocos, tubo e flauta doce. Foi necessária toda sua força de vontade para não se desculpar, para não suavizar o feitiço enquanto ele se enrolava em sua sombra e a puxava para baixo. Mas com o olhar frio de Terryn olhando para ela, ela não ousaria. Tudo deveria ser feito de acordo com a lei, cada detalhe no lugar.

Quando a música estava completa e o Vocos embainhado mais uma vez, ela se sentiu estranhamente vazia. Estranhamente sozinha.

Terryn se sentou a alguns metros de distância, alimentando uma fogueira de acampamento que ele havia construído para aquecê-los contra a noite que se aprofundava. Um galpão com uma parede flácida servia de abrigo para seus dois cavalos, que mastigavam contentes a aveia em seus sacos de ração. A carcaça da cabra, arrastada da rua do vilarejo, estava enrolada em um pano de saco bem à direita de Ayleth, completando a cena nada idílica.

Ayleth estremeceu. Todas as dores e sofrimentos que ela foi capaz de ignorar enquanto a força de Laranta estava ativa em seu sistema agora saltavam à frente de sua consciência. Em particular, a queimadura se estendendo do pescoço ao ombro e ao longo do braço direito. Não era uma queimadura ruim, nada com que ela não pudesse viver, nada que não sarasse em um ou dois dias. Mas... ela fez uma careta, olhando por baixo do nariz para a manga chamuscada de seu uniforme. As partes foram totalmente queimadas, revelando a pele em carne viva por baixo. O preço do emaranhado com uma sombra Elemental.

— Isso parece doloroso.

A rapidez da voz de Terryn quebrando o longo silêncio a assustou. Ayleth olhou para o outro lado do fogo e o encontrou observando-a de perto. Ele estava sentado de pernas cruzadas, o cotovelo direito apoiado em um joelho. Seu braço esquerdo, envolto em bandagens, estava dobrado perto de seu estômago, sem dúvida ainda latejando do ferimento que ele havia feito, apesar do unguento de tuaflor.

Ele acenou com a cabeça em seu ombro. — Você foi queimada na luta.

— Talvez. — ela respondeu com os dentes cerrados, e se moveu para se sentar em frente a ele. — Não é ruim. Vou cuidá-la quando voltar ao posto avançado.

— Você não trouxe nada com você?

Ela podia ouvir as perguntas não ditas sublinhando suas palavras: *Você não se preparou adequadamente antes de sair à caça? Você é ou não uma venatrix treinada?* Sua mandíbula se apertou. O silêncio permaneceu, quebrado apenas pelo crepitar do fogo.

— Eu tenho alguns. — Ele disse por fim.



Claro que sim. Venador du Balafre nunca sonharia em andar nas estradas do circuito sem uma farmácia inteira, de alguma forma, miraculosamente enfiada em seus alforjes.

Ela apenas o lançou um olhar insosso.

Seus olhos se estreitaram, a luz do fogo brilhando em suas pupilas negras. — Vai ajudar. Você vai descansar melhor esta noite.

— Vou descansar bem, obrigada.

Uma tora quebrou, enviando um jato de brasas giratórias noite adentro. Ayleth fez uma careta. A dor cresceu ao longo de seu braço, tornando-se mais difícil de ignorar no momento. Quando ela não sabia que havia algum disponível, ela foi capaz de empurrar a dor para trás. Mas agora, percebendo que havia um alívio próximo...

Bem, ela não iria pedir por isso. Ele poderia ficar sentado lá com aquela expressão conhecedora durante toda a noite. Ela estava competindo com este homem. Ela não lhe daria nada que ele pudesse usar contra ela. Então, ela segurou a língua, respirou fundo pelas narinas e disse a si mesma que as queimaduras não eram tão fortes, que não a manteriam acordada a noite toda, que a dor não estava, na verdade, piorando a cada segundo.

Com um suspiro, Terryn juntou seus longos membros, levantou-se e marchou para longe do fogo até o galpão onde seus cavalos descansavam, lá para remexer em um dos alforjes colocados ao lado. Ele voltou um momento depois, desta vez para o lado do fogo de Ayleth.

Ela olhou para ele. — O que?

Ele ergueu a mão direita, exibindo um pequeno frasco de barro.

Ela olhou para ele. Ela ergueu o olhar para ele, as sobrancelhas arqueadas.

— Você me ajudou... — disse ele, abrindo a tampa. — Deixe-me ajudá-la.

— Eu não preciso de nenhuma... Ouch! Ei!

Em um movimento rápido, Terryyn pegou um montão de pomada viscosa com a ponta dos dedos, agachou-se e pressionou contra seu pescoço. Ayleth, surpresa, inclinou-se tão rápido que caiu para trás sobre um cotovelo. Ele a seguiu, seus dedos trabalhando em círculos para esfregar a pomada em sua pele. O efeito foi imediato. A dor não desapareceu completamente, mas a queimação crua se acalmou para uma dor maçante e distante. Uma respiração trêmula escapou de seus lábios, apesar de seus melhores esforços. Os dedos de Terryyn eram frios e rápidos, trabalhando com eficiência de especialista.

— Você tem que esfregar bem. — ele murmurou. — Você não precisa de muito, mas precisa trabalhar bem.

Ayleth, ainda apoiada no cotovelo, virou ligeiramente a cabeça. Ele se inclinava sobre ela, sua atenção fixa em seu trabalho. Cachos escuros, ficando um pouco longos hoje em dia apesar de ainda não o suficiente para serem amarrados em uma fita, caíam sobre sua testa. O lado de seu rosto marcado pela cicatriz feia estava escondido na sombra, e Ayleth notou outras feições. A luz do fogo enfatizava a ponta afiada de sua mandíbula, a proeminência de seu nariz longo e fino, o corte de suas maçãs do rosto. Tudo duro como se talhado pela mão de um escultor em pedra escura.

Com um lampejo, aqueles olhos azuis claros levantaram de sua tarefa para encontrar seu olhar. A respiração de Ayleth ficou presa na garganta e ela desviou o olhar, primeiro para o fogo, depois para o céu frio e estrelado. Ela sentiu o olhar dele ainda fixo em seu rosto, e a fricção dos dedos dele quase parou.

Como se repentinamente voltando a si mesmo, ele retomou seu trabalho. A cada golpe, sua dor diminuía. Ele pegou outra pequena

quantidade nas pontas dos dedos e deslizou sob o decote de sua camisa em seu ombro.

Ayleth se endireitou e segurou seu pulso. Ela não conseguiu encontrar seus olhos neste momento. — Hum, eu vou... Eu vou fazer isso. — Sua voz soou fraca em seus ouvidos. Ela se atreveu a olhar em sua direção, viu como seus olhos se moveram de seu rosto para seu pescoço, para aquele lugar onde seus dedos descansavam sob sua camisa.

Ele puxou a mão para trás e estendeu o frasco. — Você provavelmente deveria tirar suas vestes exteriores.

Ayleth não respondeu.

Ele sacudiu o queixo para o lado, em direção à escuridão. — Eu vou me afastar. Encontrar mais lenha.

Ayleth concordou com a cabeça. — Isso é... Sim, boa ideia. — Ela pegou o frasco.

Ele se levantou, deu um passo para trás, seus lábios entreabertos como se quisesse acrescentar algo mais. Em vez disso, ele balançou a cabeça rapidamente, se virou e saiu pela noite, deixando-a sozinha perto da fogueira.

Ayleth esperou até que ela não pudesse mais ouvir seus passos antes de desfazer os laços de seu gibão e camisa, puxando seu braço livre. Ela trabalhou rapidamente, em parte porque o alívio era grande, em parte porque não sabia quanto tempo tinha antes do retorno de Terryn. Seu coração batia forte em sua garganta. Apenas o estresse remanescente da caça à noite, é claro. Ela olhou para o peito, machucado de onde o monstro a atingiu com sua cabeça de cabra. Se Laranta não tivesse ascendido na época, sua caixa torácica teria sido totalmente esmagada, seu torso pulverizado por aquele golpe.

Muitas razões para seu pulso latejar. Não era nada mais do que uma reação retardada ao estresse.



Ela terminou de aplicar a pomada. Se não parecia tão reconfortante como sob os cuidados de Terryn, ela disse a si mesma que era simplesmente porque não o trabalhou tão completamente. Ela deslizou o braço de volta para a manga esfarrapada, amarrou os cadarços da camisa e afivelou o gibão, respirando fundo e se acalmando ao fazê-lo. Então ela se sentou por algum tempo, estudando o fogo, ouvindo os sons do retorno de Terryn.

Ela alimentou a fogueira duas vezes antes que ele finalmente reaparecesse. Ela viu sua forma sombria emergir da escuridão, seu capuz puxado sobre a cabeça para que ela não pudesse ver seu rosto. Ele despejou uma braçada de combustível acumulado, então, sem dizer uma palavra ou olhar em sua direção, caminhou até o galpão novamente. Ela olhou para ele enquanto ele remexia em outro de seus alforjes.

Quando ele voltou para o fogo, passou perto de Ayleth e jogou um pequeno pacote de pano amarrado em sua direção. Quando Terryn se acomodou do outro lado do fogo em frente a ela, ela desamarrou o barbante, e o pano caiu revelando um pedaço duro de pão, uma fatia de queijo não muito mofada e uma tira de carne defumada. Mais uma vez ela se perguntou se deveria protestar, insistir que trouxera seus próprios suprimentos, que não precisava de nada dele. Mas ela só embalou alguns bolos de cevada esta manhã antes de partir. E ela realmente odiava bolos de cevada.

Ela sentiu Terryn olhando para ela novamente enquanto ela mordia a carne defumada, puxando com força a cada mordida. Olhando para cima, ela pegou seu olhar justo quando ela estava no meio de rasgar uma tira particularmente difícil.

Aquela sobrancelha odiosa ergueu-se lentamente.

Ela congelou, um rubor de vergonha aquecendo suas bochechas. — O que? — Ela exigiu com a boca cheia.

— Eu não acredito que eu já tenha visto uma senhora comer com esse... vigor.

Ayleth piscou e forçou a mordida na boca do estômago. — Eu não sou uma senhora. Eu sou uma venatrix.

— De fato.

— Não é como se eu fosse a bailes ou banquetes reais frequentes, você sabe.

— Certamente não.

Ela fez uma careta para sua refeição. O Venador du Balafre, com seu uniforme perfeitamente passado e fivelas perfeitamente lustradas, provavelmente preferia senhoras com enfeites de renda que mordiscavam delicadamente bolinhos ou saboreavam sopa em minúsculas colheres de prata.

O qual era o problema dele e não era da conta dela.

Ayleth deu outra mordida enorme na tira de carne defumada.

Eles comeram em silêncio por um tempo antes de Terryn pigarreando, atraindo a atenção de Ayleth de volta para ele. — Então... — ele disse, torcendo o pescoço e os ombros como se para aliviar a tensão. — Onde você passou por sua doutrinação, Venatrix? Eu sei que você não estava em Breçar, não quando eu estava lá.

Ayleth estreitou os olhos para ele. — Por que você quer saber?

Ele encolheu os ombros, sua boca puxando um pouco para o lado. — Curiosidade.

Ela inclinou a cabeça. — Achei que você não via sentido em uma conversa entre nós. — Ela observou sua reação de perto. Ele se lembrava de seu primeiro encontro no escritório do príncipe em Dunloch tão vividamente quanto ela?

Terryn baixou os olhos e encolheu os ombros novamente. — Já atendemos este bairro juntos há um mês. Temos mais dois meses pela frente antes que essa parceria, tal como está, chegue ao fim. Parece-me que, à luz da nossa associação atual, podemos muito bem saber algo um sobre o outro.

Ele tinha razão, é claro. Irmãos e irmãs de caça tinham que formar laços até certo ponto. Suas vidas frequentemente dependiam um do outro no campo. Os ensinamentos de Santo Evander incentivavam a criação de laços fortes... embora, não muito fortes. Nunca fortes o suficiente para que um irmão caçador hesitasse em derrubar sua irmã caçadora quando necessário, ou vice-versa.

Ayleth apertou os lábios. Ela realmente não queria contar a Terryn nada sobre si mesma. Não fazia muito tempo que ele a acusava de se relacionar com bruxas. Além disso, quantas vezes ele a chamou de herege? Não, Terryn du Balafre não era confiável. E ele era um idiota, além disso.

Ainda assim, se ela desse algo a ele, talvez ela pudesse obter algo dele em troca.

— Castra Vielhir. — Ela disse finalmente. — Fiquei órfã durante a Guerra das Bruxas e fui acolhida pela Ordem quando criança.

Ele assentiu. — Sua família é de Campionarre, então?

— Foi o que me disseram. — Ela enfiou um último pedaço de queijo em sua boca, deixando o gosto forte e azedo distraí-la da torção repentina em seu intestino. A verdade era que ela não tinha memória de sua vida em Campionarre, nenhuma memória de Castra Vielhir, de sua doutrinação, nada disso. Ela sabia apenas o que Hollis havia lhe contado. Isso, e suas suspeitas de que Hollis nunca tinha sido totalmente verdadeira...

Ela estremeceu e sacudiu a cabeça, projetando o queixo na direção de Terryn. — E você? Você foi doutrinado na Castra Breçar?



— Sim.

Ela esperou pelo que pareceu um longo intervalo, debatendo os méritos de sondar por mais informações. Por fim, ela disse: — E você foi aprendiz de Fendrel, Venador Dominus du Glaive, certo? Deve ter sido... interessante.

— Sim.

Embora sua visão sombria estivesse suprimida, Ayleth quase podia ver a parede de gelo se erguendo ao redor do espírito do venador. Ela pegou pedaços de sua história nas últimas semanas. Ela sabia que ele era de Talmain, o mais meridional dos cinco Reinos da Gália. Ela sabia que a mulher que o reivindicou como seu filho tinha sido dama de companhia de uma princesa talmainiana, Leurona di Taureau, que se casou com o Rei Escolhido e deu à luz o Príncipe Dourado antes de morrer logo depois.

Junto com esses fatos, Ayleth também sabia de outra coisa, uma verdade que vinha se formando com mais certeza em seu cérebro havia semanas. Ela vislumbrou um retrato da rainha Leurona no castelo do príncipe no dia em que se apresentou para o serviço, e foi imediatamente atingida pelos intensos olhos pálidos da rainha. Olhos que não se pareciam em nada com os do Príncipe Gerard.

Olhos que pareciam fitar Ayleth agora do outro lado da fogueira, espiando por baixo do capuz de um venador.

Quantas pessoas sabiam? Era de conhecimento geral que o Venador Terryn du Balafre era na verdade o meio-irmão bastardo do Príncipe Dourado? Se ela tivesse detectado a conexão em apenas algumas semanas, certamente todo mundo já teria descoberto há muito tempo. Não era como se Terryn tivesse estado escondido em algum bairro atrasado durante sua infância. Como aprendiz do Venador Dominus, ele teria passado grande parte de seus anos de crescimento na corte do rei em Telianor. Tempo suficiente para

desenvolver um vínculo estreito com o próprio príncipe. Tempo suficiente para ser reconhecido. Todos sabiam e simplesmente optaram por não reconhecer a verdade?

Havia, considerou Ayleth, uma certa simetria no arranjo. Fendrel du Glaive serviu como Capuz Negro para seu irmão mais novo, o rei. Ele nunca poderia ser rei, tomado como ele era. Mas todos sabiam quanto poder e influência o Venador Dominus exercia sobre o Rei Guardin.

Agora aqui estava Terry, também tomado pela sombra, também o irmão mais velho. Treinado desde a infância para servir ao Príncipe Dourado, preparado para um dia assumir o papel de Capuz Negro, a posição mais poderosa que um venador poderia ocupar no reino. E nesse caminho ascendente para posição e glória, ele deveria assumir o posto avançado em Wodechran Borough.

Mas então, Ayleth interpôs-se em seu caminho. Ela impressionou o Príncipe Dourado, o convenceu a lhe dar uma chance na posição, e possivelmente frustrou o destino de Terry no processo.

Não admira que ele a desprezasse.

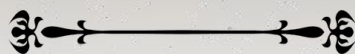
O silêncio durou muito tempo para seu conforto, e a parede de gelo ao redor de Terry apenas se solidificou. Ayleth limpou as migalhas do colo e puxou a capa sobre os ombros, estremecendo um pouco com a pressão sobre as queimaduras.

— Vou dormir. — Anunciou ela por fim. — Acorde-me em duas horas, e cuidarei do fogo por um tempo.

Terry assentiu com a cabeça, seu olhar nas brasas que ardiam sob as chamas.

Ayleth deitou-se no chão frio, rolando para longe do fogo para que pudesse aquecer suas costas geladas. Disse a si mesma que só imaginava o

olhar de Terryn pousado em seus ombros. Enrolando-se em uma bola apertada, ela fechou os olhos e desejou que o sono viesse.



Terryn cuidou do fogo, arrumando cuidadosamente os galhos secos onde poderiam pegar melhor o fogo. Em uma noite como esta, tão perto do inverno, eles precisavam manter o fogo aceso a noite toda. Mas Terryn não tinha previsto uma noite na estrada e certamente não carregou lenha o suficiente para durar até o amanhecer.

Ele se levantou, preparado para se aventurar na escuridão em busca de mais combustível, mas hesitou. Seus olhos se moveram quase contra sua vontade, arrastando seu olhar para Ayleth, enrolada de costas para ele do outro lado do fogo. Dormindo, ele assumiu. Ele deveria acordá-la antes de se afastar? Mas não, a maioria dos caçadores de sombra trabalhava sozinho. Certamente não seria a primeira vez que ela dormia em campo aberto, sem ninguém para vigiar seu sono.

Puxando sua capa ao redor dele, Terryn partiu na escuridão, longe do pequeno círculo quente do acampamento. A visão da sombra brilhou em seus olhos, iluminando sua visão mesmo na profundidade da noite. Em sua incursão anterior, ele encontrou uma árvore morta caída em um campo próximo. Os galhos grandes eram grandes demais para pegar sem um machado, mas os galhos menores estavam secos o suficiente para que ele pudesse quebrá-los e juntá-los em uma braçada considerável. Ele começou a trabalhar com vontade, sua respiração soprando entre lábios frios.



— Castra Vielhir. — Ele murmurou. As palavras escaparam inconscientemente, mas ele fez uma pausa quando se ouviu, e sua boca se torceu em uma carranca.

Foi uma boa história, na medida em que continuou. Ayleth já havia lhe contado que fora aprendiz no bairro de Drauval, que ficava perto da fronteira de Campionarre. Possivelmente sua senhora, esta Venatrix di Theldry de quem ela falava com tanto temor, levava sua aprendiz a Vielhir todos os anos para seus exames anuais, ao invés de Breçar. Fazia sentido...

Mas por que a inquietação persistia em seu intestino? Aquela suspeita inabalável de que Venatrix di Ferosa não era o que parecia.

Com os braços cheios, Terryn voltou para o acampamento, seguindo a luz bruxuleante da fogueira através das sombras. Seus lábios e nariz pareciam congelados, e o alívio de voltar para o alcance quente da fogueira foi tão grande que ele largou a braçada e ficou esfregando as mãos e soprando nos dedos para fazer o sangue correr novamente.

Apesar de tudo isso, Ayleth não acordou. Mas ela se mexeu e se virou durante o sono, o capuz puxando para trás de seu rosto de forma que a luz do fogo iluminou suas feições.

Terryn acrescentou mais alguns gravetos tortos às chamas, concentrando sua atenção nessa tarefa, observando como o fogo lambia a superfície de um graveto, enegrecendo a casca externa, seu calor revestindo as rachaduras com um brilho vermelho e violento. Ele não olhou para ela.

Mas ele estava ciente dela, no entanto. Consciente até a ponta dos dedos.

Claro que havia uma explicação simples. Uma razão pela qual seus sentidos estavam tão sintonizados com sua presença: ela era perigosa. Seus instintos de caçador, afiados ao longo de anos de treinamento, a reconheciam como uma ameaça e, portanto, se recusavam a lhe dar paz quando ela estava

por perto. Foi por isso que seus olhos lutaram contra seu controle, lutando para passar da contemplação do fogo para a contemplação do rosto dela. Era perfeitamente natural, pura autopreservação: a necessidade de ficar de olho no inimigo.

Nada mais.

Por fim, ele desistiu. Afastando-se do fogo e aconchegando-se em sua capa e capuz, Terryn permitiu que seus olhos se voltassem para onde ela estava deitada. O forte brilho vermelho do fogo afiou sua mandíbula e maçãs do rosto. Como ela parecia severa, deitada ali. Sua testa estava tensa, sua boca dura. De alguma forma, mesmo dormindo, ela parecia perigosa. Letal.

Sua garganta engrossou. Terryn engoliu em seco e arrastou os olhos de volta para as brasas fumegantes, as cinzas escaldantes subindo em espirais brilhantes para o céu. Sim, ela era uma ameaça, certo. Esta pseudo-venatrix, esta garota herege de lugar nenhum, representava uma ameaça maior para ele do que qualquer pessoa, qualquer coisa, que ele já conheceu. Esses sentimentos se agitando bem no fundo dele...

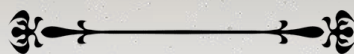
Ele deveria estar em guarda. Enquanto ele permanecesse ciente do perigo, ele poderia lutar contra ele. Mas ele não ousou deixar sua decisão escapar. Nem por um momento.

— Deusa me ajude. — Ele murmurou, e esfregou a mão pelo rosto entorpecido.

Ela começou a murmurar. A princípio, sua voz era tão suave que Terryn não pôde ouvi-la por causa do crepitar do fogo. Ela virou a cabeça bruscamente, primeiro para um lado, depois para o outro, a linha de popa entre as sobrancelhas se aprofundando. Ela murmurou novamente, desta vez mais alto, as palavras ininteligíveis. Sua boca se torceu em uma careta e ela sibilou como se estivesse com dor.

Terryn se endireitou. — Di Ferosa? — ele disse.

Então ela gritou.



O cheiro de pinho encheu suas narinas.

Ayleth gemeu, apertou os olhos com força e os abriu. Uma vegetação entrelaçada apareceu diante de sua vista, cada agulha afiada silhueta contra a luz pálida e suave. Ela piscou e a imagem ficou mais clara.

— Estou sonhando. — Ela sussurrou, e sentou-se ereta.

Os vastos hectares solitários de sua própria paisagem mental se estendiam diante dela e por todos os lados. Quilômetros e quilômetros de floresta de pinheiros e sombras profundas, colinas ondulantes e cumes de montanhas íngremes. Ayleth passou os braços em volta do corpo nu. Ela sempre estava nua aqui, a menos que ela tivesse tempo para imaginar roupas para si mesma. Mas o único outro ser que compartilhava este mundo era Laranta, então ela não se incomodou em cobrir sua nudez.

Ayleth levantou-se, cambaleando um pouco onde estava. O zumbido de uma canção encantada vibrou sob seus pés, a canção de supressão que ela usara para prender Laranta. Ela não teria companhia esta noite para suas andanças de sonho. Suspirando pesadamente, ela deu um passo. E parou imediatamente.

Uma sombra cintilou no limite de sua visão.

Um arrepio percorreu sua espinha, um arrepio não de medo, mas de... familiaridade. Por que ela se sentiu como se tivesse visto aquela sombra antes? Como se, se ela pudesse ter apenas um vislumbre claro dela, ela a reconheceria, ao menos saberia seu nome?



Outro lampejo de movimento. Ayleth girou rapidamente no lugar, mas não o suficiente. Seus olhos viram apenas galhos de pinheiro balançando suavemente, embora não houvesse vento para agitá-los.

Ela deu um passo. Então outro. — Espere. — Ela sussurrou. — Por favor.

Então ela estava correndo o mais forte e rápido que podia. Perseguindo sombras, ela sentiu sem ver, tão perto, apenas no limite de sua visão periférica. Ela sabia o que elas eram. Ela não podia dizer como ela sabia, mas ela se agarrou à sua certeza. Eram suas memórias, suas memórias perdidas, aqueles momentos, aqueles anos, aqueles rostos que eram tão vitais para quem ela era, mas dos quais ela não conseguia se lembrar. Mas se ela pudesse pegá-los, se ela pudesse se lembrar...

Ela rasgou através da floresta, mais e mais rápido, empurrando através da baixa, galhos espinhosos. Seus pés agitando palha de pinho atrás dela. Mais sombras apareceram à frente e três, quatro... seis. Uma dúzia. Nomes queimado na ponta da língua, nomes que ela não conseguia se lembrar. Ela desejava chamar, e ela sabia que se ela pudesse apenas fazer seus lábios formarem os sons certos, aquelas sombras parariam, iriam voltar para ela, iriam mostrar a ela seus rostos.

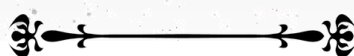
Ela irrompeu por entre uma fileira de pinheiros e parou com os braços na beira de um desfiladeiro. Seu coração bateu forte em sua garganta, e ela caiu para trás com força na saliência de pedra, seus pés arranhando a borda daquela queda íngreme.

Ao seu redor, sombras fluíram para fora da floresta e se espalharam pela borda, desaparecendo na escuridão abaixo. Escapando dela.

— Esperem! Por favor, não vão! — Ela implorou. Levantou-se o suficiente para rastejar até a beira do desfiladeiro. A queda vertiginosa

apareceu debaixo dela, e vertigem girou em sua cabeça. No entanto, ela estendeu uma mão, alcançando para as figuras de fuga. — Voltem. — Ela choramingou. — Rotoro. Dulrudu. Rhadarka. — Então, com desespero suave. — Mãe...

O chão se quebrou embaixo dela. Com um grito, Ayleth caiu para a frente no abismo...



Ela sentiu o vento de uma queda, sentiu o mergulho em suas entranhas, a sacudida em seus membros enquanto tentava agarrar o ar vazio. Então suas mãos agitadas agarraram algo sólido, e ela agarrou tão forte quanto podia.

Só então ela percebeu que estava gritando. Ela tossiu, engasgou, sufocou a voz e lutou para respirar pelo que pareceu uma eternidade, o tempo todo convencida de que seu corpo devia estar quebrado e pulverizado em pedra.

Gradualmente, o pânico diminuiu. Ela respirou longamente e, em seguida, mais longo. Seu coração frenético acalmou seu ritmo, não mais tentando quebrar direito através de sua caixa torácica, e seus sentidos retornaram, um após o outro. Primeiro, inalou o cheiro de fogo, fumaça, e outro, um aroma amadeirado, como o cedro fresco picado. Seus ouvidos captaram o crepitar de ramos queimando e o som da respiração, sua própria respiração, ela pensou. Seus olhos estavam fechados, mas além de suas pálpebras, ela sentiu a centelha de luz vermelha quente.

Uma sensação de calma a encheu. Foi um sonho. Apenas um sonho. Um sonho que ela teve antes, que sempre desaparecia com o amanhecer. Ela poderia tentar se lembrar, mas ela sabia que as imagens iriam desaparecer. Essas sombras... esses nomes...

Ela gemeu e apertou os olhos com força em um esforço para não acordar completamente. Algo frio pressionou sua bochecha, mas fora isso seu rosto parecia estar apoiado em algo quente e sólido. Algo se movendo ritmicamente no ritmo de uma batida de coração em seu ouvido.

Isso era um braço envolto em seus ombros?

Os olhos de Ayleth se arregalaram e ela se afastou de onde aparentemente estava aninhada contra o peito de Terryn. Seus braços e pernas ficaram presos nas longas dobras de sua capa, fazendo-a perder o equilíbrio.

Ele ergueu-se e deu um passo atrás, ambas as mãos para fora. — Venatrix! — ele disse, a voz rouca no fundo da garganta. — Sinto muito, você... Você estava sonhando, e então você gritou. Eu pensei... Eu tentei... e então você se agarrou a mim...

Ayleth olhou para ele. Ela podia sentir a pressão em suas mãos, onde segurou a frente de seu gibão de couro, pressionando o rosto contra seu peito. Seus dedos se moveram para sua bochecha, tocando a marca deixada em sua pele por sua fivela superior.

— Eu... Eu estou... — Ela não conseguia encontrar palavras. Ela tirou os fios de cabelo soltos do rosto e piscou estupidamente para seu companheiro venador. — Estou bem agora. Obrigada.

Terryn parecia querer falar. Seus olhos estavam questionadores e um pouco assustados. Ele parecia estranhamente desamparado, vulnerável até, com as mãos estendidas para ela no ar vazio.

Ele engoliu em seco e se virou abruptamente, caminhando para o lado do fogo. Ele se ocupou por alguns momentos, jogando mais alguns galhos nas chamas, dando-lhe tempo para se recompor.

Ayleth estremeceu e esfregou as mãos pelo rosto. — Você pode muito bem dormir. — disse ela, lançando um rápido olhar através do fogo para



Terryn. Ele encontrou seu olhar, seu rosto em um branco absoluto. Toda aquela vulnerabilidade desamparada se foi tão completamente, ela deve ter imaginado em primeiro lugar. — Eu... Eu posso sentar e vigiar um pouco. — Ela terminou desajeitadamente.

Em vez de responder, Terryn imediatamente envolveu seus ombros com sua capa, deitou-se e se afastou dela, tornando-se nada mais que um amontoado de sombra.

Ayleth fez uma careta para a grande extensão de suas costas. Seu coração batia forte e seus dedos mais uma vez roçaram a marca em sua bochecha. Que idiota ela era! Ela realmente o segurou assim? Como uma criança assustada ou uma donzela desmaiada... Seu rosto esquentou novamente e ela o enterrou nas mãos.

Escuridão e silêncio se estendiam indefinidamente diante dela. Uma hora se passou e depois outra. Ela colocou lenha na fogueira, mas não importava o quão perto estivesse das chamas, ela não conseguia afastar o arrepio em seus ossos. Seu estômago se revirou em nós.

Ela pressionou as palmas das mãos nos olhos, as pontas dos dedos tensas contra o couro cabeludo. Imagens irromperam na escuridão de sua cabeça. Números longos e baixos na floresta... rostos ferozes, retorcidos em rosnados sedentos de sangue.

Seus lábios se moveram quase inconscientemente. Um sussurro escapou do ar frio, soprando em vapores brancos.

— Mãe...

## CAPÍTULO 5

Na manhã seguinte, Terryn voltou para aldeia Cabralet e negociou o uso de uma carroça, que Ayleth atrelou a Chestibor. Juntos, eles soltaram a carcaça da cabra hedionda na cama do carrinho. O cheiro de ferrugem da sombra já se infiltrava através de seus envoltórios de lona. Seria uma viagem de volta para o posto longa.

Ayleth montou em Chestibor e o guiou até a trilha do circuito mais próxima que conduzia a Milisendis. Essas trilhas estreitas que serpenteavam por todo o bairro de Wodechran eram exclusivamente para uso evanderiano, e os habitantes do bairro tendiam a evitá-las, a menos que precisassem dos serviços de um venador. Normalmente, um passeio em circuito era uma atividade solitária. Ayleth não se importava com a solidão. Chestibor era companhia suficiente para ela e, quando estava sozinha, muitas vezes permitia a Laranta um certo grau de ascendência.

Mas hoje, a égua vermelha de Terryn deu um passo à direita de Chestibor. O próprio venador, silencioso e impassível como sempre, observava a estrada à frente, sem dizer nada. Não exatamente amigável.

Ayleth lançou-lhe vários olhares de lado à medida que a manhã avançava. Uma hora se passou sem nenhum dos dois falando. Por que ele não foi na frente? Ela não conseguia pensar em nenhuma razão para ele ficar com ela e a carroça. Seria melhor se ele colocasse um pouco de distância entre eles... se ele desse a ela uma chance de esquecer a sensação de seus dedos tratando suavemente as queimaduras em seu pescoço. Para esquecer o calor duro de seu peito, o peso de seu braço sobre os ombros dela...

Com o calor inundando seu rosto, Ayleth abaixou a cabeça ainda mais nas sombras de seu capuz. Assombrados, droga, essa viagem nunca terminaria?

Determinada a preencher o silêncio, ela limpou a garganta e puxou os ombros. — Então, me fale sobre essa bruxa ruiva que você está caçando, Venador du Balafre.

Ele olhou de soslaio para ela, uma sobrancelha arqueada. — Por que?

— Não sei. — Ela encolheu os ombros. — Pode ser... talvez eu possa ajudar.

— Eu não preciso da sua ajuda.

E lá estava o Venador du Balafre que ela conhecia. Ayleth suspirou, revirando os olhos para o céu. — Como você disse ontem à noite, somos irmãos caça, pelo menos, pelos próximos dois meses. — Um silêncio frio respondeu a isso, mas ela persistiu obstinadamente. — Eu já peguei um pouco de informação aqui e ali. O nome dela é Fayline, não é?

O olhar gelado e contemplativo desapareceu do rosto de Terryn. Ele olhou para Ayleth com alguma surpresa. — Você sabe sobre ela?

— Não realmente. — Ayleth admitiu. — Eu não ouvi nenhuma história. Apenas o nome e outras curiosidades. Eu sei que Fayline era... — Ela fez uma pausa, estranhamente relutante em dizer as palavras em voz alta. — Ela era... importante para o príncipe Gerard. Mas ela foi perdida, tomada pela sombra. — Ela sentiu o olhar de Terryn ao lado de seu rosto e se virou rapidamente para chamar sua atenção. — E agora Gerard tem você caçando essa bruxa porque ele pensa que é Fayline. Ou seu corpo hospedeiro, pelo menos.

— Há mais do que isso. — Terryn deu um longo suspiro e o soltou lentamente, como se decidisse o quanto deveria dizer. Ayleth esperou,



recusando-se a pressioná-lo. Se ele estava disposto a dizer a ela, ela estava disposta a ouvir. Do contrário, ela encontraria suas próprias respostas em seu próprio tempo. Ela não imploraria por fragmentos de informação.

Mas Terryn continuou no passado: — Fayline era a filha mais velha de Duque Celestin d'Aldreda, um dos homens mais poderosos Perrinion. Ele já foi escravizado da Bruxa Fantasma, Inren di Karel. Quando o Rei Escolhido o libertou, d'Aldreda ajudou a prender a bruxa em um feitiço poderoso. Então, antes que os Venadores pudessem impedi-lo, ele matou seu corpo. Violentemente.

Ayleth concordou com a cabeça. Algumas dessas já sabia; Hollis tinha dito a ela como Fendrel du Glaive e outros Evanderianos, incluindo Hollis, tinham trabalhado com um escravo liberado para trazer a queda da Bruxa Fantasma, um dos Diabos Carmesins de Odile. Ela não sabia o nome do escravo em questão, embora ela tinha sido dito que ele estragou a armadilha com uma morte violenta em um momento inoportuno, permitindo, assim, que a bruxa escapasse da condenação final dos Assombrados. A versão de Terryn de eventos se encaixam com o que ela já sabia.

— O espírito de Inren sobreviveu. — Terryn continuou. — Vinculado a sua sombra possuidora. Pouco antes de d'Aldreda desferir o golpe mortal, Inren jurou que ela voltaria e tomaria dele o que ele mais amava. Ela cumpriu essa promessa há quatro anos, na noite do casamento de Gerard e Fayline.

— Seu casamento? — O queixo de Ayleth caiu. Ela não sabia que o príncipe alguma vez se casou. Drauval era tão remota, e notícias do reino eram tão raras que ela nunca tinha ouvido falar de um casamento.

Terryn lançou outro olhar rápido em sua direção, e Ayleth desejou poder retirar suas palavras ofegantes. Mentalmente, ela se culpou por trair mais sua ignorância de garota do campo.

— Sim. — Terryn continuou. Ele ajustou o aperto nas rédeas e olhou para a estrada novamente. — A alma de Inren estava escondida dentro do corpo de um criado em Dunloch. A cerimônia foi quase completa, e o príncipe e sua noiva estavam apenas prestes a abrir o baile de celebração. Todo mundo estava distraído com a música e aplaudindo, e ninguém notou quando um funcionário se aproximou silenciosamente atrás Fayline, pegou uma adaga... e cortou sua própria garganta.

Uma sensação de mal estar se enrolou no estômago de Ayleth. Ela quase podia ver a tragédia como ela aconteceu. A súbita violência da morte ondulando através do éter, impulsionando os espíritos dentro do criado morto para o corpo hospedeiro disponível mais próximo. Na noiva de Gerard.

— E... e a alma de Fayline? — ela perguntou depois de um momento.

— Perdida. — Terryn respondeu pesadamente. — Pelo menos, devemos assumir isso. Corpos mortais não foram feitos para carregar mais de uma alma. Para um único corpo carregar três almas, uma sombra, uma bruxa, e a alma original? Impossível. A bruxa de cabelos vermelhos não é Fayline mais, não importa o que Gerard queira acreditar. É Inren di Karel e sua sombra.

O silêncio caiu mais uma vez. Ayleth optou por não interromper por vários minutos enquanto considerava a história de Terryn. Quando ela conheceu Gerard, ela não sabia que ele era o príncipe. No entanto, mesmo naquela reunião, ele mencionou Fayline, falando o nome dela com tanto desgosto em sua voz. Parecia tão estranho que prometido Príncipe Dourado da Deusa poderia ser permitido a sofrer assim. E a pobre senhora, a pobre Fayline, expulsa de seu corpo, condenada ao esquecimento. Que destino cruel!

Ayleth balançou a cabeça, suas sobrancelhas se aprofundando em uma carranca. Ela entendeu que os caminhos da Deusa eram frequentemente incompreensíveis para os mortais. Como pode uma mente mortal esperar

compreender a complexidade do Divino? E ainda assim as palavras voltaram para ela, palavras ditas por Gerard em seu primeiro encontro: — *Parece uma Deusa ineficaz que não pode salvar as almas de seus filhos.*

Ayleth estremeceu, e o vento de outono soprando em suas costas parecia mais frio do que antes.

— E a bruxa? — ela perguntou longamente. — O que aconteceu com ela?

— Fendrel a perseguiu até Floresta da Bruxa. Ela escapou pela Grande Barreira e ele não a seguiu.

— Você já encontrou alguma evidência de que ela escapou através da abertura que Nane fez? Junto com a Bruxa do Ardor, quero dizer.

Terryn sacudiu a cabeça. — Eu passei o último mês à procura de alguma indicação de que Inren voltou a Wodechran. Até agora, cada rumor levou a lugar nenhum. Eu não acredito que ela escapou da Floresta da Bruxa.

Ayleth não o pressionou com mais perguntas. De alguma forma, a garantia dele não acalmou sua mente, mas ela manteve a boca fechada e focada na estrada à frente.

Por fim, o Posto Avançado de Milisendis apareceu, sua torre de vigia era o ponto mais alto do vale abaixo. Um lampejo de cor perto do portão chamou a atenção de Ayleth, e ela olhou para a frente, meio desejando que o poder de Laranta aumentasse sua visão. Do jeito que estava, ela tinha apenas sua visão mortal para depender e não estava totalmente certa do que viu.

— Essa é a libré Dunloch? — ela perguntou, as primeiras palavras que ela disse há algum tempo.

Terryn ergueu o queixo, seus olhos penetrantes sob a sombra de seu capuz. — Eu acredito que sim. Um mensageiro do príncipe.

O coração de Ayleth disparou. Se o príncipe havia enviado uma mensagem até Milisendis, devia haver atividades de sombra perto de



Dunloch. Terryn, obviamente compartilhando essa conclusão, esporeou sua égua vermelha à frente de Ayleth até o portão do posto avançado, saudando o mensageiro com a mão erguida. Ayleth pediu a Chestibor que se apressasse atrás, e a carroça retumbou e desceu pelo declive pedregoso.

O mensageiro era pouco mais que um menino, um jovem magricela e sardento que estufou o peito, tentando encher o uniforme enorme e enfrentar bravamente os evanderianos que se aproximavam. Por seu olhar arregalado, Ayleth sabia que ele os temia tanto quanto temeria qualquer outra sombra que encontrasse no bairro. Sua mão tremia enquanto entregava um pergaminho enrolado a Terryn.

Terryn não esperou que Ayleth chegasse ao portão antes de abrir e ler a mensagem do príncipe. Ela empurrou Chestibor um pouco mais rápido, dando ao magro mensageiro um breve olhar enquanto ela se colocava ao lado de Terryn. Ele pareceu chegar ao fim da mensagem assim que ela se aproximou.

Ayleth estendeu a mão. — Posso?

Terryn rolou o pergaminho novamente e o enfiou na frente de seu gibão. — É dirigido a mim. Eu fui convocado para Dunloch. Você deve permanecer aqui e cuidar das necessidades do bairro.

Uma pedra caiu no estômago de Ayleth. Isso era um sinal de que Gerard tinha escolhido seu favorito? Mas ele disse que tinham três meses para competir pelo posto!

— Quando você vai voltar? — ela perguntou com os dentes cerrados.

— Por que? — Terryn ergueu ambas as sobrancelhas. — Você acha que vai precisar de mim?

Ayleth olhou furiosamente. Em vez de responder, ela virou-se para o courier, oferecendo-lhe um aceno formal. — Você precisa de mais alguma coisa?

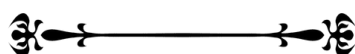
O menino balançou a cabeça, o cabelo caindo sobre os olhos.

— Muito bem. — Ela desmontou e abriu o portão. Conduzindo seu cavalo e carroça até o pátio do posto avançado, ela não olhou para trás, nem mesmo quando ouviu os sons da égua de Terryn e do pônei do mensageiro trotando de volta através do vale, indo para o oeste em direção a Dunloch.

— Vou ver cuidar das necessidades do bairro. — Ela murmurou enquanto descarregava a carcaça cabra levada à sombra na casa dos ossos. — Vou tomar conta de tudo por minha conta, enquanto você coloca os pés para cima no castelo. Aproveite o seu feriado, Venador Terryn. Você vai precisar!

Ela gostaria de ter pensado em dizer tudo isso na cara dele, só para vê-lo se contorcer. Afinal, esta era a oportunidade de que ela precisava: a chance perfeita de provar a Gerard que podia cuidar do bairro sozinha, sem a ajuda de Terryn.

Além disso, ela não tinha certeza se estava pronta para enfrentar o belo príncipe novamente. Não tão cedo depois de saber da tragédia de seu amor perdido.



— Terryn, Venador du Balafre, Vossa Alteza.

O Príncipe Gerard deu meia volta de sua contemplação de um retrato na parede da galeria para reconhecer o criado na porta. O criado recuou e Terryn ocupou a porta em seu lugar, o topo de sua cabeça quase roçando o lintel. Ele fez uma rápida reverência, mais por hábito do que por deferência, e entrou na galeria, deixando o criado fechando a porta atrás de si.

— Você está pronto, Terryn. — disse Gerard, retomando seu estudo do retrato, os braços cruzados sobre o peito. — Eu esperava que você saísse para

caçar. Billin acabou de te pegar em casa? — Sua voz tinha um tom que ele não se preocupou em esconder. Ele sabia que Terryn sentia isso.

Depois de uma pausa que durou um pouco longa demais para ser consolada, Terryn disse: — Não estive ocioso, Alteza, se é isso que está insinuando. Tenho seguido cada boato e cada sussurro de boato. Ainda não encontrei nenhuma prova de que ela voltou para o bairro de Wodechran.

— Fayline, você quer dizer. — Gerard sussurrou.

Outra pausa. Então, baixinho: — Você sabe de quem estou falando.

Gerard deu um longo suspiro, suas narinas dilatadas. Ele sentiu a intensidade dos olhos de Terryn estudando-o, mas continuou a olhar para o rosto da mulher no retrato: Rainha Leurona, sua mãe. Ela morrera antes que ele pudesse se lembrar, e ele costumava vir aqui para olhar seu rosto, para estudar aquelas feições, para tentar ter uma noção da mulher que ela tinha sido. Mas a mulher alta e digna apenas olhava para ele com olhos frios e penetrantes. Olhos que não eram nada parecidos com os de Gerard.

A mandíbula do príncipe apertou. Ele se afastou do retrato para enfrentar Terryn, que encontrou seu olhar e o sustentou.

— Se ela estiver perto, eu a encontrarei. — Terryn disse. Ele deu um passo mais perto e sua voz caiu uma oitava. — Eu juro para você, Gerard: você terá sua vingança. A alma de Inren será condenada aos Assombrados pelo que ela fez.

Gerard balançou a cabeça. — Não é por isso que eu chamei você aqui. Na verdade, devo pedir-lhe que deixe essa caçada de lado por enquanto e assuma uma nova missão.

Estreitando os olhos com suspeita, Terryn virou a cabeça ligeiramente para um lado. — Prossiga.



E aqui chegou o momento, o momento em que Gerard deveria falar em voz alta a verdade do futuro prestes a descer sobre ele. — A Noite de Consagração é daqui a uma semana. — Ele disse, forçando sua voz a permanecer nivelada e calma apesar do peso esmagando seu coração. — O duque d'Aldreda escreveu e exigiu o cumprimento do contrato que fiz com a sua casa. Eu vou... — Gerard engoliu em seco para molhar a garganta seca. — Devo tomar Cerine d'Aldreda como minha noiva durante a Noite de Consagração.

Terryn piscou. Ele abriu a boca, começou a falar, mas se conteve.

Gerard se apressou em preencher aquele silêncio antes que se tornasse insuportável. — Dama Cerine deve chegar amanhã. O duque d'Aldreda também, é claro. E meu tio. Fendrel está trazendo venadores e venatrizes de Castra Breçar para zelar pela segurança de Dunloch, isso sim... de modo a...

Para que a história não se repetisse. Para que nenhuma bruxa ou tomado pela sombra descesse sobre os foliões e amaldiçoasse a noiva do príncipe. Ele não precisava dizer isso. Terryn sabia.

— Meu pai se juntará a nós na noite da cerimônia, junto com uma série de celebrantes de Telianor, vindo para a cerimônia e para o baile de casamento.

— Gerard deu a Terryn um olhar rápido, mas se afastou de novo quase imediatamente. — Eu quero que você esteja por perto. Sinto que posso precisar do seu apoio nos próximos dias.

— Você não tem que se casar com ela, Gerard.

As palavras atingiram seu intestino como pedras. Gerard fez uma careta, mas encolheu os ombros, os braços ainda cruzados com força sobre o peito. — Eu devo casar com alguém. Eu sou o filho do Rei Escolhido. Nossa linhagem é destinada a governar Perrinion ao longo de uma Idade de Ouro. Difícil fazer isso se eu me recusar a casar, se eu me recusar a ter crianças touros.

— Não tem que ser Cerine. — Terryrn disse. — Você pode escolher outra pessoa. Quando você estiver pronto.

Gerard bufou. — Tente dizer isso ao meu pai. Ou d'Aldreda, por falar nisso. Eu, como eles são rápidos em apontar, assinei um contrato com a família Aldreda. E eles têm uma filha em idade de casar. Romper esse contrato seria quebrar a fé com o senhor mais poderoso de Perrinion.

— Você é o príncipe. Você decide.

— Eu sou o Príncipe Dourado. — Gerard abaixou a cabeça, sentindo o peso dos olhos de sua mãe morta olhando para ele do retrato. — Meu futuro foi decidido por mim há muito tempo.

Outro silêncio. Nem mesmo Terryrn, seu partidário mais forte, ousaria contradizer a verdade das palavras de Gerard. Ambos conheciam a profecia, eles foram criados nela desde antes de suas memórias começarem. Isso moldou suas vidas até o âmago. Tentar negar o destino do Príncipe Dourado seria negar a vida e a existência.

— Eu gostaria que você ficasse em Dunloch até que tudo estivesse finalizado. — disse Gerard. — Você fará isso por mim, Terryrn?

— Fendrel ficará surpreso por eu não atender às necessidades do bairro.

— Terryrn respondeu, e Gerard ouviu a tensão na voz de seu amigo. A primeira lealdade de Terryrn sempre foi ao príncipe, mas ele também tinha um papel a cumprir. O papel cuidadosamente elaborado que Fendrel moldou para ele ao longo de muitos anos. — Não posso abandonar o posto avançado.

— Você dificilmente o abandonaria. Venatrix Ayleth é perfeitamente capaz de lidar com as sombras em Wodechran por conta própria.

Uma expressão complicada apareceu no rosto de Terryrn, uma mistura de frustração e reconhecimento relutante. Ele não disse nada, mas Gerard

interpretou isso como um sinal de que Ayleth era de fato, para desgosto de Terryn, muito boa em seu trabalho.

— Eu preciso de um aliado aqui comigo. — Gerard persistiu. — Uma semana, só isso. Você não estava aqui quando... quatro anos atrás. Muitas vezes me pergunto se as coisas poderiam ter sido diferentes se você estivesse ao meu lado. Eu confio em você e confio em seus instintos. — Ele respirou fundo, com medo de dizer muito, igualmente com medo de dizer muito pouco. — Eu não quero que nada aconteça com Cerine. Embora eu duvide que Inren tentaria o mesmo truque duas vezes, é perturbador, para dizer o mínimo, que esses rumores sobre a bruxa ruiva tenham começado a surgir agora. Pouco antes da Noite de Consagração.

A cicatriz enrugada na bochecha de Terryn se contraiu de tensão. Mas ele disse apenas: — Eu ficarei.

Gerard deu um suspiro de alívio. — Obrigado. Vou arrumar um quarto para você. — Com isso resolvido, ele deu dois passos em direção à porta antes de parar e olhar para trás por cima do ombro. — A propósito, como vão as coisas com você e Venatrix Ayleth? Em sua competição, isso é. Vocês estão trabalhando bem juntos na administração do bairro, não é?

— Venatrix Ayleth é... capaz.

Do taciturno Venador Terryn, este era um grande elogio, de fato. Praticamente jorrando.

— Então, você gosta dela? — Gerard disse.

As narinas de Terryn se dilataram ligeiramente. — Ela não é totalmente sem mérito.

A boca de Gerard se curvou para um lado. — Então, você a ama.

Terryn revirou os olhos e passou roçando pelo príncipe sem sequer fazer uma reverência, apenas murmurando: — Assombrados, maldito seja, Gerard.



— Ele marchou através da porta e saiu pelo corredor além, deixando Gerard rindo atrás dele.

## CAPÍTULO 6

A noite escureceu o céu quando Ayleth finalmente saiu cambaleando da casa de ossos, um fedor de vinagre e sabão em pó flutuando em seu rastro. Preparar a carcaça de cabra empenada para envio a Castra Breçar foi um procedimento mais longo e mais sujo do que ela havia previsto, e depois disso ela teve que esfregar a casa dos ossos completamente.

Agora, manchada de sangue e flácida de exaustão, ela cambaleou pelo pátio do posto avançado, em direção ao fortim. Ela mal tinha dormido na noite anterior durante seu pequeno acampamento com Terry, e seu coração se fixou com um único propósito em sua cama.

O zumbido de suas canções de feitiço de supressão vibrou estranhamente dentro dela enquanto ela passava pela porta do fortim, indo para a escada. Ela realmente deveria fazer uma pausa e reafirmá-los, cuidar de amarrar sua sombra completamente antes de dormir. Mas... porquê? Ela esfregou a mão contra um olho cansado, depois o outro. Laranta não a machucaria. Dane-se a lei evanderiana, que sua sombra tenha um pouco de ascendência pelo menos uma vez! As duas ficariam mais tranquilas como resultado.

Além disso, se Laranta estivesse ascendente, ela não estaria sozinha em seus sonhos.

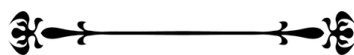
Apoiando-se pesadamente no corrimão da escada enquanto subia, Ayleth parou no patamar do segundo andar. Havia dois quartos neste nível: o do Venador Kephan, que foi mantido pronto na expectativa de seu retorno, e o outro quarto, que antes pertencia ao Venador Nane, e que Terry rapidamente reivindicou ao chegar pela primeira vez em Milisendis um mês

atrás. Ayleth fixou residência na torre, embora tenha conseguido adquirir um colchão irregular e algo que quase poderia passar por um travesseiro...

Seu olhar deslizou para porta aberta do Terryn. A porta de seu quarto intocada, tão perfeitamente ordenado, sem sequer uma partícula de poeira. Para a cama dele, tão convidativamente feita, os cobertores nítidos e limpos como se ele se esforçasse para arrumá-los todas as manhãs. Isso travesseiro, tão suave, tão branco.

Ayleth empurrou a porta, tirou o cinto e as bainhas, jogando-os em uma pilha no chão, depois caiu na cama sem se dar ao trabalho de tirar as roupas manchadas de sangue e cheirando a vinagre. Ela adormeceu momentos depois que sua cabeça bateu no travesseiro, poupando apenas um pensamento passageiro de que cheirava a Terryn, como agulhas de pinheiro esmagadas e cedro recém-cortado e fumaça e...

Seus roncos logo ecoaram pelo fortim.



*Senhora. Senhora, acorde.*

Ayleth gemeu e rolou, aninhando-se nos cobertores e apertando os olhos com força.

*Senhora. Fedor. Magia ruim.*

Com um bufo e um murmúrio, Ayleth balançou a cabeça. — *Vá embora, Laranta.* — Ela rosnou dentro de sua cabeça. Mas sua sombra de lobo estava lá, ascendente e insistente. Ela cutucou a consciência de Ayleth e gemeu baixinho. Ayleth praguejou e se enrolou em uma bola de cobertores e ressentimento. — *Eu deveria ter suprimido você!*

*Magia ruim, senhora, Laranta persistiu. Fedor. Mau Mau Mau...*



Os olhos de Ayleth se abriram.

Um raio de sol pálido entrou pela janela e pousou bem em seu rosto. Já era de manhã? Ela tinha dormido a noite toda? Gemendo, ela se apoiou nos cotovelos e de alguma forma conseguiu levantar a cabeça e soprar fios de cabelo do rosto. Por um momento, ela não conseguiu se lembrar onde estava, qual travesseiro macio e branco agora tinha a marca de sua cabeça e as manchas de seu rosto ensanguentado e sujo. Então ela se lembrou.

Ayleth sorriu maliciosamente. Terry n ficaria tão bravo quando descobrisse onde ela havia passado a noite. Ela inclinou a cabeça, apurando os ouvidos. Nenhum som de movimento no andar de baixo ou no quintal. Aparentemente, ele não havia retornado durante a noite. Se ele tivesse, ele certamente a teria expulsado de sua cama e quarto. Ele ainda deveria estar com o príncipe em alguma missão secreta importante.

Seu sorriso se transformou em uma careta. Ela balançou a cabeça com força e se sentou, balançando as pernas na beira da cama. Ao fazer isso, ela respirou fundo... e um fedor pútrido encheu sua cabeça. — ECA! O que em nome da Deusa...?

Colocando a mão sobre a boca e o nariz, ela deslizou para fora da cama e olhou ao redor do quarto. Por que ela não notou um fedor tão horrível muito antes? Como ela conseguiu dormir com isso? Segurar o nariz não ajudou em nada. O cheiro parecia permear sua pele.

Espere. Ela franziu a testa quando a realização A atingiu. Isso não era um fedor de jeito nenhum. O que quer que ela tenha experimentado, foi uma sensação sombria, não mortal. Fedor era a melhor palavra para descrevê-lo, a coisa mais próxima que sua mente mortal poderia compreender para algo tão asqueroso, tão nojento.

— *Laranta?* — Ela falou em sua mente.

Bem no fundo, Ayleth sentiu sua sombra puxando os feitiços da música relaxada, movendo-se em direção à vanguarda de sua consciência. Oh, certo. Ela se lembrou agora: ela não havia fortalecido os feitiços de ligação na noite anterior antes de adormecer. Nas últimas muitas horas, Laranta estivera puxando suas supressões, e quanto mais ela puxava, mais seu poder e consciência aumentavam em ascendência.

*Senhora, a sombra do lobo rosnou, rastejando dentro de sua cabeça. Algo... está errado. Perto. Mau.*

*— O que é isso? E onde está?*

Laranta guiou os olhos de Ayleth para ela, direcionando-os para o baú simples de latão perto da parede sob a janela. Ayleth cruzou o quarto, estremecendo e estremecendo à medida que o fedor, na falta de uma palavra melhor, aumentava. Tinha que ser algo mágico para atingir seus sentidos de sombra com tanta força. Outra das maldições do Venador Nane disparou? O venador havia lançado uma série de maldições em todo o posto avançado que, nas semanas após sua morte, começaram a disparar ou quebrar, às vezes com efeitos desastrosos.

Isso não parecia uma maldição, de alguma forma. Não havia nenhuma aura de magia Anathema no quarto.

Ayleth ajoelhou-se diante do baú e levantou a tampa. Uma nuvem pútrida pareceu subir e atingi-la no rosto, e ela se recostou apressadamente, segurando o estômago, apenas para evitar vomitar direto no baú de pertences de Terryn.

*Mau, Laranta choramingou em sua cabeça. Mau. Mau. Mau.*

*— Sim, eu sei.* — rebateu Ayleth e, preparando-se, olhou para dentro de novo. O baú continha vários pertences pessoais de Terryn: camisas e calças sobressalentes, quantas peças sobressalentes ele tinha? Fivelas, esporas,

pedaços e peças. Ayleth empurrou-os de lado, pouco se importando em perturbar o arranjo ordenado do venador, cavando até encontrar uma bolsa no fundo do baú. O fedor sombrio vinha de dentro.

Com os dedos estremecendo como se fosse tocar um rato morto, Ayleth pegou a bolsa. Era como as bolsas que ela usava no cinto quando saía em uma caçada, usadas para carregar pequenas coisas ou coletar amostras. Esta era de qualidade muito mais fina do que a dela, é claro, mais nova, a julgar pela costura e frescor do couro. Por dentro, ela sentiu algo duro e redondo, com pouco mais de uma polegada de diâmetro.

Ela franziu o cenho. A curiosidade superando sua repulsa, ela abriu a bolsa e a virou. Uma pedra negra caiu com um estalo e rolou pelo chão. Mais uma vez, Ayleth engasgou, tapando a boca com a mão para tentar conter o arfar no estômago.

A pedra assentou na mancha de luz do sol no chão. Sua superfície facetada, em vez de refratar a luz, parecia sugá-la para dentro e devorá-la, tornando o quarto mais escuro do que deveria. Um miasma de magia azeda e quebrada a cercava.

— *Laranta, dê-me sua visão.* — disse Ayleth, e piscou para uma visão sombria. Agora ela podia ver a magia, todos os tentáculos contorcendo do encantamento quebrado, uma massa densa e emaranhada em torno daquela pequena pedra. — *Isso é... perigoso?* — ela perguntou.

*Dê-me minha liberdade,* Laranta respondeu, puxando a última das canções de supressão que a envolviam. Ayleth se levantou e se afastou da pedra para pegar seus cachimbos Vocos na pilha de bainhas e cintos no chão. Ela os moveu em forma de V e tocou uma variação apressada da Canção de Desvinculação. No momento em que as supressões já soltas foram relaxadas ainda mais, Laranta deu uma grande sacudida em sua substância espiritual e



saiu da cabeça de Ayleth para se manifestar em sua forma de lobo no quarto. Embora ela fosse muito grande para caber adequadamente naquele espaço, sendo uma criatura de espírito em vez de substância física real, ela não deixou que isso a incomodasse, mas parecia moldar a realidade ao seu redor para atender às suas próprias necessidades.

Com pés enormes, ela se aproximou da pedra facetada onde ela estava comendo a luz do sol, seus fios de encantamento quebrados se contorcendo como cobras vorazes no éter ao redor. Laranta cheirou a pedra. Então seus lábios se curvaram e ela recuou, rosnando.

— *O quê?* — exigiu Ayleth. — *O que é isso?*

*Morte*, disse Laranta, e estremeceu, o pelo preto ondulando em baforadas de substância espiritual esfumaçada. *Morte*. Ela estremeceu novamente. *Má*.

Usando seus sentidos sombra tão pouco quanto possível para evitar esse terrível fedor, Ayleth entrou para o lado de Laranta e se agachou sobre a pedra. Como disse Laranta, não parecia como se a magia em torno da esfera estivesse ativa. Ela a pegou com cuidado, segurando-a entre o indicador e o polegar e ergueu-a ao nível dos olhos.

Parecia uma joia. Um enorme, joia bem cortada. Ayleth certamente não era especialista em pedras preciosas, mas ela estaria disposta a apostar que era oblidite. Memória agitou-se na parte traseira de seu cérebro. Algum conto quase esquecido que ouviu anos atrás. Trazendo a pedra mais perto de seu rosto, ela olhou através das facetas, bem lá no fundo.

E viu se contorcendo a escuridão viva em seu centro.

Ayleth largou a pedra e levantou-se cambaleando, recuando. Seu coração disparou com a compreensão do que ela havia descoberto. — Uma âncora. — Ela respirou. — É uma âncora de maldição. Pertence a Bruxa Fantasma.

Quantas longas horas ela havia passado quando criança, debruçada sobre as intermináveis notas e detalhes que Hollis escreveu para ela? Detalhes sobre os Diabos Carmesins, os tenentes da Terrível Odile dos dias da Guerra das Bruxas e as sombras que eles carregavam.

Inren di Karel, a Bruxa Fantasma, carregava uma sombra Evanescer, um ser que poderia abrir fendas entre este mundo e os Assombrados. Enquanto Inren mantivesse uma conexão com uma âncora neste mundo, ela poderia entrar e sair dos Assombrados à vontade em qualquer lugar dentro de um raio de um quilômetro da própria âncora.

Ayleth olhou para o olho com crosta de diamante que jazia inerte no chão. Sua aceleração cardíaca diminuiu. Quaisquer que fossem os feitiços implantados naquela âncora, foram quebrados. Não podia mais ser usado pela Bruxa Fantasma, então Ayleth não precisava temer uma aparição repentina no quarto ao lado dela.

Mas cem perguntas encheram sua mente de uma vez. Como Terryyn conseguiu uma das velhas âncoras de Inren? Era parte de sua investigação? Ele disse a ela ontem que não havia encontrado nenhuma evidência para apoiar os rumores de que o Bruxa Fantasma havia retornado. Esta âncora não era evidência? Ou era apenas uma velha âncora, sem importância porque os encantamentos foram quebrados há muito tempo?

Ayleth achava que não. Se a conexão entre a âncora e Inren tivesse sido quebrada por mais de um ano, o encantamento teria se dissipado completamente, deixando nada além de uma pedra negra. Esses fios de feitiço emaranhados ainda eram potentes e pútridos. Quebrados recentemente.

O que significava que Terryyn estava errado. Afinal, a Bruxa Fantasma havia escapado da Floresta da Bruxa. Além do mais, se ele tinha esta âncora em sua posse, ele sabia disso.

Uma lasca feia de suspeita deslizou pela garganta de Ayleth. Ela tentou argumentar. Afinal, era perfeitamente possível que Terryyn não percebesse o que ele tinha. Se Ayleth não tivesse se esquecido de reforçar seus feitiços de supressão na noite anterior, ela não teria notado nada de errado no quarto. Terryyn manteve sua sombra ainda mais presa. Talvez ele não tivesse sentido a magia podre.

Mas não. Ela sabia que não devia acreditar. Se ela podia reconhecer uma das âncoras do Bruxa Fantasma, Terryyn certamente poderia. E ele reteve essa informação propositadamente. Por quê?

Ayleth afastou-se da âncora de olho, cruzando os braços. Ela precisava pensar, precisava ver a razão através de todas as incertezas escuras que se aglomeram sua mente. Quando ela se virou, no entanto, seu olhar foi atraído por algo que ela tinha visto a noite anterior, quando entrou pela primeira vez no quarto de Terryyn.

Ele havia pregado um grande mapa na parede à esquerda de sua cama, um mapa do bairro de Wodechran, e um mapa bastante complexo. Não fazia parte da coleção do Venador Kephan, que Ayleth havia estudado com muito interesse durante seus primeiros dias em Milisendis, este era o mapa do próprio Terryyn, possivelmente um que ele mesmo havia desenhado. Tinha aquele refinamento preciso, característico do trabalho de Terryyn.

Mas nenhum desses detalhes interessou tanto a Ayleth quanto o estranho círculo vermelho no canto inferior direito do mapa, não muito longe da linha nítida que indicava a Grande Barreira. Ela se aproximou e leu as palavras dentro daquele círculo, Cró Ular.

A Torre de Sangue e Olhos. O antigo reduto de Ylaire di Jocosa e Inren di Karel.



Ela deu um passo para trás novamente. Enquanto o resto do mapa estava limpo e ordenado, representado em uma tinta marrom profunda, aquele círculo vermelho destacava-se claramente, como um sinal de fogo.

Olhando para Laranta, Ayleth viu as orelhas de sua sombra de lobo eriçadas. *Caçada?* ela perguntou, sua voz um grunhido profundo na cabeça de Ayleth.

Ayleth não respondeu. Ela mastigou pensativamente o interior da bochecha e, em seguida, sacudindo a cabeça com força, voltou o olhar para o mapa. Terryn havia cavalgado para Cró Ular com Venador Kephán três semanas atrás, quando caçava a Bruxa do Ardor, Ylaire. Ele disse a ela que não encontraram nada ali de interesse. Apenas pilhas de pedras quebradas.

Mas e se Ylaire e Inren, tendo escapado de Floresta da Bruxa, tivessem retornado ao local de seu antigo poder? Poderia ser que Terryn tivesse descoberto mais do que ele deixou transparecer?

Ayleth olhou para a âncora no chão. Obviamente, ele tinha.

A resolução se firmou em seu coração. Ela estava em movimento antes de ter percebido, alcançando a âncora e colocando-a de volta em sua bolsa. Aí ela trouxe seus cintos e bainhas e chamou de volta por cima do ombro. — *Venha, Laranta.* — Ela apressou-se até a sala principal abaixo. Lá ela começou a trabalhar, juntando um novo suprimento de venenos, colocando as aljavas por cima do ombro.

Sua sombra de lobo a observava com interesse, um espírito sombrio brilhando com ansiedade. — *Nós caçamos agora?* — Laranta perguntou enquanto Ayleth vestia sua capa.

Ayleth puxou o capuz vermelho sobre a cabeça. — *Nós caçaremos, Laranta.* — disse ela.

## CAPÍTULO 7

Terryn agarrou seu pulso esquerdo com o punho direito, ambas as mãos pressionadas contra suas costas. Com os ombros retos, a cabeça erguida, ele assumiu uma expressão de perfeito estoicismo, pronto para enfrentar o que quer que viesse. De pé na escada de pedra da frente da torre de menagem do castelo, vários degraus acima e atrás de Gerard, ele observou a procissão que ainda agora passava pelo portão e cruzava a ponte para o Castelo Dunloch.

O duque d'Aldreda estava à frente da companhia. E ao lado dele em um cavalo preto alto vinha Fendrel, Venador Dominus du Glaive.

Fazia mais de um ano desde que Terryn se encontrou pela última vez com seu antigo mestre em pessoa, mas apenas alguns meses desde sua correspondência mais recente. Terryn estava servindo como irmão de caça em um bairro no extremo norte quando a mensagem de Fendrel chegou, ordenando-lhe que se apressasse em Wodechran para reivindicar a posição recentemente vaga em Milisendis. Embora Fendrel sempre tivesse pretendido que Milisendis caísse sob os cuidados de Terryn, Terryn não esperava a nomeação por muitos anos ainda. A tragédia da morte de Nane criou uma oportunidade inesperada, e ele se apressou em obedecer às ordens de seu mestre.

Apenas para encontrar uma certa venatrix teimosa permanecendo firmemente no caminho de seu destino.

A companhia progrediu em torno da unidade circular branca agora, rodas de uma carruagem e cascos de cavalo fazendo barulho em pedras de pavimentação. Como outras partes viajariam para Dunloch para o casamento,

iriam criar pavilhões no gramado grande verde fora do castelo, d'Aldreda e sua comitiva teriam quartos no próprio castelo. Assim como Fendrel. Fendrel poderia ser um venador e acostumado para um estilo de vida áspero-e-pronto, mas ele também era irmão do rei e tio de Gerard. Ele não seria convidado a dormir em uma barraca.

Terryn engoliu em seco, tentando molhar sua garganta seca. Era ridículo sentir essa tensão por enfrentar o Dominus novamente. No entanto, uma parte dele, uma parte maior do que ele gostava de admitir, de repente desejou que ele estivesse em qualquer lugar, menos aqui.

Os dois homens a cavalo puxaram as rédeas na base da varanda do castelo. Terryn lançou um olhar para Gerard, vendo como a mandíbula do príncipe se contraiu antes de forçar um sorriso de boas-vindas em seu rosto. Gerard sabia como jogar os jogos da corte com muito mais eficácia do que Terryn jamais saberia. Levantando a mão em saudação, o príncipe deu os últimos passos até a entrada. — Bem-vindo, meu senhor duque. — disse ele. — Bem-vindo, tio

Ambos os homens desmontaram e entregaram seus cavalos aos cavaleiros antes de se curvarem solenemente a seu príncipe. Gerard acenou com a mão desdenhosa e rapidamente se adiantou para agarrar o duque pela mão em uma saudação muito mais familiar. — Acredito que sua jornada transcorreu sem intercorrências?

— Na verdade, aproveitamos o tempo bom toda a viagem. — respondeu d'Aldreda. Tudo no duque era o máximo em estilo e elegância, desde seu cabelo ruivo brilhante, ainda perfeitamente penteado após um longo dia de cavalgada, até os dedos prateados de suas botas de montaria. Sobre a órbita do olho direito, ele usava um tapa-olho de seda preta bordado com a insígnia de sua casa; dizia-se que d'Aldreda era talvez o único homem em Perrinion que



poderia utilizar uma lesão desfigurante para estabelecer uma tendência de moda entre os jovens nobres. Um homem alto e estreito, o duque já fora bonito, mas a tristeza e a raiva amarga endureceram seu rosto.

Em contraste, Fendrel parecia, como sempre, como se tivesse acabado de percorrer uma trilha de circuito brutal. Seu capuz estava jogado para trás sobre os ombros, e a poeira da estrada tornava seu cabelo longo e claro acinzentado, confinado em cinco tranças apertadas que puxavam seu couro cabeludo. Seu uniforme de venador gasto e desbotado pendia nele com tanta naturalidade que ele poderia ter nascido com ele. Ele não usava marcas de sua posição, e ainda assim algo em seu porte indicava poder e autoridade de uma forma que as sedas do duque nunca poderiam igualar.

Mas o olhar de Terryyn se fixou em um detalhe, a braçadeira no braço esquerdo do Dominus. Enquanto a maioria dos venadores usava uma única ponta de ferro, a braçadeira de Fendrel carregava três.

Embora nem um músculo do rosto de Terryyn se contraísse, seu estômago embrulhou. Muito bem sabia o destino final de todos os venadores. À medida que um homem envelhecia, seu corpo se enfraquecia, sua vontade também se enfraquecia. Eventualmente, ele perderia a força para reprimir a sombra dentro dele, não importava quais músicas ele tocasse em seu Vocos, não importava quantos dardos ele dirigisse em seu braço. Chegaria o dia em que ele deveria escolher um companheiro venador para dar a ele a Morte Gentil.

O sinal mais seguro de um venador envelhecendo era mais de uma ponta em sua braçadeira. Quando Terryyn viu Fendrel pela última vez, ele vestia apenas uma. Tanta coisa mudou em um ano?

— Ah, e esta é Senhora Cerine? — Gerard perguntou de repente, sua voz muito brilhante e alegre para ser natural. Uma carruagem elegantemente dourada, puxada por quatro castanhas elegantes com chamas brancas

combinando, parou diante dele. Um laçao saltou da parte de trás para abrir a porta, revelando a ocupante lá dentro.

Um calor repentino subiu pelo pescoço de Terryyn.

Assombrados o amaldiçoassem até a morte, o que ela estava fazendo aqui?

— Cerine está viajando por um caminho diferente e se juntará a nós mais tarde hoje. — disse d'Aldreda, sua voz parecendo vir de uma grande distância. — Você se lembra de Senhora Liselle di Marin, minha pupila? Ela veio para servir como dama de companhia de sua noiva.

Aceitando a mão estendida do laçao, a senhora levantou a ponta da saia, revelando um pé delicadamente calçado ao descer da carruagem. Ela abaixou a cabeça para passar pela porta baixa, e longos cachos dourados escaparam de seu véu de viagem, caindo sobre seus ombros. Ela usava uma capa grossa debruada em pele branca que, apesar de suas muitas dobras, não conseguia disfarçar a graciosidade de sua figura feminina.

Terryyn percebeu que sua boca estava aberta e a fechou rapidamente. No entanto, ele não conseguia desviar o olhar da senhora quando ela flutuou para o lado de d'Aldreda e fez uma reverência perante o príncipe.

— Senhora Liselle. — Gerard disse, pegando sua mão e levantando-a de sua reverência. — Já faz algum tempo desde que você agraciou Dunloch com sua presença.

Atrás de seu véu, a boca de Liselle se curvou em um sorriso gentil e seus cílios baixaram brevemente para cobrir os olhos. — É verdade, meu príncipe. — respondeu ela, e o som de sua voz despertou memórias no sangue de Terryyn. — Espero poder servir bem a sua linda noiva nos anos que virão. É o mínimo que posso fazer pela irmã da minha amiga mais querida.

O rosto de Gerard congelou com essas palavras, embora sua expressão de boas-vindas nunca tenha vacilado. Ele lançou um olhar rápido para d'Aldreda, os olhos brilhando. Liselle era a dama de companhia de Fayline há anos, desde que eram crianças. O fato de o duque entregá-la a Cerine agora era mais uma tentativa da parte de d'Aldreda de forçar sua segunda filha a assumir o papel da primeira.

Um papel que Cerine nunca poderia esperar preencher.

Mas Gerard, sempre o príncipe, reconheceu as palavras de Senhora Liselle com alguma frase cortês de sua autoria e ofereceu-lhe o braço. Liselle colocou uma das mãos em seu pulso e se permitiu ser conduzida escada acima, com o duque e o Dominus atrás deles. Nenhum deles olhou para Terryn. Nem mesmo Liselle, nem mesmo um olhar.

Terryn manteve sua posição nos degraus. Ele sabia que Gerard gostaria que ele o seguisse de perto, que ficasse ao seu lado durante essas primeiras interações com d'Aldreda, mas no momento ele não podia fazer nada a não ser... respirar. Respirar e não deixar suas memórias se aventurarem muito no passado. Não se lembrar daqueles olhares roubados, daqueles momentos roubados...

Três rostos familiares nadaram diante de sua visão, suas cabeças cobertas por capuzes vermelhos. Em um piscar, Terryn forçou sua atenção de volta ao presente, levantando a mão em uma saudação respeitosa. — Venatrix di Lamaury. — ele disse. — Venador d'Acelet, Venador du Gy.

Os três tenentes de maior confiança servindo sob o comando do Venador Dominus responderam à saudação de Terryn na mesma moeda. Depois de entregar seus cavalos aos estábulos, eles se aproximaram dos degraus da varanda. Todos usavam escorpiões armados em seus braços direitos, e seus olhos brilhavam com a luz da sombra ascendente. Everild, Venatrix di



Lamaury, liderava o caminho como sempre fazia. Uma mulher larga com um rosto semelhante a um aríete embotado, seu cabelo cortado curto para fácil manutenção, Everild era igual a Terryn em altura.

Ela desarmou seu escorpião enquanto subia as escadas, o Venator d'Acelet com nariz de falcão e o esguio Venator du Gy seguindo seu rastro.

— Terryn du Balafre. — Mesmo ao falar uma saudação, a voz de Everild tinha um tom agressivo. — Como está o garoto especial de Fendrel atualmente?

O músculo sob o olho de Terryn se contraiu. Everild não escondia seu desprezo por ele. Com o passar dos anos, parecia que quanto mais ele trabalhava, mais impressionava o Conselho de Breçar, quanto mais se destacava com flautas ou escorpiões ou conhecimento de venenos, mais Everild o desprezava. Ele podia ver em seus olhos agora. Ele podia ver na maneira como o olhar dela se fixou em sua cicatriz. Como se quando ela olhasse para ele, ela visse apenas o escravo de uma bruxa.

Terryn manteve sua máscara fria, não permitindo que nenhuma expressão revelasse os pensamentos que passavam por sua cabeça. Ele inclinou levemente o queixo e fez um gesto para que Everild subisse as escadas. Sem parar, ela passou voando, suas longas pernas dando dois passos de cada vez. No topo da varanda, pouco antes de passar pela grande porta, ela gritou por cima do ombro: — O Venador du Tam me disse que Wodechran provou ser muito difícil para um pobre venador lidar sozinho. Espero que a nova garota esteja provando ser um... conforto durante este momento difícil de transição.

Venador du Gy bufou e Venador d'Acelet ergueu as sobrancelhas sugestivas enquanto eles seguiam o rastro de Everild.

Os lábios de Terryyn se estreitaram e mais uma vez ele apertou o pulso esquerdo, quase interrompendo a circulação. Só depois que os três evanderianos desapareceram na fortaleza ele se virou para segui-los. Seria uma longa semana até o casamento. E ele ainda tinha a ira de Fendrel para enfrentar quando ele tentasse explicar a seu antigo mestre como ele acabou em uma competição com...

Alguém agarrou seu antebraço assim que ele entrou pela porta, puxando-o com uma força surpreendente. Ele sentiu uma pontada de dor em seu ferimento, mas não teve tempo de reagir a isso antes que dedos o pegassem pela nuca, puxando-o para baixo de modo que sua boca aberta pressionasse contra um par de lábios extremamente macios.

Terryyn se assustou de volta. — Liselle! — ele engasgou. — Quero dizer... Eu sinto muito... Senhora di Matin.

Olhos brilhantes riram dele por baixo de uma confusão de cachos soltos. Sua capa de viagem se foi, revelando um vestido de viagem cor de mel com um pescoço baixo e quadrado, os laços da frente não apertados como deveriam. O único ornamento que ela usava era uma corrente de ouro amarrada com algum pingente pesado, que pendia entre seus seios brancos. O V que lhe atraiu a atenção com uma precisão alarmante.

— Já faz algum tempo, Venador du Balafre. — Liselle lançou olhares rápidos de um lado para o outro. Criados se aproximaram escada acima, carregando bagagens da comitiva do duque, seus rostos inexpressivos, seus olhos cegos para todos os atos daqueles a quem serviam, por mais intrigantes que fossem. Mas a sobancelha de Liselle se curvou, no entanto, e ela agarrou a mão de Terryyn na dela. — Venha por aqui. — ela disse.

Ele sabia que deveria protestar. Ele sabia que deveria se libertar e correr.

Em vez disso, ele se deixou ser levado por uma esquina para uma passagem não utilizada. — Minha senhora... — Ele foi interrompido por um segundo beijo, este mais forte que o primeiro. Ele tentou se afastar, mas os braços dela estavam em volta do pescoço dele, e suas curvas suaves estavam pressionadas contra ele, e seus lábios tinham um gosto doce, e...

Ele a apertou contra si, uma mão pressionada em suas costas, a outra deslizando sob seus longos cabelos para sentir a pele de seu pescoço, para descobrir a abertura do vestido em seus ombros, descendo por sua espinha. Ela estremeceu em resposta ao toque dele, moldando seu corpo contra o dele. Por um momento selvagem, a razão o abandonou, e ele não percebeu nada além do calor fluindo da boca dela para a dele, afundando-se no fundo de seu ser.

Então os dentes dela mordiscaram o lábio dele com força, e a dor o trouxe de volta à realidade. Com mais força que gentileza, Terryn soltou os braços da senhora de seu pescoço e a empurrou, suas mãos agarrando seus ombros. Uma manga de seu vestido escorregou de seu lugar, deslizando ao longo de seu braço, e os dedos dele seguraram a pele nua. Ele imediatamente se soltou e recuou contra a parede, batendo com tanta força que uma vela chacoalhou e caiu de seu candelabro a um metro de distância. Ele cruzou os braços sobre o peito como um escudo.

— Estou feliz por descobrir que suas habilidades não desapareceram, Venador. — Liselle disse, aquele sorriso irreprimível dela cortando-o como a faca mais deliciosa. — Nem o seu adorável desconforto em esquecer momentaneamente de si mesmo. — Ela indicou a vela caída com um aceno de cabeça. — Você sempre foi uma presa satisfatória para perseguir. — Ela deu um passo mais perto, seus dentes brancos brincando suavemente com seu lábio inferior carnudo. — Há quanto tempo, exatamente? Quatro anos e...



— Sete meses. — Terryn respondeu muito rapidamente. Ele fez uma careta ao ver o brilho de prazer nos olhos dela e se apressou em acrescentar: — Nós... ambos mudamos desde então.

— Você certamente mudou. — A senhora olhou para ele de cima a baixo, seu olhar persistente e admirado enquanto passava. — Você não é o rapaz esguio que era antes. Hmmm, mas você ainda tem a mesma frieza irresistível que faz uma garota se perguntar o quão longe ela deve ir para acender seu fogo.

Ela inclinou a cabeça e cruzou os braços, imitando sua postura defensiva. O gesto puxou seu decote ainda mais para fora do lugar, e Terryn apressadamente desviou os olhos. Ela riu, mas suas próximas palavras perderam um pouco daquela nota provocadora. — Você nunca escreveu.

— Eu... tenho estado ocupado.

— Muito ocupado para ir a corte? Telianor é muito chata sem você, você sabe. Nunca consigo encontrar um parceiro de dança que me sirva.

— Eu tenho servido. Em Nion primeiro, então Campionarre, então...

— Todos os lugares sem penas ou tinta, eu imagino. — Liselle balançou a cabeça com um *tsk* de reprovação. — Ou houve uma repentina falta de pergaminho e nenhuma folha extra pôde ser dispensada? Diga; estou ansiosa para ouvir sobre suas lutas.

Terryn teve dificuldade em engolir. — Eu... Ouvi dizer que você estava casada.

— Eu fui. — Ela jogou uma mecha de cachos por cima do ombro nu. — Com o Marquês du Matin. Ele era um personagem digno. Muito velho, mas, você sabe. Experiente. — Um lampejo de tristeza cruzou seu rosto, quase breve demais para ser acreditado. Ele se foi em um momento, substituído por outro de seus sorrisos atrevidos. — Ele morreu, Deusa o abençoe. Não antes de me

ensinar uma série de coisas interessantes, no entanto. Coisas que eu ficaria muito feliz em compartilhar com um aluno disposto.

Ela deu um passo na direção dele.

— Minha senhora. — Terryn disse, sua voz saindo apressada. — Você sabe que, como um criado de Santo Evander, não posso aspirar... casar com qualquer mulher, muito menos com a viúva do Marquês du Matin.

Liselle fez uma pausa, uma sobrancelha subindo. — Casar? Você imagina, Venator, que tenho algum interesse em usar aquele chicote de novo? Não, não. — Ela deu mais um passo, depois outro, até quase um suspiro separou. Colocando uma mão em seu peito, ela ficou na ponta dos pés, com os lábios apenas escovar o lóbulo da sua orelha. O perfume de seu cabelo encheu suas narinas, e seus olhos olharam para a curva seduzindo de seu pescoço e ombro, tão perto de sua boca.

— Eu conheço as regras que governam sua vida e controlam seus desejos. — ela sussurrou. — E eu conheço todas as maneiras melhores e mais interessantes de violar essas regras. Se você me deixar mostrar a você...

Cada parte de seu corpo o incentivava a agir. Qual poderia ser o mal, afinal? Com a senhora tão disposta, com a história que compartilharam? As leis de Evander proibiam o casamento e o risco de um venador tomado pela sombra produzir descendentes inatos. Mas eles não exigiam expressamente o celibato. Era de conhecimento comum em todo o castra que vários membros da Ordem, mesmo entre os domini, se entregavam às necessidades da carne, usando várias proteções para garantir que a blasfêmia final nunca fosse cometida, as leis do Santo nunca desrespeitadas.

Era apenas entre irmãos e irmãs de caça que tais indulgências eram proibidas.

Algo no peito de Terry n se retorceu, uma dor aguda que pareceu acender um fogo. Um fogo que ele não ousava enfrentar ou mesmo reconhecer. Ele olhou para os grandes olhos azuis de Senhora Liselle, estranhamente desesperado para vê-los e não o lampejo de olhos negros sob as sobrancelhas escuras pesadas pairando na sua mente. Ele queria agarrá-la, puxá-la para perto, perder-se em puro prazer. Por que ele não deveria abaixar sua boca para aquela pele nua e branca, por que ele não deveria aceitar o que era tão avidamente oferecido?

— Diga-me... — Liselle murmurou, seus lábios perto do canto de sua boca. — Há uma mulher neste mundo que pode encontrar o coração pulsante de Terry n du Balafre? Ou você é realmente tão inexpugnável quanto gostaria de fingir?

Ele não se mexeu. Um longo e silencioso momento se passou entre eles.

A senhora se afastou, suas sobrancelhas claras franzindo ligeiramente. — Pense nisso, Venador. — disse ela. Com um gesto hábil, ela deslizou a manga caída de volta no lugar em seu ombro. — Você sabe onde me encontrar.

Com isso, ela deu um último beijo suave em sua boca indiferente antes de deslizar pela passagem. Na curva, ela olhou para trás uma vez, uma luz intrigada em seus olhos.

Então ela se foi.



## CAPÍTULO 8

A primeira emoção da caça desapareceu depois de algumas horas de cavalgada dura. Embora o sol se erguesse alto no céu, Ayleth estremeceu na sela. Nem mesmo o calor de sua sombra, chamada a uma ascendência mais elevada, poderia afastar o frio do ar... ou o frio mais profundo que varreu sua alma quando elas alcançaram o topo de uma elevação e ela encontrou sua visão varrendo para o leste.

Leste, em direção a Floresta da Bruxa.

Ayleth praguejou baixinho. Ela puxou o cavalo e parou, observando como o sol lançava uma luz outonal pálida na paisagem à sua frente e ainda assim falhou em iluminar a floresta. Seus ramos estendidos, como uma vasta horda de mãos macabras, captaram a luz, agarrando-a e arrastando-a até as raízes, para devorá-la.

E apenas a Grande Barreira de Fendrel du Glaive ficava entre aquela escuridão e o resto do mundo.

Isso poderia realmente ser suficiente? Quando ela chegou em Wodechran, Ayleth viu a Grande Barreira de perto, sentiu o poder daquele poderoso feitiço da canção tecido por um verdadeiro mestre das artes evanderianas. Mas ela também havia passado; ela havia caminhado na escuridão da Floresta da Bruxa. Ela respirou seu ar venenoso e sentiu sua potente fúria pulsando no chão sob seus pés.

Ayleth fez uma careta, a respiração sibilando por entre os dentes. Por um momento, ela quase pensou que seus pulmões estavam cheios de oblivis, sua garganta coberta, grossa e sufocando. Algo em sua cabeça disparou como um

raio. Agarrando-se à sela, ela apenas evitou cair de cabeça no chão. O suor brotou em sua testa, apesar da frieza do ar, e ela fechou os olhos com força, inclinando a cabeça nas profundezas do capuz.

Uma palavra pairou no limite de sua consciência... um nome que ela tinha ouvido falado por bruxas nas profundezas da escuridão da floresta. Um nome do reino espiritual, que não deveria ser falado com lábios mortais. No entanto, a boca de Ayleth movido, sussurrando no ar frio: — *Oromor...*

O feitiço passou. Ayleth piscou de volta para si mesma, agarrando-se à sela e olhando para fora através da paisagem da floresta, que agora parecia mais longe do que ela esteve um momento antes. Sua boca formigou estranhamente, como se ela tivesse acabado de morder algo estranho, e seus lábios estavam congelados na forma de um nome que ela acabara de falar. Mas agora ela não conseguia se lembrar o que era.

*Senhora?* A voz de Laranta em sua cabeça rosnou de preocupação.

— *Está tudo bem, Laranta.* — respondeu Ayleth apressadamente. Com os membros estremecendo, ela estimulou Chestibor de volta ao movimento. — *Não é nada. Fique quieta agora.*

Elas começaram a descer a ladeira e logo estavam fora da vista de Floresta da Bruxa por enquanto. Então, os cascos de Chestibor bateram na pedra. O som arrancou Ayleth de seus pensamentos errantes. Grata por uma distração, qualquer distração, ela murmurou um gentil — *Whoa.* — e puxou as rédeas.

Olhando por cima do ombro de seu cavalo, ela piscou com alguma surpresa para os restos de uma estrada pavimentada com pedras. À luz do dia era difícil discernir, de tão quebradas estavam as pedras, tão cobertas de musgo e grama. Depois do anoitecer, ela estaria completamente perdida. Mas agora que ela viu, ela quase podia sentir como ela deveria ter parecido nos dias de

seu estabelecimento, cortando este país montanhoso, uma estrada larga o suficiente para sete cavaleiros cavalgarem lado a lado.

Ela conduzia direto para Floresta da Bruxa.

— Maldito Assombrados. — Murmurou Ayleth. Sem dúvida agora que ela estava indo na direção certa. Esta não poderia ser outra senão a Estrada da Rainha, a vasta estrada construída durante o reinado da Terrível Odile, uma das muitas maravilhas de sua época. A Rainha Bruxa havia estabelecido esta estrada usando uma combinação de pedra natural e oblidite. Depois de sua derrota e morte, sem sua magia para sustentá-la, a oblidite desbotou e se desfez em pó, a pedra natural afundou na terra ou foi transportada para outros usos e a Estrada da Rainha foi finalmente perdida, deixando para trás nada além de essa cicatriz longa e sinuosa na paisagem.

Ayleth seguiu a linha ainda visível da estrada em ruínas com os olhos, procurando. Cró Ular, seu destino, havia ficado de guarda neste trecho da estrada. Ela deve estar perto da Torre de Sangue e Olhos.

Cerrando o queixo, Ayleth deu um chute em Chestibor para um trote rápido. Ela não se permitiria ser distraída da caça em mãos.

Seguindo a cicatriz da estrada, seu cavalo progrediu rapidamente e logo as ruínas da torre apareceram à frente, do lado de fora da orla da floresta. Como a própria estrada, Cró Ular foi construída de oblidite misturada com pedra natural, mas grandes partes do grande edifício haviam caído, deixando para trás uma pilha de entulho.

Uma rajada de vento soprou no rosto de Ayleth, trazendo consigo um cheiro horrível que a atingiu como um golpe. Levou um momento para perceber que, como com a própria âncora da bruxa, o que ela percebeu não era um cheiro. Era mais como um coro de música discordante atingindo seus sentidos de sombra e fazendo-a engasgar com a sujeira.



Laranta estremeceu dentro da cabeça de Ayleth.

— *O que é, Laranta?*

*Maldições. Muitas maldições.*

Chestibor parou abruptamente, sacudindo a cabeça e puxando sua mão. Ayleth tentou instigá-lo a continuar, mas ele se recusou novamente. Ele não era sensível à magia, uma das qualidades que o tornava um bom cavalo de venatrix. Mas as sensações ondulando através do éter ao redor deles eram tão fortes que até mesmo o robusto Chestibor as sentia.

Ayleth desmontou, amarrou as rédeas de sua montaria para que ele não pudesse pisar nelas e se machucar, depois continuou a pé. Seu estômago embrulhou quando a sensação de magia quebrada continuou a assaltar seus sentidos.

— *Laranta, vá na minha frente.* — Ordenou ela. — *Certifique-se de que não haja bruxas à espreita.*

Sua sombra de lobo saiu de sua mente, manifestou-se no chão e correu em direção às ruínas, puxando a corda da alma que a conectava a sua senhora como uma guia. Enquanto descia com cuidado o declive, Ayleth sentiu a frustração de Laranta enquanto a sombra lutava para detectar outros odores sob o fedor de magia quebrada. Fios turbulentos de maldições quebradas agarraram-se às paredes caídas e ao enorme portão tombado. Pelo menos nenhuma das maldições parecia estar mais ativa.

Ayleth escalou uma pilha de rocha que outrora fazia parte da parede. No topo, ela fez uma pausa, olhando para o pátio circular na base da torre. Um lampejo passou diante de sua visão sombria, uma impressão de memória, um traço fantasmagórico de dor, trauma e medo. Ela quase acreditou ter visto as almas dos evanderianos que lutaram e morreram aqui... e as almas igualmente presentes das bruxas e escravos humanos que deram suas vidas defendendo

esta fortaleza. Os sons da batalha e centenas de canções de feitiço zumbiam em seu núcleo, ecoando ao longo dos anos.

Cró Ular foi o local da grande batalha final antes que o Rei Escolhido marchasse sobre Dulimurian. Foi aqui, em meio ao terror e ao derramamento de sangue, que a maré da guerra mudou.

As mãos de Ayleth cerraram-se em punhos. Suas narinas dilataram enquanto ela respirava o ar fétido. Enquanto os tenentes da Terrível Odile vivessem neste mundo, a guerra nunca chegaria ao fim de verdade.

*Senhora! Senhora, Senhora!*

Virando-se bruscamente ao som dos latidos excitados de Laranta, Ayleth desceu rapidamente da parede e entrou no pátio. Navegando ao redor de pedras caídas e poços na terra, ela encontrou sua sombra de lobo circulando um pedaço do que parecia ser terra vazia. — *O que você achou?* — Ela exigiu, olhando com olhos de sombra e não vendo nada.

*Magia, magia. Não é velha. Não podre.*

Magia recente? Ayleth se aproximou e se agachou para estender a mão sobre o lugar vazio no chão. Enquanto ela concentrava seus sentidos de sombra intensificados, uma forma pareceu se manifestar sob a ponta de seus dedos. Uma forma que se parecia mais com som do que com forma. Feia... e familiar.

— Um sigilo. — Sussurrou Ayleth. Ela se levantou apressadamente e recuou, com a respiração acelerada na garganta. Treinando sua visão sombria naquele pedaço de terra, ela viu a proteção plantada bem no fundo, gravada em sangue. Magia anathema.

Ela conhecia aquele sigilo. Ela tinha visto a mesma marca implantada na bochecha de Venador Kephan. A mesma marca havia sido esculpida no rosto de Terryn anos atrás.

Ayleth deu mais um passo para trás e outro. As alas afetavam apenas aqueles a elas vinculados. Os escravos da Bruxa do Ardor que caíssem dentro do alcance desta proteção reagiriam à sua compulsão e seriam obrigados a cumprir qualquer comando que ela lhes desse. Poderia ser uma ordem para matar. Poderia ser um comando para esquecer. A proteção provavelmente não poderia tocá-la, mas Ayleth optou por não arriscar. Apenas no caso.

— *Laranta.* — disse ela. — *Há quanto tempo esta ala foi implantada?*

Sua sombra de lobo cheirou forte, canalizando seus estranhos sentidos de sombra através de sua forma de lobo. Ela olhou para Ayleth, os olhos vermelhos brilhando. *Uma lua atrás. Não mais.*

Ayleth engoliu em seco, tentando molhar a garganta seca. Kephane estava sob a influência da Bruxa do Ardor há um mês. Se ele tivesse tropeçado nesta proteção quando veio aqui com Terry, ele teria sucumbido aos seus poderes.

Mas e quanto a Terry? Sua escravidão à Bruxa do Ardor foi supostamente quebrada. Mas seria possível...?

Rangendo os dentes, Ayleth puxou a pedra âncora da bolsa e estendeu-a a Laranta, que recuou, os dentes cintilando em um rosnado. — *Veja se consegue encontrar um vestígio dessa magia.* — Ordenou Ayleth. — *Veja se esta pedra veio daqui, de algum lugar.*

Laranta sacudiu a cabeça e correu pelo quintal, seguindo seu nariz. Dentro de instantes, ela latiu animadamente, *Senhora! Eu encontrei!*

Ayleth seguiu o puxão da corda de sua alma e correu atrás de sua sombra. Seus passos diminuíram conforme ela se aproximava, no entanto. Por pior que fosse o fedor de maldições quebradas, Laranta havia encontrado um fedor muito pior. Ayleth reconheceu imediatamente: o fedor do oblivis, o ar dos Assombrados.



Um pedaço de terra com menos de trinta centímetros quadrados estava inflamado ao lado de Laranta. Terra morta, negra de decomposição, úmida de lodo. Esse era o efeito que o oblivis puro tinha no mundo natural. E em seu centro, uma reentrância. Do tamanho certo.

Embora ela não quisesse se aproximar, Ayleth agachou-se sobre o trecho morto. Pegando a âncora de sua bolsa, ela a largou. Ela a viu cair perfeitamente nesse entalhe.

Não havia dúvidas: essa âncora viera de Cró Ular. Tinha sido plantada há não muito tempo, tinha sido ativada e depois descartada, com a conexão quebrada.

E Terryn a havia encontrado. Ele a havia levado de volta para Milisendis.

E ele mentiu.

## CAPÍTULO 9

Terryn correu pela passagem em direção ao Salão Principal, endireitando seu uniforme e passando a mão pelo cabelo no caminho. Antes de sair da passagem, ele se levantou e atraiu várias respirações. Ele só podia esperar que seu rosto não traísse nada de seu encontro com Senhora Liselle. Depois de um último puxão em seu uniforme, ele pisou entre os pilares, caminhou rapidamente para a escada, então subiu os degraus de dois em dois.

Seus olhos estavam em seus pés, então ele não viu a figura alta no patamar acima até que uma voz familiar o surpreendeu: — Eu acredito que você encontrou maneiras mais produtivas de ocupar seu tempo do que encontros em corredores escuros.

— Malditos Assombrados. — Terryn assobiou. Ele parou na metade do caminho, com um pé na frente do outro. Em seguida, ele plantou os pés no degrau inferior, desenhando os ombros para trás a atenção, e fez uma saudação elegante. — Dominus. Eu não vi você aí.

— Eu percebi. — Fendrel se apoiou no corrimão, seus olhos duros como o ferro cravados em Terryn. — Diga-me, Venador du Balafre, meus olhos me enganaram? Ou acabei de pegar você se entregando a um comportamento impróprio para um membro da Ordem de Evander? Espero que você não tenha se esquecido dos ensinamentos do santo sobre as concupiscências da carne.

Outra maldição saltou aos lábios de Terryn, mas ele a mordeu de volta. Ele mais uma vez agarrou seu pulso atrás das costas e segurou sua

língua. Fendrel ergueu uma sobrancelha e deu alguns passos na direção dele. Seu olhar avaliador era muito menos apreciativo do que o de Liselle.

— Você parece puro e bom som. — disse ele. — De forma alguma incapacitado, eu acredito?

— Estou bem, Dominus. Obrigado.

— E Venador du Tam... ele passou o último mês no fasmatório de Breçar, em tratamento contra uma maldição, me deram a entender.

— De fato.

— Nesse caso... — Fendrel parou um passo acima de Terryn e o fixou com outro olhar penetrante. — Explique-me por que você não está no comando do Posto Avançado de Milisendis.

A garganta de Terryn pareceu fechar. Ele limpou e falou com uma precisão cuidadosa, não exatamente encontrando o olhar de Dominus. — Eu estou... Estou assumindo o comando. O príncipe ainda não tomou sua decisão final, mas...

Com um rosnado, Fendrel se virou e marchou até o patamar, depois se virou e continuou a subir o segundo lance de escada, em direção ao andar de cima. Embora ele não dissesse nada, Terryn sabia que seu mestre pretendia que ele o seguisse, e ele se posicionou atrás.

Eles seguiram para a ala oeste de Dunloch, as botas de montaria de Fendrel deixando um rastro de sujeira atrás dele nos tapetes suurianos finos. Às vezes era fácil esquecer que Fendrel era, por direito próprio, um príncipe. Ele nunca usou o título, nunca aceitou nenhuma das honras ou vantagens que sua posição conferia. Ele vivia de acordo com o código de um venador, que incluía dispersão e severidade em todas as coisas. Ele se sentia mais confortável dormindo sob uma árvore à beira da estrada do que em um quarto digno com almofadas e cortinas de seda.



Com isso em mente, Gerard providenciou para que uma humilde câmara fosse preparada para seu tio durante sua estada em Dunloch. O quarto ainda era grandioso para os padrões dos venadores, mas ostentava não mais do que uma cama, uma cadeira, uma escrivaninha, um lavatório e uma janela. Fendrel conduziu Terryn a esta câmara deserta agora, ocupando a única cadeira com toda a majestosa graça do sangue real. Nisso, pelo menos, ele parecia um verdadeiro príncipe.

— Feche a porta, garoto. — disse ele. Terryn obedeceu, então novamente ficou em posição de sentido, esperando o prazer de seu mestre. Fendrel baixou o queixo até o peito, estudando Terryn sob suas sobrancelhas pálidas e proeminentes.

— Fale-me sobre este Ayleth di Ferosa.

Terryn, pelo menos preparado para isso, respondeu prontamente. — Ela é de Drauval Borough.

— Foi o que ouvi. — A mão esquerda de Fendrel se formou em um punho e ele bateu suave e repetidamente no braço de sua cadeira, batendo um ritmo. — Uma jovem venatrix que não me lembro de ter sido apresentada em Breçar. Não supervisionada e não testada. Nós sabemos quem a treinou?

— Venatrix di Ferosa foi treinada por Hollis, Venatrix di Theldry.

O punho de Fendrel congelou no ar. Todo o seu rosto e comportamento ficaram imóveis. — É mesmo. — Ele disse. Sua voz caiu para um registro mais baixo enquanto ele repetia. — É isso... assim.

— Ela foi doutrinada no Castra Vielhir. — Terryn continuou. — Presumo que ela também tenha concluído os exames do conselho em Vielhir.

— Interessante. — A palavra pairou no ar, suspensa em um silêncio como um fio de seda prestes a se romper a qualquer momento. Terryn mal ousava respirar com medo do que se seguiria. Seus sentidos de sombra foram

suprimidos, mas mesmo assim ele pensou ter sentido uma intensa vibração de espírito emanando do núcleo de Fendrel.

Por fim, a boca de Fendrel torceu-se para um lado. Em qualquer outro rosto pode ter sido um sorriso, mas nele era um rosnado. — Então, essa garota, essa Vielhira doutrinada de Drauval Borough, ela de alguma forma convenceu meu sobrinho de que ela, e não você, não Terryn du Balafre, meu próprio aprendiz escolhido e treinado, é a escolha certa para o posto de Milisendis.

— O príncipe ainda não tomou sua decisão.

Fendrel se inclinou para a frente em sua cadeira, apoiando os cotovelos nos joelhos, as mãos relaxadas nos pulsos, exceto por uma certa tensão nas pontas dos dedos. — E ainda é ela, e não você, que atualmente ocupa Milisendis. Enquanto você, aparentemente, reside aqui. Em Dunloch.

Terryn respirou fundo pelo nariz. Ele não gaguejaria. Ele não hesitaria. Ele não daria a Fendrel nem um centímetro. — Estou aqui em uma missão especial do próprio príncipe.

As sobrancelhas de Fendrel lentamente ergueram-se em sua testa. — Missão especial? E essa missão inclui correr atrás de saias de seda?

Terryn se endireitou, apertando a mandíbula. — Após os eventos de quatro anos atrás, o Príncipe Gerard se sente mais seguro por me ter por perto para sua cerimônia de casamento.

Os olhos do Dominus brilharam e Terryn percebeu, com um sobressalto, o terrível insulto que ele havia feito a seu antigo mestre. Fendrel tinha estado presente há quatro anos, quando a corte e todos escolhidos do Rei do vieram a Dunloch para celebrar o casamento do príncipe Gerard com Senhora Fayline. Ele esteve presente e não evitou a tragédia que aconteceu. Foi um fracasso que marcaria sua consciência pelo resto de sua vida.

Fendrel se levantou. Havia poucos homens em toda a Gaulia que conseguiram se elevar sobre Terryn, mas Fendrel dominava tanto na presença física quanto na potência de seu espírito, um espírito aumentado ao longo dos anos pela presença da sombra se movendo bem atrás de seus olhos de ferro.

— Você precisa começar a levar esta situação a sério, garoto. — ele disse sombriamente. — Você é o homem certo para Milisendis ou não é?

— A escolha é de Gerard. Vou honrar sua decisão.

— Você fará a escolha por ele.

Terryn sentiu o sangue sumir de seu rosto. Seu peito se contraiu e ele não conseguia fazer seus pulmões respirarem.

Fendrel deu um passo mais perto, seu rosto se aproximando do de Terryn. — Você fará o que for preciso, Terryn. Você será o venador de Wodechran. Você é o homem que deve continuar meu trabalho de manter as Barreiras. De proteger o legado do Rei Escolhido. Você é o confidente mais próximo de Gerard, seu único amigo.

— Estou ciente. — respondeu Terryn. — Eu... Eu me importo com Gerard. E ele sabe disso.

— Mas o que mais Gerard sabe? — Fendrel persistiu. Seu olhar se desviou dos olhos de Terryn para a cicatriz em seu rosto. — Ele sabe que você já foi pego pelo mesmo feitiço que recentemente enfraqueceu e quase destruiu o Venador do Tam. Ele sabe que você já foi apenas um escravo chorão de uma bruxa. Ele está ponderando esse conhecimento; ele está considerando essa fraqueza. Essa vulnerabilidade. E ele está tramando como ele pode usar qualquer fraqueza e vulnerabilidade para me frustrar. Para frustrar os bons planos que tenho para ele. Como se eu fosse seu inimigo.



A mão de Fendrel se ergueu, seus dedos calejados alcançando a bochecha de Terryyn como se quisesse arrancar a cicatriz. Em vez disso, ele pousou uma mão pesada no ombro de Terryyn.

— Você não pode permitir nenhuma fraqueza, Terryyn. Você não pode deixar Gerard compará-lo a Kephan, nem mesmo por um momento. Nessa comparação, você sofrerá, e até mesmo essa garota, essa di Ferosa, parecerá uma alternativa valiosa aos olhos dele. Mas você não é um escravo enfeitado, não mais. Você é o venador mais digno que já saiu de Castra Breçar. E você é seu...

Ele não terminou. Mas Terryyn ouviu as palavras não ditas em alto e bom som: *E você é seu sangue.*

O peso dessa verdade ameaçou esmagá-lo. O peso da responsabilidade que ele nunca escolheu para si, mas que foi ordenada para ele. Ordenada no momento em que sua mãe olhou com desejo para um homem abaixo de sua posição. Ordenada no momento em que ela se rendeu ao seu amor e luxúria. Ordenada no momento em que Terryyn respirou neste mundo. O irmão bastardo do príncipe profetizado.

Ele conhecia seu papel; ele sabia que não tinha lugar na profecia.

Mas ele também sabia, do mais profundo de seu ser, que deveria fazer tudo ao seu alcance para proteger o escolhido da Deusa. E sem esse propósito para guiá-lo, como seria sua vida? Nada além do vazio. Nada além do espírito monstruoso dentro dele, esperando para devorá-lo e amaldiçoá-lo no momento em que ele relaxasse a guarda.

— Você deve lutar por seu futuro, Terryyn. — Fendrel disse. Seu olhar conhecedor observava Terryyn muito de perto. — Você deve provar seu valor para o príncipe.

— Estou lutando. — Apenas dizer as palavras o fez parecer fraco, mas ele as forçou a sair de qualquer maneira. — Estou me provando.

— Mas você já se fez a pergunta difícil? — Fendrel virou a cabeça, estudando seu ex-aprendiz, não com a visão mortal, mas com os olhos brilhando com a luz da sombra. — Você já se perguntou até onde está disposto a ir para provar o seu valor?

Terryn olhou para baixo, olhando fixamente para a lareira apagada, estudando o padrão de manchas de fumaça na lareira.

Fendrel balançou a cabeça. — Eu pensei que não. — Ele contornou Terryn, dirigindo-se à porta. Ele a abriu, parou na porta e disse sem olhar ao redor: — Comece a se perguntar, Terryn. E decida sua resposta antes que seja tarde demais.

Com isso, o Dominus saiu do cômodo, batendo a porta atrás de si.

Terryn ficou vários momentos, ainda olhando para aqueles padrões de fumaça, vendo formas nas manchas aleatórias de escuridão, espíritos retorcidos lutando em tormento nas bordas de dedos escuros agarrados dos Assombrados.

## CAPÍTULO 10

O que em nome da Deusa ela deveria fazer agora?

O frio vento picava olhos de Ayleth, desenhando lágrimas em seus cantos, enquanto ela andava de volta ao longo da trilha do circuito. Ela tentou puxar o capuz mais baixo, mas só soprou para trás sobre os ombros na próxima grande rajada, e seu cabelo escapou de sua trança para vibração em mechas soltas atrás dela. O sol estava se pondo rápido quanto ela deixou Cró Ular para trás. Era uma viagem de volta de quatro horas para Milisendis, e ela sabia que estaria fora depois de escurecer. Ela teria que rezar por um pouco de luar para ajuda Chestibor a encontrar seu caminho. Caso contrário, ela estaria reduzida à busca de abrigo nesta parte remota do Wodechran. Talvez pudesse encontrar algum agricultor disposto a deixá-la dormir em uma cama em seu palheiro, talvez...

Talvez ela devesse parar de se debruçar sobre esses assuntos mundanos e enfrentar o problema real em questão.

Todo o corpo de Ayleth ficou tenso. Chestibor, reagindo a essa tensão, arrastou os pés para o lado, balançou a cabeça e bufou desconfortavelmente. Puxando-o para uma parada, Ayleth deu um tapinha em seu ombro e murmurou alguns sons silenciosos de conforto.

Então, com um suspiro curto, ela disse em voz alta: — Devo confrontá-lo?

Chestibor sacudiu a cabeça e puxou sua parte. Ela deu a ele liberdade, deixando-o morder a grama alta ao lado da trilha do circuito. O eco de sua pergunta sem resposta vibrou no ar ao seu redor.



O que mais ela poderia fazer? Tendo feito essas descobertas, tendo encontrado provas da falsidade de Terryn, ela deveria cavalgar para Dunloch imediatamente, bater nos portões, exigir vê-lo e apresentar suas descobertas. Deixá-lo se defender, se pudesse.

Mas e daí? Ele reconheceria suas mentiras e se afastaria da competição? Ele relataria seu erro ao castra? Improvável.

Além disso, Terryn era inteligente. Ele provavelmente tinha motivos para suas escolhas, e isso, junto com sua amizade de longa data com o príncipe e sua boa posição em Breçar, seria o suficiente para contrariar qualquer evidência insignificante que ela havia acumulado.

E realmente, que prova ela tinha? A âncora da maldição de oblidite e seu testemunho de que provavelmente veio de Cró Ular e Terryn provavelmente a pegou lá há um mês. Não era exatamente uma prova contundente.

— O que então? — ela exigiu do pescoço curvado de Chestibor, agarrando um punhado de sua crina. — Eu poderia ir diretamente ao príncipe, dizer a ele o que descobri, deixá-lo tirar suas próprias conclusões. Mas como eu poderia fazê-lo acreditar em mim? Tudo o que tenho são acusações.

Não funcionaria. Sem evidências sólidas, não havia nenhuma maneira de Gerard pensar mal de Terryn. O que, Ayleth reconheceu mesmo em meio à sua frustração, era um crédito para o príncipe.

Então, se ela não pudesse confrontar Terryn ou ir para o príncipe... ela deveria contatar o castra? Não era como se ela pudesse empacotar algo tão terrível quanto a âncora e confiá-la a um pequeno mensageiro em libré de cor brilhante! Isso seria implorar por problemas, especialmente com dois dos Diabos Carmesins possivelmente à solta. Não, não. Ela mesma teria que cavalgar até Breçar.

— Porque é assim que quero me apresentar ao castra. — Ela murmurou. Ela jogou a cabeça para trás para olhar para o céu como se procurasse ajuda celestial. Mas, como sempre, a Deusa não tinha sabedoria espontânea para oferecer. Ayleth olhou para a lua fina brilhando no céu púrpura, em frente ao sol poente. — Eu deveria realmente entrar em Breçar acenando uma maldita âncora de Assombrados e cuspiendo calúnias contra meu próprio irmão de caça? O queridinho do castra, o favorecido de Fendrel? E o que acontece quando Terryn negar tudo? Eles vão me expulsar de Perrinion.

Ou eles a matariam. Se eles a considerassem indigna de confiança e uma ameaça para outros membros de sua Ordem, o conselho não hesitaria em negociar com ela a Morte Gentil, assim como fariam com qualquer outra sombra.

Ela inalou, então deixou seu fôlego sair em um longo fluxo constante de vapor branco. Ela estava sendo excessivamente dramática, com certeza. Na pior das hipóteses, o castra negaria a ela o posto em Wodechran e a mandaria de volta para Drauval ou para algum bairro remoto em Campionarre ou Nion.

Mas isso não importava. O que importava eram duas bruxas agitando sem controle o bairro de Wodechran. Ela tinha que encontrá-las e detê-las. De alguma maneira.

— Eu vou ter que confrontá-lo. — ela sussurrou. — Não há outra escolha.

O sol completou sua descida atrás do horizonte ocidental, e as longas sombras da noite surgiram. Olhando para um vale raso, Ayleth viu o fogo ganhando vida. Fogueiras, ela adivinhou. Uma caravana mercante, talvez, viajando dos bairros do sul para negociar em Wodechran. Fácil de contornar no caminho de volta ao posto avançado. Ela virou a cabeça de Chestibor e cutucou suas costelas, fazendo-o voltar a se mover.

De repente, Laranta rosnou longa e profundamente dentro de sua cabeça.

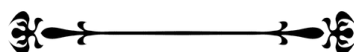
Ayleth parou seu cavalo. — *Laranta? O que é isso?*

Laranta rosnou novamente, então sussurrou, *Sombra*.

— *O quê?* — Ayleth olhou em volta, meio que esperando ver alguma figura traiçoeira espreitando nas sombras perto da estrada. Mas não havia nada. Apenas colinas onduladas, céu crepuscular e aquelas fogueiras queimando do outro lado. — *Que sombra, Laranta? Onde?*

Laranta se esforçou para conter as supressões que a prendiam dentro da cabeça de Ayleth. Ela pressionou contra o fundo dos olhos de Ayleth, ansiosa para se libertar e se manifestar no mundo mortal. *Sombra*, ela disse novamente, em voz alta desta vez. Então ela cresceu com poder, assumindo o controle momentâneo do olhar de Ayleth e voltando-o em direção à fogueira à distância. *Lá!*

Os olhos de Ayleth se arregalaram. Antes que ela pudesse respirar, o primeiro grito aterrorizado alcançou seus ouvidos, varrendo o vale com a brisa noturna.



Seus curativos precisavam ser trocados.

Terryn fez uma careta quando ele tirou a camisa e olhou para seu braço latejante. Uma pequena mancha de sangue encharcou as bandagens, deixando uma mancha em sua manga. Ele deveria aplicar novos envoltórios se não quisesse outra mancha em sua camisa formal.

Murmurando para si mesmo, Terryn desembulhou cuidadosamente a bandagem e a puxou para longe de sua pele. Grudou um pouco e depois se soltou de repente, revelando o ferimento da ponta de ferro. Uma ferida feia



com bordas enegrecidas. Não era grande, mas seu corpo tomado pela sombra reagia fortemente ao ferro. Levaria tempo para curar adequadamente.

Ele tocou o ponto dolorido cuidadosamente com um dedo, estremecendo até mesmo com aquele leve toque. Então, cerrando os dentes, pôs-se a trabalhar, aplicando seu unguento de tuaflor e embrulhando novamente o braço, tendo um cuidado especial para não desejar um par de mãos a mais para o ajudar. Sem pensar na venatrix de olhos escuros que tratou dessa ferida duas noites atrás. Não desejar que ela estivesse em seu quarto agora, com sua voz rouca e seu rosto severo e suas mãos surpreendentemente gentis...

Assombrados, como ele a odiava.

Ele terminou o trabalho estranho, amarrando a bandagem e enfiando as pontas para que ficasse plano. Então, movendo-se com cuidado, para sacudir o braço o mínimo possível, ele vestiu a camiseta de linho branco do uniforme de gala. Um banquete de boas-vindas foi agendado para esta noite para o duque d'Aldreda e sua filha. Gerard solicitou especialmente que Terryn comparecesse e não ouviria protestos.

Ele deveria suportar uma noite de folia. Tentando não olhar para Liselle, toda de cabelos dourados, sorridente e voluptuosa à luz das velas. Tentando não sentir o olhar duro de Fendrel observando cada movimento seu. Tentando não notar a miséria silenciosa de Gerard ou a resolução dura de pedra do duque. Tentando se concentrar em seu prato e vinho e nada mais, nada mais.

Iam ser longas horas.

Terryn não usava seu uniforme formal em vários anos. Coube-lhe como uma luva, cada prega, cada botão e fivela brilhava. Mas ele se sentia estranho ao usá-lo. Como se tivesse tirado a própria pele e agora tentasse usar a de outra pessoa. Sua mão esquerda estava um pouco insensível quando ele ajeitou os cordões e deslizou o gibão fixado por latão.

Ele estava puxando o capuz vermelho para o lugar quando uma batida soou na porta, seguida por uma voz. — Terryn? Você está aí?

— Estou aqui. — respondeu Terryn, virando-se quando a porta se abriu e Gerard olhou para dentro do quarto. O príncipe estava vestido para o banquete, majestoso em escarlate e ouro, seu cabelo penteado para trás em sua testa alta. Mas a elegância de suas roupas não fez nada para suavizar as linhas de estresse ao redor de sua boca. — O que está errado?

— Nada. — Gerard respondeu rapidamente. Então ele revirou os olhos e encostou um ombro no batente da porta. — Tudo. Mas, no momento, nada evidente. É só que...

— O que?

— De acordo com d'Aldreda, a companhia de Senhora Cerine deveria ter chegado há várias horas. Eles estão vindo pela estrada sul, cruzando o rio Sangcòr em Grimaud.

Terryn encolheu os ombros. — Uma série de coisas pode tê-los atrasado.

— Verdade. E tenho certeza de que Cerine teria enviado um cavaleiro para nos dizer se for esse o caso. Apenas nenhum cavaleiro veio, e... Nós vamos...

— O duque está ficando impaciente?

Uma expressão estranha cruzou o rosto de Gerard. — O duque não parece ter notado. Mas eu fiz. E estou preocupado.

As sobrancelhas de Terryn se uniram levemente. — Com Senhora Cerine.

Gerard piscou, a expressão Terryn tinha desaparecido inteiramente, substituída por uma máscara de desinteresse calma. Mas ele não conseguia disfarçar a tensão ressaltando sua voz. — Essa estrada de Grimaud passa dentro de um quilômetro das ruínas Cró Ular. Eu sei que você não encontrou vestígio do Bruxa Fantasma no mês passado, mas...

Ele não terminou. Ele não precisava.

Virando abruptamente, Terryn pegou a capa de onde ele tinha envolto em sua cama, puxando-a ao redor de seus ombros. Então ele pegou seu bracelete e escorpião e seus venenos. Gerard assistiu sem comentários. Quando Terryn se aproximou da porta, o príncipe mudou-se para um lado, dando-lhe espaço para passar.

— Obrigado. — disse ele calmamente. — Isso vai deixar-nos todos à vontade se nós apenas... soubermos.

— É claro. — Terryn entrou na passagem com passadas largas e falou por cima do ombro enquanto se afastava: — Voltarei com notícias em breve. Não faça o banquete sem mim.



## CAPÍTULO 11

— Deixe-me ver de novo, Cerine. Por favor? Só uma espiada.

Cerine suspirou ao empurrar a aba de entrada de seu pavilhão e entrar, a irmã Ducette seguindo seu rastro. Os criados trabalharam rapidamente para montar este abrigo para a filha do duque, incluindo uma pilha de cobertores e peles para servir de cama e uma pia com a qual ela poderia tentar limpar um pouco da sujeira da viagem do dia.

Em um canto estava o enorme baú, um presente enviado de Aldreda junto com instruções para sua filha obediente.

Ducette dançou razoavelmente até o baú, tocando seus fechos de latão com dedos ansiosos. Ela virou uma expressão esperançosa para Cerine.

— Muito bem. — disse Cerine com relutância. — Fique à vontade.

Com um grito feliz, Ducette abriu a tampa e olhou com olhos sonhadores para os montes de brocado rosa tão cuidadosamente dobrados no baú. Ela correu os dedos ao longo de um corpete-aparado e mangas bufantes e delicadamente os tocou. — É tão bonito! — ela respirou. — Por que não usá-lo hoje, Cerine? Não é este que seu pai queria para sua apresentação para o príncipe?

Cerine deixou a mochila em seu ombro deslizar para a cama improvisada antes de enfiar as mãos bem dentro das mangas de seu robe de noviciado. A avó Didienne tentou convencê-la a desistir de seu traje sineliniano para a viagem do templo ao bairro de Wodechran, mas Cerine insistiu em usá-lo. Ela se sentia muito mais confortável com essas roupas do que com as que seu pai

mandara para a viagem. Especialmente a confecção rosa que tanto cativava a fantasia de Ducette.

— Um vestido como esse é completamente impraticável para viagens. — disse ela. — Certamente ficaria preso nas rodas ou salpicado de lama. Além disso, ainda bem que não o usei. As irmãs levarão várias horas para substituir a roda quebrada e, então, estará muito escuro para continuar viajando. Não chegaremos a Dunloch até amanhã.

— Mas você vai usá-lo amanhã, não vai? — Como se lidasse com uma relíquia sagrada, Ducette levantou uma banda cheia de joias fora do baú, segurando-a para admirar a seda pendurada.

A boca de Cerine se contraiu em um meio sorriso. Ela atravessou o pequeno espaço, pegou a peça das mãos de Ducette, então empurrado para trás capuz de sua colega noviça e colocando a banda de joias na cabeça. Ducette engasgou com prazer como a seda caiu sobre os ombros. — Oh, cerine! Você não deveria! — ela protestou, mas não tentou remover a decoração bonita. Suas mãos jogadas com as dobras de seda, o rosto brilhando. — Como estou? — ela perguntou, virando-se de uma forma e de outra. — Eu passo por uma dama?

Cerine inclinou a cabeça para o lado. Ducette era uma garota comum e magra, com grandes bochechas de maçã e um sorriso contagiante. Nenhuma quantidade de elegância iria transformá-la em uma beldade, e as joias e véus não disfarçavam a cúpula de seu couro cabeludo raspado no topo do véu. Mas pelo menos ela o usava apenas para brincar; ninguém esperava que ela tentasse se passar por uma bela cortesã na vida real.

— Combina mais com você do que comigo. — disse Cerine com sinceridade.

Ducette riu disso e girou no lugar para que a seda ficasse atrás dela. — Eu gostaria de estar prestes a me tornar uma princesa! — Ela lançou um olhar

irritado para Cerine. — Por que você tem que parecer tão taciturna o tempo todo? Alguém poderia pensar que estávamos a caminho de seu funeral, não de seu casamento.

Um arrepio percorreu a espinha de Cerine com isso. Ela teve o cuidado de não olhar para a bolsa que estava em sua cama, a bolsa que continha a tradução herética das escrituras sagradas da irmã Ilda.

A penalidade para a heresia era a força... um destino que parecia muito próximo para seu conforto nos dias de hoje.

Cerine encolheu os ombros e forçou uma risada. — Talvez eu prefira usar mantos sagrados que coçam e capuzes. — Ela deu um passo à frente e arrancou o véu do couro cabeludo careca de Ducette.

— Bem, você é um ganso. — Ducette respondeu, arrastando a seda entre os dedos uma última vez antes de soltar. — Eu trocaria de lugar com você em um piscar de olhos!

— E eu com você. — Sussurrou Cerine. Mas Ducette não a ouviu. A jovem noviça cruzou o pavilhão e afundou-se na cama de Cerine.

— Oh, meus pés! — ela gemeu. — Devemos ter caminhado cem quilômetros hoje. E agora devemos passar mais uma noite na estrada, em vez de em camas adequadas. — Ela caiu para trás nos cobertores, apoiando os pés e entrelaçando os dedos atrás da cabeça. — Pelo menos você vai dormir lá dentro. O resto de nós terá que rastejar sob as carroças e rezar para que não chova.

— Você é bem-vinda para dormir aqui esta noite, Ducette. — Cerine enfiou o véu ao lado do vestido e baixou a tampa do baú. — Há espaço suficiente para mais de uma pessoa. — Essa tinha sido outra discussão com a avó ao iniciar esta viagem. A última coisa que Cerine queria era um tratamento



especial: um pavilhão só dela, tão grande quanto o usado pela própria suma sacerdotisa. Isso apenas a separava ainda mais de suas colegas noviças.

O sorriso de Ducette diminuiu um pouco ao convite de Cerine, e sua testa enrugou com tristeza. Ela olhou ao redor do pavilhão coberto, o que realmente não era muito grande, então balançou a cabeça. — Não, não. Se eu ficar, irmã Albina vai esfolar-me viva na parte da manhã. Ela vai me faz cantar uma série de orações de penitência até que minha voz fique dolorida. Melhor não tentar sua ira. — Com essas palavras, Ducette sentou-se e correu para fora da cama. Ao fazê-lo, a bolsa Cerine tinha colocado lá caiu, e algo se agitou para fora e caiu no chão.

O coração de Cerine quase parou.

— O que é isso? — Ducette mergulhou e pegou o pequeno pergaminho, que estava bem gasto nas bordas. Ela o virou e, vendo o pedaço de selo quebrado ainda pendurado em uma das pontas, prendeu a respiração. — É aquele... Essa é a águia real? Oh! — Ela olhou para cima, os olhos brilhando e os dentes tortos brilhando em um sorriso conhecedor. — É uma carta de amor do Príncipe Dourado?

— Não, dê isso para mim! — Cerine mergulhou pelo cômodo e arrancou a carta das mãos de Ducette. Percebendo o quão dura sua voz soou, ela olhou para cima e apressadamente suavizou seu tom. — Sinto muito, Ducette. É um... uma importante comunicação de Dunloch, hum... Detalhes de importância legal.

Ducette, apesar de todas as suas máscaras externas de sorrisos e levandade, não era boba. Ela ergueu uma sobrancelha, abriu a boca, mas pela primeira vez pensou duas vezes e fechou-a novamente. — Cuidarei do seu jantar, minha senhora. — disse ela, em vez disso, com frieza, e saiu do pavilhão, deixando Cerine para trás.

Com as palavras “minha senhora” queimando em seus ouvidos, Cerine fez uma careta e baixou a cabeça. Ela não deveria ter falado com Ducette assim. Mas a ideia de que qualquer um pudesse ver o que esta carta continha... particularmente alguém como Ducette, que não conseguia segurar a língua se sua vida dependesse disso...

Ela olhou para o pergaminho apertado contra seu peito. Ela deveria ter destruído esta carta há muito tempo.

Sufocando uma maldição, Cerine caiu de joelhos ao lado da cama e puxou a bolsa em sua direção. Como ela era estúpida, como ela era descuidada! Tão distraída pela tagarelice de Ducette que ela não percebeu que a aba estava aberta. Ela deslizou a carta de volta para dentro, até o final. Sua mão roçou a capa de couro do livro da irmã Ilda ao fazer isso. Como se quisesse se tranquilizar, ela tocou o livro, passou o dedo pelas bordas ásperas de suas páginas. Só para se certificar de que todas ainda estavam lá.

Ela quase podia sentir o poder contido naquela ligação. Poder para mudar o mundo... Mas só se caísse nas mãos certas no momento certo da história.

Um nó se formou em sua garganta. Cerine engoliu dolorosamente e apressadamente fechou a bolsa, amarrando suas tiras de couro apertado. Então ela subiu de joelhos e se sentou na cama. Tinha ficado bastante escuro nos últimos minutos. O sol tinha ido na sua maioria, e a única luz vinha de fogueiras bruxuleantes brilhando através da abertura da tenda. O ar estava gelado, mas ela não podia trabalhar até a coragem de deixar a reclusão de sua tenda e se juntar suas irmãs ao redor do fogo.

Em vez disso, ela se envolveu em sua capa e simplesmente se sentou. A bolsa estava apoiada em seu quadril, um peso reconfortante e desconcertante.

Eles alcançariam Dunloch amanhã.

A princípio, ela ficou feliz quando a roda saiu do carrinho carregando a grande e digna personagem da avó Didienne. O juramento da suma sacerdotisa causou muita alegria secreta entre a irmandade, e o atraso em colocar a roda sobressalente no lugar significou uma noite extra na estrada. Uma noite extra durante a qual Cerine ainda podia fingir que não era nada além de uma Irmã Siveline, uma escriba devotada à Deusa e ao seu trabalho. Uma noite extra durante a qual ela poderia ignorar a perspectiva de toda a pompa e cerimônia do casamento que a aguardava nos próximos sete dias.

Uma noite extra durante a qual ela não precisa enfrentar a humilhação.

— *Uma rainha pode sussurrar no ouvido de seu rei.* — A voz da irmã Ilda voltou à sua mente, um eco na escuridão. — *Uma rainha pode dizer coisas na segurança do leito matrimonial que uma irmã sagrada não ousa falar em voz alta em lugares públicos.*

Cerine baixou a cabeça e puxou a bolsa no colo. — Não é por minha causa que eu faço isso. — Ela sussurrou. Suas palavras eram como uma oração confessional. — Eu faço isso por Perrinion e todas as nações Gaulian. Eu juro, Fayline, eu nunca teria concordado com o casamento de outra forma. Eu nunca teria...

Um grito rasgou o ar.

Cerine pulou para seus pés, seus músculos saltando de pavor. Outro grito, depois outro, todo um coro de terror. Cerine deu um passo para a frente, depois para trás, incerta se a ficava onde estava ou estourava fora de sua tenda. A curiosidade venceu o medo, e ela empurrou a porta da tenda, a bolsa ainda segura debaixo do braço. Quando ela saiu, uma rajada de vento soprou seu capuz através de seus ombros, expondo a cabeça raspada.



Um caos de pânico passou diante de sua visão. Ela viu irmãs correndo, ouviu cavalos gritando. Muitas formas tremeluzentes correram entre as fogueiras, as sombras mudando loucamente. Mas seu olhar foi atraído, quase contra sua vontade, para o centro do acampamento.

Para uma nuvem de escuridão viva e entrelaçada, mais profunda do que a própria noite. E para a figura de pé no centro daquela escuridão, uma figura usando os farrapos manchados de um vestido de noiva.

Os lábios de Cerine moveram-se silenciosamente, tentando falar um nome, tentando respirar uma prece.

A noiva espectral saiu do vazio e olhou para as freiras gritando. Seu rosto estava devastado e quase irreconhecível, um olho coberto por uma vegetação horrível, o outro oco e olhando fixamente em sua órbita.

— Onde você está, Cerine? — Uma voz crua e selvagem saiu daquela garganta tensa. — Eu sei que você está aqui. Mostre-se!

— Estou aqui.

A criatura se virou. Seus lábios se curvaram em um rosnado, e a luz do fogo brilhou nas pontas afiadas de seus dentes. Seu olhar caolho cruzou o acampamento e fixou-se em Cerine parada na porta de seu pavilhão.

Todo o resto pareceu desaparecer em segundo plano. Os gritos das freiras, as patadas e guinchos dos cavalos. Não havia ninguém aqui, apenas as duas sozinhas. Cerine olhou para aquele rosto infernal que não era de sua irmã e, no entanto, de alguma forma, impossivelmente, ainda era.

— Estou aqui, Fayline. — disse ela. Seus pés dando um passo lento de cada vez, ela cruzou em direção à fogueira piscando entre ela e aquela forma fantasmagórica. De algum lugar distante, ela ouviu a irmã Ducette gritar seu nome, mas a voz pode muito bem ter vindo de outro mundo. Embora seus

joelhos tremessem tanto que mal conseguiam suportar seu peso, ela deu mais um passo e depois outro.

A criatura a estudou, seu único olho brilhando estranhamente. Uma alma humana ainda poderia ser encontrada por trás daquele olhar? Ou estava completamente dominado pelo espírito possessor em seu interior?

— Então, você veio afinal, Cerine. — A voz que a alcançou através do fogo crepitante era baixa, como o rosnado de um animal. — Eu ouvi rumores de sua chegada iminente. Eu não queria acreditar. Eu não queria pensar que você... que você...

Sua boca se retorceu de dor e suas duas mãos esqueléticas bateram palmas contra suas bochechas, pressionando com força, as unhas rasgando sua pele delicada de modo que o sangue negro corresse em pequenos riachos. — Ela quer sair! — ela gritou, seu único olho bem fechado. — Ela quer sair, e ela quer que eu te mate! Ela quer que eu mate todas vocês!

Embora as palavras fossem terríveis, a esperança surgiu na alma de Cerine. Essa era Fayline. Tinha que ser. Se a bruxa estivesse ascendente neste corpo, ela teria matado todas elas até agora. Mas sua irmã estava lutando, sua irmã queria poupá-la. Poderia ser... poderia ser...

Cerine lambeu os lábios secos e, enquanto o olho de Fayline estava fechado, tirou a bolsa de debaixo do braço, pendurando-a sobre o ombro pela alça.

Com esse movimento, os olhos de Fayline se abriram. A íris azul claro se perdeu em um esquecimento de pura escuridão. — O que é isso? — ela rosnou. Duas vozes estranhas ecoaram atrás dela quando ela falou.

No instante seguinte, a escuridão explodiu ao seu redor e ela desapareceu, apenas para reaparecer a apenas um palmo de distância da

própria Cerine. Suas mãos em forma de garras arrancaram a bolsa das mãos de Cerine.

— Fayline, não! — Cerine tentou pegá-la de volta, mas a coisa demoníaca que era sua irmã se afastou, apresentando a Cerine uma vista de suas costas emaciadas, omoplatas perfurando como facas pelos emaranhados ruivos de seu cabelo. Cerine a viu rasgar a aba, suas mãos de aranha mergulhando dentro e remexendo nos livros e papéis.

Como se guiada pela própria vontade do destino, ela agarrou a carta do príncipe e puxou-a para fora. A luz do fogo brilhava no selo quebrado da cabeça de águia.

— Não por favor. — Cerine engasgou com as próprias palavras e quase caiu de joelhos. Levou cada grama de vontade que ela possuía para permanecer de pé. — Por favor, devolva isso para mim. Fayline, isso não significa nada...

Mas era tarde demais. A irmã dela abriu a carta. Cerine não conseguia ver o rosto dela, mas não precisava. Ela viu o espasmo de dor excruciante que desceu por sua espinha arqueada.

Com um grito selvagem, a menina monstruosa rasgou a carta em pedaços, usando suas unhas compridas e retorcidas e seus dentes. Ela cuspiu pedaços de pergaminho mastigados, depois se virou, rangendo os dentes enegrecidos, os lábios puxados para trás das gengivas machucadas.

— Você me traiu! — ela gritou.

— Nunca. — Cerine levantou ambas as mãos. Através de sua mente passavam imagens de quatro anos atrás... de todos os corpos mortos pela mão de sua irmã recém-possuída. Ela sabia que a magia dominava dentro dessa anfitriã frágil. Ela sabia como brutalmente Fayline poderia acabar com sua vida.



Mas ela estendeu a mão de qualquer maneira e pegou a mão de sua irmã. — Eu nunca trairia você. — Ela disse. — Eu só quero salvar...

Fayline gritou e se puxou para longe. — Você não pode me salvar. — Ela rugiu. — Ninguém pode.

Cerine saltou para trás antes que outra explosão de escuridão envolvesse sua irmã. Sua visão ficou momentaneamente atordoada, ela cambaleou vários passos, esfregando os olhos, mas olhou para cima a tempo de ver Fayline reaparecer na borda do acampamento. Com o cabelo ruivo e o vestido de noiva em ruínas arrastando-se atrás dela como flâmulas, ela correu noite adentro.

Com a bolsa contendo o livro da irmã Ilda nas mãos.

## CAPÍTULO 12

Com o vale desconhecido à frente deles envolto em trevas, Ayleth não conseguia correr com seu cavalo, mas instou-o com toda rapidez que ousava, usando sua visão de sombra para ajudar a guiar o caminho. Laranta galopou no final da corda da alma, esforçando-se com o desejo de caçar e puxando com tanta força que Ayleth quase foi arrancada da sela pela pura força do espírito.

Os gritos haviam diminuído. De alguma forma, isso pareceu mais sinistro do que reconfortante. Ela cautelosamente se aproximou do acampamento, sua visão sombria ofuscada pelo brilho de muitas almas mortais. Voltando à visão mortal, ela freou Chestibor.

Um tumulto de atividade preencheu seu olhar, com destaque para o brilho das fogueiras. Cavalos relinchavam e empinavam, Chestibor deu uma guinada e parou e balançou novamente. O ar era uma tempestade de vozes tagarelando. Uma dúzia ou mais organismos corriam, gritavam e amaldiçoavam, de modo que, à primeira vista Ayleth pensou que ela deveria ter vindo em cima de um bando de mercenários cruéis. Mas duas piscadas depois, seus olhos mortais se ajustaram suficiente para perceber que todos estavam correndo de vestes brancas imaculadas com capuzes sobre suas cabeças. E eram todas mulheres.

Freiras. Ela encontrou um grupo de freiras. Freiras histéricas, aterrorizadas e gritando.

— *Laranta.* — Ela gritou com sua mente. — *Algum sinal de uma sombra?*

Antes que Laranta pudesse responder, uma das freiras avistou Ayleth em seu cavalo à beira da fogueira. Ela pressionou as duas mãos nas bochechas

e gritou: — Capuz Vermelho! Capuz Vermelho! — Não foi uma saudação de boas-vindas.

Ayleth ergueu uma das mãos. — Estou aqui para ajudar! — ela gritou. — Diga-me o que aconteceu! — Sua voz quase foi engolida pelo caos.

Alguém deve tê-la ouvido, no entanto. Uma onda de movimento proposital passou pela multidão enquanto as freiras se separavam para permitir que uma delas passasse. Diante da visão de Ayleth, apareceu uma pessoa extremamente baixa, impressionantemente gorda e totalmente intimidante, vestindo trajes completos de alta sacerdotisa como se estivesse se preparando para um dia sagrado. Ela cambaleou com um propósito digno através da multidão, seu rosto uma máscara de desdém pelas demonstrações de histeria ao seu redor. Ela era possivelmente a pessoa mais velha que Ayleth já tinha visto, a pessoa mais velha que ela poderia imaginar que já viu. Sem o apoio de uma bengala de madeira de sorveira entalhada em uma das mãos e a ajuda de uma jovem robusta segurando-a pelo outro braço, ela certamente teria caído sob seu próprio peso e idade.

Ayleth desmontou rapidamente e fez uma reverência. Ela nunca tinha conhecido uma avó antes, e ela não estava totalmente certa do modo adequado de tratamento. Uma reverência parecia o mais seguro.

Laranta, ainda manifestada no chão ao lado de sua senhora, rosnou. *Sorveira!*

— *Silêncio.* — Ayleth vaiou, e a sombra se agachou a seus pés. Ela não conseguiu reprimir um estremecimento. A bengala de sorveira que a sacerdotisa carregava servia não apenas como um suporte para sua estrutura, mas também como uma proteção contra a influência da sombra. Nenhuma sombra poderia suportar o perfume da árvore de sorveira sagrada, dedicada à Deusa.



Devem ser Sivelinianas, percebeu Ayleth, uma alta ordem de devotas fundada sob Santa Sivella dos Rood. Mulheres santas que detestavam todas as sombras e tomados pelas sombra, elas viam a Ordem de Santo Evander como um pouco melhor do que uma horda de hereges possuídos por demônios.

A sacerdotisa lançou a Ayleth um olhar tão severo que quase desejou montar e partir novamente, deixando as irmãs com seus próprios negócios. Mas se Gerard soubesse que ela havia abandonado um grupo de freiras angustiadas no meio da noite, isso certamente não a ajudaria a convencê-lo de que era a pessoa certa para o posto de Milisendis.

Ayleth se fortaleceu sob o olhar da avó. — Eu sou Ayleth, Venatrix di Ferosa. Diga-me o que aconteceu aqui e como posso ajudá-las.

— Bruxa. — a sacerdotisa cuspiu. Ayleth se eriçou, pensando que a santa mulher apontou o epíteto para ela. Mas a sacerdotisa continuou: — Surgiu do nada, uma mulher, bem no meio do nosso acampamento. Assustou minhas meninas fora de suas mentes... o que, claro, não precisa muito. — Com isso, a velha fez uma careta para o grupo, que, recuperando-se do terror, cruzou as mãos sob as mangas compridas de suas vestes e curvou a cabeça em recatada vergonha, os rostos cobertos pelas dobras dos capuzes.

A sacerdotisa voltou aquela carranca formidável para Ayleth. — É ou não é dever declarado de sua ordem proteger o reino de bruxas e similares? Vou dar uma palavrinha com o seu superior e dizer-lhe o que penso, jovem.

Malditos Assombrados. Exatamente o que ela precisava. — Boa mãe... — interveio Ayleth apressadamente.

— Avó. — A jovem freira apoiando o braço da sacerdotisa corrigiu severamente.

Ayleth lançou um olhar inquieto da velha para a jovem e de volta para ela. — Avó... se você pudesse descrever para mim essa bruxa e me dizer o que ela fez e para onde foi, eu tratarei dela. É... é possível que ela tivesse cabelo ruivo?

Os olhos da sacerdotisa, já pequenos por trás das rugas e dobras de gordura, se estreitaram. — Escuridão. — Ela murmurou. — Uma nuvem de escuridão em torno dela, como uma mortalha do diabo.

— E o cabelo dela? — Ayleth pressionou. — Qual era a cor do cabelo dela?

— Não poderia dizer sobre o cabelo. Apenas a escuridão. — A velha estremeceu e então, com esforço, ergueu a bengala e apontou-a para o coração de Ayleth como se quisesse passar por ela. — Roubou uma das minhas novatas, ela fez.

— Roubou uma? — A atenção de Ayleth vibrou como uma corda de arco tensa. — Como ela a roubou? Uma maldição? Uma ligação?

— Não, não, nada disso. — A sacerdotisa sacudiu a cabeça pesada e trouxe a bengala bruscamente de volta ao chão, apoiando-se pesadamente. A jovem freira ao seu lado ajustado seu aperto sob o braço flácido da velha. — Iludiu a menina de alguma forma. A bruxa fugiu naquele caminho e a tola saiu correndo atrás da criatura possuída. — Assim dizendo, a sacerdotisa assentiu à sua esquerda.

Acenou com a cabeça na direção de Cró Ular.

Ignorando a diatribe subsequente da sacerdotisa sobre a idiotice dos noviços e a desintegração da nobre Irmandade de Siveline, Ayleth olhou para a torre. Embora a escuridão e a paisagem intermediária a ocultassem de vista, ela sentiu sua presença surgindo um pouco além do alcance da visão mortal e da visão sombria.

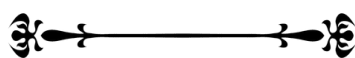
Parte dela queria fugir, para resistir ao destino que parecia atraí-la de volta para aquelas ruínas amaldiçoadas. Mas tais sentimentos eram indignos de uma venatrix.

Ayleth voltou-se para a sacerdotisa. — Vou recuperar sua novata. — disse ela, puxando o capuz vermelho da cabeça enquanto falava e enfiando-o na frente do colete. — Eu vou lidar com essa bruxa. Aqui. — Ela jogou as rédeas de Chestibor para uma freira próxima. — Segure-o para mim.

— Capuz Vermelho! — a suma sacerdotisa chamou quando Ayleth deu meia-volta, preparando-se para marchar noite adentro. Ayleth olhou em volta. — Traga a garota de volta inteira e não tomada, ou é o próprio julgamento da Deusa que você deverá enfrentar.

— Todos nós devemos enfrentar o julgamento da Deusa. — respondeu Ayleth severamente. — Todos nós devemos prestar contas por nós mesmos no final.

Com isso, ela saiu correndo, Laranta em seus calcanhares, e eles deixaram as Irmãs Siveline e suas fogueiras bruxuleantes para trás na escuridão.



— *Algum vestígio de uma sombra, Laranta?*

A sombra do lobo espreitou ao longo das ruínas sinuosas da Estrada da Rainha, focinho no chão e farejando atentamente. Ayleth a seguiu, com uma das mãos apoiada na corda de ligação da alma. Seus olhos brilharam com a visão das sombras enquanto ela navegava nas pedras quebradas do pavimento. Embora esburacada e um tanto traiçoeira em alguns lugares, a



velha rodovia ainda era a rota mais suave por aquela região rural acidentada, especialmente depois de escurecer.

Laranta rosnou uma resposta, o som ondulando de volta ao longo da corda da alma. *Sombra. Deste lado.*

Aparentemente, a sombra também escolheu usar a Estrada da Rainha enquanto ela fugia do acampamento Siveline, levando a noviça atrás dela. Era realmente uma bruxa, como disse a avó? Dado o fato de ter atraído uma das jovens freiras a persegui-la, era mais provável que fosse uma Isca, uma sombra dada a uma presa sedutora com sons de sereia e ilusões da mente. Recentemente, Ayleth resgatou o Príncipe Dourado de uma Isca, e ela sabia como eles podiam ser perigosos. Quanto ao delírio da sacerdotisa sobre uma nuvem negra, isso poderia facilmente indicar uma ilusão de isca.

Ayleth cerrou os dentes. Ela já havia cometido o erro de se preparar para lutar contra um tipo de sombra ao enfrentar outra. Ela precisava tomar cuidado, não fazer suposições...

Mas em seu íntimo ela sabia: ela agora caçava a Bruxa Fantasma.

Deveria ser quase dois quilômetros de volta para Cró Ular. A cada curva da estrada ela esperava encontrar a bruxa ou a noviça desaparecida. Mas ambas tiveram uma boa vantagem sobre ela, e ela não as alcançou. Uma lua crescente surgiu alta, mas lançava pouca luz sobre a paisagem abaixo, e ela dependia quase inteiramente de sua visão sombria para guiá-la. Como a novata conseguiu, ela não conseguia adivinhar. Talvez ela estivesse enfeitiçada de alguma forma.

Ayleth escalou uma colina que lhe parecia familiar. Quando ela alcançou o cume e olhou para o vale abaixo, ela viu os restos irregulares da torre.

Seu estômago se apertou. Se ela estivesse certa, se a Bruxa Fantasma realmente esperasse entre aquelas ruínas, ela estaria terrivelmente

derrotada. Ela não estava nem carregando a variedade certa de veneno para uma sombra do Evanescer. Ela não deveria enfrentar esse inimigo sozinha. Ela deveria retornar ao posto avançado, avisar Terry.

Mas se recuasse agora, ela condenaria a novata desaparecida. Quando voltasse com Terry, a pobre garota estaria morta. Ou pior.

— Você não sabe. — Ela lembrou a si mesma, rangendo as palavras entre os dentes. — Você não sabe o que está lá embaixo.

Ayleth firmou a mandíbula e respirou fundo. Ela era uma venatrix, treinada para enfrentar sombras sozinha. Ela lutou com seu quinhão de inimigos no mês passado e sempre conseguiu se afastar mais ou menos triunfante. Ela poderia fazer isso de novo.

Movendo-se com cuidado especializado, ela começou a descer, colocando os pés de forma a não enviar nem uma única pedra solta escorregando pelo declive. Com Laranta atualmente correndo na extremidade de sua corrente de alma, ela não tinha acesso à força sobrenatural ou furtividade. Mas Hollis a treinou muito ao longo dos anos, e ela caminhava com a graça de um predador sob a lua tênue.

Laranta parou à frente, rosnando e balançando a cabeça de lobo. *Sem sombra*, disse ela, olhando para Ayleth com os olhos estranhos brilhando. *Sem rastro. Sem cheiro. Se foi.*

Ayleth franziu a testa. Embora houvesse muitos meios potenciais de tirar um caçador Feral como Laranta de uma trilha, um parecia mais provável do que os outros. — *Oblivis?* — ela perguntou. Se a sombra tivesse evanescido, ela poderia deixar um rastro de oblivis para trás onde ela pisou em um de seus caminhos maliciosos através dos Assombrados.

Laranta abanou a cabeça. *Nenhuma sombra. Sem rastro. Sem cheiro.*

Isso não significa nada com certeza. A sombra ainda pode estar próxima. Ainda pode ser... algo.

Ela tirou o escorpião do coldre e o montou no braço. Mas ela hesitou em carregar a Morte Gentil. O veneno era tão mortal, e se ela errasse? A noviça estava lá fora, já em risco com a sombra. Embora Ayleth gostasse de se considerar uma atiradora melhor do que a maioria, havia muitas variáveis neste cenário. Ela seria mais sábia não carregar sua arma ainda.

— Eu preciso dar uma olhada na bruxa. — Ela sussurrou. — Dar uma olhada nela, então dar o tiro. — Com essa decisão em mente, ela olhou para Laranta mais uma vez. — *E quanto ao sangue mortal? Você pode encontrar um traço?*

Laranta retraiu os lábios. *Eu cheiro mortal.*

— *Siga esse perfume.* — Ayleth ordenou. Era uma trilha tão boa como qualquer outra. Se elas encontrassem a novata, provavelmente elas iriam encontrar a sombra.

Laranta fluía encosta abaixo, em direção às paredes em ruínas de Cró Ular. Ayleth a seguiu, seus sentidos mortais formigando e desconfiados. Ela não viu nenhum sinal de vida entre as pedras caídas da torre, e ela sabia que Laranta a avisaria se ela sentisse alguém por perto. Mas algo no ar parecia... errado. Era como cair em uma armadilha, sabendo que era uma armadilha, mas o tempo todo tentando se convencer do contrário.

Laranta alcançou o portão destruído e instantaneamente se solidificou em sua forma de lobo, com os pelos eriçados. *Mortal*, ela disse, a ansiedade envolvendo sua voz. As bordas de sua forma flutuaram e estremeceram como gavinhas de fumaça. *Mortal.*

Ayleth esgueirou-se para o lado de sua sombra e espiou através dos marcos quebrados do portão para o pátio de Cró Ular. Tudo parecia mais



macabro ao luar, e aquela sensação de presenças fantasmagóricas que ela havia sentido no início do dia se intensificou, tão nítida, tão intensa que ela quase poderia jurar que viu os fantasmas de guerreiros mortos vagando entre as pedras caídas.

Então, uma daquelas imagens fantasmas apareceu em um espaço claro, e a luz da lua iluminou as vestes brancas e um capuz claro.

O coração de Ayleth deu um salto. A novata! Suas vestes pendiam apenas até os joelhos, apertadas com um cinto largo na cintura, e suas pernas estavam vestidas com calças largas, as tiras de suas sandálias envolvendo o tecido apertado em torno de suas panturrilhas. Ela caminhava com a cabeça inclinada para trás, olhando para cima e ao redor como se esperasse que algo descesse do céu vazio.

Ayleth reprimiu o impulso de se levantar e correr até a garota, agarrá-la pelo braço e arrastá-la pelo portão, de volta à Estrada da Rainha. Não havia sinal de nenhuma bruxa, e seu primeiro dever certamente seria resgatar essa jovem idiota.

Mas isso poderia ser parte da armadilha? A noviça estaria sendo usada como isca para levar Ayleth a uma ação precipitada? Ela não ousaria agir tão impulsivamente. Ela deveria recorrer ao treinamento cuidadoso de Hollis e proteger a área antes de se envolver com a garota.

— *Laranta, à minha direita.* — Ela comandou, apontando para sua sombra de lobo. — *Contorne as ruínas, busque uma sombra. Encontre-me do outro lado.*

A cauda de Laranta balançou uma vez em resposta antes de ela partir. Sua forma de lobo se derreteu em uma sombra sutil. Parte da consciência de Ayleth foi com sua sombra, mas com o resto ela se concentrou em seu próprio caminho, movendo-se no sentido horário ao redor das ruínas. Às vezes, ela perdia a noviça de vista através das paredes

desmoronadas. Às vezes, ela a via de relance novamente, ainda dentro do pátio. Pelo menos a garota tola não se aproximou da própria torre. Ayleth não sentiu nada em seu caminho, nenhum formigamento de magia ou maldição, nenhum sinal de sombra ou mesmo de outra vida por perto.

Então, uma parte desmoronada da parede bloqueou seu caminho, parecendo ter sofrido uma explosão. Possivelmente obra de uma sombra Elemental, vinte anos atrás. Ayleth subiu até o topo, ainda se movendo suavemente, silenciosamente.

Assim que ela estava começando a descer, a voz de Laranta ondulou de volta ao longo da corda da alma até ela. *Sombra. Magia.*

Ayleth teve um sobressalto e sua mão soltou uma pedra. Caiu, com estrépito e choque, no chão. Ela estremeceu com cada impacto, uma maldição deslizando por seus dentes cerrados.

A noviça no pátio virou-se abruptamente em direção ao som. Agachada e escondida entre as pedras, Ayleth observou a garota dar três passos, então parar e olhar para a parede em ruínas.

Uma voz suave e trêmula gritou: — Fayline? Fayline, é você?

Ayleth piscou. Por que a novata conhecia esse nome?

*Oblivis!* Laranta rosnou ao longo da corda da alma.

Ayleth fez uma careta, sua atenção dolorosamente dividida. Ela se concentrou em Laranta, muito distante para ver com os olhos físicos, mas sempre perceptível no espírito. — *Oblivis? Como o que vimos hoje cedo?*

*Sim. Magia de sombra também.*

— *A sombra está perto?*

*Não.* Mas, apesar de sua resposta, Laranta rosnou, profundamente e cruel.

— Termine de proteger o perímetro e venha até mim. — disse Ayleth. Seus olhos mortais piscaram para o pátio onde a noviça ainda se aproximava, seus passos cautelosos, mas determinados na quase escuridão.

Como que para melhorar sua linha de visão, a garota jogou o capuz para trás, revelando um couro cabeludo quase nu. Noviças devotados a Santa Sivella sempre desistiram de seus bens materiais e raspam suas cabeças como um símbolo de renunciar a qualquer reivindicação de beleza mortal. O cabelo dessa garota tinha sido tosado de novo recentemente, ao que parecia, e muito mal.

— Fayline. — A novata gritou. — Eu sei que é você. Não vou me esconder de você, juro. Eu não tenho medo. Por favor, saia.

Quem era essa garota? A mente de Ayleth disparou, tentando entender, e no momento ela estava perplexa demais para se esconder melhor.

A noviça deu mais um passo e parou. Respirando fundo, ela recuou vários passos. — Quem... Quem está aí? Quem é você? — ela gritou.

Não adianta se esconder agora. Franzindo a testa ligeiramente, Ayleth ficou de pé, levantando as duas mãos. Os fechos de sua braçadeira brilhavam, mas obviamente não visava ninguém. — Está tudo bem. — Ela chamou. — Eu sou Ayleth, Venatrix di Ferosa. Eu sou uma Evanderiana.

A noviça ficou boquiaberta. Seus olhos eram pálidos e muito grandes, e por um instante ela pareceu gentil, vulnerável. Então sua expressão endureceu, sua boca se retorcendo em um rosnado feroz.

— Você não deveria estar aqui. — disse ela. — Vá embora! Você vai assustá-la.

— Assustar quem? — perguntou Ayleth, dando vários passos cuidadosos na pilha de escombros. — Você quer dizer Fayline? Ela está perto?



Os olhos da noviça se estreitaram. Ela se afastou de Ayleth, mas, ao fazê-lo, sua bota atingiu algo, que deslizou para o lado, refletindo a luz. A noviça se virou para o que quer que fosse, e seu queixo caiu.

— Estou aqui para ajudá-la. — disse Ayleth, deslizando pela última inclinação para chegar ao mesmo nível do novato. — Você pode estar enfeitiçada. Vou levá-la de volta para o seu povo e...

— Volte! — A noviça se virou, ambos os braços estendidos em um gesto de advertência. — Saia! — Ela se interrompeu com um grito quando o mundo explodiu em um lampejo ofuscante. Não de luz, mas de pura escuridão.

Ayleth cambaleou, erguendo os braços para proteger a visão. Ela caiu com força nos escombros, piscando dolorosamente através das sombras giratórias diante de seus olhos, tentando se forçar a ver.

Uma figura estava a menos de cinco passos da noviça: uma mulher emaciada vestida em trapos, com o cabelo comprido e emaranhado. Sua pele, tão pálida que parecia translúcida, estava coberta por uma complexa rede de veias pulsantes e pretas. Um crescimento semelhante a um fungo brotou de uma órbita ocular e desceu por sua bochecha e pescoço. A luz da sombra brilhava em seu olho, e a escuridão se espalhava ao seu redor como uma capa caindo no chão. Onde pousava, a própria terra fervia.

A Bruxa Fantasma.

Por um instante, a bruxa olhou para o rosto da noviça. Um instante que pareceu se estender indefinidamente, de modo que a mente de Ayleth, girando naquele lampejo de escuridão, confusa com as impossibilidades que via diante de si, percebeu com um choque terrível que, além do crescimento, além da magreza, a bruxa e a noviça eram estranhamente parecidas.

— Fayline. — a noviça disse, estendendo as duas mãos. — Fayline, por favor, me dê isso.

Só então Ayleth viu que a bruxa segurava uma bolsa nas mãos. Ela a ergueu bem alto sobre a cabeça, mostrando os dentes para a novata.

— Por que? Tem mais cartas dele dentro? Mais evidências de sua traição desmazelada?

Ayleth piscou. Do que, em nome da Deusa, elas estavam falando?

— Não, Fayline. Não diga isso. — A noviça deu mais um passo, seu rosto cheio de súplica. — Você deve entregá-la. Não tem nada a ver comigo, ou você, ou... ou Gerard.

— Não fale o nome dele, sua vadia! — A bruxa jogou a bolsa no chão e ela escorregou pelo chão. Então ela ergueu as duas mãos, e saliva voou de seus lábios enquanto ela gritava: — Vou arrancar sua garganta infeccionada...

Ayleth agarrou a Morte Gentil e lançou-a contra seu escorpião. O som do dardo se encaixando fez a bruxa parar no meio do caminho e se virar. Ela viu Ayleth. Seus lábios se separaram de seus dentes em um grunhido sibilante. Ela mudou de direção e se lançou contra Ayleth, com os braços estendidos e os dedos curvados como garras.

— *Laranta!* — Ayleth gritou ao longo da corda da alma. — *Para mim! Para mim!*

Sua sombra respondeu imediatamente. Seu poder fluiu de volta ao longo da corda da alma, mas ela estava do outro lado das ruínas, a segundos de distância, enquanto a bruxa cobria a distância entre ela e Ayleth em poucos instantes.

Ayleth sacou a adaga de osso da bainha. Ela não teve tempo de brandi-la, mas se abaixou para escapar do primeiro golpe da bruxa. Ela perdeu o equilíbrio, caiu e rolou, mas se levantou novamente agachando-se bem a tempo de pular para o lado quando a bruxa bateu com os dois punhos em sua

cabeça. Em vez disso, o golpe atingiu Ayleth no ombro, com uma força surpreendente vinda de um corpo hospedeiro tão delicado.

Não importa. Na respiração seguinte, Laranta estava com ela, e o poder da sombra fluiu para a cabeça de Ayleth, descendo por seus membros. Ela saltou de pé, sua boca retorcida em um sorriso selvagem que ela não pôde reprimir. Quando a bruxa se lançou contra ela novamente, mirando um golpe na lateral de seu rosto, Ayleth se abaixou facilmente e cravou o punho profundamente no estômago da mulher.

A bruxa se dobrou sem fazer barulho e caiu de joelhos. Por uma fração de segundo, a mão de Ayleth se moveu para desferir um golpe mortal com sua adaga. Teria sido fácil mergulhar a lâmina profundamente naquele pescoço exposto.

Mas tal morte violenta certamente capacitaria os espíritos internos para escapar e encontrar um novo corpo hospedeiro. Eles podem entrar na própria noviça, estando tão perto. Não, ela não poderia lidar com uma morte violenta. Ela deveria tentar subjugar a bruxa, deixá-la inconsciente antes de picá-la com a Morte Gentil.

Ayleth largou a adaga e saltou para a garganta da mulher, com a intenção de estrangulá-la até que desmaiasse. Mas aquele momento de indecisão foi muito longo.

Outro clarão da escuridão cegou. Os braços agarraram ar vazio. Ela cambaleou, impotente, tossindo e engasgando enquanto ela caía de joelhos. Dois braços longos a agarraram por trás, envolvendo em torno de seu pescoço como um laço.

Uma voz sibilou em seu ouvido: — Já faz muito tempo desde que matei uma venatrix.

Alguém gritou: — Fayline, não!



Outra explosão de escuridão. Só que dessa vez não acabou...

*Caos. Horror. Ruína e dor.*

*O espírito de Ayleth gritava e berrava, primeiro esticando-se tanto que começava a rasgar, depois se contraindo tão pequeno que precisa se esmagar sob seu próprio peso.*

*Luz, escuridão, loucura. Sem sentido, sem sentido! Ela lutava pela razão, lutava por uma coisa que ela possa agarrar, uma coisa que ela possa entender. Existia apenas dor, uma dor interminável e insuportável.*

*Ela se apegava a essa dor como sua única tábua de salvação.*

*Um rosto aparece diante dela. O rosto de uma mulher, com um olho só, rodeado por uma nuvem de cabelos flamejantes. O único olho se arregala de horror. A boca se abre e duas palavras emergem, cortando o caos.*

*– Minha rainha?*

*Um relâmpago como uma explosão de raios, queimando sua alma para o núcleo.*

Ayleth caiu com força na calçada quebrada do pátio, tossindo, arfando, sufocando. Dentro de sua cabeça, ela ouviu Laranta gritar, *Senhora! Senhora!*

Ela não conseguia se mover. O mundo nadava ao seu redor, sombras negras rastejando nas bordas. Ela pensou ter visto uma vibração de mantos brancos, pensou ter visto duas sandálias, então um par de joelhos afundando no chão diante dela. De um lugar distante e inacessível, uma voz disse: — Venatrix? Venatrix, você pode me ouvir?

Ayleth fechou os olhos e cedeu ao que deveria ser a morte.

## CAPÍTULO 13

Cerine se agachou sobre a venatrix, com as mãos pairando no ar logo acima dos ombros, com medo de tocá-la. Ela pensou ter ouvido um som em suas costas e se virou bruscamente, esperando ver sua irmã se manifestar na escuridão, as mãos estendidas para rasgar sua garganta. Mas não havia nada. Apenas sombras e luar fraco.

O que ela poderia fazer? O que ela deveria fazer? Seu coração trovejou em sua garganta, e um medo selvagem caiu dentro de sua cabeça, abafando todo pensamento racional.

Então seus olhos pousaram em uma forma indistinta a alguns metros de distância.

Cerine levantou-se de um salto e tropeçou no pavimento partido. Suas mãos trêmulas agarraram sua bolsa, que Fayline tinha jogado tão descuidadamente para o lado. Ela sentiu o peso do livro da irmã Ilda dentro e todo o seu corpo cedeu de tanto alívio que ela caiu de joelhos, sussurrando: — Deusa seja louvada!

Mas ela não podia ficar. Fayline poderia retornar a qualquer momento. Parecia tolice até tentar fugir da irmã, mas pior ainda era esperar como um rato em uma armadilha. Ela deveria tentar fugir, deveria tentar cumprir a missão para a qual veio.

Seus membros tremendo de alívio misturado com terror, ela voltou para a venatrix. Ela não podia ver as características da estranha mulher claramente, mas algo sobre ela deu uma impressão de juventude. Ela pode não ser mais velha do que a própria Cerine. Tão jovem para ser tão feroz!

Mas toda a sua ferocidade não tinha sido nada comparada ao poder explodindo dentro de Fayline. O poder de Inren di Karel.

A Venatrix gemeu e seus olhos se abriram. Por um momento ela ficou em silêncio. Então sua boca se abriu e soltou um grito que ecoou nas pedras, rasgou o céu e fez Cerine cobrir os ouvidos e se agachar como uma bola trêmula, escondendo o rosto nos joelhos. O grito durou um tempo anormalmente longo, cru, selvagem e terrível.

Mas quando finalmente o som cessou, os olhos da venatrix ainda estavam abertos. Ela ficou ofegante, não exatamente acordada, mas também não inconsciente.

Cerine puxou-se na vertical, forçando uma pequena medida de coragem à existência por pura força de vontade. — Vamos, Venatrix. — disse ela, e pegou no braço da mulher. A venatrix ficou tensa, e Cerine metade esperava que ela se lançasse com uma de suas muitas armas. Mas em vez disso ela se submeteu a insistência de Cerine e se permitiu ser puxada para seus pés. Quando ela oscilou fortemente e quase caiu, Cerine passou por baixo do ombro, segurando-a na posição vertical o melhor que pôde. — Venha então. — disse ela, e deu um passo.

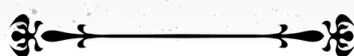
Para seu alívio, a venatrix deu um passo ao lado dela. Então outro. Então outro. Cambaleando e quase caindo em mais de uma ocasião, elas de alguma forma conseguiram sair de entre as ruínas e entrar no vale aberto além. Cerine olhou para a noite, sem saber de que direção tinha vindo. Quando ela perseguiu Fayline, ela simplesmente seguiu a imagem fantasmagórica de sua irmã. Mas agora...

Bem, ela não podia apenas ficar aqui, esperando a bruxa retornar e acabar com as duas. Ela deu um passo.



A venatrix parou bruscamente e balançou a cabeça, resmungando sem palavras. Então, de alguma forma, ela conseguiu levantar a mão, apontando. — Aquela... dire... — Sua cabeça caiu para seu peito, e sua longa trança caiu sobre um ombro. Mas não havia como confundir o significado.

— Tudo bem. Eu entendo. — disse Cerine. Ela mudou de direção e, seguindo a rota indicada pela venatrix, elas partiram para o vale.



Terryn pegou a trilha do circuito que conduzia ao sul enquanto o sol desaparecia atrás do horizonte. Agora que estava além das paredes de Dunloch, além dos jardins, de volta ao campo onde pertencia, ele descobriu que podia respirar novamente.

Havia realmente uma necessidade de ele sair correndo na noite que se aproximava? Provavelmente não. O mais provável é que uma carroça tivesse perdido uma roda ou um cavalo mancasse. Talvez a balsa que cruzava o rio estivesse atrasada. Mas se era para ele acalmar a mente de Gerard descobrir o paradeiro da ausente Senhora Cerine, que fosse. Era uma desculpa para fugir e ele estava grato.

Ele se curvou sobre o pescoço de Fleeta e a incitou a galopar. A noite estava fria e por isso ele estava grato. Ele deixou aquele frio atingir seu rosto, atingir seus pulmões. Fleeta o carregou por quase um quilômetro do castelo antes que ele a deixasse desacelerar e recuperar o fôlego. Eles continuaram em um trote fácil enquanto o céu acima deles escurecia e as estrelas apareciam uma a uma.

Terryn sentiu o brilho da lua atrás de sua cabeça e... e mexeu com algo lá no fundo. No lugar onde sua sombra se agachava, presa em suas correntes Vocos.

Terryn fez uma careta. O luar sempre teve esse efeito sobre ele, enchendo-o de uma necessidade estranha e enlouquecedora de afrouxar as amarras com as quais mantinha sua sombra cativa, de deixar seu poder fluir por ele, de sentir a magia aumentar e aumentar até explodir em ondas. Ele puxou o capuz para cima e sobre a cabeça como se de alguma forma pudesse bloquear a influência da lua.

Mas o desejo permaneceu. O desejo mortal que ele deveria lutar com tudo que ele tinha.

— Ela não luta contra isso. — Ele sussurrou, as palavras se enrolando em vapores brancos diante de seus lábios. — Ela não prende sua sombra, e ainda assim isso não a oprime.

Heresia. Ele oscilava à borda irregular de heresia. E porquê? Porque uma menina irregular e mal treinada, veio dançando em sua vida com sua imprudência? Ela fazia parecer tão fácil o vínculo que compartilhava com sua sombra. Ela recorria a seus poderes sem um pensamento, e mal tinha tempo para chamá-la de volta. Era impressionante, assustador, errado e...

E ele gostaria de poder fazer o mesmo. Ele gostaria de poder confiar em sua sombra tão implicitamente.

Murmurando para seu cavalo, ele seguiu em frente, devorando lentamente os quilômetros. Enquanto ele se mantivesse na trilha do circuito, Fleeta estava confiante mesmo depois de escurecer e, por fim, eles mudaram para a estrada mais larga que se estendia da cidade ribeirinha de Grimaud em direção a Dunloch. Depois de uma hora de cavalgada, ele começou a procurar sinais do grupo de viagem da Siveline à frente, mas suspeitou que eles haviam

parado para pernoitar em Grimaud. Ele os encontraria lá, trocaria algumas palavras com Senhora Cerine, então cavalgaria vagarosamente de volta a Dunloch para relatar ao príncipe.

Era estranho, no entanto. À medida que a segunda hora se passava, Terryn não conseguia parar sua mente de cutucar com curiosidade a pergunta: por que Gerard estava tão preocupado com Cerine? Sim, o príncipe geralmente era um sujeito atencioso que desejava o bem a todos em seu círculo. Mas mandar Terryn sair no meio da noite assim sugeria mais do que mera consideração. Gerard estava preocupado. Verdadeiramente preocupado.

Era possível que ele realmente... gostasse de Senhora Cerine?

Terryn franziu o cenho com esse pensamento, sem saber como se sentia sobre o conceito. Por um lado, ele queria que Gerard fosse feliz. Se ele pudesse encontrar a felicidade neste casamento forçado, tanto melhor.

Mas... Cerine? Sardenta e solene Cerine? Ela costumava acompanhar o príncipe e sua irmã mais velha por aí como um cachorrinho devotado, ansiosa para qualquer atenção que qualquer um deles jogasse em seu caminho. Terryn não a tinha visto em anos, mas era difícil conseguir esta imagem de seu fora de sua cabeça. Ainda mais difícil quando ele comparava essa memória com a memória da vivaz Fayline. Talvez quando se encontrasse com ela novamente, ele iria...

Terryn parou bruscamente. Todos os outros pensamentos desapareceram de sua mente, e uma sensação estranha arrepiou ao longo da espinha, uma sensação de que ele não tinha nome. Havia um gosto no vento que queimava e congelava e causava um arrepio coração. Ele não conseguia descrevê-lo, mas nem ele podia negar.

Um grito destruiu a quietude da noite. Seus olhos se arregalaram.

— Ayleth. — Ele sussurrou.



Cravando as esporas nas costelas de Fleeta, ele galopou com o cavalo pela estrada sem pensar no perigo. Em poucos minutos eles dobraram uma curva e ele viu o lampejo de lampiões balançando em postes, pelo menos uma dúzia deles, indicando uma companhia de tamanho considerável. Eles progrediam em uma linha ordenada, apesar do segundo grito horripilante que disparou entre eles. Terryrn reconheceu os capuzes da Irmandade Siveline.

— Quem está aí? — uma das portadoras de lampiões na extremidade da companhia gritou, sua voz trêmula.

Terryrn freou Fleeta, caminhando para a luz das tochas. As irmãs, vendo-o, gritaram e se afastaram antes de reconhecer o capuz Evanderiano vermelho. — Eu venho de Dunloch. — Declarou ele, seu olhar varrendo o grupo de viagem. Havia sete a pé, três a cavalo e um vagão de abastecimento. Todo mundo usava as roupas da irmandade. Certamente este não poderia ser todo o grupo de Siveline.

— Senhora Cerine d'Aldreda está entre vocês?

— Eu sou Cerine.

Uma jovem noviça a pé se afastou de uma das carroças de suprimentos e se aproximou do cavalo de Terryrn, olhando para ele por baixo do capuz. Os olhos dela eram tão parecidos com os de Fayline que fizeram seu estômago embrulhar. Ele tinha esquecido como as duas irmãs eram parecidas. Tão parecidas e, no entanto, totalmente diferentes.

— Saudações, Venador Terryrn. — disse ela gravemente, fazendo um respeitoso sinal de bênção de acordo com o estilo Siveliniano. — Já se passaram alguns anos desde a última vez que nos encontramos. Espero que você esteja bem.

Terryrn abriu a boca, mas antes que ele pudesse responder, um terceiro grito estilhaçou o ar, vindo da carroça perto da qual Cerine estivera

caminhando. Ele saltou da sela em um instante, passando por ela sem dizer uma palavra. Seu coração batia forte na garganta quando ele se agarrou à grade lateral e subiu em uma roda para espiar dentro.

Deitada entre os sacos e trouxas, com o capuz jogado para trás, o cabelo escuro emaranhado em volta do rosto, estava Ayleth. Ela olhava para o céu noturno, sem ver. A escuridão percorria o branco de seus olhos. A escuridão rastejava sob sua pele, pulsando no ritmo de seu batimento cardíaco frenético.

O mundo parecia desvanecer-se a nada ao seu redor. Havia apenas aquela visão, aquele horror, deitado diante de seus olhos. Ele sabia o que era. Ele sabia o que ela sofreu.

— Oblivis. — A palavra raspou em sua língua. — Ela está completamente infectada.

No momento seguinte, ele desceu e deu a volta na parte de trás da carroça. Os nós de corda que prendiam a ponta eram muito duros para suas mãos trêmulas desatarem, então ele sacou a adaga e cortou as cordas, deixando sacos de comida e barris de água mineral deslizarem para o chão. Apenas vagamente ciente de Cerine de um lado e alguma velha repreendendo do outro, Terryn alcançou a carroça e pegou Ayleth pelo braço, puxando-a em sua direção. Ela recuou e lutou antes de cair de volta em seu estupor.

— Jovem! — a repreensiva gritou quando Terryn deslizou um braço sob os ombros de Ayleth, o outro sob seus joelhos e a puxou para fora. — Jovem, você vai machucá-la com um manuseio tão rude!

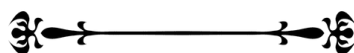
— Podemos carregá-la para Dunloch, Venador Terryn. — Protestou Cerine, estendendo a mão para a venatrix, mas não ousando tocá-la. — Podemos...

— Não há tempo. — Grunhiu Terry, abrindo caminho entre as mulheres e as carregadoras de lampiões reunidas ao redor. — Sem tempo, sem tempo! Tenho que levá-la para Fendrel agora.

Cambaleando sob o peso inerte e desajeitado, ele voltou para o cavalo. — Calma, Fleeta. — Ele disse, e colocou a venatrix em sua sela. Ela gemeu, mas algum instinto a fez estender a mão e pegar um punhado de crina. Uma das freiras correu para o outro lado do cavalo, levantando as mãos fortes para firmar Ayleth enquanto Terry subia na sela atrás dela.

Cerine apareceu ao seu lado. — Ela arriscou a vida por mim. — disse ela, com o rosto branco e fantasmagórico à luz da tocha. — Salve-a, por favor.

Terry assentiu. Então, envolvendo um braço em volta da cintura de Ayleth e segurando-a com força contra ele, ele estimulou Fleeta a se mover, galopando pelo centro da estrada para Dunloch.



O banquete durou até tarde da noite. Os sinos da meia-noite já haviam soado há muito tempo, e o chanceler Yves cochilou enquanto tomava seu quinto cálice de vinho. Uma das damas do grupo do duque de fato abaixou a cabeça sobre a mesa e roncou, mas enquanto o duque continuava uma conversa animada e o príncipe Gerard parecia contente em sentar e ouvir, seus convidados se sentiam obrigados a permanecer onde estavam.

Fendrel sentou-se em silêncio à direita do príncipe enquanto as horas passavam. Ele observou o duque e o príncipe terem uma conversa tensa, mas como ele próprio não tinha nada a contribuir, ficou quieto, oferecendo respostas apenas quando lhe eram diretamente perguntadas.



Ele estudou Gerard mais de perto. Ele conhecia seu sobrinho desde o dia de seu nascimento, o viu crescer e se tornar um homem bom, forte e bonito. A realização de cada sonho, de cada promessa. O Príncipe Dourado.

As sombras se reuniram na testa do Venador Dominus. Em todos os seus vinte e dois anos, Gerard nunca demonstrou uma obstinação tão estranha como no último mês. O que poderia tê-lo motivado a trair Terryn? Recusar-se a entregar o bairro que Terryn destinado? Os dois foram criados próximos, como irmãos, ou o mais próximo possível de irmãos para um príncipe e aprendiz de venador. Fendrel havia trabalhado muito e muito para incutir em Terryn uma lealdade a Gerard que ia muito além do laço de sangue, e ele sabia que Gerard amava Terryn.

Pegando o cálice diante de si, Fendrel tomou um gole de vinho escuro. Ele enxugou a boca com as costas da mão e se recostou na cadeira, estudando o cálice enquanto girava sua haste com os dedos. Mas seu olhar desfocado não viu a fina prataria refletindo a luz das velas.

Quem era essa venatrix? Essa Ayleth di Ferosa?

Ex-aprendiz de Hollis.

Hollis... de todas as pessoas.

Ele tomou outro grande gole de vinho e cerrou os dentes enquanto engolia. Várias gotas vermelhas caíram sobre seus lábios e pelos cabelos claros de sua barba. Algo não estava certo aqui. Para onde Hollis ia, apenas problemas a seguiam. Um músculo se contraiu no canto de sua boca, o mais leve estremecimento de um sorriso há muito esquecido. “Diabinha Hollis” eles a chamavam durante a Guerra das Bruxas. Por sua imprudência, seu total desprezo por sua própria segurança durante a caça. E ainda assim, ele nunca conheceu uma venatrix igual a ela.

Com esse pensamento, ele sentiu um par de olhos sobre ele. Olhando para cima, ele encontrou o olhar de Everild di Lamaury. Ela se sentou na extremidade inferior da mesa, longe do príncipe e seus convidados poderosos, em frente a Senhora Liselle di Matin. Nenhum contraste poderia ser maior do que entre a venatrix castigada pelo tempo e a adorável viúva.

Everild, obviamente entediada com as tentativas de Liselle de atraí-la para uma conversa, levantou uma sobrancelha para Fendrel. Ele não ofereceu nada em troca, em vez disso se concentrou mais uma vez no conteúdo de seu cálice. Everild era uma excelente venatrix, habilidosa com sua flauta, uma boa atiradora com o escorpião. Ela sabia como controlar sua sombra bem o suficiente. E ela ficaria ao lado de seu Venador Dominus, não importasse o quê. Sem perguntas, sem rebelião obstinada.

Mas ela nunca poderia ser páreo para Hollis. Ninguém poderia ser.

A porta do salão de banquetes se abriu, atraindo a atenção de Fendrel. Um criado entrou correndo, um menino, com o rosto pálido de medo. Da cabeceira da mesa, Gerard olhou para cima e o viu também. — Billin, o que há de errado? — ele perguntou.

— Sua Alteza! — O menino contornou a mesa apressadamente, correndo para trás do assento de Fendrel e caiu de joelhos ao lado do príncipe. — O venador está aqui. E a venatrix! E ela está muito doente, Vossa Alteza!

— O que? Ayleth? — Gerard se levantou instantaneamente, as pernas de sua cadeira raspando no chão. — Onde eles estão? O que eles disseram?

— O Venador du Balafre me disse para fazer isso... para... — O olhar do menino cintilou na direção de Fendrel, mas não conseguiu se fixar ali. — Ele me disse para buscar o Capuz Negro!

Fendrel se levantou. — Onde está o Venador du Balafre, garoto?

— No pátio da frente. — O rapaz engasgou, e Fendrel estava em movimento antes que ele terminasse de falar. Everild, Venador du Gy e Venador d'Acelet pularam de seus assentos e correram atrás dele quando ele saiu do salão de banquetes e seguiu pelo corredor até a entrada da frente.

A porta estava aberta, uma visão aberta para o pátio além. Fendrel viu o cavalo de Terryyn parado embaixo, sob a tênue luz da lua, a cabeça baixa e os flancos arfando. O próprio Terryyn se ajoelhava no chão, segurando uma mulher ereta contra ele, seus membros moles, sua cabeça jogada para trás em seu braço.

— Terryyn. — Fendrel gritou enquanto descia os degraus da varanda. — O que aconteceu aqui?

Terryyn ergueu os olhos, seus olhos brilhando com a visão das sombras. — Ela está infectada. Oblivis.

Fendrel fez uma pausa. Um tiro de horror passou por seu espírito. Oblivis? Ele não via infecção oblivis desde as guerras.

Não... espere. Isso não era verdade. Ele tinha visto de novo mais recentemente. Quatro anos atrás. Na noite do casamento do príncipe.

O que só poderia significar...

Ele se sacudiu com força, rangendo os dentes. Agora não era hora de ceder a medos infundados. — O que aconteceu? — ele rosnou, apressando o resto do caminho escada abaixo. — Quem fez isso com ela?

— Não sei. — Terryyn sacudiu a cabeça, seu rosto tenso. Ele olhou para a venatrix, e Fendrel não gostou do que viu brilhando nos olhos do menino. — Eu não estava lá, não vi o que aconteceu. Mas eu acho... Estou com medo...

— Eu não quero sua especulação. — Fendrel rosnou. Ele se agachou ao lado da jovem e segurou seu braço, levantando-a para que pudesse colocar seu



próprio braço sob seus ombros. — Vamos, Terryn. Vamos levá-la para dentro. Eu preciso inspecioná-la, para ver o quão longe...

As palavras morreram em seus lábios.

O mundo pareceu parar de girar. O sangue em suas veias congelou e a respiração em seus pulmões morreu. Ele olhou para o rosto daquela garota como se nunca fosse capaz de desviar o olhar.

Era o rosto da mulher cuja cabeça ele montou em uma lança há vinte anos.

## CAPÍTULO 14

Terryn observou seu antigo mestre se afastar do corpo imóvel de Ayleth. O Venador Dominus pousou com força em um cotovelo antes de se erguer e recuar, seus olhos arregalados de horror de modo que os brancos brilharam na escuridão.

— Fendrel? Fendrel, o que é? — Terryn exigiu.

Fendrel balançou a cabeça. Então ele apertou novamente, sua boca abrindo e fechando sem palavras. O coração de Terryn despencou. Ela deve estar muito longe. O oblivis infectando seu sangue já deve tê-la preenchido com sua escuridão. Caso contrário, seu antigo mestre não reagiria com tanta violência. A qualquer momento, a infecção sairia de sua boca, de suas narinas, dos cantos de seus olhos, fluindo para todos os que estavam próximos.

Um movimento brilhou no canto do olho de Terryn, e outra pessoa apareceu diante dele, agachada do outro lado de Ayleth.

— Estou aqui, Terryn. — disse Gerard, deslizando os braços sob os ombros. — Vamos levantá-la.

Terryn assentiu, a visão do rosto do príncipe momentaneamente o enchendo de alívio. Ele puxou os pés para baixo dele, preparando-se para ficar de pé. Juntos, ele e Gerard colocaram Ayleth de pé. Com os braços atrás de seus ombros, cada um segurando-a sob um joelho, eles a ergueram e carregaram pelos degraus da varanda, passando pela porta e para o saguão de entrada.

Rostos e sons passaram pelos sentidos de Terryn. Ele ouviu Gerard gritando para Fendrel segui-lo, então perguntas, tantas perguntas. Ele não

conseguiu responder. Ele quase não ouviu nada do que Gerard disse. Ele não tinha consciência de nada além de Ayleth mancando em seus braços e a pulsação do oblivis pulsando em suas veias.

— Por aqui, por aqui. — Gerard disse, guiando-os em direção às escadas e até as câmaras privadas na ala leste. Longe do banquete, longe do duque d'Aldreda e dos outros convidados. — Há um quarto neste corredor onde podemos coloca-la.

Terryn assentiu sem fazer comentários. Everild saiu das sombras, silenciosa como uma gárgula sentinela diante da porta de um santuário. Com passos rápidos ela se moveu para a porta que Gerard indicou e a abriu, então deu um passo para o lado para dar aos homens espaço para carregar seu fardo. O quarto deve ter sido preparado para um dos convidados que viriam, pois a cama estava feita e o combustível empilhado na lareira.

Gerard e Terryn largaram Ayleth na cama com mais violência do que pretendiam. Ela aproveitou aquele momento para deixar escapar outro grito de gelar o sangue, suas mãos agarrando e rasgando as roupas de cama. Seus olhos se arregalaram, tão negros com o oblivis que pareciam que iriam explodir. Gerard recuou, mas Terryn se inclinou. Ele a pegou pelas mãos. Ela mudou seu aperto dos cobertores para os dedos dele, apertando dolorosamente. Graças à Deusa, sua sombra não estava ascendente, ou ela certamente teria quebrado todos os ossos da mão dele.

— Você está bem. — disse ele, sua voz sublinhando outro grito agudo e contínuo. — Estamos seguros agora. Você está bem, di Ferosa. Respire, respire.

Talvez ela o tenha ouvido. Ela engasgou com o grito e fechou os olhos. Sua cabeça virou de um lado para o outro, as cordas de sua garganta apertadas e tensas.



— O que aconteceu com ela? — Gerard perguntou, não pela primeira vez.

— Isso é infecção oblivis. — Everild respondeu de algum lugar atrás de Terryn.

Ainda segurando as mãos de Ayleth, Terryn olhou ao redor para Gerard, encontrou seu olhar. — Ela deve ter encontrado a Bruxa Fantasma.

Gerard olhou para Terryn. — Eu pensei... — Ele colocou a mão na testa, empurrando para trás o cabelo que caía em seus olhos. — Você disse que não encontrou nenhum sinal dela!

— Eu não fiz. — Terryn olhou para o rosto atormentado de Ayleth mais uma vez. — Mas ela fez, Deusa a ajude.

Uma figura apareceu na porta aberta: Fendrel, mandíbula cerrada, bochechas mortalmente pálidas. Ele entrou no quarto, passando por Gerard sem dizer uma palavra, e parou atrás de Terryn, estudando Ayleth.

— Relatório. — disse ele.

Os velhos hábitos imediatamente tomaram conta. Terryn largou Ayleth e se endireitou. Ele quase bateu continência. — Eu encontrei o grupo de viajantes do Templo Siveline, Senhora Cerine entre eles.

— Cerine está aqui? — Gerard interveio. Mas Fendrel o silenciou com um movimento rápido de sua mão, seus olhos faiscando para Terryn continuar.

— Eles tinham Venatrix di Ferosa com eles. — Terryn disse apressadamente. — Ela já estava machucada quando eu a encontrei. Eu não sei como.

Fendrel assentiu e voltou sua atenção de Terryn para Ayleth. Desta vez, não houve estremecimento repentino, nenhum afastamento. Seu olhar inescrutável a esquadrinhou da cabeça aos pés. Ele se sentou na cama e se

inclinou sobre ela, segurando seu queixo com uma das mãos enquanto com a outra abria seu olho para estudá-lo mais de perto. Seus próprios olhos brilharam com a luz da sombra.

— Ela respirou. — Ele disse finalmente. Ele a soltou e se afastou da cama. Ayleth gemeu e balançou a cabeça freneticamente, revirando os olhos. — Oblivis puro e não filtrado, direto dos Assombrados.

Everild se moveu para o outro lado da cama, chamando a atenção de Terryn. — Senhor. — disse ela. — Devo enviar para um anfitrião de transferência?

— Não. — Fendrel respondeu, levantando-se. — Não, ela está muito longe agora. É tarde demais.

— O que? — Gerard disse de algum lugar atrás dele.

Terryn não ouviu nada mais que o príncipe disse. O trovão retumbou em seus ouvidos. Ele pegou Fendrel pelo cotovelo. — Ela não está muito longe. — ele rosnou. — Você pode salvá-la.

— Me solta, garoto. — A raiva acendeu por trás do olhar de ferro de Fendrel.

Os dedos de Terryn se apertaram. — Você pode salvá-la. — disse ele. — Quantos você salvou das maldições de Terrível Odile durante as guerras? Esses foram golpes diretos. Eles eram piores do que isso.

A mandíbula de Fendrel trabalhou. — Já faz horas. É tarde demais.

— Não é tão tarde. — Terryn se aproximou mais, sua voz quase um sussurro. — Não vou levar Milisendis assim. Vou aceitar, mas não com a morte dela. — Os olhos de Fendrel se cravaram nos dele, mas ele não recuou, nem por um instante. — Salve-a, Fendrel. Salve-a.

— Você não sabe o que está pedindo. — Fendrel puxou o braço e se afastou da cama. Ele deu um passo para a porta.

Mas Gerard se moveu para bloquear seu caminho.

— Terryn está certo? — o príncipe exigiu. — Você pode salvá-la? Você salvou outras pessoas com aflições semelhantes?

Fendrel baixou o queixo até o peito em reconhecimento. — Durante a Guerra das Bruxas.

— Como? — Gerard persistiu. — Explique-me como funciona.

— Os caminhos dos seguidores de Evander são...

Gerard levantou a mão para ficar. — Não estou pedindo segredos evanderianos, tio. Apenas me diga, em termos simples que eu possa entender, como você salvou outras pessoas.

O olhar de Fendrel girou do príncipe para Terryn e vice-versa. — Uma maldição do oblivis sempre tira uma vida. A morte é inevitável. Mas pode ser direcionado para outro hospedeiro.

— Outro hospedeiro humano? — Gerard perguntou.

Quando Fendrel não respondeu imediatamente, Everild falou do outro lado da câmara. — Um hospedeiro animal serve, desde que tenha um peso comparável.

Fendrel não olhou para seu tenente. Mas Terryn viu como os músculos de sua mandíbula ficaram tensos com suas palavras.

Gerard acenou com a cabeça. — Um porco então? — ele perguntou. Seu rosto estava branco de tensão. — Ou uma ovelha? Será que algum deles servirá?

— Sim. — respondeu Everild.

Fendrel deu mais um passo. Gerard também fez isso, estendendo os dois braços para bloquear o caminho de Dominus.

— Tio. — disse ele. — Você precisa tentar.



Um momento de silêncio manteve o quarto cativo, interrompido apenas pelos gemidos de Ayleth. Sua agonia aumentou, aumentando de intensidade até que ela soltou outro grito, este pior do que os outros. Seu corpo convulsionou na cama e manchas escuras se espalharam sob sua pele.

Terryn saltou para o lado dela, agarrando-a antes que ela rolasse para fora da cama. O punho dela o atingiu na mandíbula, não com força suficiente para fazê-lo se soltar, mas o suficiente para doer. Ele a moveu de forma que ela ficasse de costas para seu peito, colocou os dois braços ao redor dela e a segurou com força, para que ela não pudesse se machucar em suas convulsões.

O episódio passou. Ayleth estava ofegante em seus braços. Seu peito subia e descia anormalmente rápido, e sua boca estava aberta. Terryn olhou para os outros três e os encontrou olhando. Everild, com uma careta. Gerard, seu rosto tenso de preocupação, suas mãos cerradas em punhos.

E Fendrel. Fendrel duro como uma pedra olhando para ele por trás de sua máscara inescrutável.

— Faça alguma coisa. — pediu Terryn com os dentes cerrados.

As narinas de Fendrel dilataram-se. Ele abriu a boca, mas antes de falar, o príncipe se virou para ele. Ele se ergueu em toda a sua altura. — Fendrel, Venador Dominus du Glaive. — Ele disse. — Você usará todos os meios e poderes que você tiver para salvar esta jovem. Por ordem de seu Príncipe Dourado, sob a vontade soberana de seu mestre, o Rei Escolhido.

Fendrel encontrou o olhar de seu sobrinho. Uma sensação de puro poder ondulou pelo ar, atingindo as percepções de Terryn e Everild de modo que se encolheram. A sombra de Fendrel, despertada para a vida pela fúria de seu corpo hospedeiro, flexionou-se dentro dele, e Terryn viu suas bordas ondulando do espírito do Venador Dominus em tons escuros de magia Anathema.

Mas Gerard não podia sentir isso, perdido como estava. Portanto, ele não recuou.

Por fim, após um intervalo terrível medido apenas em batimentos cardíacos, Fendrel fez uma reverência. — Vossa Alteza. — Ele murmurou.

Gerard passou do Dominus para Everild. — Traga uma ovelha da cozinha. Ou um porco. Vá agora. — Everild parecia que protestaria por ser usada como caçadora de porcos, mas com um rápido olhar de Fendrel, ela fez uma saudação brusca e saiu correndo do quarto.

Fendrel passou por Gerard, movendo-se para o outro lado da cama, em frente a Terry. — Deite-a. — ele disse enquanto começava a tirar suas vestes exteriores. Ele vestia a mesma roupa áspera que usava na estrada, recusando-se a colocar seu traje formal para o banquete como Terry o fizera. Ele não tinha apenas aljavas e escorpiões para estar pronto para um passeio de circuito. Ele desfez as amarras e fivelas de seu gibão, ficando apenas com a camiseta. Ele até removeu a braçadeira esquerda com as três pontas de ferro e arregaçou as mangas até os cotovelos, revelando cicatrizes feias marcando a pele de seu braço. Só então ele pegou sua flauta Vocos e começou a tocar a Canção da Convocação.

Um choque percorreu o ar quando o Venador Dominus afrouxou as amarras intensas que ele colocou em sua sombra. O poder bruto da magia era tão grande que deixou Terry tonto. Ele cresceu em torno desse Anathema, observando o controle de Fendrel sobre ele ao longo dos anos. Mas ele nunca o sentiu tão potente. Tão perigoso.

Tão perto de ascender.

Mas Fendrel era um mestre dos tubos Vocos. Ele jogou uma variação complexa, tecendo em cepas de outros feitiços à medida que avançava, de modo que a sombra permanecesse cuidadosamente amarrada enquanto ele

acessava seu poder. Ele terminou a música com um floreio complexo que Terryn não conseguiu acompanhar e, quando acabou, a magia não parecia mais tão traiçoeira. Perigosa, sim, mas um perigo que poderia ser canalizado.

Fendrel dobrou seu Vocos e o entregou a Everild, enquanto Terryn colocava Ayleth cuidadosamente de volta na cama, a cabeça apoiada em um travesseiro. Ela estava quieta por enquanto, exceto que seus membros estremeciam incontrolavelmente. Seus olhos estavam misericordiosamente fechados, não saltando de terror como antes.

— Tire a roupa dela. — Fendrel disse, puxando a adaga da bainha.

— O que você vai fazer? — Gerard deu um passo rápido para frente quando Terryn se moveu para obedecer. — Você vai... machucá-la?

Fendrel lançou ao príncipe um olhar sombrio enquanto colocava a adaga em uma mesa lateral. — Haverá muito sangue fluindo esta noite. Não será um processo bonito, e se você preferir não sujar suas roupas finas, eu sugiro que você saia.

As mãos de Terryn tremeram quando ele desfez as fivelas do gibão de Ayleth e a deslizou suavemente para fora dele, girando seu corpo para libertar os braços. Ele conhecia o processo que Fendrel usaria para essa transferência da maldição do oblivis, conhecia a teoria. Mas ele nunca tinha visto isso ser feito.

— Eu vou ficar. — Gerard disse atrás dele. Embora Terryn odiasse admitir, ele estava feliz. Ele não queria enfrentar o que estava para acontecer sozinho.

Ele desamarrou os laços da camiseta de Ayleth, abrindo o tecido. Não poderia haver preservação da modéstia. Não que ela se importasse nas atuais circunstâncias. No entanto, ele odiava vê-la assim. Ela parecia tão pequena, tão vulnerável, tão... horrível.



Veias de teia de aranha de um preto mortal se esticaram sob sua pele, todos os espaços em branco se preenchendo lentamente.

Fendrel deu um passo à frente e pressionou o dedo indicador contra o espaço vazio em sua garganta. Uma leve marca de Anathema manchava sua pele, invisível aos olhos de Gerard, mas visível à visão sombria de Terryn. Fendrel pressionou cada um dos ombros de Ayleth, seu coração, seu umbigo. Ela estremeceu ao toque dele, mas as convulsões não voltaram, ainda não.

Uma bufada e fungada na porta atraiu a atenção de Terryn. Everild entrou no quarto, seguido por um ajudante de cozinha com um grande porco a reboque. O porco era enorme e incongruente nesta elegante câmara, e o menino parecia que preferia estar em qualquer outro lugar do mundo.

— Fora. — Fendrel rosnou para ele.

O menino entregou a guia do porco a relutante Everild e saiu correndo pela porta. O escárnio perpétuo de Everild se aprofundou, mas ao comando de Fendrel, ela arrastou o porco em direção à cama. Fendrel se ajoelhou ao lado do animal e, após um rápido estudo, pressionou o dedo contra sua garganta, sobre seu coração, todos os lugares comparáveis no corpo de um porco que ele havia tocado em Ayleth, deixando para trás manchas de magia Anathema. Em seguida, ele abriu sua própria camisa, encolhendo os ombros para que ficasse pendurada em suas calças em volta da cintura. Em pouco tempo, ele se marcou também.

Seus olhos se ergueram para encontrar os de Terryn. — Segure-a. — disse ele. — Está prestes a ficar confuso. Se ela lutar muito comigo, eu não poderei fazer nada por ela, então segure-a. Não importa o que.

Terryn assentiu. Ele colocou as duas mãos nos ombros nus de Ayleth, agarrando com força o suficiente para quase ignorar o quanto seus membros

tremiam. Fendrel pegou sua adaga, pressionando a lâmina levemente na pele pulsante de Ayleth. O Dominus respirou fundo, estremecendo.

No primeiro corte, seus olhos se abriram. Ayleth olhou diretamente para o rosto de Terryn e gritou.

## CAPÍTULO 15

— É muito maior do que eu pensava que seria.

O som da voz de Ducette arrancou Cerine de seu devaneio. Ela piscou, surpresa ao descobrir que ainda estava de pé, ainda caminhando com determinação pela estrada escurecida pela noite. Ducette segurou seu braço, deslizando a mão pela dobra de seu cotovelo. Ela acenou com a cabeça à frente. — Olha. — disse ela, apertando os dedos.

Cerine levantou a cabeça a contragosto e olhou para fora sob o abrigo de seu capuz. A noite havia atingido sua hora mais pesada, fria e pesada para o mundo, e um santuário distante tocou três sinos dolorosos, as notas flutuando pelo céu. A lua havia se posto há muito tempo, deixando apenas a luz das estrelas brilhando nas águas escuras do Lago Sagrado e nas torres brancas do Castelo Dunloch. Mas tochas bruxuleantes iluminavam o portão e destacavam os altos guardas em seus postos.

— Vamos, Cerine. — Ducette pediu, puxando-a um pouco mais rápido. — Estamos quase lá. Em breve teremos camas adequadas. Não sei sobre você, mas pretendo dormir uns bons cem anos, pelo menos!

Cerine resmungou sem palavras, mas estava grata pelo aperto de Ducette em seu braço. Ela estava pronta para cair de exaustão. Esta deve ter sido a noite mais longa de sua vida.

Sua mão moveu-se silenciosamente para agarrar a alça de sua bolsa. Sentindo o peso do livro da irmã Ilda batendo em sua coxa, ela respirou com um pouco mais de facilidade. Ela tinha ficado louca por correr atrás de



Fayline sozinha na escuridão. Ela sabia disso muito bem. Ela nem deveria estar viva agora depois de um ato tão precipitado.

Mas quando ela considerou o que poderia ter sido perdido... não. Temerária, furiosa ou o que seja, ela fez a escolha certa.

Alguém deve ter alertado os guardas do portão para esperar a chegada delas. Eles permitiram que a pequena companhia passasse, exigindo nenhuma identificação além dos conhecidos capuzes azuis das Irmãs Siveline. Cerine e Ducette passaram sob o arco do portão por último, atrás da carroça barulhenta. Depois de cruzar a ponte alinhada com tochas, elas pisaram em uma estrada branca e brilhante que se dividia em um gramado circular e um jardim de rosas. Pegando o ramo direito iluminado por tochas, elas seguiram a estrada em direção aos degraus da torre de menagem do castelo principal.

Cerine baixou o olhar para os pés. Ela viajou pela última vez para Dunloch quatro anos atrás, em uma carruagem com seus pais e irmã, que estavam cheios de planos para o casamento e as semanas de comemoração que se seguiriam.

Ela se lembrava de estar sentada no canto do banco, balançando a cabeça, sorrindo e fazendo seus próprios planos silenciosos para seu futuro tranquilo. A Irmandade Siveline já havia concordado em aceitá-la para iniciação. Ela só precisava convencer seu pai, mas ela não achou que seria muito difícil. Ele estava casando com sucesso sua filha mais velha com o Príncipe Dourado de Perrinion. Se sua filha mais nova decidisse entrar em uma vida de devoção sagrada, a casa d'Aldreda não sofreria por falta de um segundo casamento bem relacionado.

Como o mundo mudou em poucos anos!

Os três acompanhantes a cavalo já tinham desmontado, e sonolentos cavaleiros, esfregando os olhos, surgiram do nada para levar os cavalos e a

carroça. Alguém com mantos de veludo apareceu como num passe de mágica, perguntando onde estava a avó. Deixando Ducette para explicar que esta era apenas uma pequena parte do cortejo que viajava de Siveline, que o resto chegaria amanhã depois que a carruagem da alta sacerdotisa fosse consertada, Cerine se aproximou dos degraus da varanda, erguendo os olhos para a imponente torre de menagem do castelo.

Embora a maior parte da casa deva estar dormindo, a luz brilhava por trás de várias janelas, principalmente na ala leste. Cerine agarrou sua bolsa como uma tábua de salvação. Quem iria descer para cumprimentá-la? Alguém faria? Talvez ela pudesse escapar com as outras irmãs Siveline. Ninguém havia percebido ainda que ela era a filha do duque, e se Ducette segurasse a língua por uma vez...

As portas da frente do castelo se abriram e seu pai desceu os degraus.

Ao ver seu rosto, cada traço distinto à luz da tocha, um arrepio percorreu a espinha de Cerine. Ela não via seu pai há anos, e a troca de cartas deles durante esse tempo nunca tinha sido agradável. Embora se sentisse como uma garotinha trêmula por dentro, ela endireitou o corpo, determinada a não revelar nenhuma timidez.

Seu olhar percorreu o grupo de freiras, procurando sua filha, sem reconhecê-la. Melhor não esperar até que ele tivesse sucesso.

Endireitando os ombros e erguendo o queixo, Cerine deliberadamente se afastou de Ducette e dos outros. — Pai. — Ela disse em uma voz clara.

Seu único olho disparou para o rosto dela, e ela observou seu lábio curvar. Como sempre, sua aparência estava em perfeita ordem, desde seu cabelo penteado até o corte de seu paletó e o bordado brilhante em seus sapatos. Todos os adereços mais finos e elaborados de sua posição, incluindo o tapa-olho de seda que esconde sua desfiguração. Celestin d'Aldreda não

poupava despesas para garantir que ninguém que olhasse para ele jamais adivinhasse que ele havia sido escravo de uma bruxa.

E ele estaria condenado antes de deixar uma mera filha constrangê-lo.

— Eu deveria saber. — Ele anunciou no sotaque afetado que Cerine conhecia muito bem. — Claro que você chegaria em trapos. O vestido que enviei não cabia? Ou simplesmente não foi do seu agrado?

A boca de Cerine estava tão seca que sua voz emergiu como um grasnido. — O vestido era lindo, mas...

Em quatro passos rápidos, d'Aldreda cruzou a distância até Cerine, agarrou-a pelo cotovelo e arrastou-a escada acima. — Entre, garota, e não se incomode com suas desculpas ou seus protestos piedosos. Não quero que ninguém te veja assim, certamente não o príncipe. Liselle está aqui, e você vai deixá-la te tornar apresentável antes de descer de seus aposentos amanhã de manhã, você entendeu?

Cerine tropeçou em um dos degraus e seu capuz caiu sobre seus ombros. Virando-se para ajustar seu aperto, o duque viu sua cabeça nua. — Maldito Assombrados! — Ele a soltou e recuou como se tivesse sido mordido. — O que aconteceu com seu cabelo?

Endireitando-se em toda a sua altura, Cerine agarrou a alça de sua bolsa. — Quando você me mandou para o Templo Siveline, desisti de todos os direitos à minha vida mortal, incluindo todas as pretensões à beleza. Minha cabeça foi raspada antes de eu passar pelas portas internas.

D'Aldreda cruzou os braços. — Eu te informei três anos atrás de minha intenção de casar você com o príncipe no lugar de sua irmã. Todo esse tempo você sabia que não se juntaria à Irmandade. Você está me dizendo que não conseguiria deixar seu cabelo crescer em três anos? — Antes que ela pudesse responder, ele estendeu a mão e a pegou pela nuca para examinar seu couro



cabeludo mais de perto. — As sombras peguem você, você raspou poucos dias atrás, não foi? Você parece uma ave depenada pronta para a panela. O que você estava pensando?

Cerine não tentou responder. Ela não podia começar a explicar suas escolhas. Não para ele.

Agarrando-a pela nuca, o duque a empurrou escada acima. — Liselle terá uma cobertura para a cabeça ou véu. Ela a deixará apresentável, se alguém puder. — Enquanto os criados seguravam a porta aberta, ele a empurrou para dentro. — Que Deus me ajude, pelo menos o contrato é férreo! Se a deusa quiser, Gerard não vai dar uma olhada em você e...

— Pai. — Cerine se retorceu nas mãos do duque. Tão poucas luzes queimavam no cavernoso saguão da frente que ela mal podia ver seu rosto além do brilho de seu único olho. — Eu vi Fayline.

Por um instante, os dedos de d'Aldreda se apertaram. Ele olhou para Cerine, não vendo mais seu cabelo destruído, nem mesmo a vendo. — Você... você tem certeza?

Ao som de sua voz, sua voz real, sem o sotaque afetado, o coração de Cerine estremeceu. Seu pai não amava ninguém neste mundo como amara sua filha mais velha. Fayline tinha inerentemente esse efeito nas pessoas. Nada poderia preencher o buraco deixado em sua ausência.

— Tenho a certeza. — respondeu Cerine calmamente. — Falei com ela. E foi...

A mão do duque caiu quando ele se virou, deixando Cerine onde ela estava. — Foi Inren. — disse ele, com amargura em suas palavras. — A Bruxa Fantasma, Assombrados a condene até o esquecimento.

Mas Cerine abanou a cabeça. — Eu sei quem eu vi.

— Você não sabe de nada, garota. Você sabe o que gostaria de ver. Mas eu conheço Inren. Eu sei como ela trabalha, e... — O duque se interrompeu, sua cabeça girando bruscamente. Cerine, seguindo a linha de seu olhar, viu uma figura descendo a grande escadaria da frente com uma vela na mão. A pequena chama da vela dificilmente poderia combater a escuridão pesada do vasto salão de entrada, mas era brilhante o suficiente para iluminar as feições tensas do homem que a carregava.

O estômago de Cerine embrulhou. Seus lábios se moveram em um sussurro sem fôlego. — Gerard.

O príncipe fez uma pausa e piscou, franzindo a testa, olhando para a frente através das sombras. — Senhora Cerine? — Sua voz ecoou naquele espaço elevado.

— Não diga nada. Não faça nada. — Sibilou d'Aldreda, contornando Cerine. Seu longo braço disparou para puxar seu capuz de volta sobre sua cabeça. — Cubra-se, pelo amor da Deusa!

Gerard desceu rapidamente os últimos degraus, protegendo a chama de sua vela com uma das mãos. Cerine curvou-se sob o capuz, com o cotovelo firmemente seguro na mão do pai. O passo do príncipe diminuiu conforme ele se aproximava, e ele ofereceu uma reverência solene. Cerine hesitou, sem saber qual deveria ser sua resposta. Então, com um rápido aceno de cabeça, ela ofereceu a ele uma reverência Siveliniaan, curvando-se ligeiramente na cintura, os dedos pressionados contra os lábios.

D'Aldreda rosnou e seus dedos beliscaram o braço dela dolorosamente. — Minha filha finalmente chegou em segurança. Mas ela está cansada das viagens e precisa descansar. Vocês dois podem se familiarizar novamente pela manhã.

— Claro, claro. — Gerard respondeu. Cerine sentiu o olhar dele sobre ela, mas não ousou encará-lo. — Eu, hum... seus aposentos estão no andar de cima, na ala oeste, minha senhora. Vou mandar um criado acompanhá-la.

Cerine acenou com a cabeça. Tinha sido demais esperar que ela pudesse passar a noite com Ducette e as outras irmãs. Ela sabia que não devia fazer tal pedido.

Uma criada foi logo chamada. Só então o duque soltou seu braço e Cerine correu atrás da garota em direção à escada, passando por Gerard. Ela ouviu seu pai falar com o príncipe e ouviu o príncipe responder, mas seu coração batia tão forte em seus ouvidos que ela não conseguia discernir suas palavras.

Agarrando sua bolsa com força, ela subiu as escadas. A passagem no nível seguinte era iluminada apenas por alguns castiçais de velas, que projetavam a sombra da criada como um fantasma escuro bruxuleante na parede oposta.

— Cerine.

Quando ela virou bruscamente, seu capuz caiu para trás, expondo seu cabelo cortado rente, assim como Gerard apareceu no topo da escada. Um rubor quente queimou suas bochechas. Ela tomou a decisão consciente de manter sua aparência de acordo com as diretrizes estritas e desagradáveis da Ordem de Siveline, porque ela não queria que Gerard acreditasse que ela esperava ou pretendia tomar o lugar de sua irmã.

Gerard, ainda protegendo sua vela, olhou além de Cerine para a criada. — Deixe-nos um momento, Kella, por favor.

A garota fez uma reverência e seguiu em frente sem dizer uma palavra. As sombras pesadas de Dunloch pareceram de repente cair sobre os ombros de Cerine. Ela baixou o olhar para os sapatos de Gerard enquanto ele se aproximava.



— Ouvi dizer que você teve algumas aventuras na estrada. — disse ele, com a voz firme e tensa. Ele se aproximou, tão perto que ela poderia facilmente estender a mão e tocá-lo. — Terryn me contou o que sabia, mas não foi muito. Ele diz que Ayleth, Venatrix di Ferosa, quero dizer, encontrou...

— Fayline. — Cerine pronunciou o nome suavemente. — Sim. Nós duas a vimos. Falei com ela.

Ele ficou em silêncio por um momento. Ela o ouviu engolir em seco. — Então me diga.

A dor em sua voz a atingiu profundamente. Mas ela não podia esconder a verdade. Não dele.

— Ela apareceu primeiro no meio do nosso acampamento. Conversamos brevemente e, quando ela fugiu, corri atrás dela.

— Sozinha? Você está louca?

— Talvez. — Reconheceu Cerine com um meio sorriso melancólico. Ela resumiu rapidamente os acontecimentos de sua noite estranha. Gerard ouviu atentamente sua descrição da aparência da bruxa, da chegada da venatrix e da batalha.

— Eu acredito que vislumbrei uma de suas âncoras de maldição pouco antes de ela aparecer novamente e atacar a venatrix. — Cerine disse. — Eu pisei em uma pedra, e parecia muito com o que meu pai descreveu a Bruxa Fantasma usando. Como um diamante, mas preto e vivo por dentro.

Gerard deu um longo suspiro. Com a história completa, Cerine não resistiu à oportunidade de estudá-lo com o brilho de sua vela. Nos quatro anos desde que ela o viu pela última vez, ele cresceu de um belo garoto de dezoito anos para um homem. Ela reconheceu aquelas maçãs do rosto fortes, aqueles lábios carnudos e aqueles olhos, doces e quentes como o mel. Ela reconheceu aquela sobrancelha alta e pálida, alguns cachos perdidos escaparam para cair

sobre ela de uma maneira que a lembrava intensamente de seus dias de infância mais selvagens. Mas tudo sobre ele havia amadurecido.

E havia linhas entre suas sobrancelhas e nos cantos de sua boca, linhas que ela nunca tinha visto antes. Pesar brincava duramente até com os rostos mais bonitos.

O impulso de segurar sua mão foi quase mais do que ela poderia suportar. Uma parte tola dela pensou que talvez ele também sentisse que sua mão se moveu em direção à dela.

Ela se virou abruptamente, envolvendo os braços em volta de si mesma. Gerard deu um passo para trás.

— Foi a Bruxa Fantasma que você viu. — Ele disse calmamente. — No corpo de Fayline. Nenhum de nós quer acreditar, mas...

— Você sabe que isso não é verdade. — disse Cerine.

Gerard estremeceu.

— Você sabe tão bem quanto eu. — Ela persistiu. — Fayline nunca iria desistir. Ela era muito forte até mesmo para uma bruxa expulsar. Eu conheço minha irmã. Os evanderianos podem dizer o que quiserem. Ela não se foi.

Gerard não respondeu. Ela olhou para ele. Seus olhos estavam bem fechados, e ela viu como os músculos de sua mandíbula se contraíram como se ele lutasse contra palavras que não ousava dizer. Mas quando ele finalmente olhou para ela, ainda sem falar, ela viu esperança em seu rosto.

Ela soube então o que sempre soube: ele nunca deixaria de amar Fayline. Não importava o que afirmasse, não importava o que tentasse se fazer acreditar, ele nunca veria mais ninguém.

Apressadamente, Cerine empurrou esses pensamentos para o fundo de sua mente. — O que aconteceu com a venatrix? — ela perguntou apressadamente. — Ela está bem?

Gerard balançou a cabeça. — Ela... ainda está viva. Eles estão com ela agora, e eu devo voltar. Não sei o que vai acontecer com ela. Não sei se ela vai mesmo acordar. — Gerard passou a mão pelo rosto, puxando a pele ao redor da boca. — Não acredito que Fayline a machucaria, machucaria alguém! Ver Ayleth assim, pensar que Fayline pode ter sido a responsável...

O que ela poderia dizer? Nenhuma bruxa jamais olharia para ela com tanto ódio quanto Cerine vira fervendo nos olhos da irmã. Tanto ódio, tanta tristeza, tanta raiva. Inren não sentiria essas coisas, e sua sombra não se importaria. Apenas Fayline sentiria essa traição amarga.

Cerine pressionou a mão contra o peito, como se pudesse aliviar a sacudida de vergonha em seu coração.

— Você está cansada. — Gerard disse, sua voz preocupada. — Me desculpe, eu não deveria mantê-la. Você deve descansar enquanto pode.

— Sim, Alteza. — Murmurou Cerine e fez uma reverência. Uma reverência adequada como uma dama, não como uma escriba novata. Nesse ambiente, em sua presença, velhos hábitos começaram a ressurgir.

Gerard se virou para ir embora, mas parou depois de apenas alguns passos e olhou para trás. — Suas cartas pararam. — disse ele.

Cerine engoliu em seco. Ela não conseguia falar.

— Eu... — Seus olhos estavam muito grandes, iluminados pela vela. — Fiquei triste por não ter notícias suas. Tem sido... Difícil.

— Eu sei. — disse Cerine. Ela pigarreou. — Eu também sinto falta dela.

— Isso não é o que eu... — Suas sobrancelhas se juntaram, e ele abriu a boca. Ela esperou por qualquer coisa que ele pudesse dizer. Mas ele balançou a cabeça e se afastou. — Boa noite, Cerine. — disse ele, e a deixou sozinha no corredor.



A criada, Kella, se materializou aparentemente do nada. — Minha senhora? — Ela acenou educadamente para Cerine segui-la. Com um último olhar para as costas do príncipe, que se retirava, Cerine ajustou sua bolsa e seguiu a garota para seu novo conjunto de quartos. Ela ficou surpresa, quando passou pela porta de seus aposentos, ao encontrar um fogo já aceso e alguém sentado em uma cadeira puxada perto das chamas.

Liselle se levantou, seu rosto brilhando na luz quente do fogo. — Cerine!

Com um pequeno — Oh! — Cerine largou a bolsa e voou pelo quarto para envolver os braços em volta da outra jovem. — Você está aqui! Papai disse que traria você, mas ainda não consigo acreditar que você está aqui!

— É claro que estou aqui. — disse Liselle, dando um aperto extra em Cerine antes que ela recuasse e olhasse em seu rosto. — Você é como minha irmã, Cerine. Você sempre foi.

— Eu sei. — Cerine abanou a cabeça, sem acreditar. — Mas você era a dama de Fayline, e eu pensei... Eu pensei que poderia ser...

— Você pensou que seria muito doloroso para mim servir você como eu servi a ela? — Liselle sorriu de novo, aquele sorriso brilhante e caloroso que Cerine conhecia tão bem. Exceto que agora havia um traço de tristeza e até solenidade nisso. — Cerine, querida, não há nenhum lugar que eu preferisse estar do que ao seu lado.

Envergonhada, mas satisfeita, Cerine ergueu o queixo, baixando os olhos. — Eu... Lamento muito saber do seu marido. — disse ela calmamente.

— Não sinta. — Liselle balançou a cabeça e riu. — Ele nunca realmente precisou de mim de qualquer maneira. E você certamente precisa, minha pobre criança abandonada! A deusa te ama, o que você fez com o seu cabelo?

De repente, toda a sua exaustão, toda a sua tristeza, todo o seu desapontamento, dor e terror pareceram brotar e transbordar. Com uma

risadinha sufocada que foi mais como um soluço, Cerine inclinou a cabeça sobre o ombro de Liselle e chorou. E sua amiga não podia fazer nada a não ser ficar ali e abraçá-la, murmurando: — Eu sei, querida. Você o ama, não é? Eu sei que dói. Eu sei, eu sei...

## CAPÍTULO 16

Ayleth fugiu pela floresta de pinheiros de sua mente.

Ao seu redor, as árvores pegaram fogo, chamas negras sem luz, línguas famintas das trevas devorando tudo ao seu alcance, vorazes por mais.

— *Laranta!* — ela gritou. Onde estava sua sombra? Escondida em algum lugar da floresta, vulnerável a esse inferno que se espalhava? — *Laranta, venha até mim!*

Sem resposta. Apenas o rugido do fogo.

E em algum lugar, muito longe, seu corpo físico sangrava.

Ayleth sentiu tudo, os cortes na pele, o fluxo de sangue, a fraqueza. Mas essa realidade não era nada comparada a isso. Sua própria mente havia se tornado um inferno do qual ela não conseguia encontrar escapatória e, embora ela corresse, as chamas negras estavam sempre em seus calcanhares.

*Segure-a.*

Ayleth gritou, forçando seu coração a se esforçar mais, suas pernas a bater mais rápido. Em outro mundo, seus membros se debateram além de seu controle, mas ela não se importou. As chamas ganharam sobre ela. Ela não podia escapar delas, não presa aqui dentro de sua própria cabeça. Mas se ela pudesse se forçar a acordar...

*Eu tenho você. Eu tenho você, Venatrix. Respire, respire.*

A fumaça encheu seus pulmões, só que não era fumaça, ela percebeu, mas loucura, loucura pura. Se ela respirasse, estaria perdida para sempre, levada à loucura furiosa. Ela nunca escaparia deste lugar. A própria morte não a libertaria, pois sua alma permaneceria presa aqui.



Ela tinha que acordar.

Seus pés tropeçaram. Ela caiu de joelhos. As chamas quase a pegaram, mordendo suas costas, queimando sua pele de forma que borbulhou com calor, e a fumaça da loucura rolou sobre sua cabeça. Terror e dor a percorreram, um raio de puro poder, e ela saltou e mergulhou para frente, rompendo a fumaça para um pequeno espaço de clareza.

À frente, à frente, havia uma fratura nas árvores. Se ela pudesse alcançá-la, ela poderia acordar; então ela escaparia desse tormento.

*Dê a ela a dose, Everild. Se ela acordar agora, ela vai estragar o trabalho. Dê-lhe o sòm, faça-a dormir.*

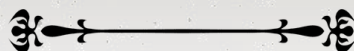
— NÃO! — Ayleth gritou. Em algum lugar distante, ela sentiu sua própria boca abrir, sentiu sua própria garganta se contrair. Ela se agarrou a essas sensações, desejando que seu corpo físico respondesse. — Não, não, não! Não me faça dormir! Não me deixe aqui! Me deixe sair, me deixe sair!

Ela tentou lutar, tentou recuperar o controle de seu corpo. Mas foi naquele outro mundo, aquele mundo desperto. E ela estava aqui, cercada por chamas. Ela não podia lutar contra quem agarrou sua boca e manteve sua mandíbula aberta. Ela não conseguiu cuspir de volta a amargura ardente do líquido que escorreu por sua garganta.

Sem saída. Não há como escapar do incêndio. Exceto...

A garganta se abriu repentina e horivelmente diante dela. Sua imagem projetada parou derrapando, o cabelo voando, os olhos arregalados. As chamas rugiram atrás dela, consumindo a floresta, alcançando-a com mãos famintas e agitadas. Ela tinha apenas alguns momentos antes que isso a envolvesse.

Com um grito, Ayleth saltou. Ela mergulhou na garganta, na escuridão, na garganta cavernosa lá embaixo. Lá embaixo, onde os incêndios que ardiam em sua mente não podiam alcançá-la.



Fio após fio de magia se estendia de Fendrel a Ayleth e vice-versa, uma terrível teia de aranha brilhando com o brilho do Anathema e zumbindo com pulsos de escuridão. De veneno. Mais fios iam de Fendrel ao porco caído em uma pilha drogada no chão, respirando pesadamente.

A magia que Fendrel teceu era uma visão sombria. Terryn tentou observá-lo de perto, tentou prestar atenção à habilidade de seu antigo mestre. Ele nunca tinha visto esse trabalho em particular; ele só tinha ouvido histórias. Ele deveria estar fascinado, deveria aproveitar a oportunidade para aprender com um verdadeiro mestre na arte.

Mas Terryn não podia suportar. Ele piscou da visão sombria de volta à visão mortal e olhou para Ayleth. Seu sangue fluía vermelho mais uma vez, o que era um alívio. Não era mais a gosma negra que borbulhava de sua pele enquanto Fendrel fazia seus cortes superficiais. Talvez eles não tivessem começado tarde demais. Talvez o veneno pudesse ser expurgado dela, afinal.

A porta do quarto se abriu e fechou suavemente. Terryn, que estava na cabeceira da cama, olhou para cima para ver Gerard entrar no quarto. O príncipe acenou com a cabeça silenciosamente e então ocupou um lugar perto da parede, ao lado de Everild. Todos eles assistiram o Venador Dominus em seu trabalho.

Fendrel sentou-se na beira da cama, uma das mãos pressionada contra o esterno de Ayleth no ponto para onde convergiam todas as suas longas

fendas. Seu torso sangrava por causa das marcas que ele fez em si mesmo, marcas feitas por cima de cicatrizes antigas. Ele executou este procedimento mais vezes do que Terryn poderia adivinhar.

Em torno do Dominus pulsava o poder crepitante de sua sombra, forçando as amarras do feitiço da canção.

O porco morreu. Terryn sentiu um estremecimento quando sua alma animal irrompeu de seu pobre corpo envenenado. O sangue coagulado com a mancha negra escorria de sua boca e olhos, e dos cortes que Fendrel havia feito em seu corpo.

Era isso então? O trabalho estava concluído? Terryn observou o rosto de seu antigo mestre, desejando que Fendrel abrisse os olhos.

Por fim, Fendrel soltou um suspiro exausto. Ele tirou a mão do peito de Ayleth e se levantou da cama. — Está feito. — disse ele.

Terryn cambaleou. Sem ter certeza de seu equilíbrio, ele agarrou uma das colunas da cama. Sentindo o olhar de Gerard sobre ele, ele novamente olhou na direção do príncipe e encontrou um sorriso encorajador. Ele não conseguiu sorrir de volta.

— Ela está segura agora? — ele perguntou, voltando sua atenção para Fendrel.

O Venador Dominus encolheu os ombros. — É difícil dizer. — Ele enxugou o rosto com a mão, espalhando sangue escuro na bochecha e na testa. — Se ela acordar nas próximas horas, ela viverá. Se ela não o fizer... — Sua voz foi sumindo quando ele quase perdeu o equilíbrio, seus joelhos dobrando. Everild saiu das sombras e o agarrou pelo braço, mas ele a afastou. — Meu Vocos. — disse ele. — Dê-me meu Vocos.

A venatrix acenou com a cabeça e pegou os tubos de entre as roupas e suprimentos de Fendrel empilhados cuidadosamente em um canto do



quarto. Fendrel colocou o Vocos na posição e tocou a Canção da Supressão. Sua sombra respondeu imediatamente, primeiro atacando com raiva e então mergulhando dentro dele, fugindo da canção do feitiço. Não havia necessidade de pontas de ferro desta vez. O opressivo pulso de magia desapareceu, deixando o ar mais respirável do que antes.

Fendrel terminou o feitiço e embainhou seus tubos, o zumbido da magia vibrando no ar ao seu redor. Everild pegou um pano limpo e o Venador Dominus começou a limpar o sangue de seu torso. Seus olhos encontraram os de Terryn e ele acenou com a cabeça para Ayleth.

Terryn entrou em ação. Não havia bandagens à mão, então ele usou um dos cobertores da cama, enxugando o sangue manchado no peito de Ayleth, entre os seios, acumulando em seu umbigo. Seus dedos roçaram a carne nua e ele se afastou bruscamente, seu coração pulando em sua boca.

Ela iria matá-lo. Ela absolutamente o mataria se soubesse, se ela adivinhasse, que ele a tinha visto tão vulnerável. Nua. Fraca. Desamparada como uma gatinha. Não a orgulhosa caçadora loba que ele conhecia.

No entanto, havia algo tão real sobre essa garota deitada aqui diante dele. Era como se ele tivesse recebido um vislumbre da camada mais profunda da verdade por trás de toda sua brusquidão, toda sua bravata. Ela era uma caçadora, sim, e formidável. Mas ela também era uma menina. Uma mulher.

Ele aplicou o pano novamente, gentilmente enxugando as manchas escuras que marcavam sua pele. Pego na tarefa, ele não ouviu a abordagem de Gerard atrás dele, e ele estremeceu quando o príncipe tocou seu ombro.

— Mandei chamar alguém para cuidar dela, Terryn. Ela precisa de uma lavagem adequada e de curativos.

Terryn grunhiu, franzindo a testa. Forçando as mãos a ficarem firmes, ele pegou o cobertor manchado e colocou-o sobre Ayleth para cobrir sua

nudez. Em seguida, ele se levantou e encarou os outros no quarto no momento em que a porta se abriu para permitir serventes mulheres com ataduras e água limpa.

Fendrel estremeceu enquanto colocava o colete, a camiseta colando nos cortes em seu peito. Seus olhos duros como ferro se fixaram em Terryn. — Venha. — Ele rosnou. — Nosso trabalho não terminou esta noite.

Terryn assentiu. Ele não se permitiu um último olhar para Ayleth, mas ficou na linha atrás de Fendrel e Everild, Gerard logo atrás dele. Eles saíram em fila para o corredor, apenas para encontrar o duque d'Aldreda esperando por eles, a luz das velas da arandela brilhando em seu único olho.

— Ouvi dizer que houve um ataque. — Seus lábios se esticaram em um rosnado. — Inren.

Fendrel grunhiu e acenou. — Devemos partir imediatamente. Onde estão d'Acelet e du Gy?

— Eu os enviei para preparar cavalos e reunir nossas armas, senhor. — Everild respondeu imediatamente. Terryn deveria ter dado essa ordem ele mesmo. Uma venatrix foi ferida no campo, e a sombra ainda estava foragida. Eles devem agir imediatamente... mas ele estava muito distraído, não pensando direito, não pensando como um venador.

Fendrel desceu apressado o corredor em direção às escadas, os outros seguindo atrás dele. Everild acelerou, perguntando: — Senhor, sabemos para onde estamos indo? Temos alguma ideia de onde a venatrix encontrou esta sombra?

— A Torre de Sangue e Olhos. — Foi Gerard quem falou.

Fendrel parou no patamar da escada e olhou de volta para o príncipe, sua testa severa e questionadora.

Gerard se apressou em explicar. — Senhora Cerine estava presente. Ela viu a batalha entre Ayleth e a bruxa. Aconteceu nas ruínas de Cró Ular, e Cerine acredita que viu a própria âncora.

O duque d'Aldreda balançou a cabeça e zombou. — Cerine não reconheceria uma das âncoras.

Gerard fixou seu olhar no duque, seus olhos como duas lâminas. — Ela a descreveu como um diamante cheio de escuridão viva. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Soa familiar?

O duque abriu a boca para responder, mas Fendrel balançou a cabeça e continuou a descer as escadas. — Uma vez que uma âncora foi plantada... — ele disse. — A bruxa pode entrar e sair deste mundo em qualquer lugar dentro de um raio de um quilômetro.

— Então foi assim que a venatrix respirou tanto oblivis. — Everild disse, a compreensão despontando. — A bruxa fantasma deve ter pego ela e...

E Inren a arrastou para os Assombrados. Manteve-a lá por algum tempo. Ofegando de terror, atraindo pura loucura, pura maldade em seu corpo. Terryn estremeceu.

Mas foi curioso... Fendrel havia contado a Terryn histórias sobre a Guerra das Bruxas e as batalhas com os tenentes de Terrível Odile, incluindo a Bruxa Fantasma. Inren havia massacrado muitos venadores ao longo dos anos, arrastando-os fisicamente para aos Assombrados e deixando-os lá. Se ela os trouxe de volta, foi só depois de terem respirado tanto oblivis que seus corpos ficaram enegrecidos de dentro para fora, irreconhecíveis.

Por que ela não fez o mesmo com Ayleth?

— Devemos ir para as ruínas. — Fendrel jogou as palavras de volta por cima do ombro.

— Eu vou com vocês. — Gerard falou.



Com isso, Fendrel parou e olhou para seu sobrinho. — Não. É muito perigoso. Estou deixando d'Acelet e du Gy para trás para ficar de guarda em Dunloch, e você deve permanecer aqui sob a vigilância deles.

— Estou tão seguro com o Capuz Negro de Perrinion quanto com qualquer pessoa. — Gerard respondeu. — E talvez eu possa ajudar.

Por um momento, Fendrel pareceu que ia discutir. Então ele deu de ombros e, sem outra palavra, continuou saindo pela porta.

D'Acelet e du Gy os encontraram no salão da frente, oferecendo as armas e o equipamento que haviam reunido para a caça. Terryrn, vendo seu próprio equipamento na mistura, armou-se com escorpiões e venenos. Fendrel carregou um suprimento completo de veneno Evanescer com ele de Castra Breçar, e ele distribuiu os dardos entre os venadores, incluindo d'Acelet e du Gy. O homem de D'Aldreda ajudou o duque a tirar suas finas vestes de banquete e colocar um casaco de caça, igualmente fina, mas mais resistente. Gerard chamou um criado para lhe trazer sua espada.

— Com toda a probabilidade... — Fendrel disse, verificando o mecanismo de ativação em seu escorpião com uma mão experiente. — A bruxa removeu a âncora e se mudou horas atrás. Mas uma âncora ativada deixa um forte rastro de magia. Se ela a carregou com ela, devemos ser capazes de rastreá-la.

— E vamos acabar com ela. — disse d'Aldreda com um sorriso amargo. Ele amarrou uma espada ao cinto e pegou uma besta de seu criado. — Estou pronto.

Armados para a caça, eles se moveram para a porta. Mas Terryrn ficou para trás por um momento, pegando Gerard pelo ombro. — Você tem certeza de que quer estar junto para esta caçada?

Gerard encontrou seu olhar. — Eu estarei lá. No final.

Cavalos foram trazidos dos estábulos e, na escuridão azul do amanhecer iminente, o grupo se preparou para montar. Terryn estava colocando a bota no estribo quando ouviu a voz de Cerine gritar atrás dele. Ele se virou e viu a senhora, ainda usando suas vestes de noviça, descer os degraus da varanda. Senhora Liselle a seguiu, envolta em uma longa capa forrada de pele sobre uma camisa branca e macia, o cabelo solto sobre os ombros. Seus olhos estavam inchados, como se ela ainda não estivesse totalmente acordada, mas o rosto de Cerine estava alerta de apreensão.

— Eu vi os cavalos da minha janela. — disse ela, aproximando-se do príncipe, que segurava as rédeas de seu garanhão preto. — Vocês estão partindo para Cró Ular?

Gerard acenou com a cabeça, abriu a boca, então pareceu pensar melhor no que quer que fosse dizer. Ele balançou a cabeça rapidamente e não encontrou o olhar dela. — Todos nós devemos fazer o que pudermos.

Suas mãos agarraram seus braços, apertando com força. — Por favor... — ela começou, mas parou quando o pai de repente parou ao seu lado. Ela olhou para o duque e depois para baixo novamente. — Esteja seguro. — Ela terminou suavemente.

— Fique dentro de casa até voltarmos. — disse d'Aldreda severamente. — O Dominus deixou dois dos melhores para protegê-la. Você deve estar segura o suficiente.

Cerine acenou com a cabeça silenciosamente. Sem outra palavra de despedida, o duque caminhou até seu cavalo e montou. Gerard demorou mais um momento antes de subir em sua sela.

O movimento em seu cotovelo desviou a atenção de Terryn deste quadro, e ele olhou para o rosto de Senhora Liselle. Ela parecia estranhamente solene, uma expressão pouco natural para um espírito tão alegre.

— Cuide de seu príncipe agora. — Ela disse, apoiando a mão em seu braço. — E eu vou cuidar de nossa futura princesa. Combinado?

Terryn assentiu e engoliu em seco. Então, por impulso, ele deixou escapar: — Cuide-se também, minha senhora.

O sorriso que apareceu em seu rosto era mais brilhante do que o sol nascente. Terryn apressadamente se esquivou e montou em seu cavalo, sem vontade de olhar para ela novamente. No entanto, o calor do sorriso dela queimou em sua cabeça enquanto ele colocava Fleeta em uma posição ao lado do cavalo de Gerard.

Gerard deu a Terryn um olhar, o fantasma de um sorriso em seus lábios. — Ela deu a você um símbolo para continuar a caça? Um lenço de seda, talvez?

Terryn rosnou e puxou o capuz vermelho sobre a cabeça.

O grupo de caça saiu do pátio e Terryn fixou sua atenção na estrada à frente. Enquanto os cavalos trotavam ao redor do caminho circular, ele se recusou a deixar seu olhar deslizar para um lado. Recusou-se a olhar para uma certa janela na ala leste, atrás da qual Venatrix di Ferosa jazia drogada em sua cama.



# CAPÍTULO 17

Ayleth levantou-se com dificuldade.

Ela não se preocupou em imaginar roupas para si mesma. Não aqui no mundo de sua mente. Ela estava nua e pequena neste lugar escuro, com apenas seus longos cabelos para cobrir.

Paredes escarpadas se erguiam de cada lado dela, penhascos de pedra que ela nunca teria esperança de escalar, não sem a força de Laranta. Mas Laranta não estava aqui. Ela estava longe, na floresta de pinheiros acima. Até mesmo a amarração de sua alma estava frouxa demais para que sua presença fizesse algum bem a Ayleth, então ela caminhou sozinha ao longo da ravina. Passo a passo, colocando cada pé propositalmente, ela avançou pela escuridão.

Adiante, uma luz pulsou.

Por que isso parecia tão familiar?

A pulsação ficou mais forte, e nela ela ouviu o zumbido de um feitiço de música. Enquanto ela seguia a luz, ela logo viu o feitiço em si, uma delicada teia de música colocada sobre um buraco no chão. Ayleth parou. Ela conhecia aquela música. Ela conhecia a assinatura desse feitiço melhor do que conheceria seu próprio rosto em um vidro.

Esta magia só poderia pertencer a Hollis.

E o que havia do outro lado dessa teia? Suas memórias... suas memórias perdidas...

Quando um grito selvagem saiu de seu espírito, Ayleth se lançou ao feitiço. Suas mãos imaginárias seguraram a teia e ela puxou, puxou, puxou

com toda a força de sua vontade. Quando isso não funcionou, quando a música não vacilou, ela gritou novamente, juntou as mãos em uma bola e bateu no centro da teia.

A música estremeceu.

As paredes do penhasco lá em cima gemeram e depois ruíram.

Ayleth ergueu os olhos alarmada e atirou os braços sobre a cabeça no momento em que uma enorme tonelada de pedra caiu sobre ela de cima.



Cerine ficou parada no frio, as mãos enfiadas nas mangas compridas do robe, o vento da manhã enxugando as lágrimas dos cantos dos olhos. Ela observou até que a companhia sumiu de vista, além da ponte e através dos portões. Só quando eles se foram, ela se virou para o castelo.

Liselle, parada alguns passos acima dela na varanda, se aninhou em sua capa e sufocou um bocejo na mão. Apressadamente, ela engoliu o bocejo e ofereceu um sorriso cansado. — Venha para dentro, querida. Está muito frio aqui. — Ela estendeu a mão enquanto Cerine subia a escada, segurando-a pelo cotovelo e puxando-a para a porta. — Não há nada que você possa fazer agora. — disse ela, batendo os dentes. — Eu sei que é difícil, mas você deve tentar dormir.

— Não consigo dormir. — Sussurrou Cerine, deixando Liselle conduzi-la pelo corredor de entrada em direção às escadas. — Não enquanto eles estiverem lá fora. Não enquanto eles estão... Caçando...

— Não há nada que você possa fazer. — disse Liselle suavemente. — Todos nós sabemos há anos que Fayline se foi. Deixe que eles a

encontrem. Deixe-os colocá-la para descansar. Você deve seguir em frente com sua vida, Cerine. Todos nós devemos.

Não adiantava protestar. Cerine subiu as escadas ao lado de Liselle, dirigindo-se à ala oeste. No patamar, ela lançou um olhar para trás em direção à ala leste, onde ela acreditava que eles estavam mantendo a pobre venatrix envenenada. Alguém estava cuidando da jovem? Ou eles a deixaram sozinha com seus ferimentos?

Cerine estava meio inclinada a descobrir por si mesma, mas antes que pudesse dar um passo nessa direção, Liselle a conduziu com firmeza em direção a seus próprios aposentos. Por enquanto, pelo menos, Cerine não tinha energia para protestar.

Em sua porta, Liselle estendeu a mão para a trava, mas Cerine colocou a mão sobre a de sua amiga. — Não, não. Você já fez o suficiente por mim e está exausta. Vá dormir. Vou ficar bem por algumas horas.

— Tem certeza? — Liselle deu a ela um olhar estreito. — Não é saudável chorar sozinha, você sabe. É muito melhor você molhar meu ombro de novo do que deixar seu travesseiro todo encharcado.

Cerine balançou a cabeça, meio sorrindo apesar de si mesma. — Eu chorei o suficiente para durar uma semana, Liselle, eu juro! Vou dormir e você também deve. Venha me encontrar em algumas horas, se isso fizer você se sentir melhor.

Sufocando outro bocejo, Liselle acenou com a cabeça e, com um último aperto dos dedos de Cerine, flutuou pelo corredor e dobrou uma esquina para seu próprio quarto. Cerine esperou até que ela saísse antes de passar pela porta.

Era tão estranho, um quarto inteiro só para ela! Parada na soleira da câmara, ainda usando as vestes manchadas da viagem, Cerine se sentia



totalmente deslocada. Este era um quarto digno de uma princesa, com uma cama de dossel absolutamente enorme, uma escrivaninha pintada com rosas estilizadas e beija-flores, cortinas pesadas de brocado para afastar o frio que tentava penetrar pelas janelas de vidros de diamante e um tapete Suuriano feito à mão, grosso e luxuoso, quase lindo demais para andar. Molduras brancas elegantes emolduravam a lareira, e um fogo ardia atrás de uma tela enrolada.

Ela certamente nunca seria capaz de descansar aqui. Não sem Ducette roncando na cama ao lado, suas duas camas amontoados em um quarto com três outras jovens noviças. Mas as Irmãs Siveline tinham recebido alojamento na casa dos criados, um edifício separado da fortaleza principal de Dunloch. Cerine não se atreveu a procurá-las.

Ela era uma princesa agora. Ou tão boa quanto uma.

Com um suspiro, ela caminhou até a janela e puxou a cortina. As águas brilhantes do Lago Sagrado quase ofuscaram sua visão. Ela olhou além dela, através da paisagem ondulada, para o leste, em direção à sombra no horizonte que ela sabia ser Floresta da Bruxa. A prisão de sua irmã nos últimos quatro anos.

Que horrores Fayline experimentou naquele lugar? Aprisionada em seu próprio corpo, à mercê de uma bruxa.

Afastando-se da janela, Cerine começou a andar pelo quarto. Seus olhos ardiam de fadiga, mas sua mente era uma tempestade tão caótica que ela temia tentar deitar ou fechar os olhos. Após a vigésima segunda volta em seu quarto, ela cerrou os punhos e murmurou: — Controle-se. Você tem que dormir, ou não fará bem para ninguém.

Virando um rosto decidido em direção ao luxo delicado, ela marchou para a cama. Sua bolsa estava ao lado de um dos travesseiros nevados,

parecendo muito suja e gasta. Sem se preocupar em mudar ou mesmo tirar as roupas externas, Cerine subiu na cama, abraçou a bolsa perto do peito e afundou nos travesseiros macios. Seus olhos se fecharam.

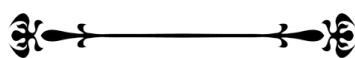
E viu o rosto de Fayline na escuridão. Seu rosto torturado, com um olho só, coberto de protuberâncias. Louco de dor, de raiva. De traição.

Cerine rolou de costas para olhar o dossel decorativo acima. Seu coração batia forte na garganta e ela não conseguia fazer seus pulmões respirarem fundo.

Isso não era bom. Ela não podia simplesmente ficar aqui esperando que os caçadores voltassem, esperando que trouxessem o corpo quebrado de Fayline pendurado em um de seus cavalos. Não, não...

— Não! — ela rosnou e se sentou, agarrando a bolsa com força suficiente para sentir os contornos do livro pressionando o couro. Suas pernas balançaram na beirada da cama e seus pés calçaram as sandálias apressadamente.

Ela seguiria seu primeiro impulso. Ela iria encontrar a pobre venatrix e ver se ela precisava de alguma coisa. Era o mínimo que ela podia fazer.



A escuridão total a rodeou, esmagou-a.

Por algum tempo, Ayleth não podia sentir nem perceber nada além de escuridão e peso. Eventualmente, no entanto, seu estado de alerta voltou. O suficiente para ela começar a questionar se ela estava morta ou não. No final das contas, ela decidiu que provavelmente ainda estava viva. Se ela tivesse morrido, sua alma teria voado para os Assombrados. A situação atual era ruim, mas não parecia ruim o suficiente para ser os Assombrados.

Ainda assim, ela não conseguia se mover, não conseguia nem sentir seus braços e pernas. Não, espere...

Memória esclarecida. Este era o reino de sua mente. Ela não tinha membros aqui, a menos que fizesse o esforço de visualizá-los. Era sua mente sendo esmagada, não seu corpo físico. O que não era um pensamento muito reconfortante.

Se recompondo um pouco mais, ela timidamente gritou na escuridão. —  
*Laranta?*

Sem resposta.

Ayleth tateou em sua consciência até encontrar a corrente da alma que a conectava à sua sombra. Estava flácida, sem resposta, mas ainda inteira. Deslizando sua consciência ao longo dessa corda o mais longe que podia, ela sentiu a presença de Laranta. Ainda em sua mente, mas separada de Ayleth como se por uma cortina densa e impenetrável.

Ayleth deslizou de volta pela corda da alma, de volta ao ponto em que seu centro de estar repousava sob aquele enorme peso. *O sòm*, ela pensou. A droga que a administraram para fazê-la dormir, apesar de todos os seus protestos. O principal uso dessa mistura produzida pelos fasmatores evanderianos era suprimir as sombras enquanto suas almas hospedeiras ficavam inconscientes. Foi planejado para proteção.

Mas também significava que, pelo menos por enquanto, Ayleth estava sozinha na escuridão. Ela teria que encontrar sua própria saída.

Com esforço, ela puxou sua autopercepção de volta à forma física. Assim que ela fez isso, ela desejou que ela não tivesse feito. O esmagamento parecia muito pior agora, e o pânico ameaçou tomar conta. Lentamente, com cuidado, ela testou como o peso e a pressão em cima dela mudavam quando ela deslizou primeiro um braço, depois um pé. As rochas se moveram, gemeram,



rangeram. Em um momento, o peso em seu peito aumentou, e ela teve certeza de que estava prestes a ser esmagada até o esquecimento.

Mais um deslocamento fracionário e o peso rolou para longe. Ela conseguiu colocar os braços no lugar, apoiá-los contra a pedra diretamente sobre o peito e a cabeça. Ela empurrou, empurrou, empurrou. Mais ruídos de rocha contra rocha, estrondos e estrondos distantes. Ela aplicou mais poder, lembrando-se com cada esforço que este não era o mundo físico, que aqui ela não estava limitada por leis físicas. Esta era sua própria mente. Ela estava no controle aqui.

Os tendões de seu pescoço se contraíram, tanto aqui quanto no mundo físico. Ela abriu a boca e rugiu, colocando tudo o que tinha em um último grande empurrão. Uma enorme rocha se moveu acima, rolou e caiu... e todo o peso acima dela caiu. Ela ficou livre, olhando para um céu cinza distante.

— *Uma contra-proteção.* — ela sussurrou. — *Hollis atou seu feitiço com uma contra-proteção, desencadeada quando eu tentei romper.*

O fato de ela ainda estar viva era um milagre.

Ayleth levantou-se, limpando a sujeira e o cascalho dos ombros, e desceu a pilha de escombros. Ela ainda estava na ravina profunda, muito abaixo de sua floresta de pinheiros. O brilho da magia de aparatação chamou sua atenção.

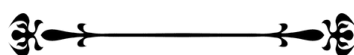
A teia de feitiço permanecia no lugar, aparentemente ilesa por sua tentativa de ataque. Estava parcialmente enterrada, mas Ayleth não precisou de mais do que alguns minutos para desenterrá-la novamente. Ela ficou acima do buraco, tentando espiar entre os fios cintilantes de magia, tentando vislumbrar o que havia além.

Mas o feitiço de Hollis era impenetrável.

— *Malditos Assombrados.* — Sussurrou Ayleth, e afundou-se nos calcanhares. Pressionando as palmas das mãos contra os olhos, ela deu um longo suspiro.

De repente, a corda de sua alma estremeceu, estalando ao longo de seu comprimento. Puxou com tanta força, tão rápido, que a puxou para cima e para o rosto. Ela engasgou. A corda vibrou como a corda de um arco arrancada e, nessas reverberações, transmitidas até mesmo pelas supressões da droga, veio uma voz.

*Senhora! Senhora! Perigo! Sombra!*



— Aí está você! O que, em nome da Deusa, você está fazendo aqui, Cerine?

Assustada, Cerine ergueu os olhos das mãos postas. Liselle estava emoldurada na porta do quarto da venatrix, seus olhos muito arregalados e inquietos enquanto ela olhava para a câmara sombria.

— Oh. Você me encontrou. — disse Cerine e tentou sorrir. — Entre, se quiser. Ela está dormindo. Acho que ela foi drogada.

— Drogada? Bem, suponho que seja nesse caso... — Liselle entrou cautelosamente no quarto, suas saias de seda farfalhando suavemente a cada passo. O vestido que ela usava era tão suntuoso quanto o confeito rosa que o duque mandara para o Templo Siveline para Cerine vestir. Apenas na figura elegante e graciosa de Liselle, os babados, as joias e as pregas de alguma forma faziam sentido. Ela ergueu a ponta de suas anáguas delicadamente e franziu o nariz. — Tem cheiro de sangue aqui?

Cerine encolheu os ombros e deixou cair as mãos no colo. Ela se sentou em uma cadeira perto da cabeceira do leito da venatrix doente. O quarto estava escuro com as pesadas cortinas fechadas, provavelmente para que a venatrix adormecida pudesse descansar. Pouca luz penetrava, apenas o suficiente para enfatizar o tom esverdeado da pele da pobre mulher. Bandagens encharcadas de sangue envolviam seu torso e um cobertor escondia sua metade inferior. Ela não tinha recebido aqueles ferimentos sangrentos durante a luta nas ruínas da noite anterior. Cerine só podia adivinhar o que acontecera à infeliz caçadora desde então.

Liselle encontrou outra cadeira e se sentou perto do pé da cama. Desse ângulo, com os olhos redondos, ela estudou a venatrix, então finalmente estremeceu e desviou o olhar, olhando para Cerine. — Ela é bastante bonita, você não acha? Não é o que se esperaria de uma evanderiano. — Ela riu desconfortavelmente. — Pensa-se em venatrizes mais na linha daquela Everild horrível. Eu não sei se eu confiaria em uma garota como essa para me proteger contra a sombra.

Memórias da luta que ela vira passaram pela mente de Cerine. A jovem venatrix não durou muito contra Fayline.

Mas, novamente, quem poderia realmente lutar contra poderes como aqueles que possuem sua irmã?

— Esta é a garota que salvou você na noite passada? — Liselle persistiu. — É por isso que você está aqui orando por ela?

— Sim. — Cerine acenou com a cabeça. — Se não fosse por ela, eu... Nós iríamos... Parecia o mínimo que eu podia fazer. E eu não conseguia dormir.

— De jeito nenhum? — Liselle inclinou a cabeça e estalou o braço suavemente. — Cerine, querida. Fale comigo.



— Eu... — Cerine suspirou e passou a mão pelo rosto. Um pé se moveu disfarçadamente para tocar a bolsa ao lado de sua cadeira. Ela não podia suportar deixá-lo e seu precioso conteúdo sozinho em seu quarto. — O que há para dizer?

Liselle puxou a cadeira para mais perto, então estendeu a mão pelo espaço entre elas e agarrou a mão de Cerine. — Eles estão fazendo o melhor que podem por ela. — disse ela, referindo-se a Fayline. — Você sabe disso, não é? Esses evanderianos devem acabar com isso.

— Eu sei. — Sussurrou Cerine. E ainda... ela sabia? Ela olhou para o rosto da irmã na noite anterior e viu Fayline lá. Furiosa, louca pela sombra, mas... presente.

E se a alma de Fayline ainda estava intacta, não seria teoricamente possível trazer essa alma de volta à ascensão?

Liselle deu outro aperto na mão de Cerine antes de se recostar na cadeira. Ela brincou com um pingente que usava no pescoço, seu olhar voltando para o rosto da venatrix adormecida. Suas sobrancelhas se uniram e seus lábios se franziram. — Ela deve ser a parceira do Venador Terry, não acha? Eu me pergunto há quanto tempo eles se conhecem. Eu me pergunto...

Ela se sacudiu um pouco e desviou o olhar novamente, sorrindo para Cerine. Então o sorriso se transformou em uma expressão curiosa, e ela inclinou a cabeça para o lado. — O que é isso na sua bolsa, Cerine?

— O que? Isto? — Surpresa, Cerine empurrou o saco um pouco mais para trás da cadeira, escondendo-o com a dobra do robe. — Nada. Apenas alguns livros e papéis.

— Oh? — Liselle franziu a testa. — Alguma coisa está... brilhando.

— O que? — Cerine baixou os olhos, afastando o manto. Para sua surpresa, Liselle estava certa. Algo na bolsa estava realmente brilhando em um

tom estranho para o qual ela não tinha nome, mas que brilhava através do couro grosso. Com um suspiro de surpresa, Cerine pegou a bolsa e abriu a aba, mergulhando a mão lá dentro.

Seus dedos se fecharam em torno de um pequeno orbe facetada.

Ela sabia o que era antes mesmo de puxá-lo, abrir a mão e ver um diamante preto do tamanho de um globo ocular. Mesmo antes de ela espiar através de suas facetas e ver uma escuridão viva girando profundamente em seu centro, pulsando com uma luz estranha que era mais como uma anti-luz.

O sangue foi drenado de seu rosto. — É uma âncora. — Ela murmurou.

— O que? Cerine, você está me assustando. — Levantando-se, Liselle se inclinou para olhar mais de perto o objeto na palma da mão de sua amiga. — Isso parece uma joia. Por que brilha assim? Ou está brilhando? Eu não... Não entendo...

Cerine deu um pulo tão rápido que sua cadeira tombou. — É uma âncora de maldição! — ela gritou. — Meu pai me contou sobre elas. Isso é... é para isso que a Bruxa Fantasma usa... para... Ela deve ter plantado quando pegou minha bolsa!

— Cerine. — Liselle estendeu a mão. — Você parece doente. O que está errado? Eu não sei do que você está falando. Qual âncora? O que...? Onde você está indo?

Suas palavras caíram em ouvidos surdos. Cerine já estava fora da porta, gritando por cima do ombro: — Temos que levar isso para os venadores! Talvez eles ainda possam ajudar! Talvez ainda haja tempo.

Ela mal ouviu os gritos de Liselle atrás dela enquanto corria do quarto da venatrix doente e ao longo do corredor, suas sandálias batendo no chão de pedra. Dominus du Glaive havia deixado dois de seus tenentes para trás para

proteger Dunloch. Onde eles estavam? Provavelmente do lado de fora, patrulhando o perímetro. Ela deveria encontrá-los, deveria contar a eles.

Em sua pressa, ela quase caiu da grande escada da frente. Criados se moviam em sua visão periférica, alguns deles chamando por ela, oferecendo ajuda. Ela os ignorou, mesmo enquanto ignorava a voz de Liselle em seus calcanhares. Ela se jogou contra a enorme porta da frente, abriu-a e saiu para a luz forte da tarde, sua respiração quase tomada por uma rajada de vento frio.

Por um instante, ela ficou deslumbrada com o sol, incapaz de ver ou pensar. Então, seus olhos se ajustando lentamente, ela viu algo. À sua esquerda, onde o caminho circular fazia uma curva perto da ala leste da torre de menagem.

Um corpo.

— Nããão! — Com os joelhos fracos, Cerine escorregou e tropeçou ao descer os degraus da varanda. No momento em que ela alcançou o caminho, ela estava correndo novamente. Em instantes, ela caiu de joelhos ao lado do corpo. Um homem deitado de bruços, o capuz vermelho cobrindo a cabeça. Seus dedos trêmulos se estenderam, agarraram a ponta do capuz e puxou-o para trás.

Cerine gritou e largou o capuz. O rosto do homem estava coberto por manchas escuras de teia de aranha, esticadas sob sua pele pálida.

— Deusa acima!

Ao som da respiração ofegante e dos passos de Liselle atrás dela, Cerine se endireitou, seus membros tremendo tanto que ela temeu desmoronar dentro de si de terror. Ela se virou para encarar sua amiga, que havia parado a vários passos de distância, ambas as mãos pressionadas sobre a boca.

— Ele está morto? — Liselle engasgou com os dedos.



Cerine acenou com a cabeça. Ela olhou para a pedra agarrada com tanta força em sua mão que cortou sua pele. A escuridão dentro pulsava com energia.

A âncora estava ativa.

— Ela está aqui. — Sussurrou Cerine. — Ela já está aqui.

## CAPÍTULO 18

Apoiando-se nos cotovelos e virando os olhos na direção em que a corda da alma puxava, Ayleth estudou a pilha de pedras caídas mais acima no desfiladeiro. Através do filme de nuvens, ela tentou pegar um vislumbre de Laranta, mas a poderosa droga obscurecia sua sombra da vista.

Ainda assim, a voz de Laranta reverberou ao longo da corda da alma: *Sombra! Sombra! Senhora! Sombra!*

Deve haver uma sombra. Perto. No mundo físico. O mundo físico onde seu corpo estava inconsciente. Se Laranta podia sentir o cheiro, mesmo com a supressão da droga, devia ser realmente poderosa.

No mundo desperto, onde estava seu corpo? Ela não conseguia se lembrar. Pensando tanto quanto podia, ela encontrou algumas imagens confusas de ruínas... de uma garota com cabelo raspado... da escuridão, do oblivis... Além disso, ela não tinha certeza.

Não importa. A voz de Laranta ficava mais desesperada a cada palavra gritada. O que quer que fosse essa sombra e onde quer que o corpo de Ayleth estivesse, ela e sua sombra estavam em perigo.

Ela não podia ficar ali deitada de cara e não fazer nada.

— *Eu estarei de volta.* — ela rosnou, e se levantou, lançando um olhar arrependido para o feitiço de memória. Deusa conceda que ela não o esquecesse quando acordasse! Ela se jogou na pilha de escombros e começou a escalar.

As pedras se ergueram e escorregaram, e todo o monte precário se mexeu perigosamente sob suas mãos e pés. Sua imagem projetada era fraca. Seus

membros tremeram e seu cabelo comprido e solto caiu em seu rosto. Ela continuou, rangendo os dentes com tanta força que podia sentir sua mandíbula física doendo em algum lugar distante no mundo físico.

Por fim, ela estava no topo da pilha, os pés descalços plantados em uma pedra larga que se inclinava se ela se movesse, mesmo que ligeiramente para a direção errada. Outras pedras abaixo dela gemeram, tensas. A qualquer momento, uma avalanche começaria, e ela seria pega e esmagada enquanto a arrastava de volta para baixo.

Mal ousando respirar, ela olhou para o céu cinza distante. Acima nas paredes do desfiladeiro. A cerca de um metro e meio de altura, um pequeno pinheiro agarrou-se à parede, crescendo em um ângulo estranho, com as raízes expostas ao mergulhar na pedra.

Três pés. Se ela tivesse a força de Laranta nela, o salto não seria nada. Mas...

— *Uma chance.* — Ela respirou fundo, as palavras escapando enquanto ela exalava. — *Você tem uma chance nisso.*

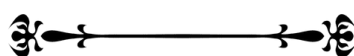
Ela ampliou sua postura, os músculos tensos tanto em sua forma projetada quanto longe, onde seu corpo jazia inconsciente e indefeso.

*Senhora! Sombra!* Laranta uivou.

— *Estou indo.* — rosnou Ayleth.

Ela saltou.

E a pilha de escombros cedeu, quebrando e rangendo embaixo dela.





Agarrando a mão de Liselle, Cerine subiu correndo os degraus da varanda, de volta ao castelo. Não importava, ela sabia. Nenhuma parede, não importa quão alta ou grossa, poderia impedir a entrada da Bruxa Fantasma.

Mas ela não podia apenas ficar parada e esperar a morte chegar.

— Onde está o Capuz Vermelho? — ela gritou para o primeiro criado que chamou sua atenção.

O garoto de olhos arregalados em um uniforme de mensageiro olhou para ela, lendo o horror em seu rosto e refletindo-o de volta para ela. — Uh, ele está... ele está nos fundos, contornando o caminho do dique. — Gaguejou ele, apontando para o castelo em si.

— Leve-me. — Cerine exigiu. Ela percebeu que ainda estava segurando Liselle e a soltou, dizendo sem fôlego: — Vá para as irmãs! Esconda-se na capela e diga-lhes para implorar a ajuda da Deusa!

— O que? Não. — Liselle balançou a cabeça ferozmente, cachos dourados voando. — Não vou deixar você, Cerine. Eu prometi que cuidaria de você.

Inúmeros protestos se acumularam na língua de Cerine. Não havia tempo para nenhum deles. Ela se virou para o menino e ordenou: — Leve-me ao Capuz Vermelho. Rápido! — e saiu correndo pelo castelo atrás dele, deixando Liselle atrás deles em suas saias de seda farfalhantes. Familiarizado com todos os atalhos de Dunloch, o garoto a conduziu rapidamente até uma porta dos fundos e a abriu.

Cerine saiu, piscando com o clarão repentino. Ela viu o venador parado na passagem de pedra acima do barranco íngreme. Tendo esquecido o nome dele, ela colocou as mãos em volta da boca e gritou: — Capuz Vermelho!

O homem se virou. Ele a viu. Sua cabeça inclinou-se questionadoramente para o lado.

Uma explosão de escuridão explodiu no ar atrás dele.

— Não! — Cerine gritou.

Os braços da bruxa envolveram o pescoço e os ombros do evanderiano, suas longas unhas cravando-se em sua pele como adagas. Em um segundo lampejo, os dois desapareceram, deixando nada além de um remendo espiral de ar podre e magia em seu rastro.

Liselle agarrou o braço de Cerine, seus dedos beliscando até o osso, e engasgou: — Era Fayline?

Cerine não respondeu. Ela sentiu como se nunca mais se mexeria, nunca mais respiraria. Seu olhar caiu para a pedra ainda segura em sua mão. O diamante parecia olhar para ela, um olho de diabo cintilante.

Com um grito mudo, Cerine correu em direção ao caminho de pedra, em direção a esse barranco. Ela puxou o braço para trás para jogar a pedra sobre a passarela, na água. Com toda a força de seu braço, ela a arremessou, lançando a âncora em um alto arco pelo ar.

Outro lampejo preto. Uma mão se estendeu do nada, agarrou a pedra assim que ela começou sua descida, e Fayline, ou aquela que possuía Fayline, caiu no chão e rolou como uma bola apertada, segurando a âncora perto de seu peito emaciado. Ela se desdobrou e ficou de pé.

— Isso foi tolice, minha irmã. — Ela disse, rolando a pedra em seus dedos longos e delgados. — E isso teria feito pouco a você.

Era a voz de Fayline, falando com a boca de Fayline.

Cerine deu um passo para trás, as mãos erguidas à sua frente. Fayline caminhou em sua direção, os trapos daquele outrora glorioso vestido de noiva esvoaçando sobre suas longas pernas nuas. Seu cabelo escorria por suas costas, vermelhos como o fogo à luz do sol. Mas a escuridão pulsava sob sua pele, nos cantos de seu olho bom, e se derramava entre seus dentes afiados quando ela sorria.

— Você realmente achou que eu simplesmente me afastaria e deixaria você tomar o meu lugar? — ela disse. — Você achou que eu deixaria você roubar Gerard de mim? Eu sei que você sempre gostou dele, Cerine. Mas descer tão baixo! E logo depois da minha... morte trágica.

Cerine caiu de joelhos, as mãos trêmulas unidas como se rezassem. Ela ficou boquiaberta, de boca aberta, para a coisa monstruosa vestindo o corpo de Fayline, falando sobre a dor de Fayline, brincando com as emoções de Fayline.

— O que? — A tomada de sombra se aproximou, seus olhos brilhando com magia maligna. — Sem protestos, sem desculpas? Certamente você tem algo que deseja dizer para sua própria irmã querida!

— Você não é minha irmã. — Cerine respirou. Ela balançou a cabeça. — Eu não vou falar com você... apenas com Fayline.

O rosto da bruxa se contorceu em um rosnado horrível, e a escuridão que rastejava sob sua pele aumentou e se aprofundou. Então ela piscou. Por um instante, a magia se desvaneceu, a estranha sombra esmaeceu, como nuvens se abrindo para revelar o céu azul de seu único olho bom. Os lábios de Fayline moveram-se silenciosamente, então conseguiram tremer: — Cerine?

Um grito horrível se seguiu, e a garota tomada pela sombra jogou a cabeça para trás, arrancando o próprio rosto e cabelo com mãos violentas. Quando ela olhou para baixo para Cerine novamente, a sombra estava de volta e brilhando. Com a velocidade da luz, sua mão atacou. Cerine caiu com um grito de dor, agarrando a bochecha e momentaneamente atordoadada.

— Deixa-a em paz!

Uma rajada de seda e cabelos dourados passou pela visão giratória de Cerine. — Liselle, não! — ela gritou enquanto sua dama se atirava na sombra,



feroz como uma mãe urso defendendo seu filhote. Por algumas respirações, a bruxa ficou tão surpresa que não conseguiu reagir.

Então, com um estrondo de escuridão, a coisa dentro de Fayline saiu deste mundo, deixando Liselle agarrando o espaço vazio. Liselle engasgou com o ar de alguma realidade estranha e recuou, a cabeça girando descontroladamente de um lado para o outro.

Ela não deu dois passos para recuar quando a bruxa reapareceu, desta vez atrás dela. O braço de Fayline envolveu seu pescoço e apertou. Liselle engasgou, arranhou e tentou se afastar, mas ela estava impotente para escapar de tal aperto.

Lembrando-se do Capuz Vermelho que acabara de ver ser arrancado deste mundo, para nunca mais voltar, Cerine saltou e agarrou o braço de Fayline. — Não a leve! Não a machuque! — ela gritou, sua voz meio enlouquecida de terror. — Eu farei o que você quiser, eu irei onde você me disser. Não vou lutar com você, Fayline. Mas não a machuque. Ela é sua amiga. Ela é sua amiga!

Os olhos de Liselle rolaram para trás em sua cabeça. Seu rosto ficou horrivelmente roxo enquanto ela engasgava por falta de ar. Ela ficou mole nos braços da bruxa. Fayline a deixou cair no chão. Ela se virou e agarrou o pulso de Cerine.

— Muito bem, irmãzinha. Eu a deixei viver. Agora você virá comigo, e veremos qual de nós Gerard mais ama, não é?

Por um momento horrível, Cerine acreditou que seria arrastada para fora deste mundo e forçada a um daqueles caminhos escuros que a bruxa percorria com tanta facilidade. Mas em vez disso, a coisa dentro de sua irmã se virou e a puxou de volta para a porta ainda aberta do castelo. O mensageiro esperava

lá, com muito medo de fugir ou lutar, congelado em terror amontoadado dentro da porta.

Fayline o agarrou pelo cabelo no topo da cabeça, puxando seu rosto para cima. — Você, garoto. — Ela disse. — Pegue o cavalo mais rápido e encontre seu príncipe. Diga a ele que está na hora de voltar para mim, sua Fayline. Ele tem até o pôr do sol, ou então... — seus dentes brilharam em um sorriso de lâmina. — Eu vou matar todos neste castelo, começando com minha querida irmã.

## CAPÍTULO 19

Sangue. Ela cheirou sangue.

Ayleth ergueu um braço sobre a borda da garganta e, com os dedos arranhando a pedra, puxou-se para cima e para fora. Sua imagem projetada desabou e estremeceu, cortada e arranhada por uma centena de pequenos ferimentos.

Ela respirou e suas narinas se encheram com o fedor de sangue. Era forte o suficiente, afiado o suficiente para afastar o fedor das árvores fumegantes de sua floresta queimada.

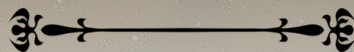
Com um grande esforço, ela se apoiou nos cotovelos e olhou para sua floresta de pinheiros. Os troncos estavam enegrecidos, seus membros esqueléticos e nus até onde seus olhos podiam ver. Mas ela já viu sinais de um novo crescimento. Ela não morreria de envenenamento por oblivis, pelo menos.

Mas de onde vinha esse fedor de sangue?

Ao inalar novamente, ela percebeu que o fedor não fazia parte de seu mundo mental. Veio do mundo físico, e ela respirou através de seu corpo mortal. A consciência voltou às bordas de sua mente.

Gritando maldições por entre os dentes, Ayleth ficou de pé e deu um passo. Então outro. Em seguida, um terceiro, e então ela estava correndo, correndo por sua floresta queimada. A escuridão se aproximou e a floresta de pinheiros tornou-se negra... a escuridão do mundo logo atrás de seus olhos...





Ela estava de volta ao seu corpo físico.

No início, o alívio foi tão grande que Ayleth não percebeu a dor. Ela estava acordada, ou perto disso, e isso era uma vitória por si só.

Mas como suas pálpebras estavam pesadas! Ela tentou abri-las, mas o resíduo pegajoso as selou. Seu torso queimava com vários cortes, e ela sentiu a pressão estranha das bandagens em seus seios, ao redor de seu estômago. Seus dedos se contraíram e ela percebeu as fibras macias. Um cobertor?

Com um esforço de vontade, Ayleth abriu os olhos com força, os cílios engomados abrindo-se a contragosto. Um dossel bordado arqueado sobre sua cabeça. Por um instante, as criaturas costuradas em fios coloridos pareceram dançar e girar diante de sua visão. Mas eles se acomodaram em suas formas adequadas, uma representação feia de uma caça ao leão, completa com caçadores de olhos esbugalhados e um leão muito desgrenhado. Não era uma visão bem-vinda, mas Ayleth se concentrou nela enquanto seus outros sentidos gradualmente voltavam ao controle.

Um grito ecoou de algum lugar distante. Ayleth respirou fundo, todos os músculos de seu corpo tensos. Outro grito, e outro seguiu o primeiro. Longe, mas não muito longe. Várias vozes. Apavoradas. Lamentando.

Ela tinha que se mover. Ela tinha que agir.

— *Laranta?*

Sua sombra de lobo se moveu dentro de sua cabeça, mas a mesma a manteve a distância. Os poderes de Laranta estavam inacessíveis. O que quer que estivesse lá fora, Ayleth teria que lidar com isso sozinha.

Reunindo tudo o que pôde com sua força limitada, Ayleth se ergueu. O mundo girou, mas ela se recusou a desabar de volta no travesseiro. Seus dedos

apertaram o cobertor enquanto mais gritos ressoavam pelas paredes grossas e pela porta. Ela tentou bloqueá-los, se concentrar nas necessidades do momento.

Onde ela estava? Dunloch. Ela estava em Dunloch; ela tinha que estar. A mobília neste quarto era rica demais para estar em qualquer outro lugar. Agora, a pergunta mais pertinente: onde estavam suas roupas? Atualmente ela não usava nada, exceto as bandagens enroladas em seu torso, e aquelas estavam manchadas de sangue, a fonte do fedor que ela seguiu em seu sonho.

Do outro lado do quarto, ela viu uma muda, mas sem calças, sem colete, sem...

Outro grito. Ela não podia simplesmente ficar sentada aqui, com ou sem roupas.

Rangendo os dentes, ela jogou os cobertores para trás, um tanto assustada ao ver seus próprios membros nus. Ela ficou de pé, trêmula, agarrando-se à coluna da cama para se equilibrar. Cambaleando como uma criança, ela cruzou o quarto e agarrou a camisola, arrastando-a dolorosamente sobre a cabeça.

Os gritos diminuíram e pararam. Ela estava muito atrasada? Um murmúrio distante ainda alcançava seus ouvidos, e ela tinha que esperar que, o que quer que estivesse acontecendo além de suas portas, ela ainda chegaria a tempo de ajudar.

Mas ela não tinha Laranta. E ela não tinha armas.

Tirando o cabelo escorrido do rosto, Ayleth cambaleou até a porta, abriu-a e olhou para o corredor além. Raios de luz da tarde derramavam-se pelas janelas, mas a atmosfera estava estranhamente sombria. Mesmo sem os

sentidos de Laranta para guiá-la, Ayleth sentiu a opressão da presença da sombra por perto. Um gosto de veneno permaneceu em sua língua.

Não havia ninguém à vista, e os únicos sons que ela discerniu vieram de longe. Rastejando descalça, Ayleth deslizou para a passagem e caminhou silenciosamente ao longo do corredor, mantendo-se nas sombras. O murmúrio de vozes aumentava conforme ela ia, choramingos, gemidos e orações.

Adiante, no final do corredor, ela avistou a grade de proteção aberta com vista para a entrada da frente do castelo. Usando a parede como suporte, Ayleth deslizou com cuidado o máximo que ousou e olhou através do corrimão para o enorme corredor abaixo.

Um grupo de freiras Siveline havia se reunido em um círculo, ajoelhadas em oração. Fora de seu círculo agrupava-se a família: o camareiro, os guardas domésticos, o chanceler Yves... todos, até as copeiras e os cavaleiros. Todos reunidos, agachados ou ajoelhados, os braços em volta uns dos outros.

Um rosto parecia familiar, embora a princípio Ayleth não conseguisse identificá-lo. Delicado, pálido, com a cabeça raspada e olhos grandes. Oh sim! A novata. A garota que ela conheceu nas ruínas de Cró Ular. Por que ela e as Irmãs Siveline estavam aqui em Dunloch?

Nenhum sinal de Gerard, notou Ayleth. Nem de Terryn. Ela reconheceu alguns dos guardas, mas eles estavam desarmados, todos sentados em silêncio com as mãos atrás das costas. Amarrados, percebeu Ayleth.

Quem poderia ter feito isso com eles? Quem poderia tomar toda a casa de Dunloch cativa?

Uma lufada de escuridão atraiu a atenção de Ayleth.

A bruxa caminhou pelo centro da multidão encolhida, arrastando sombras em seu rastro. Seu longo cabelo ruivo escorria por suas costas, e suas mãos se estenderam para tocar as cabeças e rostos daqueles por quem ela



passava, acariciando-os suavemente para que chorassem e gritassem. Ela sorriu, e seus dentes brilharam como presas.

Ayleth recuou para o corredor. Seu coração batia forte e seus membros já fracos tremiam violentamente. Inren. Ela murmurou o nome sem som.

Empurrando a mão na boca, ela mordeu com força a pele macia entre o indicador e o polegar, forçando um grito de volta. Sua mente clamava freneticamente: O que ela poderia fazer? O que ela poderia fazer? Pense, pense, pense.

A bruxa podia se mover incrivelmente rápido, desaparecendo e reaparecendo em um piscar de olhos. E se ela pegasse Ayleth novamente, ela a arrastaria de volta para o horror da escuridão. Para os Assombrados.

Se ela pudesse encontrar suas armas, talvez ela pudesse dar um tiro com a Morte Gentil? Ela não carregava veneno de Evanescer, então paralisia estava fora de questão. Mas se ela pudesse atirar nela com a Morte Gentil, mirar por cima da grade e derrubá-la antes que a bruxa percebesse o que estava acontecendo, ela poderia vencer este dia. Mas onde estavam suas armas?

Tremendo violentamente, Ayleth deslizou de volta ao longo da parede. A cada respiração, ela procurava romper a névoa que a mantinha afastada de Laranta. A barreira permaneceu firme no lugar. Ela deslizou de volta para seu quarto, empurrando a porta fechada, mas sem fechá-la totalmente por medo de que o som pudesse alcançar os ouvidos da bruxa. Sua visão ficou turva com tontura enquanto ela examinava o quarto mais uma vez, esperando por algum sinal de suas armas que ela havia perdido antes.

Nada.

— Pense, Ayleth. — Sussurrou ela, agarrando o cabelo acima de cada orelha e puxando, como se pudesse colocar em ordem seu cérebro embaçado pelas drogas. — Você tem que se armar.

Não havia como derrubar uma bruxa sem armas. Ela teria que escapar, viajar para Milisendis e voltar. A ideia era odiosa para ela. Como ela poderia deixar essas pobres almas sozinhas com aquele monstro? Mas ela não poderia ajudá-los sem seus venenos.

Sangue latejando em seus ouvidos, ela se moveu para a janela, planos parcialmente formados para escapar correndo por seu cérebro. Tudo isso parou no instante em que ela olhou através do vidro.

Um homem morto estava caído no chão. Um homem morto com um capuz vermelho.

— Terry. — Ela murmurou.

No próximo instante, ela abriu a janela. Todo cuidado esquecido, ela balançou as pernas nuas para fora do batente, os dedos dos pés encontrando fendas na parede de pedra. Hera que cresceu muito, ela a usou como suporte, nunca confiando totalmente nela para sustentar seu peso. Ela meio escorregou, meio caiu pela lateral do castelo, usando os peitoris das janelas e molduras onde podia, até que caiu com força no chão e caiu de joelhos. Seixos brancos cortaram sua pele, mas ela não se importou. Pelo menos o sòm atenuou a dor dos ferimentos em seu torso, mesmo que não pudesse impedir as feridas de abrir e sangrar em suas bandagens já manchadas.

Subindo, ela correu e caiu e correu novamente antes de desabar ao lado do corpo do homem morto. Com um suspiro, ela o rolou. O rosto do homem estava retorcido quase irreconhecível, sua pele enegrecida com o veneno da maldição de dentro para fora, o branco de seus olhos escuros e o sangue escorrendo do canto da boca sujo com a mancha das sombras.

Mas ele não era Terry.

O alívio tomou conta de Ayleth tão profundamente que ela afundou sobre os calcanhares, uma das mãos ainda apoiada no peito do estranho. Terryyn não. Terryyn não. *Respire, respire...*

Seus dedos se fecharam em punhos. O alívio passou, substituído por raiva. Este homem, quem quer que seja, era um membro de sua Ordem, e ele foi massacrado pela bruxa lá dentro. Ayleth sabia como era aquela morte, o horror, a dor; ela chegou tão perto de experimentar por si mesma. E pior ainda, a alma do homem estava perdida. Sem nenhum outro venador disponível para separar sua alma daquela de sua sombra no momento da morte, ele certamente deve ter sido arrastado com ela para os Assombrados. Condenado eternamente.

A bruxa tinha que morrer.

Ciente de que estava à vista da entrada da frente, que se a bruxa escolhesse olhar pela porta da frente, ela seria vista, Ayleth puxou a aljava da cabeça do homem morto e pendurou-a no ombro. Para sua surpresa, o homem carregava apenas dois venenos com ele, a Morte Gentil, com penas pretas, e outro com penas brancas. Nenhum dos dardos que ela carregava tinha penas brancas. Que veneno era esse? Este homem poderia estar armado com o Evanescer para derrubar Inren di Karel?

Ayleth sabia que sim. Sorrindo ferozmente, ela tirou o escorpião do braço do venador e rapidamente o amarrou no seu. Não era um ajuste perfeito, mas ela poderia fazer funcionar. Ela também pegou o cinto dele, pendurou os tubos Vocos e Detrudos e o enrolou na cintura, apertando o mais que podia.

Sentindo-se mais forte agora que estava armada, ela cambaleou de volta para a parede sob a janela aberta com um plano se formando em sua mente. Ela voltaria a subir, então se esgueiraria pelo corredor novamente até a grade que



dava para a entrada. Ela daria o tiro de cima e mataria a bruxa com um único dardo.

Então ela usaria seus Detrudos e levaria todas as almas que encontrasse para os Assombrados onde pertenciam.

## CAPÍTULO 20

Terryn e Gerard lideraram o caminho através de Wodechran, pegando a estrada para as florestas da orla sul.

Fendrel os observava de perto enquanto seguia alguns passos atrás. Eles cavalgavam um ao lado do outro, um conjunto igualado em seu caminho. Terryn era mais alto e esguio que o príncipe, seu cabelo e pele mais escuros, seu rosto mais severo. Mesmo que o próprio Fendrel sempre tenha sido mais alto e severo que seu próprio irmão.

Era a vontade da Deusa que o irmão mais velho, uma alma contaminada, deveria ficar de guarda sobre o mais jovem, deveria colocá-lo em seu trono. As palavras sagradas não foram ditas no *Seion-Ebathe*, a antiga profecia, traduzida pelo próprio Santo Evandro?

— *Irmão com irmão, um tomado à sombra e um não assumido, permanecerão juntos, estabelecendo um novo reino.*

Este texto sagrado foi a bússola que guiou todos os aspectos da vida de Fendrel desde que ele conseguia se lembrar. De alguma forma, desde o momento em que encontrou essas palavras sagradas pela primeira vez, ele sempre soube que eram destinadas a ele.

Sua era a alma contaminada. E seu irmão, Gardin, era o rei puro e escolhido.

Mas as profecias não se cumpriram. A vontade da Deusa deve ser executada por seus criados. Fendrel estava disposto a agir quando necessário. Foi ele quem incitou seu irmão a liderar a revolta contra a Rainha Bruxa. Foi ele quem guiou Gardin em cada passo de sua longa e árdua

jornada para a coroa, o reino e a glória. Foi ele quem garantiu que a espada de Guardin cortasse a cabeça de Terrível Odile de seu corpo.

E foi ele, Fendrel du Glaive, Venador Dominus, Capuz Negro do Rei, que providenciou para que Terrível Odile permanecesse morta.

Mas ter visto seu rosto novamente...

Dentro das dobras ocultas de seu capuz, Fendrel estremeceu. Foi tudo um engano. Aquela garota deitada na cama em Dunloch não era a Terrível Odile. Ela não pode ser. A semelhança era estranha, espantosa até, mas elas não eram exatamente iguais.

Não exatamente... mas muito semelhante. Muito parecidas por mero acaso.

O pequeno grupo de cavalgadores deixou finalmente a estrada principal, virando-se para seguir as ruínas da velha estrada que marcava a paisagem montanhosa. O duque d'Aldreda cavalgava à esquerda de Fendrel, silencioso como uma pedra. Sem dúvida lamentando o papel que desempenhou nessa tragédia em curso. Se não fosse por sua ação tola, se não fosse por sua decisão de desembainhar a espada e massacrar violentamente Inren di Karel quando ela se ajoelhou à sua mercê, Fayline ainda poderia estar a salvo. Se ele pudesse suprimir sua própria necessidade de vingança, a alma da Bruxa Fantasma teria passado os últimos vinte anos e toda a eternidade no tormento dos Assombrados, onde ela pertencia.

Nada de bom poderia advir de castigar o duque por seu erro agora. Os quatro anos desde a posse de Fayline foram punição suficiente. Bastava olhar no olho único de Celestin d'Aldreda para ver as ondas de arrependimento que percorriam sua alma.

Cró Ular apareceu abaixo. Fendrel fez uma careta com a visão, parando seu cavalo. Sua consciência intensificada pela sombra convulsionou



dolorosamente com as sensações agressivas de maldições antigas e amargas. Ele nunca se acostumaria com isso, não importa quantas vezes ele revisitasse este lugar.

Mas também havia uma profunda satisfação a ser saboreada ao contemplar essa vista. Aqui, eles conquistaram a primeira de suas grandes vitórias. Aqui, ele liderou uma hoste de duzentos evanderianos poderosos para atacar essas paredes protegidas de sangue e superar as defesas de Ylaire e Inren di Karel, massacrando os criados da Terrível Odile e enviando suas almas condenadas ao esquecimento. Quando a batalha dos evanderianos foi concluída, Gardin marchou com seu exército não capturado e eles separaram Cró Ular.

O medo que Odile conheceu então. Longe em sua cidade, ela tremeu sob a coroa Eitr dela. A profecia seria cumprida e não havia nada que ela pudesse fazer para evitá-la.

Quase nada...

— Dominus? — A voz de Terryyn interrompeu o devaneio de Fendrel, chamando sua atenção de volta para o presente. — Dominus, recomendo que deixemos nossos cavalos aqui e continuemos a pé.

Fendrel acenou com a cabeça e desmontou sem dizer uma palavra. Os outros seguiram o exemplo e desceram a rampa, rastejando em direção às paredes quebradas. Fendrel lançou seus sentidos de sombra à frente, procurando traços de encantamento âncora-maldição. Para sua surpresa, ele logo sentiu mais do que um traço; havia uma vibração definitiva de magia no ar, atingindo suas percepções mortais e imortais.

— A âncora. — disse Terryyn, olhando para Fendrel com os olhos brilhantes e frios. — Eu sinto.

Fendrel acenou com a cabeça. A própria sorte da Deusa estava com eles. A bruxa, por razões que ele não conseguia entender, havia deixado a âncora para trás.

Ele sinalizou para Everild, que imediatamente desviou para a direita, circulando em volta das pedras caídas da parede. A um segundo sinal, Terry n partiu para a esquerda, Gerard com ele. Fendrel acenou para que d'Aldreda ficasse ao seu lado e, juntos, eles escalaram o portão quebrado e olharam para o pátio.

D'Aldreda prendeu a respiração. Fendrel olhou em sua direção. Foi aqui, nesta batalha, que o homem que agora era um duque foi libertado de sua escravidão. A maioria dos mortais que serviam às irmãs bruxas em Cró Ular foram massacradas naquele dia. Apenas alguns sobreviveram, animais de estimação favoritos de Inren e Ylaire. Terry n tinha sido um. D'Aldreda outro.

O duque não voltou para Cró Ular nos vinte anos desde então. Fendrel não podia culpá-lo.

— Celestin. — disse ele. — Você precisa recuar?

O duque engoliu em seco e balançou a cabeça, o cabelo perfeitamente penteado caindo ligeiramente sobre a testa. — Não, Fendrel. Estou pronto para isso. Nós nos aventuramos?

— Ainda não. — Fendrel tirou seus Detrudos da bainha. — Primeiro, precisamos ter certeza de que se a bruxa evanescer de volta à sua âncora, ela não poderá escapar.

Ele levou o instrumento aos lábios e começou a tocar a Canção das Barreiras, a mesma canção que usara para criar a Grande Barreira até agora cercando a Floresta da Bruxa. Essa nova barreira seria muito menos complicada, apenas um círculo com sua circunferência a dois quilômetros da

âncora. Não era uma tarefa difícil, especialmente com dois venadores treinados para ajudá-lo.

Quando a canção mágica saiu de sua flauta e começou a formar seu intrincado encantamento no ar, Fendrel ouviu duas outras flautas também começarem a tocar, uma de cada lado dele. Terryn e Everild entenderam sua intenção e criaram suas próprias canções de feitiço para se interligarem com as dele. Logo a visão sombreada de Fendrel observou as fibras cintilantes de sua música se ligando a essas outras duas variações, criando uma poderosa teia de encantamento.

Inren di Karel poderia escapar. Mas ela nunca mais sairia.

O tempo pareceu parar enquanto a música dos Detrudos tocava. Quando finalmente Fendrel terminou, ele não sabia dizer se haviam se passado momentos ou horas. D'Aldreda estava sentado em uma pedra, esperando com a paciência de um guerreiro, seu elegante casaco de caça contrastava estranhamente com sua expressão severa. — Você terminou? — ele perguntou brevemente.

Fendrel não respondeu, apenas dobrou seus Detrudos. Agora, ele e seus dois companheiros evanderianos deveriam tentar encontrar um rastro a seguir.

Enquanto o duque e o príncipe esperavam, os três venadores marcharam ao redor da periferia da barreira mágica por algum tempo. Apesar de terem forçado seus sentidos da sombra, eles não encontraram nenhum vestígio de uma trilha a seguir. Apenas a âncora no meio das ruínas, continuando a pulsar com magia.

Por fim, eles se encontraram novamente no portão da frente quebrado, cansados, famintos e frustrados. O dia estava se alongando rapidamente, as sombras projetadas pela parede caída e a torre se aprofundando.



— Estou fazendo isso há semanas. — disse Terry, afundando em uma rocha caída, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Toda vez que eu obtenho um rastro ou ouço um boato sobre a bruxa, ela já se foi quando eu chego lá.

Fendrel acenou com a cabeça severamente. Foi exatamente assim que Inren escapou dele da última vez, logo depois de roubar o corpo de Fayline. Ela plantou âncoras em lugares inteligentes e rapidamente evanesceu de um para o outro, sem deixar rastros. Era impossível pegá-la, a menos que soubessem com certeza onde estava uma âncora e preparássemos uma armadilha. Mas, mesmo assim, ela deveria retornar àquela âncora de boa vontade, ou a armadilha seria inútil.

— Ela não vai voltar aqui tão cedo. — disse Fendrel, olhando em volta para as ruínas iminentes novamente. — Ela sabe melhor.

— E daí? — Gerard exigiu. — Estamos apenas... desistindo?

Todos olharam para o príncipe. Ninguém falou.

— Nós sabemos que ela esteve aqui. — Gerard balançou a cabeça, seu rosto estranhamente escuro e agourento. — Estamos perto. Eu sei que estamos! Não podemos deixá-la; não podemos abandoná-la!

— Abandoná-la? — O duque bufou, embora houvesse dor em sua voz. — Você está pensando em Fayline de novo. Não é de Fayline que estamos falando. Esta é Inren.

Gerard se virou para o duque, os punhos cerrados, e por um momento Fendrel pensou que ele poderia tentar lutar. Felizmente, ele sabia melhor. Em vez disso, o príncipe se virou, praguejando e olhando para as ruínas, como se pudesse de alguma forma desejar que a bruxa se manifestasse ali mesmo.

— Senhor? — Venatrix Everild disse, dirigindo-se a Fendrel. — Quais são seus pedidos?

Fendrel suspirou e passou a mão pelo rosto. Seu peito doía por causa dos cortes que fizera na noite anterior, e o uso extremo de sua sombra para trabalhar o feitiço de purgamento o tinha desgastado mais do que ele gostaria de admitir.

— Estabelecemos a Barreira. — disse ele. — Sem um rastro a seguir, não há mais nada que possamos fazer. É hora de voltarmos para Dunloch, ver se d'Acelet e du Gy têm alguma palavra para nós.

Gerard praguejou novamente e, sem dizer uma palavra aos outros, partiu ao longo da estrada quebrada, de volta aos cavalos. Terryn lançou a Fendrel um rápido olhar e então correu atrás do príncipe. Fendrel seguiu em um ritmo mais lento, flanqueado por Everild e d'Aldreda. Ele se sentia estranhamente com o coração pesado. Embora soubesse o tempo todo que era tolice pensar que pegariam Inren, uma pequena parte dele esperava. Seria bom lançar esta sombra para fora deste mundo de uma vez por todas. Seria bom se livrar dessa pequena vergonha.

Cada um dos tenentes da Terrível Odile que continuaram a existir neste mundo era um risco. Eles foram leais à sua rainha até a morte. Eles dariam tudo para tê-la de volta, para vê-la governando sobre eles como sua adorada deusa.

Se eles pudessem, eles a tirariam de seu túmulo.

O mundo ao redor de Fendrel escureceu enquanto as nuvens se espalhavam pelo sol. Pareceu-lhe que seus próprios pensamentos atraíram as sombras para mais perto. À frente, ele viu Gerard e Terryn no topo da colina, já montados, esperando que os outros três o alcançassem.

O grupo cavalgou em um silêncio derrotado de volta à estrada principal de Dunloch. Seria uma longa cavalgada, bastante tempo para cada um deles considerar tudo o que não tinha feito, tudo que não poderia fazer. Fendrel

preferia não se deixar levar por essas coisas. Inren mostraria sua mão novamente. Em breve, provavelmente. Ela não iria fugir desta vez como havia feito quatro anos atrás. Ele cuidaria de...

— Príncipe Gerard! Sua Alteza!

— Quem são as sombras? — d'Aldreda murmurou ao lado de Fendrel.

Fendrel protegeu os olhos, espiando à frente na estrada para ver um menino pequeno e magro a cavalo se aproximando.

— Billin? — Gerard gritou e incitou sua própria montaria em um galope, apressando-se para encontrar o cavaleiro que se aproximava. — Billin, o que há de errado? Você tem notícias de Dunloch?

Fendrel apurou os ouvidos e acabou de ouvir as palavras do menino, engasgando com os soluços. — Uma bruxa! Uma bruxa está no castelo!

Um peso como a cabeça de um machado caiu em seu coração.



## CAPÍTULO 21

A porta do Grande Salão estava escancarada e um vento frio soprava, girando em torno dos pilares e roçando os rostos pálidos e assustados dos reféns. Uma rajada particularmente fria atingiu o cabelo de Liselle, soprando-o para longe de suas feições imóveis e congelando sua pele.

Cerine tentou proteger sua amiga o melhor que pôde. Agachada na base da escada, ela aninhou a cabeça de Liselle em seu colo. Ela não mostrou sinais de despertar desde a tentativa da bruxa de estrangulá-la, mas seu peito subia e descia a cada respiração que ela dava. Ela estava viva, pelo menos.

Ao redor delas no Grande Salão amontoavam-se as pessoas do Castelo Dunloch. Criados, guardas, ajudantes de estábulos, todos agrupados aqui como ovelhas esperando no curral do abate. As Irmãs Siveline agrupadas no centro do salão, seus capuzes azuis puxados para proteger seus rostos, como se pudessem de alguma forma se proteger do olhar espreitador da bruxa. Ducette estava entre elas, na extremidade externa do grupo. De vez em quando, ela olhava na direção de Cerine, mas não ousava falar. Cerine gostaria de poder dizer algo, oferecer algum tipo de encorajamento.

Isso foi culpa dela. Tudo culpa dela.

Se ela tivesse se mantido firme contra seu pai, se ela tivesse recusado este casamento ridículo...

A Bruxa Fantasma estava na porta aberta, silhueta na luz do sol. Durante quase duas horas, ela andava de um lado para o outro desde a base da escada até aquela porta. Uma mão inconscientemente mexeu em sua âncora de maldição, mas seu olhar estava fixo na entrada, em direção ao portão.

Com um grunhido e um aceno de cabeça, a bruxa se afastou da porta e caminhou de volta pelo salão, pressionando a âncora em seu coração. Com a luz atrás dela, seu rosto estava envolto em sombras, mas seu único olho brilhou com um brilho horrível de outro mundo. Murmurava enquanto caminhava e, quanto mais se aproximava da escada, mais claras suas palavras soavam nos ouvidos atentos de Cerine: — Ele virá. Ele virá. Ele ainda me ama e ele virá. Ele vai consertar as coisas.

— Sua idiota! — A voz que sibilou em resposta não era a de Fayline, embora viesse da mesma boca devastada. — Ele já se esqueceu de você. Você viu aquela carta! Ele substituiu você por sua própria irmã. Mate ela. Mate-a agora. Vingue-se e vamos embora daqui!

A cabeça de Fayline girou bruscamente para o lado, esticando o pescoço e o queixo. Ela choramingou: — Não, não, não. Ele me ama. Ele virá. Ele vai me dizer; ele vai explicar.

Um movimento atrás da bruxa atraiu a atenção de Cerine.

Um dos guardas domésticos, aproveitando as costas da bruxa, avançou cautelosamente em direção à porta. Seu olhar encontrou o de Cerine por um instante, e ele ergueu as sobrancelhas, pedindo silenciosamente que ela não olhasse para ele, não falasse, não fizesse nada para chamar a atenção da bruxa para ele.

Cerine imediatamente olhou para o rosto de Liselle em seu colo, acariciando seu cabelo e estudando o formato de sua orelha. Seu coração trovejou dolorosamente. Ela tentou fazer com que o homem não fosse estúpido, para se manter firme. Ele possivelmente não conseguiria sair por aquela porta, não poderia escapar da Bruxa Fantasma.

Mas o que então eles deveriam fazer? Esperar que Gerard seja atraído para essa armadilha? Esperar que a matança começasse?

A mente de Cerine martelava dentro dela, tentando desesperadamente inventar algum plano, alguma trama, algo que ela pudesse tentar. Algo! Mas eles foram completamente superados por este monstro. Nenhuma arma que eles tivessem poderia tocá-la, e mesmo se um deles conseguisse desferir um golpe mortal, isso apenas levaria os espíritos residentes a um dos muitos corpos hospedeiros habitáveis disponíveis.

Talvez o guarda tivesse um plano. Talvez ele pretendesse interceptar o príncipe ou encontrar outra ajuda. Os dedos de Cerine cerraram-se em punhos. Ela se atreveu a dar uma última olhada para cima.

O homem cruzou a soleira. Mas no momento em que ele fez isso, a Bruxa Fantasma girou. Seus lábios se separaram de seus dentes em um grito demoníaco. Ela lançou a âncora de maldição com tanta força que rachou o piso de mármore. No instante seguinte, ela desapareceu e uma nuvem de escuridão cercou o guarda. Através da escuridão, duas mãos esqueléticas o alcançaram e o agarraram pelos ombros.

Ele se foi em um instante. Desaparecido.

Gritos explodiram ao redor. Homens e mulheres pressionaram as mãos contra a boca, tentando se sufocar, tentando não chamar a atenção para eles. Do grupo de Irmãs Siveline, Ducette soluçou audivelmente. Cerine não conseguiu emitir nenhum som. Todo o fôlego parecia ter sido roubado de seus pulmões.

A bruxa fantasma reapareceu no corredor. Ela caminhou até onde a pedra âncora estava e a pegou novamente, torcendo-a entre o polegar e o indicador. Com um movimento de seu pulso, ela gesticulou para todos aqueles no corredor. — Nenhum de vocês tente isso de novo! — ela rugiu na voz de Fayline.



Um coro de vozes engasgando com seus próprios gritos ecoou naquele espaço aberto. Uma voz continuou a se destacar entre as outras enquanto os soluços de Ducette se tornavam mais histéricos. Cerine desejou poder alcançar a irmã freira, desejou poder abraçá-la, beliscá-la, sussurrar-lhe para se controlar. Algo!

Em vez disso, a bruxa fantasma se virou, sua cabeça girando estranhamente na ponta do longo pescoço de Fayline. Com um grunhido na garganta, ela caminhou em direção ao grupo de freiras, agarrando-as pelos ombros e pela cabeça, empurrando-as para o lado. Elas gritaram e caíram, lutando pelo chão para se afastar dela, mas seus olhos estavam fixos em Ducette. Sua mão chicoteando com velocidade de víbora, ela pegou a garota pela parte de trás de sua cabeça, as unhas cravando em seu couro cabeludo de forma que o sangue jorrou e gotejou, correndo pelo cabelo raspado de Ducette. A bruxa girou a cabeça, forçando-a a olhar para cima.

Sua mão livre recuou, os dedos se curvando como garras, prontos para rasgar a garganta da garota.

— Espere!

A bruxa congelou. Suas longas unhas se encaixaram com grande expectativa quando ela se virou, com os olhos em chamas, e olhou para Cerine.

Mal acreditando que ela tinha acabado de falar, Cerine puxou desajeitadamente debaixo de Liselle e se levantou. — Não a machuque. — disse ela, erguendo-se. Ela empalideceu sob o olhar da bruxa, mas não se permitiu dar um passo para trás. — Você não é cruel, Fayline. Você não quer fazer isso.

— Eu não quero fazer nada disso! — a bruxa gritou. Só que não era a bruxa agora. Era Fayline, a voz de Fayline na boca de Fayline. Ela largou

Ducette, e a pobre garota se enrolou em uma bola, enfiando as pontas das mangas na boca para abafar a voz.

Fayline não deu atenção a ela, olhando para Cerine. Ela deu um passo, depois outro. — Eu não quero nada disso, irmã. — Ela choramingou. — Quero ser o que nasci para ser com Gerard. A esposa dele. Sua rainha.

Seus dentes à mostra, e ela dobrou o queixo contra o peito, torcendo fortemente a mandíbula para um lado. Suas mãos rasgaram o ar como se ela pudesse retalhar a realidade ao seu redor. Então ela olhou para cima novamente, sua boca se contorceu em um sorriso cruel. — Mas eu quero estar bem onde estou.

— Inren. — Sussurrou Cerine.

A bruxa fantasma deslizou na direção de Cerine, não se movendo mais com o andar irregular e desajeitado que ela vinha usando. Agora ela estava fluida, sensual até, como se as sedas que usava fossem novas e não farrapos manchados de lama, como se sua garganta fosse adornada com joias em vez de protuberâncias pálidas. Como se seus quadris balançando estivessem cheios e os ossos não se projetassem através da pele e do tecido da mesma forma. Seu único olho bom bateu nos restos retalhados de cílios.

— Você não se parece tanto com seu pai quanto este corpo de hospedeiro que uso agora. — disse ela. — Que coisa bonita ele era! Um dos meus animais de estimação favoritos por muitos anos. Eu o chamei de Bonito e ele me seguiu como um cachorro. — Seus lábios mutilados se enrugaram como se respondesse a alguma memória lasciva. — Eu queria um filho com ele. Mas, infelizmente, não era para ser!

O vômito se acumulou nas entranhas de Cerine. Ela sempre soube que seu pai tinha sido escravo de uma bruxa, mas ela não percebeu... isto. A extensão de sua escravidão, a degradação que sofreu. Sua mente girava com

essa nova e horrível revelação, com essa súbita explosão de compreensão pelo homem que ela sempre pensara tão distante, tão motivado. Tão indiferente.

— Quando ele me traiu... — A bruxa continuou. — Eu pensei que meu coração deveria se partir. Mas é assim que todos vocês mortais são: traidores, infiéis, assassinos. — Ela estava perto agora, dentro de uma distância de ataque. Cerine podia ver cada tumor mosqueado subindo por seu pescoço com uma clareza de pesadelo. — Ele me disse que me amava.

Cerine falou antes que pudesse se conter. — Você enfeitiçou ele. Ele não tinha comando de sua própria vontade.

O sorriso da bruxa cresceu. — Oh, é isso que ele afirma? Criança tola. Meus poderes não têm nada a ver com feitiço. Quaisquer que sejam as belas mentiras que ele contou, ele contou por sua própria vontade. — Ela balançou a cabeça, uma gargalhada espessa em sua garganta. — Então o que ele tem o atrevimento de fazer? Ir e fazer filhos com outra. Uma mulher mortal. Quando ele poderia ter gerado meus herdeiros.

Sem nenhum aviso, ela pigarreou alto e cuspiu na cara de Cerine.

Cerine fechou os olhos, virando-se. Tudo em um lampejo, uma memória encheu os olhos de sua mente. Ela viu o corpo de sua mãe no chão do salão de baile. Corte na garganta. Sangue escorrendo pelo corpete de seu vestido de safira. E de pé sobre seu corpo, Fayline, olhos negros de oblivis, explodindo com o poder da bruxa que acabara de tomar posse de seu corpo.

— Eu prometi ao meu doce animal de estimação que o veria sofrer por sua traição. — Inren ronronou pelos lábios de Fayline. — Levei sua filha favorita para o abrigo da minha própria alma. E eu matei aquela vadia que ele chamava de esposa. Só você escorregou pelos meus dedos naquela noite. O último pedacinho do coração do meu Bonito. — Ela estendeu a mão, os dedos se contraindo enquanto alcançava a garganta de Cerine.



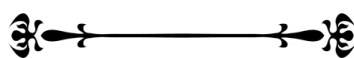
Mas no último instante, ela se virou e caiu pesadamente de joelhos. – Não! – ela gritou. – Não, não! Você não vai tocá-la. Ainda não. Não até que Gerard chegue. Não até eu saber. Não até que eu saiba que ele me ama e não a ela. Não até... não até...

A alma de Cerine se contraiu no estômago e seus olhos arderam. – Fayline. – Ela sussurrou, quase ousando estender a mão para sua irmã, mas não totalmente capaz de reunir coragem.

Fayline ergueu a mão silenciosa. A mesma mão que segurava a âncora de diamante. Então, com um rosnado repentino, ela se virou e jogou a pedra no chão, a apenas alguns centímetros do rosto inconsciente de Liselle. As muitas superfícies pretas do diamante captavam e refratavam a luz do sol que se derramava pela porta.

Fayline levantou-se lentamente, ainda se recusando a olhar para Cerine. Ela se sacudiu, endireitou os ombros e começou a andar mais uma vez. Cambaleando um pouco, respirando com dificuldade, ela caminhou até a porta aberta e olhou para o caminho.

Assistindo seu verdadeiro amor vir cavalgando em seu resgate.



A subida de volta à janela aberta revelou-se mais difícil do que Ayleth previra.

Assombrados, droga! Ela havia se acostumado a ter a força de Laranta disponível a qualquer momento. Desde que chegou a Wodechran, ela parou de suprimir sua sombra tão frequentemente ou tão profundamente como tinha sido sua prática. Experimentar não apenas a supressão, mas um bloqueio real a fez sentir como se alguém tivesse cortado seu braço direito.

Mas com um braço ou não, ela era a única pessoa que poderia lidar com essa bruxa.

Seus braços estremeceram como galhos de árvores mortas em uma tempestade no momento em que ela se ergueu ao longo das molduras e trepadeiras e alcançou a janela. Levantando o torso sobre a saliência, ela caiu no quarto e ficou deitada no chão atordoada por várias respirações. Seu coração disparou e ela apurou os ouvidos para ouvir algum som da aproximação da bruxa, meio convencida de que ouviu passos no corredor. Mas isso era ridículo. A bruxa simplesmente apareceria no quarto se ela quisesse.

Forçando respirações longas e regulares de seus pulmões, Ayleth se levantou e ajustou os laços de seu escorpião. Ela teve que amarrar a braçadeira mal ajustada quase o suficiente para cortar a circulação a fim de manter a arma desequilibrada estável.

Ela puxou um interruptor; os braços saltaram para a posição de disparo. Ela escorregou um dardo de Morte Gentil de uma das duas aljavas que ela tirou do venador morto, mas seus dedos tremiam. Quando ela tentou acertar o dardo no escorpião, ele escorregou e caiu no chão, caindo a um mero fio de cabelo de seu pé descalço.

O coração de Ayleth parou.

Então começou de novo com um baque doloroso.

— Calma, Ayleth. — Sussurrou ela. — Vá trabalhar.

Se ela parasse e pensasse sobre o quão perto ela chegou de inadvertidamente lidar com sua própria morte...

Não. Agora não era hora de pensar. Ela agarrou o dardo e, cerrando os dentes, encaixou-o com firmeza no lugar.

Ela foi até a porta e olhou para o corredor. Nada. Nada além dos murmúrios distantes e gemidos baixos dos cativos. Nenhum sinal ou som da

bruxa. Ela poderia muito bem entender isso como um incentivo. Ela não tinha sido descoberta e, enquanto continuasse assim, ela tinha uma chance.

As sombras estavam mais profundas agora que o sol se deslocou em direção ao horizonte. Ayleth agarrou-se a essas sombras enquanto deslizava pelo corredor, de costas para a parede, o braço de disparo levantado e o dedo no gatilho. Seus pés descalços não faziam barulho no piso de madeira polida. Ela passou por quartos fechados até o fim da passagem e o corrimão que dava para o corredor da frente. Ela fez uma pausa, inclinando a cabeça apenas ligeiramente para dar outra olhada nos reféns.

Nenhum vislumbre da bruxa. Ela provavelmente estava andando abaixo da posição atual de Ayleth. Ela voltaria à vista em breve.

Agachando-se, Ayleth rastejou até o corrimão, espiando pelo redemoinho inferior de barras de latão para o espaço lá embaixo. Tantas pessoas! Tantas vidas em equilíbrio precário. Se ela errasse mesmo por uma fração, ela enviaria seu dardo mortal para uma pessoa inocente. Normalmente, ela não se preocuparia em errar um tiro. Ela trabalhou duro ao longo dos anos para aperfeiçoar sua pontaria, afinal. Mas seu braço estava tremendo com os efeitos colaterais do sòm. E a bruxa poderia se mover rápido...

O medo agarrou violentamente sua garganta, tentando subir como uma sombra malévola, para causar estragos em sua mente. Ela não ousou ceder um centímetro, nem mesmo por um segundo.

Mudando o peso, ela apoiou o polegar no mecanismo de disparo e respirou com precisão cuidadosa para diminuir o ritmo cardíaco, exatamente como Hollis havia ensinado. Ela olhou para os corpos agachados e cabeças inclinadas dos reféns, muitos deles escondidos sob os capuzes azul-claros da Ordem Siveline. Um daqueles capuzes ficava um pouco afastado dos outros,



na base da escada. Ao lado dela estava uma mulher em vestes ricas, inconsciente ou morta.

Quando o olhar de Ayleth pousou naquela dupla estranha, a cabeça encapuzada se ergueu. Olhos enormes e redondos piscaram... e focaram bem no rosto de Ayleth entre os trilhos.

Elas se encararam, sem mover um músculo, nem respirar.

Então os olhos da noviça se arregalaram e ela gritou: — Cuidado!

O instinto assumiu.

Ayleth abaixou-se, rolou, sentiu o aperto e o puxão de dedos pelos cabelos. Ela deixou para trás um punhado de fios escuros e se agachou para atirar, a arma apontada para a bruxa, que estava onde Ayleth se ajoelhou um segundo antes.

A bruxa sibilou, gavinhas negras de veneno escorrendo por seus dentes. Soltando o punhado de cabelo, ela atacou o rosto de Ayleth.

Ayleth deu o tiro.

O dardo atingiu a parede oposta, vibrando com o impacto. O ar escuro e vazio girou com o vento de sua passagem.

A bruxa reapareceria em qualquer lugar, a qualquer momento. Sem tempo para recarregar; ela tinha que se mover.

Ayleth saltou de volta pela passagem, primeiro engatinhando, depois se levantou e saiu correndo. Uma explosão estourou no ar diante dela. Ayleth recuou, as mãos para cima como se para afastar o brilho do fogo, os olhos atordoados piscando com força.

Uma sensação de movimento e Ayleth sentiu uma mão agarrando seu ombro, tentando segurá-la. Ela ergueu o braço esquerdo, esquecendo-se por um momento de que não tinha nenhum espigão de ferro para se defender do ataque. Mas ela foi rápida o suficiente para bloquear o aperto da bruxa. Com

uma torção do braço, ela deslizou sua própria mão contra o cotovelo da bruxa, agarrou e empurrou com toda a força que tinha contra a curvatura natural da junta.

Um suspiro de dor, e a bruxa caiu sobre os joelhos, o braço torcido puxado dolorosamente para trás dela. Por um instante, ela ficou indefesa, à mercê de Ayleth.

Um estalo de escuridão e vapores venenosos. Ayleth soltou o braço da bruxa e saltou para trás, batendo na parede em sua pressa. Ela se jogou no chão no instante seguinte, evitando por pouco os braços de sua inimiga enquanto a bruxa reaparecia no espaço à sua frente. Sua queda e rolagem derrubou a bruxa, fazendo-a cair no chão.

Ayleth levantou-se num instante, precipitando-se pela passagem. A porta de seu quarto de doente apareceu à vista, e Ayleth mergulhou para dentro, sem se preocupar em bater a porta atrás de si. A bruxa apareceu à sua esquerda e pegou Ayleth pelo pulso. Com um grito de raiva e medo misturados, Ayleth bateu com a palma da mão diretamente no nariz da mulher. Ela o sentiu quebrar, sentiu um jorro de sangue e, ao mesmo tempo, sentiu que aqueles dedos se soltavam. A bruxa desapareceu novamente.

Ayleth recuou, os braços colados ao corpo, tornando-se o alvo menor possível. No fundo de seu cérebro, a razão clamava com ela para carregar outro dardo em seu escorpião. Mas que bem isso faria para ela? Ela não podia derrubar a bruxa com a Morte Gentil, não agora que elas estavam ativamente engajadas na batalha. A sombra interna lutaria contra o veneno, tornando a morte violenta. A violência só fortaleceria o espírito das trevas. Havia muitos corpos de hospedeiros vulneráveis por perto, prontos para serem arrancados por uma sombra irritada e liberada.

Ela tinha que atacá-la com o outro veneno, o veneno Evanescer que ela tirou do venador morto.

Suas mãos estavam surpreendentemente firmes agora. Seu sangue batia forte, seu espírito estava totalmente desperto, embora ainda estivesse desligado de Laranta. Uma estranha névoa que poderia ter sido terror flutuou em torno de sua consciência, mas ela não se importou com isso. Ela puxou o dardo envenenado, agarrou-o com uma das mãos como uma adaga e se preparou para o retorno da bruxa.

Ela respirou fundo. Segurando.

Por uma fração de segundo, ela pensou ter ouvido a realidade rasgando.

Ayleth girou sobre seus pés, golpeando com o dardo na nuvem escura de veneno através da qual a bruxa se movia. Dedos como pedra enrolados em seu pulso, apertando com tanta força que ela sentiu o osso estalar. O rosto da bruxa apareceu diante de sua visão, iluminado com um sorriso maníaco que distorceu suas feições devastadas em algo monstruoso.

— Você não é ela. — Ela rosnou, rangendo as palavras entre os dentes. — Você se parece com ela, mas não é ela. Achei que ela tivesse matado todas vocês! Como você conseguiu escapar dela, linda?

— *Laranta!* — Ayleth gritou dentro de sua cabeça. O corpo hospedeiro da bruxa era pequeno, delicado, não correspondia fisicamente a uma venatrix. Mas Ayleth não conseguiu se livrar daquele aperto em seu braço. — *Laranta, me ajude!*

Atrás da barreira das drogas, sua sombra de lobo uivou, indefesa.

— Eu suponho que esteja tudo bem. — A bruxa disse, inclinando a cabeça para o lado. Ela torceu o braço de Ayleth, fazendo-a cair de joelhos. — Seu sangue ainda é necessário.



Uma mão se fechou em torno da traqueia de Ayleth, apertando cada vez mais. A escuridão correu pelas narinas da bruxa como fumaça, formando uma nuvem ao redor da cabeça de Ayleth.

— Feche os olhos, princesinha. — disse a bruxa. — Estamos fazendo uma jornada...

Ela se interrompeu com um suspiro. Pedacos de cerâmica quebrada se espatifaram e choveram em volta de sua cabeça. Seu aperto afrouxou, e ela caiu no chão em uma pilha inconsciente de trapos e cabelos ruivos e cachos de magia negra.

Atrás dela estava a noviça, segurando os cacos restantes de um penico.

Ayleth sentiu a inconsciência se fechando enquanto lutava para respirar. Atrapalhando-se com as aljavas em seu peito, ela puxou um dardo de ponta preta e tentou desenvolver sua ponta envenenada. Caiu por entre seus dedos quando ela caiu de lado.

A noviça saltou para frente e pegou o dardo. — É isso? É este o veneno? — ela exigiu.

Ayleth concordou com a cabeça. Emaranhados de cabelo caíam sobre seu rosto, um véu através do qual ela observou a noviça se ajoelhar ao lado da bruxa caída. Com as mãos trêmulas, a garota puxou a rolha da ponta do dardo e segurou-a sobre o pescoço exposto da inconsciente tomada de sombra. Ela hesitou.

— Fayline. — Ela choramingou. — Eu sinto muito...

Com um grunhido engasgado, Ayleth reuniu o que restava de suas forças e se lançou contra a garota. Ela arrancou o dardo de sua mão e o acertou na garganta da bruxa. A Morte Gentil percorreu aquele corpo atormentado e tomado pela sombra. O único olho bom da bruxa se abriu, chamejou e depois se desvaneceu quando a luz e a vida se foram.

Ayleth observou as almas emergirem do cadáver da bruxa. Uma sombra fundiu-se tão inextricavelmente com a alma da bruxa que as duas eram essencialmente uma. Os Assombrados abriram para recebê-las, uma rachadura de caos puxando aquelas almas soltas para suas profundezas. Um último lampejo, e Ayleth pensou ter visto outra alma, uma alma humana, contorcendo-se ao ser puxada para cima e para fora do corpo hospedeiro.

— Fayline. — A boca de Ayleth tentou formar a palavra. Sua mão tateou em busca da flauta Detrudos pendurado no cinto em volta de sua cintura. Ela tinha que pegar aquela alma! Ela deveria evitar que fosse arrastada com as outras, maldito seja...

Mas era tarde demais. Ela estava muito fraca. Ela não conseguia tirar os tubos da bainha. Ela caiu sobre os cotovelos, depois desabou com o rosto para baixo.

Os Assombrados engoliram todas as três almas e se fecharam como mandíbulas estalando.

## CAPÍTULO 22

O sol estava se pondo enquanto Terryn e Gerard galopavam com seus cavalos até o portão de Dunloch. Encontrando-no aberto e desprotegido, eles apressaram-se a atravessar a ponte. Nenhuma tocha foi acesa em seus postes, e o caminho circular antes da fortaleza estava escuro com o crepúsculo que se aprofundava.

A fortaleza também estava escura, exceto por uma luz bruxuleante em uma janela. O olhar de Terryn disparou para aquela janela, reconhecendo-a instantaneamente como a janela do quarto de doente de Ayleth. Alguém estava presente naquele quarto, ou recentemente o suficiente para acender uma vela.

Gerard estava à sua frente, seu garanhão preto ultrapassando a veloz Fleeta. Nos degraus, ele fez o animal exausto parar e saltou da sela. — Gerard, espere! — Terryn gritou, puxando Fleeta ao lado do garanhão. As portas no topo da escada estavam abertas, mas apenas a escuridão esperava lá dentro. Quem poderia dizer que horrores eles encontrariam dentro das paredes de Dunloch?

E a bruxa... Inren. Ela deveria estar ciente de sua chegada.

Sem se importar com qualquer aviso, Gerard subiu correndo os degraus da varanda. Terryn o seguiu, verificando o mecanismo de disparo de seu escorpião. Talvez, se a Deusa estivesse com ele, Inren seria distraída pelo príncipe por tempo suficiente para Terryn conseguir um tiro certo. Ele podia ter esperança... Ele podia orar...

Ele colidiu com Gerard quando ele passou sob o arco da porta. O príncipe parou bem na porta, olhando para o salão de entrada. Por um terrível



momento, Terryn olhou por cima do ombro de Gerard e acreditou que o salão estava coberto de cadáveres.

Mas não. Não, essas eram almas vivas. Com a visão das sombras brilhando em seus olhos, ele viu o brilho de todos aqueles espíritos que ainda habitavam seus hospedeiros mortais. Eles se amontoaram, abraçados, olhando fixamente com olhos arregalados de terror, como se esperassem que os demônios atacassem das sombras a qualquer momento. Mas eles estavam vivos.

— Cerine? — Gerard chamou, dando um passo hesitante para frente. Sem a visão das sombras para iluminar seu caminho, ele deveria estar quase cego. — Cerine, você está aí?

— Sua Alteza! — A voz esganiçada do chanceler Yves tremia de terror absoluto. Houve movimento entre os corpos, então o chanceler se levantou, com as mãos cruzadas e trêmulas. — Sua Alteza! A bruxa está aqui! Ela colocou uma amarração em todos nós, e não devemos deixar este lugar, ou morreremos, arrastados para os Assombrados. Não dê um passo mais perto, ou você também pode ser apanhado...

O príncipe entrou em movimento antes que Yves pudesse terminar. Terryn tentou agarrá-lo, mas não foi rápido o suficiente. Gerard correu para as escadas, tropeçando e cambaleando no meio da multidão de reféns, sua visão ainda não totalmente ajustada à escuridão crepuscular. Com um grunhido, Terryn foi atrás dele, usando a visão das sombras para guiar seus passos. Uma rápida varredura da periferia do corredor não revelou nenhum sinal da maldição que Yves havia descrito. Será que a bruxa mentiu para seus prisioneiros? Ou que o encantamento havia desaparecido desde que ela o lançou?

Ou Inren já havia partido?

Ele estava perto da base da escada quando seu pé se prendeu em algo. Uma mão estendida. A mão de uma mulher delicada.

— Liselle? — Terryn se agachou ao lado do corpo imóvel da senhora, seu coração batendo dolorosamente. Embora soubesse que deveria se apressar atrás do príncipe, ele alcançou sob os longos cabelos dourados de Liselle para sentir o pulso em seu pescoço. Uma respiração escapou de seus pulmões e ele fechou os olhos brevemente. Ela vivia. Ela estava inconsciente, seu coração batia em um ritmo rápido e furioso, e seus olhos se moviam para frente e para trás por trás de suas pálpebras delicadas como se ela tivesse tido um sonho terrível. Mas ela vivia. E, até onde sua visão sombria podia discernir, ela não estava amaldiçoada.

Gerard já estava subindo as escadas e desaparecendo no corredor. Terryn cerrou os dentes, mas não havia nada que ele pudesse fazer por Liselle agora. Deixando a senhora onde ela estava deitada, ele subiu as escadas, girou fortemente no patamar, e pegou Gerard antes que ele desse muitos passos pelo corredor escuro da ala leste.

— O que você está fazendo? — ele rosnou, puxando o braço do príncipe. — Você não pode lutar com Inren!

— Cerine não está com os outros. — O branco dos olhos de Gerard cintilou. Estava muito escuro neste corredor escuro para que ele pudesse ver qualquer coisa, e seu olhar não conseguia se concentrar no de Terryn. — Nem Ayleth. E havia uma luz no quarto de Ayleth. Eu sei que você viu. Elas podem estar lá.

Qualquer tentativa de fazer Gerard recuar escada abaixo e ficar quieto entre os outros seria inútil. Terryn ergueu seu braço escorpião alto e abriu caminho na frente do príncipe. — Cuidado com as minhas costas. — disse ele em um sussurro tenso. — E fique por perto.

Os dois avançaram ao longo da passagem, os nervos saltando de tensão e terror. Todas as portas estavam fechadas, exceto a que ficava no final do corredor. Uma fenda de luz brilhou na escuridão. Esforçando os ouvidos, Terryyn pensou ter ouvido algo se movendo lá dentro.

Inren havia encontrado Ayleth e decidido completar o assassinato que ela quase havia cometido nas ruínas?

Sua mandíbula se cerrou com força, mas Terryyn se negou a apressar sua abordagem cuidadosa. Se a bruxa fantasma estivesse lá, ele a mataria. Ele a derrubaria antes que ela soubesse que estava sendo caçada.

Uma voz murmurante tocou seu ouvido. Ele ainda não conseguia discernir o que dizia, mas mais alguns passos, e ele reconheceu uma cadência familiar:

— *Coração da Deusa tenha piedade. Alma da Deusa tenha misericórdia. Cabeça da Deusa tenha compaixão.*

— Cerine? — Gerard tentou empurrar Terryyn.

Terryyn estendeu o braço esquerdo, bloqueando o caminho do príncipe. Com passos silenciosos, ele foi até a porta e espiou cuidadosamente pela fresta. Ele viu tudo em um lampejo: o cadáver de Fayline caído morto no chão, seu rosto mutante grotescamente iluminado por uma única vela; Cerine ajoelhada ao lado da irmã, as mãos em concha em oração, os olhos fechados e as lágrimas escorrendo.

E além dela, Ayleth.

A adrenalina subiu por seus membros, incitando-o a irromper naquele quarto. Apenas a força de muitos anos de treinamento o manteve parado como uma pedra. O que mais pode estar naquele quarto? Ele estendeu a mão com os sentidos da sombra, procurando o menor vestígio da presença da



sombra. Nada. Nem mesmo um arrepio da sombra de Ayleth. O que significava...

O que significava que Ayleth poderia estar morta.

Ele empurrou a porta aberta e se agachou defensivamente, seu escorpião mirando em frente. Cerine gritou e caiu para longe de Fayline, depois gritou: — Não atire! Não atire! Ela se foi! Ela está morta!

— Cerine? — Gerard pressionou atrás de Terryn. Seu olhar pousou no corpo ao lado de Cerine. — Fayline...

Terryn o deixou passar. O príncipe caiu de joelhos em frente a Cerine, olhando para aquele rosto mutante coberto de vegetação. Seu corpo estremeceu como se fosse vomitar e seus braços tremeram com tanta força que ele quase não conseguiu levantar a garota morta. Mas Cerine o ajudou, e ele logo embalou a cabeça dela contra seu coração, balançando-a suavemente. Seus olhos procuraram os de Cerine, cheios de perguntas, cheios de súplicas.

— Ela se foi. — Sussurrou Cerine de novo, as lágrimas escorrendo continuamente pelo rosto. — Ela se foi, Gerard.

Gerard balançou a cabeça. Então ele abaixou o rosto até o topo da cabeça de Fayline. Enquanto chorava, Cerine segurou as mãos da irmã morta e recomeçou a cantar o cântico de oração: — *Que a Mãe te receba, que te chamou, e que os espíritos celestiais te conduzam às Portas da Vida.*

Terryn desviou os olhos dos três. Ayleth estava deitada por perto e ele sentiu um medo repentino e agonizante. Com medo de se aproximar, de se ajoelhar ao lado dela. Com medo de verificar o pulso...

Ele engoliu seu medo e tirou seu escorpião do modo de disparo. Caindo de joelhos, ele segurou os ombros de Ayleth e a rolou de lado. Ela não usava nada além de uma combinação sobre as bandagens em seu torso, e o tecido

fino estava escuro com sangue. Mas ele não viu nenhum ferimento recente. Um escorpião mal ajustado estava amarrado em seu braço direito, e cintos e aljavas soltos pendurados sobre seus ombros e quadris. Não seu próprio equipamento. De onde ela havia conseguido essas armas, ele não gostaria de adivinhar.

Com uma mão trêmula, ele empurrou mechas escuras de cabelo para trás de sua testa. No momento em que viu seu rosto, ele soube: ela ainda estava viva. Sua pele estava inchada com os efeitos posteriores de sòm, inchada até que ela estava quase irreconhecível. Mas a mancha negra de veneno do oblivis havia sumido. E ela respirava. Deusa acima seja louvada, ela respirava!

Então seu olhar pousou na mão direita dela, ainda segurando a ponta de um Detrudos. Um tubo retirado apenas parcialmente de sua bainha.

O coração de Terryn gelou.

## CAPÍTULO 23

Eles estavam, cada um deles, com muito medo de ajudar.

As Irmãs da Ordem de Santa Sivella acreditavam que todas as sombras eram impuras. O contato físico com uma requeria rituais de purificação que levavam um mês inteiro para serem concluídas. Portanto, nenhuma delas, nem mesmo Ducette, iria a qualquer lugar perto do cadáver de Fayline.

Cerine, entretanto, não era mais uma Irmã Siveline.

No final, Venatrix Everild a ajudou a carregar o cadáver de Fayline para uma câmara silenciosa, onde Cerine trabalhou sozinha para preparar o corpo. Depois de tirar o vestido de noiva sujo e esfarrapado e as roupas íntimas, ela parou por um momento, vendo o que restava de sua irmã. Nada poderia ser feito sobre os crescimentos horríveis que cobriam seu corpo como fungos em uma árvore. Nada poderia remover as manchas de escuridão sob sua pele. A coisa horrível deitada na cama quase não se parecia mais com Fayline.

Mesmo assim, Cerine começou a trabalhar. Ela lavou o cadáver da irmã com muito cuidado, até mesmo tendo tempo para aparar e polir suas unhas em forma de garras. Ela lavou e penteou os fios de cabelo lisos, irregulares e esfarrapados, ainda avermelhados sob a sujeira. Entre as roupas que seu pai trouxera para o castelo, destinadas ao uso de sua filha mais nova, ela encontrou um vestido verde-floresta. Com a ajuda de Everild, ela deslizou a forma emaciada de Fayline nas dobras de veludo macio; e quando terminaram, ela parecia quase humana novamente à luz suave das velas.



Então Venador Fendrel e Venador Terryn entraram na sala e ajudaram Venatrix Everild a carregar a filha morta do duque para a capela, onde o altar fora preparado para seu corpo. Cerine levou alguns momentos para mudar suas próprias roupas, para lavar o rosto e as mãos. Ela encontrou um véu transparente e cobriu a cabeça e o rosto.

Parando para se ver no vidro alto na parede, ela mal reconheceu a criança abandonada pálida encontrando seu olhar através do véu com olhos vítreos manchados de roxo. Parte dela desejava recuar para a segurança de suas vestes e capuz de Siveline. No entanto, considerando os acontecimentos do dia, ela sentiu mais respeito pela memória de sua irmã por finalmente aceitar a situação. Os fatos não podiam ser alterados. Fayline estava morta. Ela não seria salva. Ela não voltaria para se casar com Gerard como ela deveria fazer.

Cerine cumpriria esse dever no lugar da irmã.

Preparando-se, Cerine deixou seu quarto e caminhou pelos corredores devastados de Dunloch até a capela do castelo. Ela pegou vislumbres de pessoas ao seu redor, mas seu olhar focou apenas no chão sob seus pés. Ninguém falou com ela. Ela não falou com ninguém. Ela entrou na capela sozinha.

Vozes cantantes ecoaram nos altos arcos de pedra. Cerine avistou sua irmandade nas sombras à esquerda do altar, os capuzes puxados para baixo sobre o rosto, as mãos erguidas em súplica à deusa. Ducette as liderava nos hinos de oração fúnebre, sua voz de chantriz soando clara e doce. Uma agradável surpresa: Cerine não esperava que a avó Didienne permitisse que suas filhas cantassem as orações solenes sobre o corpo de uma sombra.

Acima do altar, na extremidade do corredor da capela, três gloriosos vitrais representavam os ramos espalhados de uma sorveira-brava, sagrada para a Deusa. Celine se aproximou deliberadamente, pensando em como era

estranho ver o corpo de Fayline, iluminado pela luz de inúmeras velas, imóvel e frio sob esta imagem sagrada. Fayline, que era tão cheia de vida. Fayline, que era tão maluca e espirituosa. Fayline, que poderia dançar uma noite inteira sem se cansar, que poderia ultrapassar qualquer homem no reino, que poderia ofuscar qualquer mulher da corte do rei.

Fayline... Fayline quebrada e perdida.

Com as lágrimas sufocando sua garganta, Cerine caiu de joelhos diante do altar, juntando as mãos em oração. Mas nenhuma palavra veio. Ela só podia se ajoelhar em silêncio enquanto as vozes das Irmãs Siveline lavavam sobre ela em lamentos sagrados.

Ela não sabia há quanto tempo estava ajoelhada lá antes que um farfalhar de saias dissesse que ela não estava sozinha. No momento seguinte, Liselle se ajoelhou ao lado dela e segurou sua mão. Cerine olhou para a amiga através do véu, notando os hematomas feios em volta do pescoço onde Fayline... não, onde Inren tentou estrangulá-la. Seus cachos dourados pendiam moles e soltos em torno de seus ombros. Seus olhos estavam muito brilhantes; sua boca muito severa.

Sua garganta ficou tensa como se ela lutasse contra as lágrimas enquanto olhava para a forma morta na pedra do altar. Virando-se rapidamente para Cerine, ela engasgou: — Sinto muito! — As lágrimas transbordaram e ela ficou muito perturbada por vários momentos para continuar. Por fim, ela conseguiu dizer: — Oh, Cerine! Sinto muito por não ter podido proteger você... ou ela!

Cerine apertou a mão dela de volta. Inclinando a cabeça contra a de Liselle, ela disse com firmeza: — Isso não é culpa sua.

Liselle sentou-se com ela por pelo menos uma hora. Eventualmente, no entanto, ela se inclinou, beijou Cerine no topo de sua cabeça e saiu. Cerine

continuou sua vigília sozinha, acompanhada apenas pelas irmãs em sua alcova.

Depois de um tempo, seu pai se juntou a ela. Ele estava o mais desganhado que Cerine já o tinha visto. Nem mesmo na noite da possessão de Fayline e da morte de sua esposa d'Aldreda ele revelou qualquer traço de fraqueza. Agora, ele caiu de joelhos ao lado de Cerine, o paletó desabotoado, o cabelo caindo sobre a testa. A barba por fazer escurecendo sua mandíbula.

Eles não se falaram por algum tempo. Os terríveis segredos que Inren revelara naquela tarde voltavam a Cerine agora. Ela estremeceu, desejando nunca ter descoberto a verdade sobre a escravidão de seu pai. Ela esperava que ele nunca descobrisse o que ela sabia.

As Irmãs Siveline finalmente encerraram seus cânticos, suas vozes cansadas. Enquanto elas lentamente saíam da capela, a luz das velas lançava suas sombras como fantasmas escuros atrás delas. Depois que elas se foram, o silêncio entre Cerine e o pai ficou mais pesado do que antes.

— O Venador Dominus e seu povo estão caçando qualquer âncora deixada para trás. — disse d'Aldreda por fim. — A bruxa está morta e banida, mas Fendrel me garantiu que não se arriscará. Eles verão Dunloch seguro para o casamento.

Cerine ficou boquiaberta com o pai, incapaz de acreditar no que estava ouvindo. — Você... você não pode realmente pretender prosseguir com os planos de casamento. — disse ela, lutando para conter a raiva. — Agora não.

Seu pai olhou em sua direção, uma sobrancelha arqueada. — Claro que vamos. Devemos. Se deixarmos ser adiado, Inren ganha. Novamente. — Ele balançou a cabeça, engolindo em seco enquanto olhava para frente. Seu olhar, Cerine notou, não pousou no corpo de Fayline, mas em vez disso ergueu-se para o ar acima dela. — Eu verei você a rainha de todo Perrinion, minha



filha. O sangue de d'Aldreda reinará durante a Idade de Ouro. Viveremos como co-herdeiros da profecia do Rei Eleito. Este é o caminho que iremos trilhar, aconteça o que acontecer.

A amargura subiu como bile no fundo de sua boca, queimando enquanto ela engolia com força. Seu olhar pousou no rosto de Fayline, naqueles contornos distorcidos sob os véus suaves. Ao nascer do sol, os venadores carregariam seu corpo até a margem do Lago Sagrado. Lá seria queimado junto com muitas especiarias sagradas, e suas cinzas seriam recolhidas para serem devolvidas à casa de seu pai para o enterro. Como se ela tivesse morrido de morte natural. Como se sua alma não estivesse condenada.

O duque finalmente saiu. Exausta, Cerine afundou-se pesadamente no chão de pedra, encostando a cabeça na pedra do altar. Uma mão subiu para encontrar a de Fayline. Seus dedos pareciam frios e não naturais, mas Cerine segurou de qualquer maneira.

Ela não poderia ter dito quanto tempo ficou sentada assim antes de ouvir os passos de Gerard se aproximando. Ela sabia que ele viria eventualmente, e ela se perguntou se deveria partir antes que ele o fizesse. Mas esta era sua última noite com Fayline.

Além disso, ela realmente deveria compartilhar este momento de luto com outra pessoa que realmente entendia tudo o que havia sido perdido.

— Como está a venatrix? — ela perguntou sem olhar ao redor.

Os passos pararam. Ele não respondeu a princípio. — Dormindo. — ele disse finalmente, sua voz abafada neste ambiente solene de luz de velas e tristeza. — Eles curaram suas feridas e a colocaram na cama. Ela não está em perigo. Terryn está cuidando dela.

Cerine acenou com a cabeça. — Ela nos salvou. — Ela sussurrou. — Fayline... Inren... teria matado todos nós.

Sem responder, Gerard se ajoelhou ao lado dela. Ele assumiu uma atitude de oração, murmurando palavras sagradas. Cerine não o interrompeu. Ela ouviu sua voz, ouviu quantas vezes ela ficou presa em sua garganta. Mas ele conseguiu fazer toda a oração sem parar.

Quando ele terminou, ele se virou e sentou-se com as costas contra o altar, puxando um joelho até o peito. Ela se atreveu a olhar para ele através do véu. Quão abatido e cansado ele estava esta noite!

— Você estava com ela? — ele sussurrou, virando-se e capturando seu olhar. — No fim?

Cerine acenou com a cabeça. Ela não confiava em si mesma para falar.

— Estou feliz. — Sua voz falhou, e ele olhou para baixo rapidamente, embora não rápido o suficiente para esconder o brilho em seus olhos. Ele inesperadamente se virou e colocou a mão sobre a dela, que ainda agarrava os dedos frios de Fayline. — Cerine. — disse ele, o nome dela suave em seus lábios. Ele olhou para ela, seu coração em seus olhos, cheio de tristeza. — Cerine, devo ser honesto com você. Nossas vidas são tão frágeis, nossos futuros tão incertos. Eu não quero perder nenhuma chance breve que eu possa ter...

Cerine soltou Fayline para soltar a mão dele, depois cruzou as mãos no colo, olhando cuidadosamente para elas. — Eu sei. — Ela disse. — Eu entendo, Gerard.

Ela entendeu que ele precisava retirar o que disse naquela sua carta idiota. Ela entendeu que ele desejava se desculpar por tentar fingir que sentia por ela o que sentia por Fayline. Eles deveriam se casar; a lei decretava isso. E Gerard, alma nobre que era, sentia que deveria dar uma demonstração de amor, para tentar justificar todo aquele baile de máscaras horrível.

Ela entendia. E ela não aguentava.

Ela sentiu os olhos dele ao lado de seu rosto. — Cerine, eu não acho... Eu não acho que você acredita em mim.

Cerine encontrou seu olhar e, com um tremendo esforço de vontade, segurou-o firmemente. — Minha irmã acabou de morrer. — disse ela. — Minha irmã, que amou você e a quem você amou.

— Cerine...

— Nós dois sabemos nosso dever. — Ela se levantou abruptamente, puxando para trás as longas pregas da saia. — Um dever que cumpriremos pelo bem de nosso povo. Mas não adianta fingir. Peço apenas que você seja sempre honesto comigo.

Gerard se levantou também. A luz da vela brilhou suavemente nos contornos de seu rosto. Ele deu um passo, aproximando-se dela do que ela gostaria. Sua mão se esticou em direção à dela, e ela sentiu o calor de seus dedos a menos de um centímetro dos seus.

— E você, Cerine? — ele disse, sua voz grossa. — Você vai ser honesta comigo?

Ela se virou e o deixou parado ao lado do cadáver de Fayline. Suas pesadas saias arrastando atrás dela no chão de pedra, ela fugiu para as sombras escuras na extremidade da capela. Ela encontrou a porta e a abriu, ofegando um pouco quando o vento frio soprou seu véu contra sua pele. O céu estava ficando vermelho com o amanhecer e, do outro lado do pátio, ela viu os Capuzes Vermelhos se aproximando. Vindo para carregar o corpo de sua irmã até a costa.

Tinha acabado. Estava tudo acabado.



## CAPÍTULO 24

Ayleth caminhava sozinha em sua floresta de pinheiros. A névoa espessa obstruía o ar, ondulando lentamente entre os troncos das árvores e ao longo do solo. Ela sabia o que significava: sòm. Eles devem ter dado a ela mais do mesmo para fazê-la dormir, para fazê-la ficar quieta e calma em sua cama. Ela cambaleou, com a mente instável, e apoiou um ombro pesadamente contra uma árvore alta e escura. Pedacos de cinzas caíram dos galhos acima.

Com um esforço desesperado, ela tentou organizar seus pensamentos, colocá-los em forma. O que aconteceu? Ela tinha vagas lembranças da batalha, uma imagem bizarra de escalar por uma janela. Mas a névoa estava muito densa; ela não conseguia ver através disso.

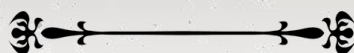
— *Laranta?* — ela chamou.

Sua sombra estava próxima. Ela a sentiu ao longo de sua corrente de alma, em algum lugar no nevoeiro. Mas ela não podia vê-la, não podia ouvi-la. O sòm era muito denso.

— *Assombrados, droga.* — Ela rosnou, pressionando as mãos contra o peito. A droga bloqueava qualquer dor que seu corpo físico experimentava, mas se ela se concentrasse, se ela focasse sua força, ela poderia se fazer sentir os cortes em seu torso.

A projeção de seu corpo estremeceu, e ela engasgou quando a pele se partiu como se cortada por uma lâmina invisível e o sangue jorrou entre seus dedos. Ela poderia fazer isso ir embora mudando seu foco novamente, deixando o sòm obscurecedor levá-la. Mas ela não aguentaria.

Rangendo os dentes, ela se inclinou contra a dor e logo sentiu o cheiro. Uma vez que o sentido do olfato voltou, era apenas uma questão de tempo antes...



Ela abriu os olhos. Seus olhos reais e físicos. Por um terrível momento, ela acreditou que tinha ficado cega. A escuridão total enchia sua visão. A droga confundia seu cérebro, mas não bloqueava mais a dor, e ela estava perdida, desorientada, apavorada.

Com um suspiro, ela tentou se sentar, mas não teve forças. Ela só conseguiu rolar. Ela sentiu o instante em que seu coração parou quando atingiu um limite, aquele instante em que seu equilíbrio ainda se mantinha. Então ela caiu, e um grito estrangulado travou em sua garganta.

Ela caiu com força em um ombro e cobertores caíram em cima dela. Lentamente, sua visão mortal se ajustou à escuridão, captando a pouca luz que brilhava do fogo agonizante na lareira de pedra. Ela avaliou os arredores. Um quarto de dormir. Uma cama da qual ela acabara de cair. Uma lareira, um guarda-roupa imponente. Uma cadeira vazia.

Frio. Escuro. Sozinha.

Ayleth rolou para o lado e tentou colocar os membros sob o corpo, mas eles não obedeceram. Ela só conseguiu afastar os cobertores, deixando seu corpo exposto ao ar frio. Tremendo, exausta, ela abaixou a bochecha no chão de pedra, meio pronta para se permitir retornar ao estupor drogado.

A porta se abriu. Ela ouviu, mas não teve forças para levantar a cabeça e ver quem entrava. Passos pesados reverberaram contra o ouvido pressionado

contra o chão. Com os olhos turvos, ela pensou ter visto um lampejo de esporas de prata perfeitamente polidas, depois um par de joelhos.

Mãos fortes agarraram seus ombros, rolando-a e puxando-a até que ela se deitou embalada, com a cabeça pendurada para trás sobre um braço. Seu cabelo preso e puxado, mas ela não podia mudar para uma posição mais confortável, só podia ficar ali, pressionada contra um corpo sólido e quente. Suas pernas nuas, esticadas no chão, formigavam de frio. Ela tentou em vão movê-las.

— O que é preciso para mantê-la na cama? — uma voz profunda e sombria retumbou sob as sombras de um capuz.

— Terry. — O nome dele saiu errado quando ela tentou pronunciá-lo. Sua língua não conseguia pronunciar nenhuma vogal. — A... a bruxa. Devo matar... a bruxa...

Ele ajustou o braço sob ela, mudando-a de posição para que seu rosto encostasse em seu ombro. — Vamos. Vamos, di Ferosa. — disse ele, como se falasse de modo encorajador a uma criança, e agarrou-a pela cintura, colocando-a de pé. Ela não conseguia encontrar o equilíbrio, então ele a segurou atrás dos joelhos e a embrulhou desajeitadamente na cama. Quando sua cabeça bateu no travesseiro, ela gemeu e quase caiu no chão novamente. Ele parou sua queda, ajustando-a até que ela se deitasse de costas.

Então ele agarrou os cobertores do chão e começou a estendê-los sobre ela. Enquanto ele os colocava sobre o peito, ele fez uma pausa, inclinando-se mais perto para inspecionar as bandagens. Com um aceno de cabeça, ele deixou as dobras do tecido caírem sobre seu torso. Quão quente e próximo ele estava. Seu gibão estava desafivelado, suas aljavas e bainhas haviam sumido e o cabelo escuro caía sobre sua testa.



Com um súbito lampejo de vontade, Ayleth estendeu a mão e agarrou-o pela frente da camisa, entrelaçando a mão no tecido. Ele prendeu a respiração, surpreso, quando ela puxou seu rosto para mais perto do dela. Seus olhos se voltaram para sua boca, para seus lábios enquanto eles se afastavam em uma careta de dor.

— A... bruxa... — ela ofegou.

Uma risada áspera saiu de sua garganta. — Você matou a bruxa. — disse ele, franzindo a testa enquanto balançava levemente a cabeça. — Você a matou. Ferida, drogada e desarmada, você derrubou Inren di Karel. — Outra risada, que se transformou em uma risada triste e incrédula. — Você é realmente louca. Eu nunca conheci uma mulher igual a você movida por pura insanidade.

Ela olhou para ele, incapaz de compreender o que ele disse. Algo estava errado. Algo... ela não conseguia se lembrar... Seu olhar fixo na cicatriz feia estragando sua bochecha.

Uma palavra passou pela névoa de sua mente: *Mentiroso*.

Ele mentiu para ela. Sobre o que?

*Bruxas. No bairro...*

Ela respirou fundo, ainda segurando a camisa dele com força. Ele virou o rosto para o lado, como se tentasse esconder a cicatriz, e começou a se afastar. Ayleth apertou seu aperto, usando tudo o que restava de sua força. — Não! — ela choramingou, sua voz muito baixa na escuridão. — Você... não...

Ela não conseguia encontrar as palavras. Ela sabia apenas que não poderia deixá-lo ir. Ela tinha que impedi-lo, de alguma forma.

Ele olhou para ela por um longo e silencioso momento. Então, colocando a mão sobre a dela, ele gentilmente a afastou de sua camisa. — Tudo bem. —

Ele sussurrou, entrelaçando seus dedos com os dela. — Eu vou ficar. Eu prometo.

Olhos azuis frios brilharam sob a sombra de seu capuz. Azul gelo, como um céu de inverno. Eles brilhavam como dois faróis brilhantes, mesmo enquanto o resto do mundo escuro se turvava ao seu redor.

Ayleth afundou-se no travesseiro, ainda segurando a mão dele enquanto adormecia.



Ela acordou assustada, seus olhos se abriram e seus dedos se apertaram... um punhado de cobertor. Não totalmente ciente do que ela fez, sua mão se atrapalhou na cama, procurando por uma mão que não estava lá.

— *Laranta?* — ela perguntou dentro de sua cabeça. Para seu alívio, ela imediatamente sentiu a presença de sua sombra movendo-se para o primeiro plano de sua mente.

*Aqui, senhora,* disse Laranta. *Aqui, aqui.*

Ayleth soltou um longo suspiro, fechou os olhos e pressionou a mão no rosto. Suas têmporas latejavam, mas sua mente parecia mais clara do que há muito tempo. Memórias clamorosas pressionaram sua consciência, memórias de terrores muito recentes, que ela não podia enfrentar naquele momento. Ela os empurrou, concentrando-se em sua respiração, na sensação de Laranta em sua cabeça.

Mas sua mão parecia estranhamente vazia e ela não sabia dizer por quê.

Abrindo os olhos novamente, ela percebeu que alguém estava sentado ao lado de sua cama. Seu coração deu um pequeno salto e ela se virou, abrindo

a boca para dizer um nome. Esse nome congelou em sua língua, no entanto, e seus olhos se arregalaram.

— Sua... Sua Alteza. — Ela murmurou.

Gerard não usava gibão e sua camiseta de linho se soltou como se ele inconscientemente tivesse puxado os laços da frente. Ele se sentava em uma cadeira puxada perto da cama dela, inclinando-se para frente com os cotovelos sobre os joelhos. O sol forte da tarde derramava-se pela janela próxima e transformava seu cabelo castanho em dourado. Seus olhos estavam vermelhos e em carne viva, suas bochechas encovadas.

— Olá, Ayleth. — disse ele. Seu sorriso ainda era lindo. — Você está muito melhor esta tarde.

Ayleth tentou se sentar, mas se arrependeu imediatamente e levou a mão ao torso enfaixado. Agora que o efeito havia passado, não havia nada para bloquear a dor daqueles cortes. Como ela os conseguiu, afinal? Olhando para baixo, ela percebeu que ainda usava quase nada e, embora as bandagens servissem bem para o pudor, ela corou e puxou o cobertor para cima.

— Não se incomode, por favor. — Gerard disse gentilmente, erguendo uma mão reconfortante. — Eu não desejo incomodá-la. Eu perguntei se poderia sentar com você um pouco. Caso você acordasse.

— Você... você é muito gentil, Alteza. — Ayleth resmungou. Sua voz estava seca em sua garganta. Gerard se levantou imediatamente e atravessou o quarto até onde um jarro de água esperava em uma pequena mesa. Ele serviu um copo e a trouxe para a cabeceira dela.

Ela ficou olhando enquanto ele lhe oferecia a bebida, incapaz de imaginar que ela, de todas as pessoas, deveria ser servida pelo Príncipe Dourado. Era demais. Ela não conseguia se obrigar a pegar o copo.



Gerard, interpretando mal sua falta de ação, segurou a água em seus lábios. Ela não podia recusar muito bem e deixá-lo derramar água em sua frente, então ela engoliu em seco e cuspiu. — Firme. — Ele disse, e quando ela bebeu até se fartar, ele colocou o copo no chão de lado. Então ele abaixou a cabeça e deu um longo suspiro.

— Eu tenho que te agradecer. — Ele disse.

Ayleth estremeceu.

— Por salvar Senhora Cerine. — Ele continuou. — E todos em Dunloch. — Quando ele parou novamente, Ayleth pensou ter visto um lampejo de lágrimas em seus olhos. Mas ele se dominou e continuou: — Venador du Gy e Venador d'Acelet foram encontrados mortos. Eles permaneceram disponíveis para proteger minha casa e os habitantes da Bruxa Fantasma, mas ela os matou. Eles nem mesmo tiveram uma chance. Mas você... — Seus lábios se torceram em um sorriso triste. — Você derrubou uma tenente da Terrível Odile. É notável. Acredito que elogios foram enviados ao Grand Vanderian, e você será homenageada por seu serviço.

As palavras fluíram sobre ela, arrastando com elas uma maré cheia de desgraça. Ayleth baixou a cabeça, incapaz de continuar a encontrar os olhos do príncipe. Ela não queria ouvi-lo dizer essas coisas. Ela não queria seu elogio. Ela apenas cumpriu seu dever; ela executou o melhor de suas habilidades limitadas.

— Ayleth. — disse Gerard, sua voz um sussurro baixo e tenso. — Ayleth, devo perguntar... Devo saber se... se Fayline estava presente em sua batalha final. Presente dentro de seu corpo, quero dizer.

Ela queria mentir. Mas ela sabia que ele nunca a perdoaria por isso. Incapaz de dizer as palavras em voz alta, ela balançou a cabeça lentamente.

Gerard respirou fundo. — Muito bem. Você... você conseguiu... Você foi capaz de salvar a alma dela?

— Não. — A palavra escapou sem som, pouco mais que um suspiro.

Ela o ouviu engasgar. Com o rabo do olho, ela viu como o corpo dele estremeceu na cadeira. Ela não suportava olhar para ele. Por alguns momentos, eles simplesmente ficaram sentados lá, sem olhar um para o outro. Sem falar.

Finalmente, o príncipe se levantou. — Você se saiu bem, Venatrix di Ferosa. Você fez o que tinha que fazer. — Com essas palavras, ele se virou e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si, deixando Ayleth sozinha com suas memórias. Sozinha com a visão daquelas três almas entrelaçadas saindo do cadáver de Fayline.

Engolidas no horror dos Assombrados.

Ela se encolheu nos travesseiros e sufocou os soluços com cobertores.

# EPÍLOGO

Ylaire jogou a pá de lado e esfregou o suor da testa com as costas da mão, deixando uma mancha de sujeira em seu rosto pálido. Foi feito. Com o melhor de sua capacidade.

Cavar uma sepultura em solo frio de inverno era um trabalho árduo, mas... Ela pisou no monte algumas vezes para embalar a terra com mais força. Não era como se alguém fosse sentir falta do velho eremita. Ele tinha estado isolado aqui no país. Ninguém notaria que ele partiu por várias semanas, pelo menos.

Nessa altura, ela já teria partido há muito.

Enxugando as mãos nas saias, ela se virou para encarar o pequeno casebre inclinado que fora a casa do velho. Estava escuro lá dentro, mas sua visão sombria viu um brilho de magia através da soleira da porta. A sombra de Nilly estava ascendente.

Bom. Ela precisava de seus poderes.

Com passos rápidos, Ylaire cruzou a distância entre o túmulo e a cabana e abaixou a cabeça para entrar. A garota esperava por ela, sentada em silêncio no centro daquele único cômodo, com as mãos cruzadas no colo. Ylaire esperava não ter testemunhado o momento em que quebrou o pescoço do eremita. Ela tentava cuidar de assuntos feios em particular, longe do olhar sensível da criança. Os poderes do Vidente eram mais eficazes quando sua pequena hospedeira estava calma.

— Rasanala. — disse Ylaire. — Está na hora.



Os olhos de Nilly se ergueram. Mas era sua sombra que espiava de dentro. Sua boca se moveu, e aquela estranha voz multitudinária falou: — *Minha Nilly está com fome.*

— E ela vai comer. — Ylaire se agachou na frente da garota e gentilmente tocou sua bochecha com uma longa unha com crosta de sujeira. — Assim que você fizer o que eu peço, ela vai comer.

O espírito da sombra brilhou rebelde e, por um momento, Ylaire temeu que ele se recusasse. Em seguida, acenou com a cabeça do corpo hospedeiro e estendeu a mão. — *Vou precisar de sangue para canalizar meu caminho.* — dizia.

Ylaire engoliu em seco. Mas que escolha ela tinha? Ela enfiou a mão na frente de seu vestido e retirou o pequeno frasco de sangue. Tão pequeno e tão precioso! Ela odiava desistir de mais disso.

Ela puxou a tampa e, prendendo a respiração, despejou uma única gota na palma da mão aberta de Nilly. Nilly fechou o punho e baixou a mão de volta ao colo. Ela baixou a cabeça, caindo imediatamente em um transe, concentrando-se naquele sangue e em todos os segredos que ele poderia revelar. Pulsos de poder ondularam de seu núcleo.

Ylaire deu um passo para trás. O brilho da magia era tão forte que ela não podia suportar olhar para ele, então ela mudou da visão das sombras para a visão mortal e silenciosamente observou a criança. Nilly ficou perfeitamente imóvel, as pernas cruzadas sob o corpo, os ombros para trás, o queixo caído. Sua respiração desacelerou até quase cessar por completo.

Então seus lábios começaram a se mover.

Ylaire estreitou os olhos. Embora ela esforçasse todos os sentidos, ela não conseguia discernir nenhuma palavra. Ela deu um passo à frente. — Rasanala? — ela sussurrou.

A estranha voz sombria saiu dos lábios macios de Nilly. — *Sangue com sangue. Osso com osso. Sangue com sangue. Osso com osso. Sangue com sangue, osso com osso, sangue com sangue...*

— Rasanala? — Ylaire gritou, dando mais um passo. Todo o seu corpo vibrava de tensão, esperança e medo. — O que você vê? Mostre-me!

Sem aviso, os olhos da criança se ergueram, cegando com um brilho de poder mágico. Ylaire tentou erguer as mãos para proteger os olhos, mas a mão de Nilly disparou, a mão segurando a mancha de sangue, e segurou a mão da bruxa.

Uma explosão de magia explodiu na cabeça de Ylaire.

No momento seguinte, ela caiu de costas. O casebre gemeu e toda a estrutura se mexeu perigosamente antes de se acomodar novamente em seus alicerces. Ylaire olhou para o velho teto de palha, para as rachaduras do luar brilhando. Sua mão doía como se tivesse queimado e ela a pressionou, tremendo, contra o peito. Por vários momentos ela não conseguiu respirar.

Por fim, seus pulmões estremeceram e ela respirou fundo. Quando ela soltou lentamente, sua boca se curvou em um sorriso.

— Entendo. — ela sussurrou. — Eu vejo.

Nilly se encolheu em um canto da cabana. Ylaire a viu encolhida na escuridão, seus pequenos braços em volta da cabeça. A visão da sombra revelou a aura mágica de sua sombra Vidente que a rodeava como um escudo.

O sorriso de Ylaire cresceu. — Você conseguiu, criança. Você conseguiu finalmente! Eu sei onde ela está. Eu sei o que devo fazer.

Depois de lutar para ficar de pé, ela cambaleou até a porta do casebre e se apoiou pesadamente na moldura para olhar para a noite, através do túmulo raso do eremita, sobre as colinas ondulantes. Para aquele lugar distante onde o luar brilhava em um lago e fazia torres brancas brilharem na escuridão.

— Eu sei o que devo fazer. — A bruxa lambeu seus lábios ansiosos, e suas mãos cerraram, unhas tirando sangue de suas palmas. — Devo voltar para Cró Ular. Devo encontrar Inren.